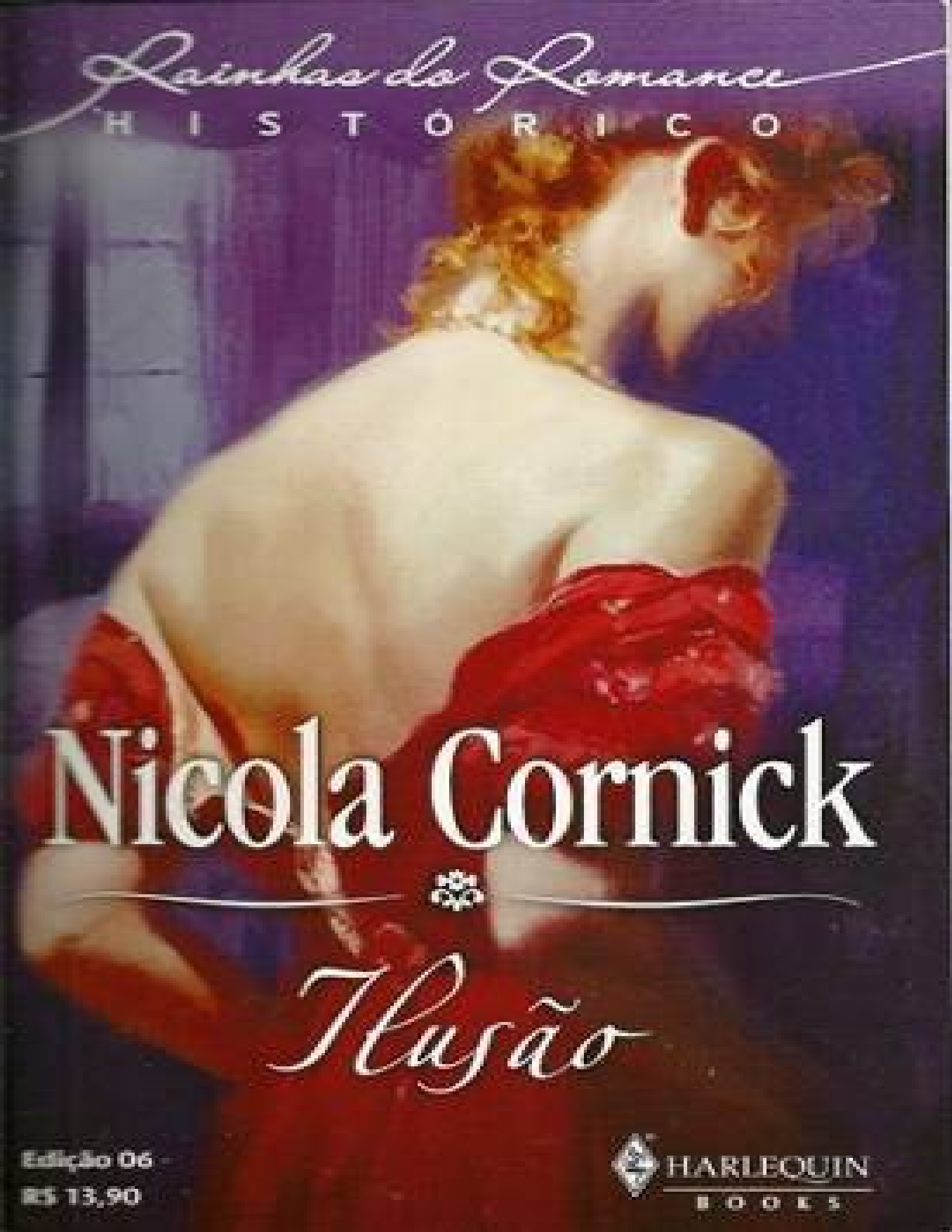
Rainha do Romance

HISTÓRICO



Nicola Cornick

Ilusão

Edição 06
R$ 13,90

HARLEQUIN BOOKS

Ela sabia iludir como ninguém… mas em seu coração se ocultava a verdade.

Lady Isabella jamais imaginou que as coisas chegariam a tal ponto. Não bastasse o risco de ser presa por dívidas que não contraiu, ainda precisa se casar às pressas com Marcus, conde de Stockhaven, o homem que amou e perdeu tantos anos atrás… e que jamais a perdoou por partir. Agora, ele pretende se vingar exigindo que seu casamento seja consumado! Enquanto as más línguas de Londres observam em busca de diversão, Isabella luta para manter um educado distanciamento em seu casamento. Contudo, quanto mais desafia a determinação de Marcus, mais forte se torna sua paixão. Dessa vez, serão ambos consumidos pelo desejo… mas deixarão nascer um amor maior do que ousariam sonhar?

Digitalização e Revisão:

Crysty



Tradução Maurício Araripe

Reconheço as marcas da velha chama do amor. — Dante

Parte I: Vingança

Londres, junho de 1816.

Este jornal tem o prazer de registrar o retorno a estas terras de certa notória princesa, cuja chegada será recebida com alegria pelos cavalheiros da alta sociedade. Dizem que a princesa não tem um tostão no bolso e está à procura de um cavalheiro para aliviar suas preocupações financeiras. Contudo, se a infame senhora o tomará como amante ou esposo ainda não se sabe… — *The Gentlemen's Athenian Mercury*, junho de 1816.

Capítulo Um

Era um inferno de lugar para procurar um marido.

A maioria das mulheres ajuizadas, tendo uma escolha no mercado casamenteiro, preferiria sem pestanejar a familiaridade polida do Almack's às qualificações mais duvidosas de Fleet Prison.

A princesa Isabella Di Cassilis não podia se dar a tal luxo. A princesa Isabella estava desesperada.

Ela explicara para o carcereiro que tinha exigências muito específicas. Precisava se casar com um homem que devesse tanto dinheiro que assumir seu compromisso financeiro de vinte mil libras representaria apenas uma gota no oceano das dívidas dele. Precisava de um sujeito pobre, porém que fosse forte, visto que não queria que ele morresse e deixasse para ela as próprias dívidas, assim como as dela, e precisava dele agora.

Não importava para Isabella que ficaria arruinada se esta escapadela viesse a público. Já estava além da ruína. Os membros mais exigentes da elite da sociedade já haviam fechado as portas para ela; portanto, que mal faria um pouquinho mais de escândalo? Ela poderia até ser bem-sucedida na notável façanha de se ver arruinada duas vezes durante a mesma vida. Sem dúvida, uma conquista considerável para uma dama de apenas 29 anos de idade.

Isabella Standish não nascera para ser a princesa de um país europeu, nem mesmo um tão insignificante quanto Cassilis. Seu pai havia sido um membro de pouca importância da elite da sociedade, que tinha aspirações de vir a ser importante, mas que jamais fora capaz de alcançar suas ambições. O avô havia sido o peixeiro do rei George III, nobilitado pelo monarca em um de seus rompantes de loucura, após provar um pedaço de truta arco-íris excepcionalmente saboroso. Sendo assim, o título da família não só era recém-criado como, também, era motivo de piada, para a grande humilhação do segundo lorde Standish, o pai de Isabella.

Para o azar de Isabella, aos 17 anos, passeando pela Bond Street, na véspera de seu casamento, ela chamara a atenção do experiente príncipe Ernest Rudolph Christian Ludwig Di Cassilis, que se encantara com sua beleza e seus modos impecáveis. O príncipe Ernest, na mesma hora, fizera uma contraproposta pela mão dela em casamento. Fora uma proposta que o pai dela se viu pouco inclinado a recusar, visto que estava à beira da falência graças às suas extravagâncias. A chegada do príncipe Ernest foi muito oportuna para lorde Standish, embora não para a filha deste. O casamento, celebrado alguns dias mais tarde, não fora o que Isabella idealizara.

De modo que era puramente culpa de príncipe Ernest que uma enviuvada princesa Isabella, cerca de 12 anos mais tarde, estivesse seguindo um carcereiro pelo corredor estreito de pedra, na direção das profundezas de Fleet Prison. Ernest morrera de modo um tanto inconveniente, nos braços da amante, deixando para a viúva apenas

dívidas e um nome manchado. Ao retornar para a Inglaterra, Isabella descobrira que a infidelidade de Ernest fora financeira, assim como física. Ele fizera dívidas no nome dela. Usara-a para financiar suas libertinagens, e ela ficara tão feliz de estar em um continente diferente do que ele estava que sequer se dera conta. De modo que, agora, era forçada a tomar suas próprias medidas desesperadas para sair da situação desastrosa na qual Ernest a colocara.

Isabela encolheu-se no interior da capa preta e procurou cobrir melhor o rosto com o capuz. Todos os sentidos estavam em alerta. Estava quase tão escuro quanto a noite no interior do capuz. O ar estava espesso com o calor e com a fumaça do tabaco, mas isso de nada adiantava para mascarar o cheiro mais profundo e insalubre de centenas de corpos fétidos espremidos em um pequeno espaço. Vozes roucas erguiam-se em gritarias intermináveis, misturando-se com o arranhar de grilhões de ferro nas pedras e o choro de bebês e crianças em um coro desamparado. O chão era escorregadiço e as paredes cobertas de umidade, mesmo em meio àquele calor de verão. Mãos tentavam agarrar cegamente as dobras da capa de Isabella à medida que ela ia passando. Podia sentir o desespero do lugar como se este fosse um ser vivo. Ele saía das paredes e a envolvia em tristeza. Choque e compaixão se acumularam em sua garganta até os cabelinhos da nuca ficarem em pé e ela se arrepiar de terror. Antes de entrar naquela antecâmara do inferno, ela acreditara estar em situação desesperadora. Sequer soubera o que era desespero. No entanto, a distância entre sua situação e esta era perigosamente pequena. Um homem, ou uma mulher, podia escorregar de sua trilha confortável e acabar esquecido e não pranteado nesta cova.

Ela se deteve na virada do corredor e procurou a pequena coleção de moedas na bolsa. Na verdade, não podia se dar ao luxo de se separar dela, mas havia aquele cuja necessidade era maior do que a dela. Ela atirou o dinheiro para o carcereiro.

— Tome… Pegue isto para as mães e os bebês.

O carcereiro sacudiu a cabeça. Não aceitou o dinheiro, pois ainda lhe restava um vestígio de decência. Sob a luz fraca seu rosto revelou piedade, mas Isabella não saberia dizer se era pelos prisioneiros ou pela ingenuidade dela.

— Com o devido respeito, madame, de nada adiantaria. As mães gastariam com bebida e as crianças ainda passariam fome.

Isabella hesitou, o instinto insistindo, para que ela espalhasse as moedas na escuridão e rezasse para que algum bem viesse de tudo aquilo. Foi então que notou os olhos observando-a avidamente das sombras, olhos insaciáveis, cheios de ódio e cobiça. Os fortes pisoteariam os fracos na tentativa de chegar primeiro ao dinheiro, e tudo teria sido em vão.

O carcereiro a puxou pelo braço, fazendo com que ela voltasse a avançar.

— Não falta muito. — Depois, em uma tentativa tosca de confortá-la ao senti-la estremecer, acrescentou: — Nós mantemos uma classe melhor de prisioneiros na Casa do Diretor, madame. Não há o que temer.

Não há o que temer.

As palavras se repetiram incessantemente na cabeça dela e Isabella estremeceu.

Tinha apenas três alternativas, o sr. Churchward lhe dissera, com incomum brusquidez para um advogado. Casamento, exílio ou a prisão dos devedores. Nenhuma das opções lhe parecera muito atraente.

Estava sentada na sala de estar de sua casa em Brunswick Gardens quando Churchward lhe dera a notícia das dívidas de Ernest. Apesar da franqueza, o advogado lhe falara com compaixão, como se assuntos tão delicados fossem impróprios para os ouvidos de uma dama. Isabella lhe apreciara a consideração, e, quando ela não desmaiara e nem se mostrara deprimida, Churchward dera a impressão de ter ficado infinitamente aliviado.

Uma tocha brilhava no final do corredor. O carcereiro abriu uma porta pesada e ela arranhou o chão com um ranger de protesto, como se raramente houvesse motivo para usá-la. Ele deu um passo atrás, permitindo que Isabella o precedesse. O ar ali era mais puro, embora ainda pudesse se sentir nele os cheiros de tabaco, suor e comida passada.

O carcereiro se deteve diante da porta de uma cela, cuspiu no chão, depois, com um gesto apressado, limpou a boca com as costas da mão, como em concessão ao fato de estar se dirigindo a uma dama.

— Chegamos, madame. Tenho o homem certo para a senhora. John Ellis. Um cavalheiro de berço, saudável e, até onde eu sei, muito pobre.

Em algum lugar nas profundezas da prisão, alguém gritou. Foi um som sinistro e apavorante. Isabella estremeceu e forçou-se a se concentrar. Sabia que havia perguntas que deveria fazer. Se ao menos não se sentisse tão insensível e calculista. Era a vida de um homem que estava comprando com o que restava de seu dinheiro. Comprava a própria liberdade à custa do encarceramento dele.

Em teoria, o plano parecera muito bom. Meticuloso, embora inescrupuloso. Pagaria a um prisioneiro para assumir suas dívidas. Ele ficaria atrás das grades. Ela ficaria livre. Contudo, agora que subitamente havia uma pessoa de verdade envolvida, o plano parecia um tanto quanto bizarro. Ainda assim, era a vida dele, ou a dela…

— Ele tem… família, ou amigos? — perguntou.

O carcereiro sorriu. Entendia o que ela precisava saber.

— Não, madame. Não há ninguém que possa lhe pagar a saída daqui, e tenho certeza de que ele poderia ser convencido a assumir suas dívidas como parte do acordo. Ele nada tem a perder.

— Há quanto tempo ele está aqui?

Agora que estava prestes a se comprometer, Isabella se via hesitando, procurando oportunidades para adiar o momento.

— Quase três meses e, pelo que eu sei, tudo indica que passará

aqui o restante de sua vida. — O carcereiro inclinou a cabeça ao olhar para ela. — Não quer nada diferente, madame?

— Não, obrigada — Isabella respondeu. — O que eu necessito é de um marido permanentemente ausente.

O carcereiro levou a mão às notas de banco novinhas que descansavam em seu bolso. Já vira várias damas virem procurar maridos em Fleet Prison. Algumas procuravam um pai, mesmo que muito tardio, para um bebê prestes a vir ao mundo. Outras procuravam a escapatória de uma união indesejada. Algumas, como esta dama, tentavam se livrar de uma dívida esmagadora através do casamento com um homem que já estava na cadeia e que podia acumular as obrigações financeiras da esposa às suas sem fazer nenhuma diferença para ele: O que não faltava era homens em Fleet Prison dispostos a aceitar a proposta dela em troca de uma garrafa de gim, mas a dama solicitara algo bem específico. Ela era da Nobreza e precisava de um homem que fosse um cavalheiro de berço, contudo desesperado o suficiente para não ser muito escrupuloso. Felizmente, ele conhecia vários que se encaixavam no perfil.

Havia nobreza e havia Nobreza com N maiúsculo, pensou o carcereiro. Nenhuma quantidade de roupas emprestadas de uma criada poderia esconder o fato de que esta era uma dama, possivelmente até uma condessa. Ela vibrava com um tipo de desespero que ele já vira muitas vezes antes, quando uma pessoa estava prestes a fazer um pacto com o diabo. Não restava muita piedade no carcereiro. Sentimento era algo perigoso no seu trabalho. Ele voltou a tocar no dinheiro. Condessa, duquesa, não fazia diferença para ele. Caso lhe pagassem o suficiente, encontraria um marido para a própria rainha. E não faria nenhuma pergunta.

A porta da cela se abriu com um estrondo e outro carcereiro cambaleou para fora, escorregando no chão gorduroso e derramando o conteúdo da bandeja que trazia. Ele estava praguejando baixinho. O cozido ralo derramou do prato e sujou o manto de Isabella.

— E só volte quando tiver algo comestível para me oferecer — disse uma voz masculina vinda do interior da cela.

Apesar de agradável, a voz vinha carregada com um tom distinto de ameaça.

— Esse é o seu sr. Ellis?—Isabella disse, secamente, quando algo bateu na porta da cela, como se, para enfatizar ainda mais as suas palavras, — Ele parece ter o temperamento do próprio diabo.

— É, John Ellis é um sujeito mal-humorado — o carcereiro confirmou. — Não que tenha de se preocupar com isso, madame.

— Imagino que eu mesma não teria muito bom humor, caso estivesse encarcerada aqui — Isabella comentou. Ela olhou ao redor e estremeceu. E melhor acabarmos logo com isto.

A cela estava escura, iluminada apenas por uma janela com barras, bem no alto da parede. A primeira coisa que chocou Isabella foi que este cavalheiro de classe superior sequer possuía recursos para pagar um aposento só para ela. Realmente, devia ser pobre. Seu segundo pensamento foi que aquelas não eram as acomodações mais espaçosas e arejadas dos andares superiores da Casa do Diretor, mas uma câmara escura na qual o ar era quase tão fétido quanto no calabouço. Ela sentiu-se mal de tanto nervosismo e repulsa.

Três homens estavam agachados no chão, jogando uma partida de dados com fichas. Tão intensa era a concentração que mal ergueram o olhar quando a porta se abriu. Apenas centavos estavam sendo apostados, contudo poderia ser o fim do mundo e eles não teriam interrompido o jogo.

Outro homem estava agachado no canto oposto do aposento, onde água corria pelas paredes, encharcando-lhe, a camisa. Ele não parecia notar. Estava balançando para frente e para trás sobre os calcanhares, murmurando para si mesmo, e fitou Isabella com pouca curiosidade no olhar. Ela o fitou de volta com pesar e piedade, lembrando-se das vezes em que se vira em posição de ajudar tais infelizes pouco afortunados, em vez de olhar para eles com tanta impotência.

O pensamento a lembrou de sua atual situação, e ela olhou ao redor, procurando o sr. John Ellis, seu improvável salvador.

A princípio, não conseguiu enxergá-lo direito. O homem não passava de uma figura sombria sentada à mesa velha com as costas voltadas para a luz. Depois, ele se moveu, e Isabella viu que ele estivera lendo, pois ainda trazia o livro na mão.

Apesar da descrição de mal-humorado que o carcereiro fizera dele, Isabella notou humor e vitalidade na sua expressão, antes que ela fosse apagada como uma vela, deixando para trás apenas uma austeridade séria. Sob a luz fraca, seu rosto era duro, as feições bem esculpidas sob um bronzeado que deixava claro que ele passara um bocado de tempo em climas mais quentes. O queixo era forte e pronunciado, e as linhas inflexíveis de seu rosto eram grosseiras demais para serem descritas como convencionalmente belas. A palavra parecia suave demais. A atração que vinha dele era primitiva e forte demais para ser restrita apenas à boa aparência. Era uma atração de tirar o fôlego. Isabella já conhecera muitos homens bonitos, homens de carisma e atitude. Uma princesa costumava ter tais privilégios. Contudo, nenhum deles a fizera perder o bom-senso e o fôlego de modo a se sentir até um pouco tonta.

John Ellis pousou o livro sobre a mesa diante de si e a fitou por um demorado instante. Até mesmo imóvel, ele era impressionante. O homem não disse uma só palavra.

— Fique de pé quando uma dama adentra o recinto — ordenou o carcereiro.

O homem permitiu que seu olhar viajasse lenta e insolentemente pelo corpo inteiro de Isabella, do topo de seu capuz à ponta dos seus sapatos. Depois, com a mesma deliberação, retirou os pés calçados de sobre a mesa e sentou-se um pouco mais empertigado, mas, ainda assim, não ficou de pé. O modo insolente com que seus olhos a avaliaram trouxe o sangue às faces de Isabella, que ergueu o queixo de modo desafiador. O olhar dele se fixou no rosto dela, e ele não

desviou o olhar por um único instante que fosse. Seus olhos eram duros, sua expressão a de um homem que já vira e fizera coisas demais e que jamais sentiria novamente qualquer emoção mais forte do que a indiferença.

O reconhecimento, chocante e instantâneo, atingiu Isabella na boca do estômago. O mundo se fechou ao redor dela. Sentiu-se novamente com 17 anos de idade, uma debutante descuidada, pouco mais do que uma criança. Ela lembrou-se de como seus olhos encontraram aqueles deste cavalheiro, não do outro lado de um salão de festas romanticamente lotado, mas prosaicamente, por sobre xícaras de chá na sala de estar simples de sua tia, em Salterton.

— Quem é aquele jovem? — perguntara à tia, lady Jane Southern, e Jane sorrira e respondera:

— O nome dele é Marcus Stockhaven, minha querida, e é um tenente da marinha. — Jane franzira um pouco a testa ao olhar para o rosto expressivo de Isabella. — Não vá desenvolver *tendre* por ele, Bella, pois sua mãe jamais permitiria a união. Ele não é ninguém.

É claro que ela falara tarde demais. A *tendre* já havia aflorado instantaneamente enquanto Isabela ficara sentada ali, seu olhar fixo no olhar direto e sombrio do homem junto à entrada. Sentira-se empolgada, tonta e deliciosamente indefesa para resistir ao próprio destino.

— Ele não tem dinheiro e nem perspectivas, e sua mãe quer que você faça um bom casamento — Jane tratou de lembrar, mas suas palavras de alerta haviam sido como um eco desaparecendo na escuridão.

Isabela não lhes dera atenção e se precipitara de cabeça no seu primeiro amor. Fora um amor que, apropriadamente, iria terminar em casamento. Mas, então, ela fora forçada a se casar com o príncipe Ernest e tudo dera errado…

Agora, com o olhar fixo no de Marcus Stockhaven, exatamente como o fizera naquela sala de estar desbotada, doze anos antes,

Isabella foi tomada de uma atordoante sensação de admiração e perda. Uma saudade esmagadora fez com que o amor e a mágoa parecessem intensos e presentes, como se todos os sentimentos que pensara estarem mortos simplesmente estivessem adormecidos e fossem despertados para a vida.

Foi naquele instante que Stockhaven falou, e os grilhões do passado foram destroçados.

— Uma dama — disse, pensativamente, seu olhar ainda pousado sobre ela. — Deve estar enganado. Que motivo uma dama poderia ter para estar aqui?

Um dos jogadores ergueu a cabeça e fez um comentário tão grosseiro que Isabella estremeceu. Ela ergueu uma das mãos para conter a crescente indignação do carcereiro.

— Obrigada — disse, enfaticamente. — Eu lidarei com isto. Por favor, leve o… sr. Ellis… e a mim a um recinto onde possamos falar a sós.

O pedido foi motivo para um pouco de choque. Tudo indicava que o carcereiro não previra que ela necessitaria ter uma conversa particular, e que havia poucos lugares disponíveis para tal eventualidade.

Marcus Stockhaven ficou de pé.

— Quer falar em particular comigo, madame?

— Quero — Isabella respondeu.

A voz de Stockhaven era suave e fria, e seu tom, zombeteiro.

— Certamente deve estar a par de que, em um lugar como este, privacidade vale mais do que rubis, madame?

— Neste caso, é muita sorte eu ter trazido minhas esmeraldas comigo — Isabela disse, com compostura. — Afinal, *elas valem* mais do que rubis.

Ela enfiou a mão na bolsa e tirou lá de dentro o bracelete de esmeraldas que Ernest lhe dera quando a filha deles nascera. Ele lhe dissera que, se a criança houvesse sido um menino, o bracelete teria

sido de diamantes. Como o casamento deles, as esmeraldas pareciam mais um prêmio de consolação. Ela jamais correspondera às expectativas de Ernest, mas, pelo menos, o presente dele, enfim, acabaria sendo útil.

Sob a luz escura da cela, as jóias reluziram com um brilho profundo. Os jogadores se interromperam. Um deles praguejou com admiração e ganância.

— Um aposento privado — Isabella repetiu para o carcereiro. — Agora mesmo.

— Agora mesmo, madame — o carcereiro repetiu, ajustando sua avaliação dela de condessa para duquesa.

Ele sequer cogitara a possibilidade de princesa estrangeira por ela soar tão inglesa.

Uma cela vazia foi encontrada em pouco tempo. Tirando o colchão mofado, uma cadeira dura, a mesa e o balde de lavagem, estava vazia. Também era fria. O carcereiro pegou o bracelete de esmeraldas da mão estendida de Isabella e este desapareceu dentro do bolso do homem mais rapidamente do que um rato pela goela de uma cobra. Marcus Stockhaven enfiou o livro debaixo do braço e a seguiu de uma cela para outra, tão despreocupadamente como se estivesse dando um passeio pelo parque. Isabella lhe admirou o autocontrole, ainda mais em um momento em que seus próprios sentimentos estavam em frangalhos. Os nervos dela estavam à flor da pele, seu conflito interno espelhado por um revelador tremor que se espalhava pelo corpo.

A porta rangeu ao se fechar. Um demorado silêncio se seguiu e Stockhaven não o rompeu. Em vez de oferecer a cadeira para ela, ele mesmo se apossou dela, sentando-se para observá-la, sua cabeça ligeiramente inclinada, uma expressão intrigada nos olhos escuros. Isabella a achou profundamente desconcertante. Por outro lado, ele sempre fora capaz de desnorteá-la com um simples olhar.

— E então?

Isabella se sobressaltou ante o tom autoritário. Já parecia que a

balança de poder na entrevista estava pendendo para longe dela, e isto não era bom.

— Isto mesmo — ele a interrompeu. — Está querendo me chantagear, madame? — Sua boca se retorceu em um sorriso irônico. — Lamento informar que não posso pagar.

— Não quero o seu dinheiro — Isabella informou. — Preciso de um favor.

— Um favor meu? — O sorriso de Stockhaven se aprofundou. — Deve mesmo estar desesperada para sequer cogitar a possibilidade de pedir.

— Talvez. Assim como o senhor deve estar de estar aqui, para começo de conversa.

Stockhaven recebeu a bofetada verbal com uma inclinação da cabeça.

— E então? Como é que podemos ser… mutuamente… úteis? Alguma coisa no seu tom fez com que as faces de Isabella enrubescessem. Este homem sempre tivera alguma coisa capaz de atravessar suas defesas como se estas fossem feitas de papel-pergaminho. Ela se sentia surpreendentemente vulnerável e profundamente perturbada com a presença dele e as lembranças que ele despertava. Isabella esforçou-se para disfarçar o próprio nervosismo.

Olhou ao redor na cela, examinando tudo, desde a água que vazava através das paredes até o colchão sobre o qual havia uma única coberta suja.

—Em troca de um favor, eu não só ficarei de boca calada como estou preparada para tornar a sua estadia aqui mais confortável — disse. — Um quarto só seu, roupas limpas, boa comida e bom vinho… — ela olhou para o livro que ele havia pousado sobre a mesa — mais livros para ler…

Isabella notou quando ele a fitou com um olhar pensativo. Em um apelo silencioso, avançou um passo na direção dele. Por um instante,

Marcus Stockhaven ficou em silêncio. A dama podia se sentir tremendo enquanto aguardava uma resposta.

— Muita generosidade — ele disse. — Mas, o que é que madame quer?

Seu tom era calmo, porém os olhos escuros estavam muito frios. Isabella inspirou profundamente. Por um instante, titubeou na beirada do precipício, e, em seguida, não havia mais volta.

— Quero que se case comigo — disse.

Capítulo Dois

Era simplesmente ultrajante.

Marcus John Ellis, sétimo conde de Stockhaven, esperara 12 longos anos por uma oportunidade como esta. Jamais esperara que ela fosse se apresentar em Fleet Prison,

Marcus estava acostumado a lidar com o inesperado. Oito anos passados na marinha de Sua Majestade, antes de, inesperadamente, herdar o condado de um primo distante, haviam lhe dado uma experiência de vida abundante e muito diversificada. Contudo, isto era algo que jamais poderia ter previsto. Era irônico, divertido, extraordinário. E deveria estar fora de cogitação, é claro. Mas também era incrivelmente tentador.

— Está atrasada doze anos, meu amor — disse, sardonicamente, e observou as faces de Isabella enrubescerem ante o uso cruel e casual do termo carinhoso que outrora significara tanto. — Caso não se lembre, a igreja estava reservada, o noivo estava presente, a única coisa que faltou foi a noiva…

Ele a observou pensativamente. Ela parecia quase a mesma e, no entanto, devastadoramente diferente da debutante de 17 anos que havia rompido com ele no altar, Nos confins escuros da prisão, ela parecia um peixe fora d'água. Não fazia sentido que houvesse tentado

disfarçar a própria aparência com uma simples capa preta botas práticas. Para começo de conversa, era muito mais limpa do que qualquer outra pessoa que havia entrado em sua cela nos últimos três meses. Depois havia o fato de que não cheirava a suor azedo e a tabaco, mas à inocência do jasmim. Ele lembrava-se daquele perfume na pele e no cabelo dela. Cabelo outonal, ele lhe dissera certa vez, com camadas em tons de dourado, cobre e vermelho-ferrugem, como se fossem folhas caídas. A lembrança provocou nele uma pontada de voracidade. Sentiu o seu corpo endurecer em resposta às imagens que eram agora tão potentes quanto haviam sido 12 anos atrás. Isabella, nua em seus braços, suas mãos sobre ela, o tom sombrio contrastando com a palidez da pele da mulher, a exclamação de prazer surpreso dela ante o toque de seus corpos, famintos, desesperados, esquecendo de tudo que não fosse o desejo ardente que os consumia. Ele a possuíra ferozmente, sem se preocupar com a sua virgindade, e ela respondera com incontida paixão. Depois, mais tarde, na escuridão íntima da casa de veraneio…

— Eu não deveria ter sido tão atrevida…

Parecera tão surpresa com o próprio comportamento, e a capacidade para o prazer que ele libertara de dentro dela. Marcus puxara o corpo úmido de Isabella para perto de si e a beijara com uma humildade e uma incredulidade alegre que se comparara à dela.

— Você é adorável e sempre vou amá-la.

Fora algo sentimental e infantil, e fora brutalmente destroçado quando ela o abandonara no altar e se casara com outro. No entanto, o que mais o enfurecia era que, em todos estes longos anos desde que a vira pela última vez, ninguém jamais se comparara a Isabella.

Eles haviam se encontrado com a maior freqüência que podiam nos jardins de Salterton House. O sigilo havia acrescentado um ato de emoção que parecera insuportável aos encontros amorosos. Ele se incendiara com a necessidade de possuí-la, cada vez mais potente do que a anterior, cada carícia uma marca na pele dela que era espelhada

no coração de Marcus. Ali, na escuridão agradável da casa de veraneio, ele a puxava para si, suas mãos febrilmente afastando as rendas e a seda das roupas dela, beijando-a com um fervor selvagem, invadindo-lhe o corpo com o seu próprio, com uma combinação ardente de desejo e necessidade. As emoções turbulentas que ela despertava nele o levaram quase à loucura.

Marcus piscou os olhos para repelir as lembranças e tentou frear a imaginação galopante. Tais imagens não eram condizentes com um raciocínio claro e objetivo. Mas não era de surpreender que a desejasse mesmo agora. Há muito que estava sem uma mulher, visto que as prostitutas que faziam negócio na prisão não lhe interessavam. Além do mais, esta mulher seria capaz de tentar um santo.

— Seu amor — ela disse, e a raiva contida no seu tom de voz apagou o desejo dele com a mesma eficiência de um balde de água gelada. — Não fui isso, fui, Marcus? Não perdeu tempo em casar-se com India, após me perder. Uma prima ou outra, não parecia fazer muita diferença para você.

Marcus sentiu-se tomado por uma intensa onda de fúria. Há 12 anos que esperava para discutir este assunto com ela e, agora, Isabella ousava colocar a culpa nele?

— Jamais fui descuidado a ponto de perdê-la, como você mesma colocou. Você me descartou quando o seu príncipe fez uma oferta melhor…

Ela fez um gesto instintivo de protesto e ele se interrompeu. Seu coração foi à boca. Por um instante, Marcus se vira convencido de que ela ia refutar sua alegação e dizer algo de profunda importância. Ele aguardou, cheio de esperança e ansiedade. Depois, os olhos dela ficaram impassíveis e ele pôde sentir o momento frustrantemente escapar.

— Tem razão — ela disse. — Foi exatamente o que eu fiz. Mas isso foi há muito tempo e toda esta discussão de nada adianta. Fui tola em pensar que estaria mais disposto a me ajudar do que um desconhecido

qualquer. Suponho que o contrário também seja verdade.

E *era* verdade. Vê-la, agora, trouxe de volta à vida todos os sentimentos de Marcus de raiva e traição. Ela admitir ter sido tão venal quanto ele acreditara, com uma falta de arrependimento descarada, parecia quase impossível. No entanto, fazia jus ao comportamento dela. Ela se casara em busca de vantagem, descartando-o quando uma oferta mais promissora se apresentara. Ela roubara a herança da prima India. E, agora que precisava de dinheiro novamente, estava disposta a negociar por ele com a mesma inescrupulosa falta de sentimentos.

Só que, desta vez, ao que tudo indicava, todas as cartas estavam nas mãos dele. Isabella precisava da sua ajuda, estava à sua mercê.

— Sente-se — Marcus disse, abruptamente.

A exigência acabou sendo mais brusca do que tencionava, e ele a viu se sobressaltar. Isabella estava tensa como um animal selvagem prestes a fugir. Estava implícito no modo como os dedos estavam entrelaçados, para evitar que tremessem visivelmente, e na ansiedade e determinação que ele podia ler naqueles olhos azul-escuros. Evidentemente, estava em uma situação tão complicada que até mesmo ela estava nervosa.

Ela pareceu surpresa com o pedido dele, como se houvesse presumido que ele recusaria e a mandaria ir embora. Marcus podia ver que ela estava ansiosa para ir embora agora, mas queria retê-la ali. Recebera uma segunda chance, por mais inesperada e surpreendente que pudesse ser. Recebera a oportunidade de se vingar.

Não seria simples. Teria de convencê-la a confiar nele, mas Isabella estava desesperada, de modo que ele tinha boas chances de sucesso. Ela *devia* estar desesperada para sequer cogitar lhe propor casamento, considerando o passado dos dois. Podia dizer que ela havia sido forçada a adotar medidas extremas. Podia enxergar isto na sua inquietação. Sendo assim, era chegada a hora de tirar vantagem.

Ele gesticulou na direção da cadeira, moderando o tom de voz:

— Desculpe. Por que não se senta, Isabella?

Os olhos dela se arregalaram um pouquinho ante o uso do seu nome. Parecia pronta a repreendê-lo pela familiaridade. Isso foi muito revelador. Muito poucas mulheres recusavam Marcus Stockhaven. A maioria encorajava qualquer grau de intimidade que ele estivesse disposto a conceder.

— Não, obrigada — disse. — Prefiro ficar de pé.

Marcus entendeu que ela não queria se colocar em desvantagem sentando, enquanto ele era obrigado a ficar de pé, já que havia apenas uma cadeira na cela. Ela já estava se sentindo vulnerável e não queria lhe oferecer qualquer tipo de vantagem. Sem dúvida, ela era um desafio. Ele sentiu seu interesse aumentar.

— Podíamos os dois sentar juntos ali — disse, gesticulando na direção do colchão no canto.

Um brilho de desdém apareceu nos olhos dela.

— Receio que não, cavalheiro. Não estou interessada em compartilhar uma cama com o senhor.

— Não desta vez. — Marcus permitiu que seus olhos escuros voltassem a percorrer o corpo dela. Procurou não expressar amargura ao dizer: — Quer apenas meu nome, desta vez, ou, dizendo melhor, meu pseudônimo, visto que suponho que o anonimato seja tão conveniente para os seus propósitos quanto para os meus. Suponho que deseje se aproveitar de minha prisão por débito?

Marcus se interrompeu. Uma ligeira inclinação da cabeça foi a única resposta de Isabella. Ele pensou um pouco.

— Quer dizer que está devendo dinheiro. Uma quantia considerável. — Ele viu o brilho do que supôs ser raiva nos olhos dela, porém, mais uma vez, Isabella apenas assentiu.

— Seu plano é desposar um devedor que concorde em assumir a sua dívida, além da dele próprio. Não haverá nada que seus credores poderão fazer para recuperar o dinheiro. Enquanto isso, seu marido apodrece aqui pelo futuro próximo e você fica livre para fazer o que

quiser. Acertei?

— Até o último detalhe.

Sua calma se comparava à dele, embora Marcus tivesse certeza de que, sob a fachada, ela não estivesse nem próxima de se sentir tão serena quanto dava a parecer. Ele deixou escapar uma risadinha breve, incrédula. Ao que parece, ela não mudara. Sempre se tratara de dinheiro anteriormente, e continuava sendo assim.

— Devo dizer que tem o descaramento necessário para levar um plano desses a cabo, madame.

— Obrigada — Isabella disse, docemente.

Seguiu-se um breve silêncio, carregado de provocação. Ela ergueu as sobrancelhas.

— E então? Aceita minha proposta?

Marcus quase riu ante a audácia da mulher. Sentiu-se tentado a capitular. Afinal, ela estava caminhando direto para a armadilha dele, correndo até. Contudo, se ia descobrir as coisas que queria saber, deu-se conta de que, em primeiro lugar, teria de aproveitar o máximo a sua vantagem.

— Perdoe-me — disse —, mas há certas coisas de que preciso saber, antes de cogitar lhe conceder a proteção de meu nome.

Ela lhe lançou um olhar seco.

— Neste caso, não devo ter julgado corretamente a sua situação, cavalheiro. Quer dizer que está em condições de ser mais seletivo do que eu?

Infinitamente mais. Marcus não disse as palavras em voz alta, mas as pensou. Isabella não podia saber disso, é claro. Ela presumira, compreensivelmente, que ele estava confinado à prisão por estar endividado. Todos os indícios sugeriam isso, mas, na realidade, estava longe de ser verdade. E, como ela não lhe perguntara deliberadamente, Marcus não se dispunha a lhe contar.

— Quanto está devendo? — indagou.

Puxou a cadeira para si e a montou com os braços apoiados no

encosto, fitando-lhe o rosto.

Ela ergueu o queixo, com uma expressão de altivez. Pela sua expressão, ele foi capaz de deduzir que Isabella não gostava nada da situação na qual se encontrava e nem das medidas que era forçada a tomar. Ela, na mesma hora, o corrigiu:

— Eu não devo nada por minha conta. Meu falecido marido contraiu dívidas de até vinte mil libras no meu nome. Eu estava fora do país e não fazia idéia. Só quando voltei é que descobri a extensão de minhas dificuldades.

Ela se interrompeu, mordendo o lábio para reprimir a fúria que evidentemente borbulhava em seu íntimo. Marcus sorriu ante o tom áspero da resposta. Quer dizer que Isabella estava furiosa com o príncipe Ernest Di Cassilis por colocá-la em tais apuros. Ela era orgulhosa e odiava à própria situação. Orgulhosa, linda e falida. Uma combinação terrível.

— Que incômodo para madame, quando o príncipe Ernest era um homem tão rico — ele disse, em tom afável. — Tamanho infortúnio pode estragar os planos de qualquer um.

Os olhos dela brilharam. Entendia todas as coisas que ele estava sugerindo. Que ela rompera com ele porque Marcus era pobre. Que se casara com Ernest devido ao título e dinheiro deste. Que tudo que estava acontecendo com ela não passava de justiça poética.

— Como disse, foi uma infelicidade.

Seu tom foi totalmente desprovido de emoção. Ele teve de lhe admirar o controle. Ela batera a porta com firmeza na cara dele, negando-lhe o prazer de provocá-la.

— Se o príncipe Ernest tinha o hábito de usar inadequadamente o seu nome, madame deveria ter ficado mais atenta que ele fazia.

Para a sua surpresa, ele vislumbrou um brilho de humor do rosto dela.

— Não tinha nenhuma vontade de acompanhar Ernest de perto, cavalheiro. Na verdade, eu o ignorava o máximo que podia. Ninguém

gostava muito dele, e eu não era a exceção à regra. Tive até de subornar os criados para comparecerem ao enterro dele e lhes pagar em dobro para fingirem tristeza.

Marcus pôde sentir o seu interesse aumentando. Foi mais forte do que ele. Quando conhecera Isabella, ficara encantado com a sua aparente doçura. Quando ela rompera com ele, fora um profundo choque. Só então se dera conta de que ela era uma aventureira. Havia usado aquele corpo tentador e a beleza caprichosa para conquistar um príncipe rico e libertino. Agora, usava uma forma diferente de suborno para atraí-lo para um casamento de conveniência. A fúria se apossou dele. Queria forçá-la a admitir a sua culpa. Ela era provocadora, moralmente corrupta, e estava pronta para se vender em troca de- algum benefício. Mas Marcus não era mais nenhum jovem inexperiente para ser enganado.

Ele a fitou inquisitivamente.

— Quer dizer que, no final das contas, não valeu a pena? Os olhos deles se encontraram.

Jamais valeu a pena.

Isabella não disse as palavras em voz alta, contudo, por um instante desconcertante, Marcus pensou tê-las enxergado nos olhos dela.

— Não vejo, propósito nas suas perguntas impertinentes — ela afirmou, bruscamente. — Não gosto de falar do meu casamento.

Marcus ergueu as sobrancelhas.

— Quer dizer que não acha que me deve uma explicação pelo que aconteceu doze anos atrás?

Ela deu uma impressão de pouco-caso.

— E que diferença isso faz agora?

Ele teve vontade de sacudi-la. E claro que importava. Ela pegara os sonhos e as esperanças de sua juventude e os esmagara sob o salto de seu elegante sapato. E o fizera de passagem, como se fossem de

nenhuma importância. Ela lhe roubara as ilusões. Ele era fisicamente experiente quando a conhecera. Fora o sedutor. Aceitava isso. No entanto, também era emocionalmente inexperiente, com a inocência e a confiança da juventude que ficaram totalmente à mercê dela. Era isso que Isabella havia destruído, e o que ela lhe devia.

Pensou em India. Sua esposa. Prima de Isabella. Sabia que a desposara por todos os motivos errados, buscando desesperadamente algo que Isabella havia lhe prometido e que lhe evadia. India também sofrera nas mãos da prima. Marcus descobrira como Isabella jogara seus parentes uns contra os outros na sua busca por riqueza e posição social. Ela fora totalmente movida pela ganância.

Agora, era chegada a hora de cobrar o que ela lhe devia, mas tinha de ir devagar. Podia sentir a raiva aumentando com cada palavra e procurou usar a razão para recuperar o controle. Era verdade que a vingança friamente calculada era muito mais satisfatória do que uma retaliação apressada. Aceitaria a proposta dela e, então, embora ela não o soubesse, Isabella estaria em seu poder, em vez do contrário.

Ainda havia algumas coisas de que precisava saber. Quanto mais soubesse de seus planos, mais fácil seria frustrá-los.

Marcus deu de ombros.

— Talvez tenha razão e o que aconteceu entre nós não tenha mais importância. Afinal de contas, trata-se de negócios. Explique para mim como imagina que nosso acordo vá funcionar.

Ela lhe lançou um olhar desconfiado, como se não pudesse acreditar que ele fosse se dar por convencido tão facilmente, mas, depois, Isabella capitulou. Evidentemente, estava tão ansiosa para garantir o próprio futuro que estava preparada para fazer concessões.

— Este suposto casamento entre nós seria uma medida a curto prazo que encontrei para superar um constrangimento financeiro temporário. Assim que vender minha casa e receber minha herança, a dívida será paga e o casamento, anulado.

Marcus franziu a testa.

— Neste caso, por que simplesmente não espera que o dinheiro saia? Com certeza seria mais fácil do que entrar em uma união que não deseja.

Isabella sacudiu a cabeça.

— Assuntos de herança demoram a ser resolvidos, e é um tempo de que não disponho. Contudo, em breve, eu me verei livre tanto da dívida quanto do casamento.

Seguiu-se um silêncio e Marcus percebeu que seu orgulho se rebelava ante a idéia de ser usado e descartado, a despeito de estar manipulando tanto a situação quanto ela.

— Não gosto da idéia de ser escolhido para casar e, depois, ser caprichosamente dispensado — disse, lentamente. — É humilhante.

Desta vez, Isabella sorriu com genuína ternura.

— Bem, agora você sabe como é ser mulher — disse, com doçura.

Touché. Ele sentiu o embate entre os dois como uma onda de lembrança lhe percorrendo o corpo. Sempre fora assim com Isabella. Ela o desafiava, em vez de apaziguá-lo como a maioria das mulheres costumava fazer. Ela sempre fora imprevisível e excitante, e a fricção entre os dois alimentara a sua necessidade de possuí-la. Ficara encantado com ela. Marcus a pedira em casamento, e ela aceitara. Naquela última primavera em Salterton, antes de ela voltar para Londres, ficaram noivos em segredo nos jardins, e ele prometera segui-la até a cidade o mais rápido possível e pedir permissão ao pai dela para cortejá-la. Marcus não se preocupara com sua falta de perspectivas. Era um homem que aproveitava suas oportunidades e saía em busca de outras novas. Jamais lhe ocorrera que nada tinha a oferecer.

Lorde Standish concordara com o namoro com notável falta de entusiasmo. Se Marcus acreditava que tinha perspectivas, seu futuro sogro não fora tão facilmente convencido. Marcus não se deixara assustar. Não se deixara assustar até o último instante, quando estava esperando na igreja de St. Mark's em Field, visto que a mais

disputada, St. George's, em Hanover Square, já havia sido reservada, e notara uma curiosa falta de convidados no lado da noiva da nave. O tempo passara e Isabella não aparecera. Marcus não conseguira acreditar que ela havia rompido com ele. Tentara vê-la, apenas para ser impedido de entrar na casa dela. Jurara que não pensaria mal dela até escutar de seus próprios lábios a rejeição, Mas ela jamais lhe oferecera qualquer tipo de explicação. Jamais voltara a falar com ele. A sociedade não demorara a julgar. Quando a noiva ausente casou-se com o príncipe Ernest Di Cassillis em uma cerimônia particular sob licença especial, no dia seguinte, o escândalo se abateu sobre eles como um maremoto. Ernest levou a nova esposa para Cassillis, e Marcus retornou precipitadamente para o mar. Sentira grande necessidade de se ocupar, de modo que voltou sua atenção para os franceses, em vez de para as mulheres, recebera elogios dos oficiais superiores por sua coragem temerária e jamais quisera voltar aos portos. Foi apenas a inesperada herança do condado de seu primo sem filhos que o forçara a aceitar um tipo de responsabilidade diferente. Relutantemente assumira o título, voltara para Londres e conhecera India Southern, a prima de Isabella, em um baile…

Mas não queria pensar naquilo. Durante todo o seu casamento com India, o fantasma de Isabella os assombrara a cada passo. Marcus jamais conseguira esquecê-la e nem ignorar a poderosa sensação de familiaridade que sentira por ela desde o começo. Sentia agora a mesma atração que antes voltando a se manifestar, a cativá-lo. Olhavam um para o outro e o ar entre os dois parecia se iluminar com as fagulhas daquela antiga chama.

Marcus não tivera a intenção de despertar antigas lembranças, e sim descobrir exatamente o que Isabella pretendia com este casamento de conveniência. Também era importante saber se não havia nenhum amante inconveniente envolvido na história que poderia colocar em risco os danos dele. O fato de Isabella estar sozinha e desprotegida em Fleet Prison sugeria que, atualmente, ela não tinha amantes, mas

Marcus precisava ter certeza.

Fingindo indiferença, desviou o olhar de sobre ela, esmagando a atração.

— Não entendo por que precisa buscar um casamento em Fleet Prison — disse. Soando um pouco áspera, sua voz o traiu. — Decerto, deve haver uma dúzia de homens ricos e respeitáveis fazendo fila para pedi-la em casamento, Isabela. Vinte mil não é tanto para um homem de recursos, ainda mais se, em troca, ele conseguir uma linda esposa.

Isabella não deu a impressão de ter aceitado isso como elogio. Marcus se viu interessado, visto que achava inevitável que deviam ter lhe dito inúmeras vezes que ela era uma beldade. As pessoas costumavam dizer isso pára as princesas, mesmo que não fosse verdade.

— Não há ninguém com quem eu queira me casar — Isabella disse —, e, o que é mais pertinente, ninguém que queira se casar comigo.

A cabeça dela estava curvada, e Isabella lhe evitou o olhar. Marcus teve a impressão de que ela estava verdadeiramente amolada. Ele a observou, aguardando.

— Eu tenho… quer dizer, minha reputação…

Subitamente, ela ergueu o olhar e a expressão de seus olhos atravessou as defesas de Marcus como uma flechada no coração.

— Talvez não saiba, mas minha reputação está arruinada — disse, com uma simplicidade que o lembrou da jovem que ela já fora. — Ninguém respeitável me pedirá em casamento, agora.

Os olhos de Marcus se estreitaram. Ele escutara as histórias. Sabia que o nome dela estava maculado além de qualquer salvação. O príncipe Ernest Di Cassillis fora conhecido como o Príncipe Devasso. Seus excessos em todas as áreas de sua vida eram lendários. Era inevitável que a esposa acabasse sofrendo as conseqüências disso.

Mais uma vez, permitiu que o olhar percorresse Isabela, relacionando as evidências ao fazê-lo. Sob a sombra do capuz, o olhar

dela encontrou diretamente o seu. Os olhos de Isabella, grandes e azuis, eram muito límpidos. Embora não fosse uma debutante agora, uma inocência juvenil havia sobrevivido no rosto dela. Era impossível, completamente impossível, enxergá-la como uma mulher com uma reputação irrevogavelmente arruinada.

Marcus sentiu um instante de prazer selvagem ante o que havia acontecido com ela. Podia ser chamado de vingança, amargura ou até justiça, mas uma parte infame dele queria que ela fosse infeliz, e sofresse pelo modo como o traíra. No entanto, no fundo de sua mente havia um ligeiro vestígio de compaixão por ela. Ele se considerou um tolo. Isabella era uma bruxa e Marcus amaldiçoou a própria suscetibilidade.

— Tire o capuz — disse, bruscamente.

Ela hesitou. Era óbvio que se acostumara mais a dar ordens do que a recebê-las. Contudo, obedeceu, puxando para trás o capuz da capa.

A impressão de virtude foi reforçada quando ele pôde vê-la direito. Ela tinha o tipo de rosto que havia sido bonitinho na juventude, mas havia amadurecido para se transformar em uma verdadeira beldade com o passar dos anos. Seu cabelo era de um dourado escuro, liso e delicado, simplesmente preso por uma fita azul. Espessos cílios escuros lançavam sombras sobre as faces. Havia força, assim como beleza, nos ossos da face. Ao olhar novamente, ele retificou a avaliação. Alguma coisa, ou alguém, a havia feito sofrer e ela aprendera a suportar tudo e a ser forte. Marcus sabia um pouco sobre como era isso. Por um instante, ele experimentou uma estranha mistura de curiosidade, instinto protetor e raiva ante a idéia de qualquer um magoá-la. O amor que tivera por ela havia sido profundo e era difícil esquecer.

Maldição. Maldita seja. Estava ficando de coração mole justamente no momento em que tinha de ser implacável.

Isabella ergueu uma das sobrancelhas escuras em uma indagação irônica e ele se deu conta de que vinha olhando fixo para ela. Verdade

seja dita, era difícil não fazê-lo. Queria beijá-la. Não, não se contentaria em apenas beijar. Faria muito mais. Ele a queria muito.

— E então?

Foi a vez de ela perguntar. Marcus pesarosamente refletiu que ela podia ter uma boca suculenta e feita para ser beijada, contudo sua língua era afiada como a agulha de uma costureira.

Ele sacudiu a cabeça.

— Não consigo acreditar que ninguém a tenha pedido em casamento — disse. — Com certeza, deve estar exagerando…

— Não.

Ela cerrou bem apertado os lábios. Era óbvio que não haveria mais informações sobre o assunto em questão. Seus olhares se encontraram e se fixaram um no outro. Ele podia sentir a tensão nela. Apesar de desesperada, Isabela jamais imploraria.

Marcus deixou escapar um demorado e cauteloso suspiro. Poderia recusar-lhe a oferta, o que resultaria em Isabella acabar arruinada e mofando, ela mesma, na prisão dos devedores. Gostaria de ver isso acontecer. Seria uma vingança poética.

Por outro lado, poderia se casar com ela e obter uma forma diferente e muito mais satisfatória de desforra.

Isabella não estava gostando da demora. Marcus ficou satisfeito de ver que ela mal parecia capaz de controlar a própria impaciência. Ótimo. Precisava que ela estivesse tensa para que aceitasse de cara a sua proposta quando ele, enfim, a fizesse.

Ela caminhou até a mesa e pegou o livro que ele estava lendo, erguendo a lombada para a luz para que pudesse ver o título.

— *Arquitetura Naval Teórica* — leu em voz alta. — Tem de ser mesmo teórica, visto que fui informada de que, provavelmente, passará o restante de seus dias aqui dentro, cavalheiro.

Marcus ergueu uma das sobrancelhas.

— E daí? — perguntou. — O que quer dizer com isso? Ela lançou-lhe um olhar.

— Quero dizer que, de acordo com o carcereiro, está devendo um bocado de dinheiro. Mais do que, provavelmente, um dia será capaz de pagar. Sua família e seus amigos, aparentemente, não estão dispostos a ajudá-lo. Ou, talvez… — ela abaixou o livro e o fitou nos olhos. — …como sugeri antes, eles sequer saibam que está aqui? Suponho que seja por isso que use o nome de John Ellis. Funciona como um paliativo para o seu orgulho e para impedir que sua vergonha seja conhecida pela elite da sociedade. Sendo assim… o senhor não ia querer que eu contasse para ninguém o seu real paradeiro, e nem tornasse pública a sua desgraça…

A chantagem o fez sorrir por dentro. Aparentemente, ela não se deteria diante de nada para conseguir o que queria. Contudo, havia um problema. Embora tirando todas as conclusões erradas, ela chegara bem perto da verdade. Certamente, era o caso de ninguém saber que ele estava em Fleet Prison e de Marcus não poder se dar ao luxo da informação vir a público. Contudo, não era por vergonha de suas dívidas. Estava conduzindo uma operação complicada e ninguém podia saber disso. Não podia permitir que Isabella contasse ao mundo o que deduzira.

Ainda assim, jogaria de acordo com as próprias regras, e não as dela.

— Quer dizer que espera me persuadir a mudar de idéia oferecendo-se para manter minha presença aqui em segredo, caso eu concorde em desposá-la? — Ele ergueu uma das sobrancelhas. — Não me parece uma troca justa, mesmo com a adição de alguns livros, comida e vinho para tornar a coisa mais atraente.

Ele viu os dedos dela se apertarem ao redor da bolsa. Estava tremendo e não conseguia disfarçar. Por mais estranho que pudesse parecer, a visão o desconcertara. Marcus não queria sentir compaixão por ela.

Não se importava com o que acontecesse com ela. Jamais se *importaria. Não podia se importar.*

Isabella o observava, tentando lhe interpretar a expressão do rosto.

— Não está em uma boa posição para fazer exigências, está, cavalheiro? — ela disse, com firmeza.

— Madame também não — Marcus não perdeu tempo em retrucar. — Quanto tempo sobreviverá em um inferno como este, Isabella? Pois é exatamente onde acabará, se não conseguir pagar a sua dívida.

Ele a viu estremecer, mas ela lhe fitou os olhos de modo desafiador.

— Minha situação não é tão desesperadora quanto a sua — disse. — Posso achar outro candidato para a minha mão.

— Um candidato para as suas dívidas — Marcus corrigiu. — Não enfeite a coisa para parecer o que não é.

Sua raiva voltou a fervilhar, transformando-se em fúria ante a determinação descarada da mulher de comprar um marido com o que restava de seu dinheiro e prostituir-se. Com muito esforço, conseguiu conter a fúria, mas ela pôde pressenti-la.

Os olhos de Isabella brilharam com uma fúria que se comparava à dele.

— Muito bem, já que recusa, vou ter que procurar outro devedor. Assim fica claro o bastante? — Ela lhe deu as costas. — E, depois, contarei para todos a sua desgraça. Um nobre do reino encarcerado em Fleet Prison por suas dívidas, e envergonhado a ponto de esconder a sua identidade, em vez de aceitar a censura do mundo! O que os mexeriqueiros acharão disso, eu me pergunto? Reputação é uma coisa tão frágil, não acha?

Marcus a segurou pelo pulso e a virou para si.

— Se há alguém que sabe a resposta para isso é você! O que a elite da Sociedade acharia de uma princesa em desgraça que tenta comprar um devedor para salvar a própria pele?

Um pesado silêncio se seguiu ao desafio. Sob os dedos, Marcus podia sentir o pulso de Isabella em disparada. Sua pele era muito

macia, quente e deliciosa. A tentação foi despertada, atravessando-o como uma faca. Instintivamente, ele a apertou com mais força, puxando-a para si. Mais um segundo e ela estaria em seus braços, a boca esmagada sob a dele.

Desta vez, foi ela quem recuou, libertando-se dele.

— Não vejo motivo para isto demorar mais — disse. — Fiz uma proposta de negócios e aguardo a sua resposta final. Caso recuse, simplesmente seguirei para o próximo homem preso aqui, que concordará.

Não podia ter sido mais direta. Marcus sentiu uma certa admiração por ela. E sabia que ela não teria dificuldades em encontrar tal homem.

Independente das dívidas, disputariam no tapa o privilégio de aceitar-lhe a proposta. A idéia de Isabella propondo casamento a qualquer um de seus companheiros de cela o apunhalou com um ciúme intenso e totalmente inapropriado. Maldição, devia ter perdido o juízo, ou estar sendo conduzido por uma parte muito mais primitiva de sua anatomia.

— Se não for muito exigente, não terá dificuldades em encontrar um homem — ele concordou, desagradavelmente. — O que não falta aqui é esse tipo de alma desesperada.

Por fim, ele a fizera ultrapassar o seu limite. Marcus pôde ver o instante em que a compostura de Isabella foi por terra.

— Se quer mesmo saber, eu também estou desesperada! — As palavras explodiram de dentro dela, e a mulher foi incapaz de esconder o tremor de pesar em sua voz: — Estou tão cansada de lutar… — Ela se interrompeu, e Marcus a viu fazendo um enorme esforço para se recompor. Ela lhe deu as costas, buscando esconder dele a sua vulnerabilidade. A dama apertou ás mãos uma na outra. — Isso de nada adianta. — Sua voz estava abafada. — Acho melhor ir embora.

Marcus pousou a mão no braço dela. Era tarde demais. Fora tarde

demais no instante em que ela fizera a proposta ultrajante. De jeito nenhum ele permitiria que ela se oferecesse para algum outro devedor e trocasse uma garrafa de vinho por uma assinatura rabiscada em uma certidão de casamento. Se alguém se casaria com ela, seria ele, e, depois, Marcus tiraria enorme satisfação de virar o jogo e acertar as contas referentes a tudo que ela lhe devia. Ela era dele, pelo menos até todas as dívidas estarem pagas.

Olhou para ela. Isabella não havia se mexido, porém, apesar da imobilidade, seu coração estava nos olhos. O mundo de Marcus estremeceu, girou e ficou de ponta-cabeça.

— Pois bem — disse. — Eu me casarei com você.

Capítulo Três

Aos 17 anos de idade, Isabella sonhara em se casar com Marcus Stockhaven. Contudo, este casamento não era bem o dos seus sonhos. Em homenagem à ocasião, Marcus pagara dois xelins para um companheiro prisioneiro para pegar emprestada uma camisa limpa, porém não havia água quente para ele se barbear. A capela era escura, sem arranjos florais para alegrar o ambiente. Não havia convidados e nem ninguém para dançar no casamento. Em suma, era um acontecimento muito infeliz.

O padre teve de ser arrastado para longe de sua garrafa de conhaque. Ele olhou para a licença especial com vago interesse e olhou com um bocado mais de vigor para os cinqüenta guinéus que Isabella providenciou para encorajar a participação do homem.

Marcus também estava examinando a licença especial ao se postarem diante do altar na capela da prisão. Suas sobrancelhas se ergueram infinitesimalmente quando ele correu os olhos pelas linhas.

— Quem é Augustus Ambridge? — perguntou. — Como seu futuro marido, acho que tenho o direito de saber.

— Ah… — Isabella sentiu-se confusa. Esquecera-se de que fora necessário fornecer o nome de um noivo para poder comprar a licença de casamento em primeiro lugar. Na falta de inspiração, escolhera o primeiro nome que lhe viera à cabeça, o de um cavalheiro que fora seu admirador nos dois anos de sua viuvez, porém cujas intenções jamais haviam sido permanentes ou honradas. — E um… amigo — disse. As sobrancelhas de Marcus franziram-se ainda mais.

— Um amigo? Entendo.

— Não esse tipo de amigo — Isabella protestou.

Ela podia escutar o tom defensivo da própria voz, e se perguntou por que sentia a necessidade de se explicar para ele. Não devia nenhuma informação a Marcus. Ele era para ser apenas o seu marido ausente e, nessas circunstâncias, não era da conta dele como ela se comportava. Afinal, não havia nada que ele pudesse fazer a respeito. No entanto, algo naquele olhar firme e sombrio a compelia a ser sincera.

Sempre fora assim. A sensação a desconcertava.

— Não passa de um conhecido — ela disse. — Como ele, tenho muitos.

— Entendo — Marcus voltou a dizer, e Isabella teve de morder a língua para se conter e não argumentar a sua inocência. Não era assim que estava acostumada a fazer as coisas. Jamais reclame, jamais explique. Eram os princípios da realeza.

Olhando para Marcus, para a linha dura e inflexível de sua boca e a luz ameaçadora nos seus olhos, ela se perguntou como um homem daqueles podia ter acabado encarcerado em Fleet Prison. Se algo assim houvesse acontecido com Ernest, não teria sido surpresa, mas Marcus era profundo onde Ernest havia sido mais superficial do que uma poça enlameada, forte onde Ernest havia sido fraco, perceptivo onde Ernest havia sido muito mais do que insensível. Ou, para ser mais exata, Marcus fora todas essas coisas quando ela o conhecera antes. Doze anos podiam provocar muitas mudanças em um homem.

Tinha de se lembrar de que nada sabia a respeito dele, agora.

Ela mexeu na própria capa para disfarçar o nervosismo e para se distrair do pensamento de que estava cometendo um terrível erro. Quisera conhecer, desposar e partir, permanecendo uma total desconhecida para o marido durante todos os estágios do processo. No entanto, já havia quebrado as próprias regras. Sentia-se mais profundamente envolvida do que jamais pretendera estar.

— Como pode notar, risquei o nome de Augustus — ela comentou, apontando para o documento é adotando uma atitude decisiva para ocultar os sentimentos de vulnerabilidade.

— Para que eu possa inserir o meu? — Marcus disse, franzindo a testa. — Acho que isso deve forçar um pouco a legalidade da situação.

Isabela arrancou a licença de entre os dedos dele e a entregou ao padre.

— A licença é suficientemente legal, e com mais cem libras a cerimônia será devidamente incluída no registro. A certidão de casamento será o suficiente para satisfazer meus credores.

Marcus pegou o cálamo de sobre a mesa e escreveu o próprio nome sobre o de Augustus Ambridge na licença. Riscou ainda mais o nome do outro homem com outra linha preta e grossa, embora esteja praticamente não aparecesse mais. Seu rosto estava sério e Isabella sentiu um aperto no coração. Isso parecia tremendamente errado, e, de repente, ela não se sentiu mais tão segura de que seria capaz de levar adiante o plano. Descobriu que estava tremendo, tremendo como um cão deixado na chuva no meio do inverno. Cruzou os braços bem apertados em uma tentativa de se confortar.

— Tem uma folha de papel? — Marcus pediu ao padre.

O velho pareceu surpreso, como se Marcus houvesse solicitado um privilégio inaceitável. Após um instante, ele marchou até a sombria capela lateral, retornando com uma folha surrada de papiro que entregou com uma expressão que sugeria que outra quantia seria agora necessária. Isabella suspirou e lhe entregou dois xelins, que

desapareceram no bolso sob a sobrepeliz suja.

Marcus mergulhou o cálamo no pote de tinta e rabiscou algumas linhas, salpicando areia sobre o papel para secá-las. Ele passou a folha para Isabella.

— Fique com isto. Não gostaria que houvesse ambigüidade.

Isabella franziu a testa ao passar os olhos pelo papel. Ele havia escrito algumas linhas breves que deixavam claro que estava preparado a assumir toda a responsabilidade pelas dívidas contraídas no nome da esposa. Se algo estava destinado a fazer Isabella se sentir ainda mais ordinária e avarenta do que já estava se sentindo eram aquelas poucas linhas. Elas enfatizaram o espírito comercial do acordo de um modo tal que não deixava espaço para sentimentos.

— Testemunhas? — Marcus disse.

Agora, havia um perceptível tom de impaciência em sua voz. O coração de Isabella afundou ainda mais. Isso era algo em que ela não havia pensado.

— Eu não pensei… — começou a dizer.

Ela olhou por sobre o ombro. O carcereiro estava de pé atrás deles com uma expressão esperançosa no rosto. Sem dúvida achava que estava prestes a ganhar mais algumas libras, tanto para servir de testemunha quanto para ficar de bico calado após a cerimônia. Talvez ele pudesse até chamar um de seus colegas para ser o outro signatário na documentação de casamento. Uma risada histérica começou a brotar na garganta de Isabella. Casada em Fleet Prison, com um carcereiro como testemunha e o padre semi-embriagado graças ao conhaque que ela fornecera como parte do suborno… Como tal casamento poderia não estar fadado ao fracasso? Ela levou a mão aos lábios para disfarçar o sorriso.

O carcereiro limpou as mãos nas calças sujas, chamou um dos guardas com um assovio e aproximou-se quando chamado pelo padre. Marcus tomou a mão dela. Seu toque era impessoal, no entanto um arrepio percorreu o corpo de Isabella como uma chama sobre

madeira seca, distraindo seus pensamentos de qualquer coisa que não fosse o homem. Sua reação foi tão extrema que ela quase retraiu a mão. Sabia que ele seria capaz de senti-la tremendo, e sentia-se tão vulnerável como se estivesse nua. Não era para ser assim, com as emoções à mercê deste homem.

A cerimônia começou. Isabela teve a impressão de que ela estava sendo feita às pressas, pois um casamento na prisão jamais seria um evento demorado e romântico. Não houve olhares de afeição trocados entre os noivos, nem sorrisos tolerantes do capelão. Houve um silêncio tenso, rompido apenas pelas palavras murmuradas da cerimônia, o tom decidido de Marcus ao dar sua resposta e as próprias palavras de compromisso mais hesitantes de Isabella. Em certo momento, ela vacilou, tomada pelas lembranças de seu primeiro casamento, doze anos antes, e a mão de Marcus se apertou ao redor da dela, quando ele se virou para ela. A dama pensou que veria impaciência nos olhos dele, porém, ao fitá-lo, viu que ele a observava com um interesse estranhamente especulativo. Ela juntou os últimos vestígios de coragem e se empertigou, repetindo os votos com uma voz mais firme.

— Está com a aliança? — o padre perguntou.

Isabella sacudiu a cabeça. Não se recordara de que precisaria de uma aliança, e como penhorara todas as jóias para pagar algumas de suas dívidas, não poderia mesmo ter providenciado nenhuma. Ela escutou Marcus deixar escapar um suspiro resignado. Um instante mais tarde, ele havia retirado o anel de sinete e o colocado sobre as páginas abertas do livro de Salmos do padre. Isabella lhe lançou um olhar angustiado.

— Não pode me dar o seu anel de sinete! Marcus não pareceu estar impressionado.

— Não é a hora, e muito menos o lugar, para discutirmos isso.

— Mas eu…

Marcus a ignorou e se voltou para o padre.

— Prossiga.

Ele pegou o anel e o colocou no dedo dela, envolvendo-lhe a mão com a sua própria, em um gesto estranhamente protetor. O anel pareceu quente e pesado no dedo de Isabella. Era grande demais para ela, que o mexia no dedo, girando-o de um lado para o outro. Havia quatro letras entrelaçadas claramente gravadas nele. *M…J…E…S…* Ela passou os dedos sobre as linhas no ouro.

Não parecia ser certo ficar com o anel de sinete de Marcus. Além de não parecer ser certo, era pessoal demais, quando tudo que ela quisera era o nome dele em um pedaço de papel.

O padre guardou o Livro de Orações sob a manga da sobrepeliz suja. Ele já havia redigido a certidão de casamento e, agora, a entregava a Isabella, aguardando o seu dinheiro, ansioso para dar por encerrado o assunto. Os dedos de Isabella tremiam quando ela dobrou cuidadosamente o documento e o guardou na bolsa. Aquilo era a sua liberdade, o papel que lhe garantiria a imunidade. No entanto, quando Marcus lhe soltara a mão, no final da cerimônia, ela sentiu-se mais solitária do que nunca, livre, mas não confortada.

Marcus a estava observando. Ela pensou ter visto um quê de zombaria e divertimento em seus olhos. Sem dúvida ele lhe achava cômico os apuros, a escandalosa princesa Di Cassilis forçada a se casar com um devedor…

— E então? — ele disse.

— Obrigada — Isabella respondeu, incapaz de olhar para ele.

— Não tem de quê. — Marcus estava sorrindo, mas não era o tipo de sorriso que a confortava. — Acho que você me ofereceu algo em troca.

Os olhos de Isabella encontraram os dele. Seu coração errante palpitou nervosamente. A garganta ficou seca. Imagens daquela noite há muito passada se misturaram em sua mente, o toque carinhoso dos lábios dele na sua pele úmida, o perfume seco e salgado do mar misturado com odor rosas antigas, o calor ardente do verão…

contudo, as chamas daquela paixão há muito já haviam se extinguido, após tantos invernos.

— Algumas garrafas de vinho, os recursos para comprar um pouco de comida decente e alguns itens para tornar minha vida um pouco mais tolerável? — Marcus lembrou, quando ela nada disse.

— Ah, é claro. — Isabella pôde se sentir enrubescendo ante a direção completamente oposta que seus próprios pensamentos haviam tomado. Ela ficou em silêncio por um instante. Sua bolsa já estava quase vazia, Mas não foi isso que a fez hesitar. Repetir a oferta de um incentivo tão grosseiro parecera impensável após o modo furioso como Marcus a recusara antes. — Tinha toda a intenção de lhe pagar — admitiu. — Contudo, pensei que houvesse rejeitado minha sugestão.

Marcus voltou a sorrir, desta vez com um humor mais sincero.

— Eu lhe garanto que meu orgulho não chega a tanto. Além do mais, pensei que houvéssemos concordado que esta é uma transação comercial. Temos um acordo.

— Temos mesmo — Isabella concordou.

Ela pegou algumas moedas e as colocou na mão dele. Marcus as guardou no bolso do colete.

— E deve aceitar o seu anel de volta — a dama apressou-se em acrescentar, fazendo menção de tirar o anel de sinete de ouro do dedo onde ele repousou por tão pouco tempo.

Marcus sacudiu a cabeça, segurando-lhe a mão e mantendo o anel no lugar.

— Fique com ele. Até que nos encontremos novamente. Isabella sentiu uma pontada de inquietação.

— E isso vai acontecer?

— Sem dúvida.

— Mas só depois de estarmos devidamente descasados. O sorriso de Marcus se alargou.

— É claro.

Por um instante, ficaram ali, olhando um para o outro. Isabella sentiu-se estranhamente desnorteada.

— Talvez seja melhor eu ir? — disse, insegura.

Ante o evidente desconforto da mulher, a voz de Marcus adquiriu um tom zombeteiro:

— Talvez seja mesmo. Contudo, é tradição beijar a noiva no dia do casamento.

Os nervos de Isabella ficaram à flor da pele. Ela recuou dois passos, até a saia roçar no apoio frontal de madeira da primeira fileira dos assentos. Desta vez, quando se afastou dele, Marcus a seguiu. Ela estendeu a mão para mantê-lo a distância.

— Como acabou de me lembrar, trata-se de uma transação comercial, cavalheiro, e isso não faz parte do acordo.

Marcus voltou a sorrir para ela. Era um sorriso preguiçoso, cheio de desafio íntimo. Ela não tinha certeza se ele estava fazendo isso por vingança, malícia ou simplesmente para se divertir; contudo, sua proximidade era o suficiente para dar um fim à compostura dela. Isabella queria escapar, porém não conseguia se movimentar.

O carcereiro estava ficando impaciente e irrequieto atrás deles, ansioso para devolver seu prisioneiro à cela. Marcus o ignorou. Ele deu um único passo adiante, agarrou o braço de Isabella e a puxou para si, fazendo com que as pontas dos seios da dama roçassem no material áspero do seu paletó. Apertando com mais força o braço dela, ele inclinou a cabeça. E a beijou.

A pressão dos seus lábios não passava de um sussurro contra os dela. Mesmo assim, foi o suficiente para levar Isabella de volta ao passado, onde a lembrança do beijo dele havia permanecido trancada, junto com todas as outras imagens confusas de paixão. Ela escondera aqueles sentimentos de si mesma e dos outros por tanto tempo, e, agora, estavam despertando, ameaçando se libertar. Essa história de o passado estar morto e enterrado não estava dando muito certo para ela. Qualquer ternura que tivesse havido entre os dois podia ter

desaparecido, mas a atração ainda ardia com a mesma intensidade de sempre, e isso a assustava.

Ela deixou escapar um ligeiro som incoerente e tentou colocar alguma distância entre os dois, mas, de repente, os braços de Marcus a envolveram e a sua boca cobriu a dela com uma perícia capaz de derrubar qualquer defesa que ela pudesse ter erguido. Uma onda de calor sensual se apossou dela, incendiando-a, queimando-a até a ponta dos pés.

Ninguém jamais a beijara do mesmo jeito que Marcus. Ernest se permitiu alguns abraços apressados antes de partir direto para a consumação do casamento, contudo jamais fora carinhoso ao fazer amor. Verdade seja dita, a palavra amor não se encaixava muito no contexto. Seria difícil achar uma descrição menos apropriada.

Ernest não a cortejara, ele a comprara. Ele a comprara, conseguira o que queria e tentara moldá-la para que Isabella se ajustasse ao seu paladar. E, quando ela se mostrara menos do que satisfatória, alegara que ela não havia cumprido o acordo deles, e os dois prosseguiram naquela farsa vazia de um casamento até a morte dele. Sem dúvida, na vida de Isabella houvera muito pouco romance e nenhuma paixão de verdade. Até agora.

Ela tremia nos braços de Marcus. O toque, gosto e desejo se misturavam quando ele a beijava, e, depois, a soltava apenas um pouquinho, para, em seguida, apossar-se novamente de sua boca. O corpo de Isabella despertou do que parecia ser um longo sono ao sentir a dureza de Marcus, sua força e seu controle. Instantes depois, tudo terminara e ele a soltara com tamanha brusquidão que a jogou de volta à escuridão.

O ar que separava os dois parecia arder. O rosto de Marcus estava oculto pelas sombras, mas em seus olhos brilhava uma chama que a queimou.

— Você não deveria… — ela começou. A expressão do rosto dele era implacável.

— Precisava ser feito.

— Hora de ir — disse o carcereiro. Ele levou sugestivamente os dedos ao dinheiro no bolso. — A não ser que prefira ficar mais um pouco, madame? Uma cela aconchegante para os dois comemorarem o matrimônio?

Matrimônio. Parecia tão definitivo.

Marcus ergueu inquisitivamente uma das sobrancelhas. Isabella desviou o olhar dele.

— Não — disse. — Não, obrigada.

Sem dizer mais uma palavra, Marcus lhe deu as costas e seguiu o carcereiro. Ele não olhou para trás. Isabella escutou o som das passadas desaparecendo ao longe e a porta da capela se fechando atrás deles. Por um instante insano teve vontade de sair correndo atrás de Marcus, arrastá-lo de volta e fazê-lo ficar com ela. Mas ele havia ido embora. Não havia mais nada a fazer. Estava tudo acabado.

O padre tocou-lhe o braço.

— Madame não vai querer ficar neste lugar. Permita-me acompanhá-la até lá fora.

Isabella o seguiu, meio atordoada, pelos corredores sombrios até chegar à luz do dia. Os portões se fecharam ruidosamente, deixando-a na rua. O dia estava claro e a tarde, barulhenta com os ruídos vibrantes da cidade. Ela se sentiu muito estranha, tonta e confusa, como se houvesse acabado de acordar de um sonho vivido, um sonho repleto de sensualidade e desejos há muito enterrados. Só que aquilo não havia sido nenhum sonho. Estava legalmente casada com Marcus Stockhaven, ou, talvez, ilegalmente, dadas as circunstâncias do casamento deles. O pensamento fez o coração dela se apertar de emoção.

O anel de sinete parecia pesado e estranho no dedo dela. Isabella se perguntou por que ele próprio não o havia penhorado para comprar mais conforto para si. Mas o orgulho de um homem era uma coisa delicada e, talvez, vender o brasão da família seria ir longe

demais, até mesmo para um devedor em sérios apuros. Não que seu comportamento houvesse trazido honra ao nome Stockhaven.

Ele não vendera o anel de sinete, mas o dera para ela. Isabella sentiu um arrependimento passageiro ante o fato de que não poderia usá-lo. Ainda assim, ela o guardaria em segurança, e, assim que o casamento houvesse sido anulado, o mandaria de volta para ele. Não importa que ele houvesse dito que eles se encontrariam novamente. Sabia que seria melhor, mais seguro, se jamais voltasse a vê-lo.

Pôde sentir o volume da certidão de casamento na bolsa sob o braço. Estava livre e a salvo de ser presa, e, decerto, isso tinha de ser a coisa mais importante. No entanto, ao percorrer rapidamente o labirinto de becos que rodeavam Fleet Prison, uma profunda inquietação se apossou dela.

Perguntou-se por que estaria tão ansiosa. Afinal de contas, Marcus estava trancado na prisão dos devedores, e ela estava livre para prosseguir, como se nada houvesse acontecido. Conseguira exatamente o que queria.

Por um instante, contemplou o que poderia acontecer caso Marcus recuperasse a liberdade e um arrepio de apreensão se apossou dela. Com Marcus na prisão, sentia-se a salvo e no controle da situação. Marcus em liberdade seria uma história bem diferente. Não haveria como controlar um homem como aquele. Ele era forte demais, determinado demais.

Ela voltou o rosto para o sol em busca de consolo e procurou se convencer de que seria impossível algum dia Marcus ficar livre. Suas dívidas seriam esquecidas, sua herança seria aprovada e ela poderia pagar a anulação. Não havia por que vê-lo novamente. Ainda assim, sentiu medo.

Marcus estava deitado sobre o colchão na cela vazia, que era agora só dele, o livro sobre arquitetura naval intocado ao lado do cotovelo e uma garrafa de vinho quase tão intocada ao lado dele. A cela estava

igualzinha a quando ele entrara nela sob a luz fraca da manhã. Não havia nada para mostrar que Isabella Di Cassilis havia estado ali, e que isso mudara a vida dele. Não havia sinal dela, no entanto sua presença pairava no ar e o envolvia de tal forma que era impossível pensar em qualquer outra coisa. Durante os doze anos anteriores, pensara algumas vezes em Isabella, mas não diria que ansiara por ela. Sua boca se retorceu em um sorriso amargo. Não era o tipo de homem que pensava muito no que poderia ter sido. Não servia para ser mártir. Contudo, apesar de sempre ter acreditado que deixara para trás toda a questão de seu relacionamento malfadado da juventude, agora sabia que isto não era verdade. Agora sabia que queria Isabella e sabia que queria ir à forra.

Marcus passou a mão pelos olhos. Esforçara-se muito para tirar Isabella de sua cabeça e de sua vida, mas não fora capaz de ignorar por completo as histórias. O nome do marido dela fora sinônimo de depravação, especialmente durante os últimos anos, quando viajara pela Europa, deixando atrás de si, como um cometa, um rastro de infâmias, e levando consigo a esposa, cujo nome estava inevitavelmente arruinado devido à sua associação com a libertinagem dele. Marcus pensou em Isabella e no golpe devastador que o marido lhe acertara. Vinte mil libras era uma dívida imensa para deixar para ela, mas sem dúvida o frívolo príncipe Ernest ligara tanto para isso quanto diziam que ligava para a esposa. Podia se argumentar que era mais do que justo que Isabella, que se casara por dinheiro, na viuvez se visse esmagada por dívidas.

Marcus mexeu-se, tentando achar uma posição mais confortável sobre o colchão desesperadoramente desconfortável. Isabella escolhera casar-se com o príncipe Ernest e, agora, estava sofrendo as conseqüências dessa decisão. Rompera impiedosamente com Marcus para se casar com um nobre rico. Essa era a simples verdade. Marcus se encantara com uma aventureira.

Não quisera sentir nada por Isabella Di Cassilis quando a

encontrasse novamente. Quisera olhar para ela e nada sentir, nada de amor, ódio e certamente nada de desejo. Falhara majestosamente. Levara apenas dez segundos para se dar conta de que ainda a desejava e, quando ela tremera sob a investida de seu beijo, ele se esquecera do ambiente sombrio que o cercava na prisão e ansiara por possuí-la ali mesmo, no chão frio de pedra da capela.

Sem dúvida, indiferença era a última emoção em seus pensamentos.

Marcus ficou de pé e caminhou até a pequena grade que cobria a janela. Deparou-se com uma claridade sedutora, prometendo tudo aquilo de que abrira mão, luz, autonomia e a liberdade de fazer tudo que quisesse. Estava voluntariamente em Fleet Prison para um propósito específico, e as presunções de Isabella a respeito de sua situação financeira não podiam estar mais longe da verdade. Ele poderia pagar três vezes o valor da dívida dela sem notar a diferença.

Ele se deteve, fitando o pequeno quadrado de luz. O que ele queria de Isabella Di Cassilis? Ela o escolhera simplesmente porque ele era um marido conveniente, do mesmo modo que tomara uma decisão calculada ao casar-se com o príncipe Ernest, tantos anos atrás. Marcus lhe dera a liberdade para escapar de suas dívidas. Não lhe devia mais nada. Mas ela lhe devia uma explicação sobre o passado, assim como uma desforra pelo presente. Quando ele lhe pagasse todos os credores, ela lhe deveria muito mais.

Seu trabalho ali estava quase completo. De qualquer modo, pretendia solicitar a sua soltura em mais uma semana, mas poderia facilmente antecipar isso alguns dias. Provavelmente, era mesmo preferível ir embora agora. A visita de Isabella, e sua generosidade, o haviam tornado alvo de curiosidade, e não podia se dar a esse luxo. Já havia rumores circulando, boatos sobre a beleza de sua mulher e especulação quanto à sua verdadeira identidade. Era impossível manter segredos em um lugar como aquele.

Marcus fitou o pequeno quadrado de céu azul sobre sua cabeça.

Não tentou se enganar achando que Isabella ficaria feliz de vê-lo livre. Se havia uma coisa que descobrira na entrevista com ela é que a princesa Isabella Di Cassilis, ou, mais precisamente, a nova condessa de Stockhaven, queria um marido apenas no nome.

Marcus sorriu. Era uma pena, pois ela estava prestes a conseguir muito mais. Havia negócios inacabados entre os dois.

Ele pediu uma caneta e tinta, gastando um dos guinéus de Isabella pelo privilégio de ter a carta entregue imediatamente em um endereço em Brook Street.

O bilhete era bem simples:

Allistair, meus planos mudaram. Conto com você pára me tirar daqui prontamente. Obrigado. S.

Ele se interrompeu, depois acrescentou um *postscriptum:*

Por gentileza, descubra para mim quem são os maiores credores da princesa Isabella Di Cassilis.

O carcereiro aguardava para levar o bilhete. Marcus sabia que o homem levaria a cabo a tarefa. Os carcereiros em Fleet Prison eram bons em perceber o poder, e podiam farejar a mudança na sorte de Marcus.

Sabiam que aquele era um homem que logo estaria livre.

Capítulo Quatro

O SR. Churchward pai, da renomada firma de Londres Churchward e Churchward, advogados para os nobres e sagazes, ficou surpreso ao receber uma visita, na manhã seguinte, de ninguém menos do que a princesa Isabella Di Cassilis. Ele vira a princesa ainda no dia anterior, quando tivera a tarefa lamentável de informá-la das dívidas espantosas do seu falecido marido. A princesa Isabella recebera bem a notícia e prometera que em breve o poria a par do que pretendia fazer para levantar a quantia. Aparentemente, ela já

encontrara uma solução.

O sr. Churchward se adiantou, com a mão estendida. Se a princesa Isabella já não estivesse sentada, ele certamente teria espanado a cadeira para ela. Embora alegasse uma imparcialidade total ante todos os seus clientes, na verdade o caso era que a princesa Isabella era uma das clientes favoritas do sr. Churchward. O advogado tinha algumas idéias muito cavalheirescas sobre damas em apuros e adoraria ver um herói montado em um cavalo branco aparecer para resgatar esta dama corajosa em especial. Infelizmente, ele não era tal homem. Era apenas um advogado.

— Madame! — Ele tomou-lhe a mão, sacudindo-a calorosamente. — Não havia necessidade de vir ao meu escritório. Eu teria tido o maior prazer em lhe fazer uma visita.

— Eu não sonharia em lhe dar tanto trabalho, sr. Churchward — Isabella disse, com um sorriso que fez o sr. Churchward formigar até a ponta dos pés. — Trata-se de um assunto simples, que não levará mais de um instante. Vim acertar minha dívida e estava me perguntando se o senhor não se incomodaria de lidar com Henshalls para mim.

— Mas é claro!

O advogado tremia só de pensar em uma dama tão delicada quanto a princesa pondo os pés nos escritórios dos agiotas. Não que a princesa Isabella desse exatamente a impressão de ser frágil. Uma dama que sobrevivera aos rigores de um casamento com o imprestável príncipe Ernest merecia congratulações por sua robustez. O sr. Churchward sacudiu a cabeça. Sua expressão dizia tudo que era necessário no tocante ao assunto do príncipe esbanjador que dilapidara uma fortuna e, depois, seguira adiante acumulando dívidas com o mesmo prazer com que outros colecionavam pinturas ou antiguidades gregas. *Irresponsável*, *tolo*, *egoísta*, *insensível* e *tremendamente desagradável* eram descrições do príncipe Ernest que poderiam ter ido aos lábios do sr. Churchward, caso este fosse menos discreto. Sua boca transformou-se em uma linha fina ao fitar a dama

que era forçada a sofrer as conseqüências das imprudências financeiras do príncipe Ernest.

A princesa lhe ofereceu outro de seus sorrisos travessos que faziam a pressão sangüínea dele subir e o deixavam profundamente ruborizado. Mexendo na bolsa, a princesa Isabela tirou de lá de dentro um pedaço de papel.

— Acredito que os Henshall acharão isto em ordem — disse, com doçura. — Não gostarão muito, mas não terão como discutir.

O sr. Churchward, que esperava receber uma ordem de pagamento, descobriu em suas mãos uma certidão de casamento. Um exame mais a fundo confirmou que se tratava de um casamento realizado em Fleet Prison.

Acompanhando a certidão havia um bilhete que afirmava que um certo John Ellis estava preparado para assumir a totalidade das dívidas da esposa.

O sr. Churchward deixou escapar uma exclamação de surpresa e ajeitou os óculos, para melhor confirmar a notícia que seu coração apertado estava lhe dando.

— Mas, madame… eu… a senhora…

— Aceitei o seu conselho, sr. Churchward — Isabella disse —, e providenciei um casamento. O senhor verá que tudo é legal.

O sr. Churchward estava todo agitado. A certidão caiu dos dedos insensíveis sobre a mesa de madeira. Ele mexeu aleatória e agitadamente em várias pastas, perturbando a tranqüilidade organizada da escrivaninha.

— Meu conselho foi para se casar com um cavalheiro de fortuna, princesa, não um devedor! Devo dizer, madame, não consigo acreditar… — Ele se interrompeu e examinou a folha de papel. — Está dizendo que isto é legal?

— É claro. — Isabella passava uma impressão de muita serenidade. — Também é temporário. Como concordamos ontem, sr. Churchward, gostaria que colocasse à venda a casa em Brunswick

Gardens. Acho que ela renderá um bom dinheiro, pois fica em um bairro muito elegante. Assim que a venda for feita e o legado da tia Jane provado, eu pagarei aos Hensall o que lhes devo.

O sr. Churchward deixou escapar um choramingo, como um gato que acabara de ser pisado. Ele retirou os óculos e os poliu febrilmente. A marca vermelha que eles haviam deixado do nariz contrastava com a palidez do resto do rosto. Até mesmo sua voz parecia pálida.

— E quanto ao casamento, madame?

— Também darei um fim nisso, é claro — Isabella fechou decididamente a bolsa. — É apenas uma questão de conveniência, sr. Churchward. O sr. Ellis ficará confinado à prisão pelo futuro próximo.

Várias objeções passaram pela cabeça do sr. Churchward. Sem dúvida, a princesa, como tantas outras pessoas que desconheciam a lei, achava ser relativamente simples anular um casamento. A maioria das pessoas achava que bastava o casamento não ter sido consumado. Ele começou a ensaiar explicações mentalmente, viu a determinação na expressão de Isabella e decidiu aguardar uma oportunidade melhor. Afinal de contas, já era tarde demais. Parte da sua habilidade em lidar com a sua clientela nobre se devia a saber escolher o momento apropriado. Esta não era a melhor hora para sugerir à princesa que ela poderia estar casada para o melhor e para o pior.

O sr. Churchward enxugou a testa com o lenço grande e prático.

— Não vou tomar mais o seu tempo, sr. Churchward — Isabella disse. Ela lhe ofereceu um último sorriso meigo. — Em algumas semanas, deixarei a cidade e seguirei para minha casa em Salterton, contudo teria o maior prazer em recebê-lo para um chá antes de partir.

— Salterton… É claro… Precisamos falar mais sobre a sua herança… — o sr. Churchward murmurou.

Outra leva de objeções lhe veio à cabeça. Ainda não tivera chance de conversar a fundo com a princesa Isabella sobre o legado da tia, lady Jane Southern, pois outros assuntos mais urgentes haviam tomado precedência. Ele se perguntava o quanto a princesa sabia a

respeito de sua herança de Salterton Hall e as dificuldades do espólio.

Churchward voltou a enxugar a testa. Será que deveria deixá-la a par dos problemas agora, e explicar a natureza extremamente delicada de seu relacionamento com o inquilino da residência da viúva? Ele hesitou. Melhor não. Isabella já estava de pé, preparando-se para ir embora. Não queria retê-la mais do que o necessário.

— Talvez possamos deixar marcado para semana que vem, madame — sugeriu. — Eu gostaria de uma oportunidade para deixá-la a par dos detalhes do espólio.

Isabella assentiu.

— Obrigada, sr. Churchward. Terça seria conveniente para o senhor?

Ela já estava quase saindo pela porta, deixando para trás apenas o seu delicioso perfume pairando no ar. Churchward a escutou despedir-se dos funcionários do lado de fora de sua sala. Depois, escutou-lhe o som dos passos nas escadas, acelerando, como se desejasse se livrar de uma obrigação indesejada. O sr. Churchward exibiu um sorriso cansado. Quando chegasse à rua, ela já estaria quase correndo.

Ele leu, pela terceira vez, a certidão de casamento e a nota promissória. Sua mão distraidamente abriu a gaveta da escrivaninha surrada, onde uma garrafa de xerez ficava guardada para emergências. Isto sem dúvida nenhuma se qualificava como uma grande emergência. Ele se deteve. Contudo, seria mais prudente, primeiro, lidar com os Henshall. Não estava ansioso para dar aos agiotas mais inescrupulosos da região a notícia de que as dívidas da princesa Isabella de Cassilis eram agora impossíveis de ser cobradas, que elas eram agora responsabilidade de algum gastador desafortunado de Fleet Prison. Ele pegou o chapéu e dobrou a certidão de casamento, colocando-a no bolso do colete. Às vezes achava que não recebia o suficiente pelas dores de cabeça que seu trabalho lhe trazia. Contudo, para a princesa Isabella Di Cassilis, faria

quase qualquer coisa.

Uma hora mais tarde, o sr. Churchward voltava a subir as escadas que levavam ao seu escritório. Seja estava pálido antes, agora estava cadavérico de tão branco. Seguiu direto para a escrivaninha, pegou o xerez e resistiu à tentação de bebê-lo direto da garrafa. Estava tremendo tanto que o gargalo da garrafa sacudia como Uma canhonada sobre o copo de xerez. Com um suspiro profundo, largou-se na poltrona, levou o copo à boca e engoliu o líquido revigorante como se este fosse água.

Para a sua enorme surpresa, os irmãos Henshall ficaram muito felizes em vê-lo. Apenas uma hora antes, haviam recebido a visita de um cavalheiro que havia sanado, em espécie, todas as dívidas da princesa Isabella Di Cassilis. Todo mundo parecia ter ficado satisfeito.

Sentindo o xerez lhe aquecer o sangue nas veias, o sr. Churchward refestelou-se na poltrona. Tentava entender aspectos deste caso que o confundiam, os quais, praticamente, eram todos. A princesa Isabella dera a entender que o seu novo marido estava trancafiado e que assim permaneceria pelo futuro próximo; no entanto, quando Churchward chegara nos agiotas, descobrira que o cavalheiro não só estava em liberdade, mas que já havia pago as dívidas da princesa.

Ele se perguntou por que diabos Isabella não havia lhe contado a verdadeira identidade do marido.

Perguntou-se o que diabos Marcus Stockhaven, um dos homens mais ricos da elite da sociedade, estava fazendo em Fleet Prison.

E perguntou-se por que *diabos* seus dois clientes mais nobres estavam entrando em um aparente casamento de conveniência para depois esperar que *ele* providenciasse a anulação.

— Ah, minha nossa, minha nossa, minha nossa — o sr. Churchward disse com infelicidade, esvaziando a garrafa de xerez no seu copo.

Um terceiro copo de xerez era algo anteriormente desconhecido na experiência do sr. Churchward, contudo circunstâncias

desesperadoras exigiam medidas extremas.

— Como estou?

Marcus Stockhaven inclinou a cabeça para um dos lados, para melhor admirar o nó da gravata no espelho sobre a cornija da lareira da sala de estar.

— Como um homem que acaba de passar três meses dando o nó na gravata em uma adega escura — disse brutalmente seu amigo Alistair Cantrell.

Marcus sorriu.

— Tão ruim assim? — Ele examinou pensativamente o próprio reflexo no espelho e passou a mão pela barba malfeita que lhe recobria o queixo. — Estou precisando de um barbeiro.

— Precisa de mais do que isso. — Alistair olhou ao redor. — Onde está o seu criado?

— Dei férias a todos os serviçais enquanto estava fora — Marcus disse. — Por que acha que está tendo que servir você mesmo o seu conhaque?

Ele observou Alistair afundar o corpo magro na poltrona ao lado da lareira. Em comparação com as outras mansões de Londres, Stockhaven House era pequena e totalmente desprovida de pompa. Os condes de Stockhaven jamais tiveram a necessidade de ostentar sua riqueza e linhagem através de exibições vulgares, e Marcus não fugia à regra. Ainda assim, uma casa como aquela exigia um certo número de empregados para cuidar dela. O aposento estava frio, pois a noite de junho estava úmida para aquela época do ano. Nenhum fogo ardia na lareira, a poeira cobria a mobília de cerejeira e toda a casa dava uma ligeira impressão de abandono.

— E então? — Alistair disse, desviando sua atenção do conhaque para estudar o rosto de Marcus. — Por que a mudança de planos?

Marcus deu de ombros.

— Meus negócios já estavam quase terminados — disse — e eu

estava começando a chamar atenção de um modo que não me agradava. — Ele tomou um gole do conhaque, fez uma careta e pousou o copo sobre a mesa. — Ou alguém vendeu minhas bebidas enquanto estive na prisão e as substituiu por restos de chá ou perdi o paladar para conhaque.

Alistair pareceu intrigado.

— O conhaque está ótimo, Marcus.

— Neste caso, meu paladar definitivamente foi arruinado pela lavagem que passa por comida lá dentro — Marcus afirmou, suspirando. — Foi o que eu pensei. Um homem precisaria estar realmente desesperado para tolerar restos de comida como aqueles.

Alistair sorriu.

— Como Harrow, se não me engano. Mas conseguiu descobrir o que queria? — Ele gesticulou com o copo de conhaque. — Encontrou Warwick, e seus criminosos? Deve ter percebido que estou quase explodindo de curiosidade. Conte-me tudo.

Marcus esticou as pernas compridas na direção da lareira vazia. Sentia-se como a casa, frio e vazio. Uma das razões de ter sido capaz de passar três meses em Prison Fleet foi que não havia ninguém para lhe sentir a ausência. Desde a morte da esposa, anos atrás, passara muito tempo viajando. Ninguém ficava mais surpreso quando ele desaparecia por meses a fio, e havia grande procura para trabalhar para ele, visto que seus empregados tinham as férias mais longas de Londres.

Nos três meses desde que fora solto de Fleet Prison, notara mais do que nunca o vazio de Stockhaven House. Era estranho, visto que a solidão jamais o incomodara antes. Contudo, agora, achava que queria mais, embora não soubesse dizer exatamente o quê. Uma casa cheia de criados não parecia ser a resposta.

— Descobri que a prisão é um terreno fértil para o recrutamento de homens para a fraternidade criminosa — disse, em resposta à pergunta de Alistair. — Devedores que estão tão desesperados pela

liberdade que são capazes de prometer qualquer coisa para se verem livres da cadeia.

Alistair franziu os lábios em um assovio silencioso.

— Exatamente como você pensou. Mas, decerto, não seria melhor recrutar um bando de criminosos de carreira em Newgate, em vez de em Fleet Prison?

Marcus sacudiu a cabeça.

— De que adianta recrutar um sujeito que pode muito bem ser enforcado no dia seguinte? Os devedores de Fleet Prison são uma classe melhor de criminosos. Alguns podem até nem ser criminosos. Mas todos estão desesperados por falta de dinheiro, e o homem que pagar a saída deles da cadeia os têm no bolso pelo restante de suas vidas.

— Edward Warwick é um desses homens?

Marcus assentiu. Caçar Warwick, um gênio criminoso, havia sido o motivo de ele estar em Fleet Prison em primeiro lugar.

— Ele, sem dúvida, é um dos jogadores principais — disse. — Passei três meses em uma cela com homens que tinham pavor do simples nome dele. Todos os meus companheiros de cela estavam apavorados demais para me revelar mais do que simples vestígios de informação a respeito dele. Soube que Warwick compra as dívidas de um homem, compra a sua alma, de modo que este tenha de dançar de acordo com a música dele.

Alistair estreitou os olhos, pensativamente.

— Ao que parece, você foi esperto ao fazer sua investigação incógnito. Não teve oportunidade de conhecer o homem pessoalmente durante sua estadia na prisão?

— Infelizmente não, embora ele visite regularmente a prisão para recrutar homens. Mas talvez tenha sido bom que Warwick e eu não tenhamos nos encontrado ainda. — A boca de Marcus se transformou em uma linha séria. — Quando isso acontecer, quero estar mais bem preparado.

Alistair Cantrell assentiu.

— E descobriu alguma coisa útil sobre o incêndio em Salterton? Pode ligá-lo definitivamente a Warwick?

— Posso — Marcus. afirmou.

Seu olhar voltou-se para dentro, para longe, do aposento frio e empoeirado. Foi terrível aquela noite de inverno em Salterton, seis meses atrás. Fora a noite em que a mãe de sua esposa, lady Jane Southern, falecera. Ele estivera em Salterton Hall tentando restaurar a ordem e trazer conforto para os criados, muitos dos quais serviam há anos a família Southern. Marcus estava pesaroso e exausto, e ao retornar à sua própria casa na propriedade, quase à meia-noite, nada mais queria do que o esquecimento oferecido pelo sono. Em vez disso, flagara um garoto no ato de roubar os aposentos de sua falecida esposa. O menino derrubara um lampião em sua tentativa de escapar. Em questão de segundos as tapeçarias e as cortinas estavam em chamas, assim como as roupas do menino. Tentando escapar, este dera um salto desesperado através da janela.

A noite transformou-se em um pesadelo.

O fogo era um fenômeno verdadeiramente apavorador. Mais de uma vez, Marcus já o vira espalhar-se por um navio de guerra, Mesmo agora, podia escutar o barulho do arsenal explodindo e sentir a onda de choque propagar-se pela água. O fogo que destruíra o segundo andar de sua casa, em Salterton, fora em escala muito menor, mas não menos devastador. Marcus ainda podia ver a imagem do jovem estendido sobre o cascalho, uma figura pequena e amarrotada que mal devia ter 11 anos de idade, por demais digna de piedade para ser considerada um criminoso. Quando alcançou o menino, receou que estivesse morto, porém ele estava vivo e delirando. Seus olhos estavam abertos e ele repetia sem parar o nome *Warwick*, como um mantra. Quando Marcus o interrogou, gentilmente, o menino murmurou:

— O sr. Warwick me enviou para encontrar o que é dele por

direito.

Em seguida, o garoto perdeu a consciência.

Marcus chamou o médico, que ainda estava em Salterton Hall, e pagou ele mesmo pelo tratamento do menino. Sentia-se estranhamente culpado pelos ferimentos do garoto, que era filho de um dos aldeões de Salterton. Sua família o levou para casa para cuidar dele. Havia confusão e constrangimento nos olhos deles, enquanto tentavam explicar para Marcus que Edward era um bom menino e que eles não conseguiam entender onde haviam errado. Marcus não prestou queixa, apesar da desaprovação da polícia. Semanas mais tarde, soube que o garoto havia fugido, embora ainda perigosamente enfraquecido pelos ferimentos. Seus pais caíram ainda mais em depressão e se tornaram meras sombras das pessoas que já haviam sido. Outrora respeitados e seguros de seu lugar na comunidade, eles se tornaram fantasmas. Como sempre fizera, John Channing continuou trabalhando em sua sapataria, mas passou a ser sorumbático e jamais sorria. Mary Channing lavava roupas para fora, mas desviava o rosto ante os mexericos dos vizinhos. E, quando Marcus os visitava, ele logo se deu conta de que sua presença era um tormento para eles, não um conforto, pois eram lembrados da desgraça que o filho trouxera ao nome deles.

Foi então que Marcus ficou determinado a descobrir o que havia acontecido para tirar Edward Channing do bom caminho. Queria descobrir a identidade do misterioso titereiro cujas manipulações fizeram Edward invadir a casa de Marcus e incendiá-la. Precisava saber o que o garoto estava procurando.

E também havia outro mistério. Na noite de sua morte, Lady Jane Southern teve um visitante. Ninguém o viu partir e, após a morte dela, a maioria das pessoas se esqueceu dele. Contudo, Marcus estava convicto de que sua presença teve algo a ver tanto com a morte de lady Jane quanto com o incêndio.

— O sr. Warwick me enviou para encontrar o que é dele por

direito…

Marcus não tinha idéia do que é que ele aparentemente possuía. Sua única pista era o nome de Warwick, e teve muito cuidado em suas investigações, não sendo muito evidente em suas perguntas e atraindo o mínimo de atenção possível para si.

Foi quando abordou o secretário do Interior, Lord Sidmouth, que descobriu a conexão com Fleet Prison. Sidmouth mostrou-se muito interessado em Warwick e suas atividades. O homem era um gênio do crime, dissera o secretário do Interior, buscando apoio entre os devedores desesperados que enchiam a prisão. Ele dera a Marcus permissão implícita para dar prosseguimento à sua investigação, dentro da prisão.

Alistair aguardava pacientemente, o olhar pensativo fixo no rosto de Marcus. O amigo era a única outra pessoa a saber da missão de Marcus para encontrar Edward Warwick.

— Tive de ter muito cuidado para evitar suspeitas — Marcus disse. — Deixei escapar que soube de um enorme incêndio em uma casa em Salterton, e de que havia um bocado a se lucrar ali, e alguns poucos admitiram que Edward Warwick dissera que havia um tesouro, só que ele não fora encontrado.

— Tesouro? — Alistair repetiu.

— Foi a palavra que usaram.

— O que pode significar dinheiro, ou jóias…

— Ou informação. Alistair esfregou a testa.

— Informação na sua casa que você desconhece, Marcus?

— Pode ser. Ou talvez informação que lady Jane possuísse. Curioso, não acha? — Ele girou o copo de conhaque vazio entre os dedos. — Estou tão longe de descobrir o que é que Warwick quer e saber mais a respeito do próprio homem quanto antes. Ele tem tantos nomes e disfarces quanto tem interesses criminosos, mas é tão temido e protegido que não pude descobrir mais do que isso.

— Quer dizer que perguntou na prisão e descobriu muito pouco —

Alistair disse, pensativamente. — O que se propõe a fazer agora?

— Duas coisas — Marcus respondeu. Sabia que não podia deixar o assunto de lado agora. — Farei mais perguntas sobre os negócios de Warwick aqui em Londres, e, se isso falhar em fornecer informações novas, voltarei para Salterton, onde tudo começou, e verei o que posso descobrir de lá. A reforma da residência da viúva está quase pronta. Será bom ver como ficou.

— Suponho que terá um novo senhorio, agora que lady Jane faleceu! — Alistair disse, pensativamente. — Para quem ela deixou a propriedade? Presumo que Freddie Standish seja o parente masculino mais próximo dela.

— Ele é, mas não é o herdeiro da propriedade. Salterton Hall não estava vinculado à herança.

Ele se interrompeu. O contrato de arrendamento de sua casa em Salterton, que era pouco mais do que um espaçoso chalé que ficava no terreno de Salterton Hall, fora concedido a ele quando desposara a prima de Isabella, India Southern. Ele tinha várias casas, mas fora um arranjo conveniente aceitar Salterton Cottage, pois dava a India a sua própria casa quando ela queria visitar os pais em Salterton Hall. Lady Jane sempre gostara dele e permitira que continuasse como inquilino após a morte de India, e, embora ele houvesse visitado Salterton com menos freqüência, ainda aparecia por lá sempre que possível. Foi em uma dessas visitas que lady Jane lhe dissera que deixaria Salterton Hall para Isabela, após a sua morte. Marcus já sabia, embora não tivesse dito nada. Os termos da herança de lady Jane haviam sido objeto de discórdia entre ela e a filha India, quando vieram à tona.

— Mamãe sempre gostou mais de Isabella do que de mim! — India dissera para ele certa vez, durante um rompante de fúria muito incomum para ela. — Ela me disse que não preciso de Salterton, visto que sou casada com você, e que Isabella sempre teve mais carinho pelo lugar do que eu! — O rosto de India estava distorcido de aflição. — Minha prima tem escrito para minha mãe e fingido um interesse e

uma preocupação que, na verdade, ela não tem! Primeiro ela se casa com aquele velhote nojento, pelo dinheiro dele, e agora rouba a minha herança! Não consigo acreditar que mamãe tenha feito isso comigo!

Marcus tentara acalmá-la, mas India se recusava a ser confortada, e, depois disso, houve uma certa tensão constante entre mãe e filha. Como India falecera antes da mãe, a questão da herança de Salterton tornara-se praticamente acadêmica. Contudo, Marcus jamais esquecera a traição amarga sofrida por India. Parecia ser mais um exemplo da cobiça de Isabella.

Um sorriso sardônico curvou os lábios de Marcus ante o pensamento de sua nova esposa como herdeira, além de sua senhoria. O que foi mesmo que Isabella dissera? Seu constrangimento financeiro era de natureza temporária, e o casamento de conveniência dos dois duraria apenas até ela ter vendido sua casa e recebido sua herança. Ele presumira que ela esperava conseguir salvar pelo menos alguma coisa do espólio do príncipe Ernest, mas, agora, se perguntava se Isabella não estaria contando com o legado de Jane Southern. Era mais um elo na cadeia sombria de vínculos familiares e história antiga que os ligava um ao outro.

— Freddie Standish precisa do dinheiro — Alistair disse, interrompendo os pensamentos de Marcus. — Ele não vai gostar nada de perder a herança. Soube que sobrevive apenas com o seu salário e a parca mesada da srta. Standish. O sujeito está em uma situação periclitante.

Marcus jamais tivera muito a dizer para Freddie, o lorde Standish. Fora apenas uma casualidade de casamento que os tornara primos distantes, e seus caminhos raramente se cruzaram. Na verdade, certa vez, pressentira um certo desgosto de Freddie por ele, um sentimento tornado ainda mais forte pelo fato de não ter sido expressado, e ele evitou o homem com um dar de ombros repleto de indiferença.

Tinha mais consideração pela irmã de Isabella, Penelope, uma espantosa literata que tinha o azar de dividir uma pequena casa com

Freddie em uma parte antiga da cidade. Mas Pen Standish jamais se apresentara à sociedade, de modo que ele não a conhecia bem.

— Não imagino Standish optando por morar em Salterton — Marcus disse. — A cidade é o seu habitat natural.

— Ele poderia ter vendido a casa — Alistair retrucou.

— O que, sem dúvida, foi um dos motivos para lady Jane optar por deixá-la para outro membro da família. Queria que fosse para alguém que ela achava que cuidaria da propriedade.

Alistair parecia confuso:

— Não você, Marcus? Lady Jane adorava você.

— Não — Marcus respondeu, sacudindo um pouco a cabeça. — Ela não me deixou a propriedade.

— Então, para quem?

— Acho que a herdeira dela é a princesa Isabella Di Cassilis.

Alistair assoviou baixinho. Seus olhos se iluminaram.

— Então f*oi por isso* que me pediu para verificar as dívidas da princesa! Soube que ela havia retornado a Londres. Os jornais não falam de outra coisa.

Marcus hesitou. Apesar de ter pedido que Alistair descobrisse informações a respeito da dívida de Isabella para com os Henshall, ainda não confidenciara a verdade sobre o seu casamento para o seu amigo mais antigo. Alistair, que fora o seu padrinho no malfadado casamento de doze anos atrás, ficaria surpreso de saber que Marcus havia concordado em desposar Isabela agora. Não, ficaria muito mais do que surpreso. Pensaria que Marcus perdera a razão. E, para Marcus, admitir que seu motivo era pura e implacável vingança parecia ser, de algum modo, ignóbil. Não era o tipo de coisa que um homem confessava para outro. Ainda assim, não podia manter o amigo na ignorância por muito mais tempo. Toda Londres logo estaria sabendo da união.

— Havia um outro motivo para eu estar interessado na situação da princesa — disse, lentamente. — Nós nos casamos na terça-feira. Ele

aguardou, enquanto Alistair, piscando repetidamente os olhos arregalados, olhou para a garrafa de conhaque e, depois, para ele. Os lábios de Alistair moveram-se silenciosamente, formando as palavras *princesa* e *casamento.* Marcus sorriu.

— Diabos, ao que parece, colocaram mesmo alguma coisa no seu conhaque, Marcus — Alistair disse, após um instante. — Ou isso ou enlouqueci de vez. Pensei escutar você dizer que estava casado com a princesa Isabella. Devo estar escutando coisas.

— Escutou direito — Marcus afirmou. Ele sorriu ligeiramente. — Sei que a notícia de minhas bodas é meio súbita.

— E inesperada. — Alistair franziu a testa para ele. — Não fazia idéia de que você gostava tanto de Salterton Hall que estava preparado para desposar a sua herdeira, só para ficar com a propriedade. Por que não pôde simplesmente fazer uma oferta de compra pela casa para lady Jane? Ou será que isso era fácil demais para você?

— Não foi nada disso — Marcus protestou.

— Um namoro-relâmpago na prisão, não foi? —Alistair disse, sarcasticamente. — Ah, quanto romance! — Ele recostou-se na poltrona larga, com um ar resignado. — Maldição, Marcus, detesto quando você vem como essas surpresas.

Marcus suspirou:

— Na verdade, não há muito a contar. Nós nos encontramos, nos casamos, e, agora, voltei para reclamar minha noiva.

— Como é de praxe se fazer — Alistair disse, com secura. Ele mexeu-se na cadeira, esfregando a testa. — Suponho que saiba que casamentos em Fleet Prison passaram a ser ilegais há quase cinqüenta anos.

— Eu sei.

Marcus ficou de pé e espanou as mangas do paletó, em uma tentativa de fazer o antigo traje noturno parecer um pouco menos reluzente e um pouco mais aceitável para ser usado em meio à

sociedade. Tinha de estar na sua melhor aparência, se queria realmente fazer um espetáculo de sua reivindicação de Isabella como sua esposa. Contudo, não estava sendo muito bem-sucedido em seus esforços. Considerou a possibilidade de visitar o seu alfaiate, além do barbeiro, na manhã seguinte.

— Este casamento, contudo, não é ilegal — prosseguiu. — Foi celebrado por um padre ordenado e autorizado por uma licença especial. Está assinado e registrado. Pode acreditar que a princesa Isabella se certificou disso. Ela não podia se dar ao luxo de o casamento ser revogado.

Alistair assentiu:

— É claro. As dívidas.

— Isso mesmo.

Os cantos da boca de Alistair se inclinaram para baixo em sinal de reprovação.

— Chego à conclusão de que um de nós dois realmente enlouqueceu, Marcus, e não acho que tenha sido eu. Como pôde sequer cogitar tal arranjo, dada a sua história com a princesa Isabella? — Ele puxou Marcus pela manga, forçando-o a se sentar. — Pare de mexer nesse paletó, Marcus. Nada vai fazer com que ele fique mais bonito. Em vez disso, me conte o que está acontecendo.

Marcus recostou-se com um suspiro:

— É um casamento de conveniência — disse. — A princesa Isabella precisava de um marido para manter longe os credores, e, baseada no nosso breve relacionamento anterior, ela me procurou para ajudá-la. Ajuda que fui… — Ele hesitou. — Fui persuadido a dar.

Alistair estreitou os olhos.

— Quanta insanidade, Marcus! Breve relacionamento anterior, pois sim!

— Sei que deve parecer estranho — Marcus admitiu. Inclinou-se para frente, sentindo o paletó apertar ao redor dos ombros. — Hummm. Estou precisando de um guarda-roupa novo…

— Para combinar com a sua esposa nova, eu suponho. Você não está dizendo coisa com coisa, Marcus. Pensei que ninguém, além de mim, soubesse de sua missão na prisão, Como foi que a princesa Isabella o encontrou?

— Por um feliz acaso — Marcus respondeu, ligeiramente sério. — Como disse, ela precisava de um devedor, e eu estava à disposição.

— Uma ova que estava! Ela sabe que você estava em Fleet Prison de livre e espontânea vontade?

— Ainda não. É uma das muitas surpresas que tenho para ela, esta noite. Não posso dizer que ela vá ficar feliz de me ver, mas nada posso fazer a esse respeito.

Alistair o fitou com seriedade.

— Sempre supus que casamentos deveriam ser eventos felizes — disse. — Você não me parece muito enamorado de sua noiva, Marcus. Além do mais, esse é um comportamento muito atípico de sua parte.

Marcus estava irrequieto. Estava irritado e suspeitava que era consigo mesmo.

— Muito pelo contrário, é muito típico. Fiquei entediado com as convenções da sociedade…

— Quer dizer que providencia o seu encarceramento em Fleet Prison e, como parte da transação, se casa com uma princesa de reputação duvidosa — Alistair o interrompeu.

— Exatamente. — Marcus ficou em silêncio por um instante. — Contudo, por ora, o casamento deve permanecer em segredo. Agradeceria se pudesse mantê-lo assim, Alistair.

— Por quê? — o amigo perguntou, sem rodeios. — Quer dizer, por que é um segredo, não por que deveria ajudá-lo a mantê-lo assim, e nem precisa pedir, se é o que quer.

— Há vários motivos — Marcus explicou. — Em primeiro lugar, minha esposa não sabe que não estou mais na cadeia e quero discutir a questão com ela, antes que nosso casamento venha a público. Em segundo lugar… — Ele hesitou. — Bem, já disse que é uma união de

conveniência. Pode ser que o casamento não dure muito.

Alistair estava sacudindo a cabeça.

— Muito irregular. Quanto mais escuto, pior a coisa fica. Espero que saiba o que está fazendo, Marcus.

— Não tenho certeza de que sei — Marcus admitiu. — Contudo, se eu pudesse pedir para que, por ora, mantenha em segredo…?

— Prometo ser um túmulo — Alistair disse. Ele sacudiu a cabeça. — Deus, mas eu daria um braço para ver a cara das matronas quando se derem conta de que outro conde está fora do mercado casamenteiro! E ainda por cima pego por uma dama com uma reputação tão escandalosa…

Ele se interrompeu. Seguiu-se um breve e profundo silêncio. A desolação no coração de Marcus se comparava apenas à pena no olhar de Alistair.

— É mesmo — Marcus disse.

— Minhas desculpas — Alistair disse. — Estou certo de que não quer escutar ninguém espalhando boatos sobre sua esposa.

Os lábios de Marcus se cerraram, desenhando uma linha fina. Quando Alistair falara, sentira a raiva se espalhar pelo seu corpo como uma descarga elétrica. Que Deus o ajudasse se uma menção passageira sobre Isabella era capaz de fazer isto com ele… Sentia uma fúria possessiva e incandescente, maior do que qualquer outra coisa que já experimentara. Por direito, Isabella Di Cassilis era dele, agora mais do que nunca, e ele não descansaria até que isso fosse verdade em palavras e em atos, e a lembrança do que acontecera antes houvesse sido apagada.

Ele enfiou os punhos cerrados nos bolsos è, lentamente, os descerrou.

— Isto é um casamento de conveniência Alistair — disse, tentando dar por encerrada a conversa.

— E, até agora, a conveniência parece ser toda da princesa — Alistair argumentou. — Não quero me intrometer, Marcus, mas como

você se beneficia nisso tudo?

Os olhos de Marcus fitaram os dele diretamente.

— Quero ir à forra. Ela me deve isso.

Alistair voltou a sacudir a cabeça.

— Não há nada tão amargo e vazio quanto a vingança, Marcus. Deixe para lá.

— Não é por minha causa — Marcus retrucou, sabendo que estava mentindo, pelo menos em parte. — A princesa Isabella provocou um afastamento entre India e a mãe que as duas jamais superaram.

— E você se sente culpado por India. Sendo assim, quer fazer a princesa Isabela sofrer pela sua culpa. A raiva fervilhou no íntimo de Marcus.

— Não há muitos homens de quem eu aceitaria impunemente um comentário desses — disse, através dos dentes cerrados.

— Não há muitos homens que teriam a coragem de lhe dizer a verdade—Alistair retrucou, com calma inabalável.

A tensão no interior do aposento aliviou-se um pouco. Marcus deixou escapar uma breve risadinha.

— Maldito seja, Alistair. — Com prazer, amigo velho.

Um silêncio se abateu sobre a sala.

— De fato, sinto-me culpado — Marcus admitiu, após um instante, dia e eu tivemos vidas tão separadas. Eu nunca lhe dei muito apoio.

— Ela teria morrido de qualquer jeito, Marcus. Você não foi responsável por isso.

Marcus mexeu-se, inquieto.

— Se eu estivesse aqui na cidade, em vez de em Stockhaven… Alistair sacudiu a cabeça.

— Marcus, ela foi atropelada por uma carruagem. Foi um acidente.

Marcus nada disse. Ele se perguntou se, algum dia, seria capaz de pensar na falecida esposa sem o devastador misto de culpa e remorso que sentia agora.

Após um instante, ele perguntou:

— Você, por acaso, não saberia onde a princesa Isabella estará esta noite?

Alistair o fitou com desconfiança.

— O quê? Sou o seu secretário social agora? Ela é *sua* esposa. Isso é o tipo de coisa que maridos têm de saber.

Marcus suspirou:

— *Touché*, amigo velho. E então? Alistair também suspirou.

— Você a encontrará no baile da duquesa de Fordyce. A velhota é extremamente arrogante, mas não arrogante a ponto de dispensar realeza.

— Realeza estrangeira, com uma reputação maculada?

— É sempre bem-vinda. Oferecerá aos convidados da duquesa algo sobre o que falar.

— Hummm.

Marcus descobriu que não gostava nada da idéia de pessoas olhando para Isabella como se esta fosse uma atração de circo. Sabia que não deveria fazer diferença para ele, porém fazia, e era uma noção que não o agradava muito.

— Tem um convite? — perguntou. Alistair deu a impressão de estar cansado.

— Segundos filhos não recebem convite para as festas da duquesa de Fordyce, Marcus. — Ele franziu a testa. — Pensei que íamos ao White's esta noite.

Marcus sacudiu a cabeça.

— Mudança de planos. Quero saciar minha súbita vontade de estar em meio à sociedade. Acha que a duquesa receberia de bom grado um conde itinerante, em vez de um filho mais novo?

— Se o conde for rico e respeitado o suficiente, ele seria recebido de braços abertos. Contudo, não sei se ela o aprova, Marcus. Sua reputação não é das melhores.

Marcus deu a impressão de estar ofendido.

— Como não?

— Bem, no mínimo você é… — Alistair fez um gesto vago no ar, como se tentando achar a palavra certa. — Excêntrico. Diferente. Não é um conde como os outros. Você *tem* interesses estranhos.

— Meus interesses não são estranhos.

Alistair pegou um livro sobre a mesa e o inclinou na direção da luz do abajur.

— *Arquitetura Naval Teórica* — leu em voz alta. — Preciso dizer mais alguma coisa?

Marcus deu de ombros.

— Estou encarregado de projetar uma nova fragata para o Almirantado, que vem tendo problemas com os navios mais rápidos da Marinha americana e quer algo que se compare a eles.

Alistair riu.

— Duvido que tais projetos, por mais mérito que tenham, convenceriam a duquesa de Fordyce de que você não foge ao convencional, Marcus.

— Bem, se a duquesa não quer me convidar, eu terei de convidar a mim mesmo — Marcus disse. — Duvido que ela chegue a ponto de mandar me pôr para fora.

Alistair ergueu as sobrancelhas com uma expressão crítica.

— E pretende comparecer a um baile da sociedade com essa aparência?

— É claro. — Marcus ficou de pé. — Minha história será que acabei de voltar da Itália. Eles são muito menos exigentes em termos de vestimenta no continente.

— E têm que ser mesmo, se relevam uma aparência como a sua — Alistair disse, com um sorriso. — Contudo, se tivermos sorte, a festa já estará em pleno andamento e ninguém nos notará.

— Muito pelo contrário. Eu pretendo fazer uma entrada triunfal.

— Para quê?

Os olhos de Marcus brilharam.

— Para desconcertar minha esposa, é claro. Será um prazer. — Ele

ficou de pé. — Quer dizer que será um túmulo, não é? — disse, olhando para o amigo. — Muito apropriado, visto que imagino que a princesa Isabella verá minha chegada como o enterro de todos os seus planos. — Ele deu um tapa nas costas de Alistair. — É melhor não perdemos tempo, Estou ansioso para reclamar minha noiva.

Capítulo Cinco

— Stockhaven tem perguntado a seu respeito, sr. Warwick.

O aposento, no topo de um prédio em Wigmore Street, era quente e opressivo. Lá embaixo, o caríssimo ateliê de costura que servia de fachada para o negócio estava fechado, como todas as noites. O igualmente caríssimo bordel que operava nos fundos estava começando a ficar movimentado.

O estonteante pôr do sol cor de pêssego e dourado estava desaparecendo por trás dos telhados de Londres, mas, dentro do aposento, as vidraças sujas pareciam bloquear tudo que era vivo e puro. Uma varejeira-azul zumbia de encontro ao vidro, tentando escapar. As velas sibilavam baixinho. O homem atrás da escrivaninha estava escrevendo. Ele não se interrompeu e nem ergueu a cabeça.

— Onde?

Sua voz era bem baixa. Era uma das coisas em Edward Warwick que assustava as pessoas: o contraste entre a superfície tranqüila e a selvageria que esta escondia.

— Em Fleet Prison.

— Eu sabia disso. —Warwick levantou a cabeça e um ligeiro sorriso tocou-lhe a boca. — Quase chego a sentir pena dele. Três meses naquele inferno e não conseguiu nada. — Sua expressão ficou séria, os olhos acinzentados se estreitando. — Suponho que ninguém tenha falado.

— Claro que não. — O outro homem estava de pé diante da

escrivaninha. Não fora convidado a se sentar. — Ninguém ousaria, senhor.

Warwick ficou de pé. Não era um homem alto. Na verdade, seu ar de quase fragilidade poderia levar as pessoas a subestimá-lo. Era louro, esbelto e tinha uma aparência tão pouco marcante que era pouco provável que as pessoas se lembrassem com clareza dele. O que era justamente o que ele queria.

— Neste caso, por que está aqui, Pearce? — Agora havia um distinto tom ameaçador na voz de Warwick. — Não pode ser para me informar de algo que eu já sei. Espero que não esteja desperdiçando o meu tempo.

O outro homem ficou nervoso.

— Não, senhor. Estou aqui porque Stockhaven se casou. Na prisão, três dias atrás. Achamos que poderia querer saber.

Warwick gelou.

— Casou? Com quem? Pearce engoliu em seco.

— Com a princesa Isabella Di Cassilis, senhor.

Um silêncio tomou conta do aposento. Nada aconteceu. Warwick estava imóvel, como se nada houvesse escutado. Ainda assim, as pernas de Pearce tremiam.

— Tem certeza?

A voz de Warwick estava bem suave agora:

— Sim, senhor. O que significa que Stockhaven…

— Agora é o dono de Salterton. É, eu sei.

Pearce ficou em silêncio. Edward Warwick não precisava dele para chegar às suas conclusões. Sua mente era aguçada como uma faca de aço. Após um longo intervalo, Warwick disse:

— Pensei que a princesa Isabella estivesse arruinada pelas dívidas e que seria forçada a vender Salterton. Isto é um aborrecimento.

— As dívidas dela eram mais urgentes do que fomos levados a acreditar. Ela não teve tempo. — Pearce sacudiu a cabeça. — Os Henshall são muito discretos, senhor.

Warwick suspirou. Nem mesmo sua inteligência era capaz de estar certa o tempo todo.

— Que inconveniente.

Pearce sabia que inconveniente era pouco. Ele aguardou.

Warwick voltou a suspirar:

— Muito bem. Deixe comigo. Vigie Stockhaven e me mantenha informado. — Ele abriu a gaveta superior e tirou de lá de dentro uma pequena bolsa. O seu conteúdo fez um ligeiro barulho metálico. Ele a empurrou para Pearce. — Bom trabalho.

Pearce ficou tão aliviado que começou a suar frio. Ele enxugou uma gota na testa.

— Obrigado, senhor.

Ele pegou o dinheiro e foi embora. O ar puro preenchia o corredor lá embaixo. Podia escutar os sons de gritinhos femininos e risadas masculinas vindos das janelas abertas do bordel. Não queria se demorar. Tinha dinheiro para uma bebida agora, e ainda tinha o seu trabalho. E a sua vida. O último homem a ocupar o cargo de Pearce havia desaparecido e fora encontrado seis semanas mais tarde, boiando no Tâmisa. Com o sr. Warwick, jamais se podia ter certeza.

Do outro lado da cidade, em Brunswick Gardens, Isabella estava lendo a edição noturna do *Gentlemen's Athenian Mercury*. O jornal estava demonstrando um interesse pela vida dela que em nada a estava agradando:

Membros da elite sem dúvida ficarão desapontados por terem visto tão pouco da adorável princesa IDC desde seu retorno do exterior. Será verdade que a princesa se tornou uma reclusa, ou será que ela simplesmente está tão sem dinheiro que não tem fundos para comprar um novo vestido para deslumbrar a sociedade? Ou, talvez, as irritáveis anfitriãs da sociedade não possam suportar um pássaro de espírito tão livre aterrissando em seus ninhos? Uma coisa é certa… Não é se escondendo em casa que a princesa encontrará um

cavalheiro rico que lhe satisfaça todas as necessidades…

Isabella abaixou o jornal com um suspiro. Havia mais de uma semana que aquela publicação vulgar vinha editando uma série de comunicados sobre o retorno de uma certa personalidade real à qual eles se referiam apenas como princesa, IDC. Não era preciso ser um dos maiores gênios da Europa para identificar à qual princesa eles estavam se referindo. Isabella voltou a suspirar. Parecia que alguém estava vendendo informações a seu respeito. A maior parte era apresentada como especulação, é claro, mas, algumas vezes, o informante chegara desconfortavelmente perto demais do alvo. Houve menções à sua necessidade de vender Brunswick Gardens House, por exemplo, e uma descrição precisa de opulência de mau gosto da propriedade. Isabella achava desconcertante alguém saber tanto a respeito de sua vida.

— A srta. Penelope Standish, Vossa Serena Alteza.

A voz tranqüila do mordomo lhe interrompeu os pensamentos. Belton falava com o ar de um homem dando notícias de gosto duvidoso. Desde o início, ficara claro para Isabella que Belton era um serviçal de distinção, que achava que podia estar ligeiramente aquém de sua dignidade trabalhar para uma família onde os genes do peixeiro do rei George se misturavam com a reputação de um príncipe europeu de terceira. Afinal de contas, ele trabalhara para as famílias mais importantes do reino. Isso só podia ser visto como um grande retrocesso.

O tom do mordomo não escapou à jovem que adentrou a biblioteca, pois ela lhe ofereceu um sorriso cintilante. Quando ele respondeu com um ligeiro, porém irresistível retorcer dos lábios, ela começou a rir.

— Boa noite, Belton. Sempre tenho a impressão de que você gostaria de ter uma respeitável duquesa para anunciar.

— Madame… Não cabe a mim demonstrar preferências — o mordomo respondeu contidamente.

Pen ofereceu-lhe outro sorriso de derreter, muito parecido com o da irmã, e adiantou-se para beijar Isabella.

— Está com uma aparência tão lúgubre esta noite, Vossa Serena Alteza — disse. — Parece até que perdeu a melhor amiga.

— Por favor, deixe de lado essa bobagem de Serena Alteza — Isabella solicitou. —Já cansei de pedir a Belton, mas ele insiste que não é apropriado me chamar apenas de madame.

— E não é mesmo — Pen disse, alegremente, largando-se sobre o sofá. — Considerando que eles têm o privilégio de trabalhar para uma princesa, o mínimo que pode fazer é dar aos criados o prazer de se dirigirem a você da maneira apropriada. Se você não sabe, não há nada pior do que uma dama de alta posição social que se recusa a aceitar a própria importância.

— Você fala muita besteira — Isabella disse.

Contudo, sentia-se mais alegre. Até a chegada de Pen estivera bebendo uma solitária xícara de chá e passando os olhos com desinteresse pelos jornais, tentando imaginar o que o *Gentlemen's Athenian Mercury* acharia da verdade. Ela convencera um antigo amor a desposá-la, casara-se em Fleet Prison e pretendia ver a coisa toda anulada assim que pudesse. Se os editores do jornal soubessem da verdadeira história, as colunas de fofocas se incendiariam.

— Você parece cansada — Pen disse, de modo solícito.

— Não dormi — Isabella respondeu com um suspiro. — Isso sempre me tira do prumo.

Na verdade, descrever a noite anterior como insone não era correto. Seus surtos de falta de sono haviam sido salpicados de sonhos interrompidos sobre Marcus de tamanho teor surpreendentemente erótico que ela acordava excitada e atordoada, incapaz de bani-los de sua mente. Fora obrigada a relembrar suas declinações em latim para tentar se acalmar com o tédio. Fora a terceira noite em que isto acontecera, e pensar nisso agora já era o bastante para deixá-la desnorteada novamente.

— Não vamos à festa da duquesa de Fordyce? — Pen indagou, retirando as luvas. Ela gesticulou na direção do vestido cor-de-rosa. — Aqui estou eu tirando a poeira do único vestido no meu guarda-roupa digno da ocasião e a encontro sentada aqui com essa cara de manhã chuvosa.

— A expressão cômica de seu rosto desapareceu. — Ah! Eu esqueci… Você foi ver o sr. Churchward esta semana sobre as dívidas de Ernest, não foi? Foi muito ruim?

— Pior do que ruim — Isabella confirmou.

Pen não escondeu sua desaprovação:

— Neste caso, estou surpresa de não encontrá-la de malas prontas — disse. — Não foi o conselho do sr. Churchward que retornasse para o continente?

— Foi uma das sugestões que ele deu — Isabella respondeu, evasivamente.

Ela não tinha a intenção de contar a Pen sobre o seu casamento de conveniência. Não era nenhum ato nobre para poupar a irmã do choque, mas vinha da certeza de que Pen desaprovaria a coisa toda e, pior ainda, expressaria tão desaprovação em termos deveras incisivos. E, como Isabella tinha planos de revogar o casamento antes mesmo que a tinta secasse na certidão, não via motivos para Pen saber de nada. Seria bom ter alguém com quem se abrir; contudo, nos últimos anos, Isabella se acostumara a guardar tudo para si e, além do mais, sabia que uma das coisas mais perigosas que poderia discutir era sobre Marcus Stockhaven.

— Esta casa vai ser vendida — prosseguiu. — Não que lamente muito isso, visto que ela pertencia a Ernest e ele a mobiliou com seu costumeiro mau gosto.

Pen olhou ao redor, examinando os ostentativos ornamentos dourados e a decoração extravagante.

— Seria apropriada para um bordel — admitiu —, mas não aprovo como residência.

— O sr. Churchward acha que algum nababo pode querer comprá-la — Isabella disse, melancolicamente. — Um lar longe do lar, por assim dizer.

— Uma excelente idéia — Pen tocou a campainha para pedir outra xícara de chá. — E, se precisar de mais fundos, pode vender um a um todos aqueles balangandãs espalhafatosos que Ernest comprou.

Isabella sacudiu a cabeça.

— Não valem nada. Assim como a maioria das minhas jóias é falsa, os enfeites também são feitos de douradura. Os tesouros dos Di Cassilis foram penhorados há muitos anos, para pagar os prazeres de Ernest.

Pen suspirou:

— Que frustrante. Você deve ter se sentido tentada a subir até o quarto de Ernest e lhe retalhar todas as roupas inglesas, depois as jogar na rua, só de vingança.

Isabella franziu a testa.

— Não posso destruí-las — disse. — Preciso vendê-las.

A porta se abriu, admitindo a entrada de um criado trazendo uma bandeja contendo um bule de chá fresco, louça de porcelana e vários bolinhos.

Pen se serviu.

— Bolinhos de aveia a esta hora da noite! — disse, com satisfação. — Que modo maravilhoso de se fortificar para o baile. — Ela mexeu lentamente o chá. — Onde vai morar quando vender a casa, Bella?

— Pretendo morar tranqüilamente em Salterton Hall com o dinheiro que tia Jane me deixou — Isabella informou. — Não vejo a hora de me tornar uma reclusa.

Pen, que estava prestes a tomar um grande gole de chá, se engasgou.

— Você não está boa da cabeça, Bella, se acha que se recolher a uma região de férias a beira-mar a transformará em reclusa — declarou. — Com certeza deve se dar conta de que sempre será um

objeto de curiosidade, ainda mais em meio a uma sociedade pequena como a de Salterton?

— Depois de percorrer ruidosamente a Europa à sombra de Ernest, eu lhe garanto que um pouco de paz e tranqüilidade é tudo que eu quero. Estou convencida de que Salterton não me achará nem um pouco escandalosa, que dirá interessante.

Pen deixou escapar um som de incredulidade.

— E eu lhe garanto que acharão. Se tivesse qualquer dinheiro, chegaria a apostar nisso. — O tom zombeteiro desapareceu de sua voz. — Sabe que vai ficar entediada, Bella. Pode até ser atraente se estabelecer em um fim de mundo tranqüilo, mas não demorará muito para você procurar uma ocupação.

— Estou certa de que encontrarei algo com o que me ocupar — Isabella retrucou, confiantemente. — Pensara muito a respeito do futuro e a idéia de um retiro sossegado era muito atraente. — Os tratamentos com água do mar, a biblioteca pública, os visitantes de Londres… Tudo colaborará para eu me distrair.

O sorriso de Pen se iluminou com um sorriso.

— Suponho que sempre poderia escrever cartas. Eu me recordo que você sempre foi uma correspondente prodigiosamente interessante durante o seu casamento.

Isabella fez uma careta.

— Obrigada, mas não. — Ela apontou para o jornal. — Parece que algum empreendedor já escolheu lucrar com minhas atividades. É apenas uma questão de tempo antes que minhas cartas sejam impressas. É muito constrangedor — acrescentou. — E, além do mais, é uma publicação de qualidade tão inferior.

— Teria sido melhor se o mexerico houvesse sido impresso no *Times?* — Pen indagou.

— Com certeza. É possível conseguir um padrão melhor de escândalo nesse tipo de jornal. — Isabella suspirou com vontade. — Não há como evitar. Toda a minha vida de casada foi acompanhada

de mexericos e entrevistas. Mas terá de desculpar se me reservo o direito de não colocar novamente a caneta no papel.

A testa de Pen se franziu ao passar os olhos pela coluna no jornal.

— Sabe quem está escrevendo isto? — Isabella deu de ombros.

— Pode ser qualquer um. Conhecidos, criados… Com certeza parece ser alguém que sabe um bocado a respeito de minha vida.

Pen mordeu o lábio.

— Pretende tentar descobrir quem é?

Isabella ergueu as sobrancelhas.

— Não vou me dar ao trabalho. Mais alguns mexericos não poderão me fazer mal.

Pen colocou o jornal de lado.

— Bom, já que não vai escrever cartas, só resta os tratamentos com água do mar — disse. — Presumindo que não morra de tanta empolgação antes! — Ela se interrompeu por um instante. — Sabe que terá Marcus Stockhaven como inquilino em Salterton? Tia Jane arrendou Salterton Cottage para ele quando Marcus e a prima India eram casados.

Isabella, cuja xícara de chá estivera precariamente equilibrada no braço da poltrona, sobressaltou-se tanto que derramou o líquido no chão.

— Marcus Stockhaven? Por que não me contou antes?

Deu-se conta de que as palavras saíram muito mais estridentes do que pretendia. Pen a fitou um pouco constrangida.

— Ora, juro que não tinha idéia de que a questão seria de tanta importância para você, após todos esses anos — ela disse. — Não é função do sr. Churchward, e não minha, deixá-la a par dos detalhes de sua herança? — Ela se interrompeu, acrescentando com maior suavidade: — Marcus mal tem visitado Salterton desde a morte de tia Jane. Não precisa ter medo de esbarrar com ele inesperadamente, se é isso que a está preocupando.

— Desculpe — Isabella disse, ainda nervosa.

Seu pulso estava em disparada e o coração batia na garganta, e fora a simples menção do nome de Marcus a causadora de tudo isso. Deus a livrasse de voltar a encontrá-lo! Seria a sua ruína. Mas, é claro, ela não o encontraria. Lembrou-se de que ele estava na prisão. Talvez o arrendamento de Salterton houvesse sido demais para ele. Visto que não era o dono da casa, não podia vendê-la para sanar suas dívidas. Isabella aproveitou a oportunidade fornecida pelo derramamento do chá para dar as costas a Pen e recompor-se.

— Não tive a intenção de falar com tanta brusquidão, Pen. Simplesmente fiquei surpresa. —Ela ergueu a cabeça, tão ruborizada quanto Pen de surpresa e consciência pesada. — Peço desculpas. Pen parecia evasiva.

— Ah, não foi nada. Tanto tia Jane quanto eu devemos ter esquecido d*e* mencionar o fato em nossas cartas.

Isabela hesitou. Havia um tom estranho na voz de Pen e uma sensação estranha pairando no aposento, como se algo não estivesse sendo dito. Ela aguardou, mas Pen apenas evitou o seu olhar e mexeu na colher de chá, derramando mel no pires.

— Quer dizer que o sr. Churchward nada lhe disse? — Pen acrescentou.

Isabella derreou os ombros. Recordou-se que, na primeira vez que se encontrou com o sr. Churchward, após ter retornado à Inglaterra, o advogado, de fato, havia tentado informá-la de certas responsabilidades no tocante à nova propriedade, mas ela não quisera falar no assunto. A questão das dívidas de Ernest havia se tornado muito mais urgente do que qualquer outro assunto e ela esquecera completamente os detalhes de Salterton. Ao que tudo indicava, essa seria uma omissão que lhe custaria caro. Parecia que ela estava presa a Marcus Stockhaven de mais maneiras do que supusera, e nenhuma delas era bem-vinda.

— Não, ele não disse — por fim, ela respondeu. — Que irritante!

Pen ergueu a sobrancelha.

— Que Churchward se esqueceu de lhe contar?

— Não! Sim! — Isabela se conteve. — Eu me recordo de ele mencionar algo a respeito de um inquilino, mas não me informei mais a fundo sobre o assunto.

— Ah, bem… — Pen parecia ansiosa para colocar de lado o assunto. — Imagino que não terá muitos problemas com Marcus. Salterton Cottage foi seriamente danificado por um incêndio alguns meses atrás e não está em condições de ser habitado. Além do mais, Marcus prefere morar em outro lugar, ou viajar. É raro vê-lo na sociedade. Sequer sei direito onde ele está agora.

Encarcerado em Fleet Prison por causa de dívidas, Isabella pensou.

Ela engoliu uma variedade de sentimentos desagradáveis e ficou calada. Suas emoções descontroladas não passavam de um profundo e sincero desejo por Marcus, que precisava ser trancafiado. Se ele algum dia fosse libertado… O simples pensamento era o suficiente para fazê-la tremer por dentro.

Ao mesmo tempo, estava confusa. O que havia acontecido para deixar Marcus em uma situação financeira tão drástica? Ela perguntara, mas ele se recusara a explicar, de modo que Isabella não insistira. Agora, se arrependia de não tê-lo feito.

Imagino que não terá muitos problemas com ele…

Verdade seja dita, já estava tendo muito mais problemas com Marcus Stockhaven do que Pen jamais imaginaria.

A irmã brincava com a xícara.

— Gostaria de poder ajudá-la, Bella — Pen disse. — Financeiramente, é claro. Sei que não foi assim que imaginou o seu retorno à Inglaterra.

Isabella sacudiu a cabeça. Apreciava a generosidade da irmã, mas, do jeito que as coisas eram, Pen já sobrevivia com quase nada. O pai delas lhe deixara uma modesta mesada, o suficiente para permitir que vivesse tranqüilamente em alguma vizinhança pouco luxuosa de Londres, mas, com certeza, não havia o suficiente para sequer começar

a pagar as dívidas de Ernest.

— Você é muito gentil, Penelope — ela disse, com um sorriso —, mas minha situação não é tão assustadora. Consegui adiar a falência por alguns meses e, assim que esta casa for vendida, voltarei a ficar solvente e se for cuidadosa, serei capaz de me sustentar no campo. Na verdade, meus planos estão correndo muito bem.

Muito bem sem levar em conta a pequena inconveniência de um marido indesejado, ela acrescentou silenciosamente. Fez uma anotação mental para perguntar ao sr. Churchward os detalhes da anulação o mais rápido possível. Isabella torcia para ser capaz de falar de assuntos como a não consumação do casamento sem ficar muito constrangida. A conversa de Pen a despertou de seus pensamentos.

— Aposto que algum cavalheiro do interior vai se interessar por você — a irmã dizia. — Um homem de fortuna e posição na sociedade de Salterton, com grandes planos para desenvolver o lugar como uma reserva de férias, e em busca de uma esposa nobre para aumentar o próprio prestígio.

— Deus me livre — Isabella disse, estremecendo. — Receio ser ultrajante demais para um homem tão correto.

A irmã olhou para ela.

— Verdade — disse, após um instante. — Há algo… — ela hesitou —… algo sofisticado demais em você para ficar sentada confortavelmente em uma cidade pequena com um marido de cidade pequena. Sei que você sempre fará algo escandaloso que chocará a nobreza local.

— Não sou escandalosa! — Isabella protestou. — Ernest era escandaloso. Eu sou muito…

— Muito…

— Muito respeitável.

— Está protestando demais, Bella — Pen disse, rindo. — É verdade que não é desconceituada no mesmo sentido que Ernest era, mas ser uma princesa lhe conferiu certos privilégios que a fazem ignorar

certas regras da sociedade.

— Insisto que me dê um exemplo — Isabella disse, indignada.

— Muito bem. — Pen parecia calmamente confiante da veracidade de suas conclusões. — Você coloca os cotovelos sobre a mesa do jantar. Dirige-se diretamente aos criados, como se eles fossem pessoas de verdade. Soube que já assistiu a lutas em Five Courts. Já andou em uma daquelas novas geringonças de roda, o que nenhuma dama poderia considerar distinto…

Isabella fez um gesto de pouco caso com a mão.

— Tais coisas não são exatamente ultrajantes!

— Você disse para a duquesa de Saint Just que ela tratava a sobrinha pior do que uma criada da área de serviço…

— Bem, era verdade. Ela forçou a menina a engomar o linho até seus dedos ficarem com bolhas!

— E disse para o príncipe Bazalget que ele era um velho devasso só de pensar em se casar com uma jovem de 17 anos de idade.

Isabella arregalou os olhos.

— O assunto em questão me tira do sério.

— É compreensível — Pen disse. — Mas será que admite que há um fundo de verdade no que eu estou dizendo?

Isabella encolheu-se um pouquinho.

— Suponho que sim. Bons modos não fazem uma princesa, não é? Pen inclinou-se para frente e lhe deu um abraço espontâneo.

— Você é maravilhosa, Bella, mas jamais será respeitável.

Os sons de uma certa comoção vieram do hall de entrada naquele instante, sugerindo que o último membro da família Standish havia chegado, e que Isabella não era a única que jamais poderia ser chamada de respeitável. Belton abriu a porta da biblioteca.

— Lorde Standish — anunciou com uma calma terrível, como se a noite só pudesse ficar pior.

Como as irmãs, Freddie Standish era muito agradável aos olhos. Louro e magro, ele sempre era querido entre as matronas, desde que

não tentasse buscar fortuna tentando se casar com uma de suas filhas. Ele dividia com Pen uma casa modesta em Pimlico e trabalhava, pelo menos em teoria, para um banqueiro que gostava do prestígio de ter um cavalheiro com título para lidar com o aspecto social de seu negócio. Apesar da infâmia de sua situação, Freddie sempre parecia bem-humorado e abençoadamente tranqüilo. Isabella o amava por isso, embora Pen insistisse que Freddie apenas tinha um tipo de humor porque era burro demais para ter desenvolvido uma variedade maior.

— Boa noite, Freddie — Isabella disse, erguendo o rosto para receber um beijo de cumprimento. — Estava contando para Pen que consegui adiar a falência por alguns meses, até a casa ser vendida.

— Parabéns — Freddie disse, sentando-se no sofá e pouco cavalheirescamente forçando a irmã a se mexer para lhe dar mais espaço. Ele olhou ao redor de si. — Eu mesmo jamais gostei daqui. Vulgar demais.

— É mesmo — Isabella disse, com um suspiro. — Em vez de ficar aqui, vou me mudar para Salterton.

Freddie deu a impressão de estar horrorizado.

— Salterton? Em Hampshire?

— Dorset — Pen corrigiu. — Eu disse para ela que era uma péssima ideia.

— E tem razão — Freddie concordou. Ele se serviu de um dos bolinhos de aveia amanteigados sobre a bandeja de chá. — Dorset é absurdamente entediante. Por que não experimenta Kent, Bella?

Isabella escutou Pen dar um suspiro exagerado. Mais uma vez, perguntou-se como a estudiosa e esperta Penelope e o intelectualmente lento Freddie conseguiam dividir a mesma casa com algo que se aproximasse de harmonia.

— Quer dizer que não vai querer me visitar? — ela disse.

— Não há perigo de isso acontecer — Freddie disse, alegremente. — Prefiro trabalhar pelo meu sustento do que me mudar para Dorset.

— Supostamente, você já trabalha pelo seu sustento — Pen lembrou ao irmão.

— Apenas em teoria — Freddie disse com um alegre sorriso.

— Infelizmente, não tenho essa opção — Isabella retrucou. — Como governanta ou criada eu jamais ganharia dinheiro suficiente, em toda a minha vida, para cobrir as dívidas de Ernest. E a única outra opção é me tornar uma prostituta. Suponho que eu possa trabalhar em casa e o horário é bom…

— Alto lá, Bella! — Freddie ficou tão escandalizado que seu bolinho de aveia pela metade caiu do prato.

Pen o pegou.

Isabella acariciou-lhe o braço.

— Sinto muito, Freddie. Eu estava apenas brincando.

— Eu espero mesmo que sim — Freddie disse, empertigando os ombros. — Chefe da família. Não poderia aprovar. Sinto muito, Bella, mas é assim que as coisas são.

— É claro que não — Isabella disse, tentando consolá-lo.

— Preferiria que se casasse com Augustus Ambridge a contemplar uma carreira como mulher de reputação suspeita — Freddie disse. — E isso não é algo que se esperaria escutar de mim. Desta vez, foi Pen quem interveio:

— Quanto a isso, não posso concordar com você, Freddie. Augustus Ambridge é o mais entediante dos chatos.

Eles começaram a discutir como um par de colegiais, e Isabella suspirou. Ainda bem que nenhuma das possibilidades que ela estava considerando era dividir a casa com os irmãos em Pimlico. Caso isso acontecesse, provavelmente enlouqueceria em dois dias. Os dois sequer notaram quando ela deixou o aposento para ir procurar sua capa e os sapatos de festa para o baile.

Ao descer as escadas, encontrou Belton, todo empertigado, como um galeão com as velas cheias de vento.

— Lorde Augustus Ambridge chegou e a está aguardando em sua

carruagem, Vossa Serena Alteza — Belton anunciou, enfim com um vestígio de aprovação no seu tom.

— Obrigada, Belton — Isabella disse.

Ela colocou a cabeça para dentro da biblioteca, interrompendo a discussão dos irmãos com um incisivo:

— Crianças! Lorde Augustus está aqui para nos acompanhar até o baile.

— Como se fosse uma fada madrinha — Pen disse. — Ela ficou de pé. — Estou ansiosa por esta noite, Bella. Visto que é seu primeiro evento social oferecido pela elite desde que enviuvou, talvez possa me mostrar como você pode passar despercebida.

— É o que pretendo — Isabella retrucou, lançando-lhe um olhar de repreensão. — Eu lhe garanto que serei tão discreta e retraída como uma freira. De modo algum esta noite será lembrada.

Capítulo Seis

Isabella sempre achou que se dava importância demais para a realeza. As mesmas pessoas que se curvavam e sorriam para ela esta noite, quando ela deslizava sobre o suntuoso tapete vermelho de lã quadriculada na recepção escocesa da duquesa de Fordyce, a teriam desprezado caso ela fosse apenas a pequena Isabella Standish, *sem* um título antes do nome. Na verdade, eles a haviam desprezado. Reconhecia muitos rostos de quando debutara, doze anos antes, mas ponderou e chegou à conclusão de que, provavelmente, reconheceria ainda mais as costas das pessoas. Ainda podia se lembrar delas se virando com desdém e as conversas sussurradas: *Quem é aquela?*

Ninguém, meu querido… Apenas a neta do peixeiro pretensioso, Isabella Standish.

Ah, ah, entendo… Pensei que ela até era bonita, mas agora percebo que seria muito mais bonita com um título e fortuna…

Isabella deteve-se pacientemente quando lorde Augustus parou para receber o cumprimento da própria duquesa de Fordyce, ladeada por suas três filhas solteiras e o filho com olhar entediado, que era o herdeiro dos milhões dos Fordyce. John Fordyce sorriu ao avistar Penelope vindo logo atrás. Cavalheiros costumavam sorrir ao verem a angelical Penelope. A boa impressão costumava durar até ela abrir a boca, quando todo mundo se dava conta do que Freddie e Isabella já sabiam: que ela era uma literata com uma língua ferina.

— Lorde Augustus!

A duquesa estava sorrindo tanto que Isabella teve receios de que o ruge dela iria rachar. A princesa soubera que Sua Excelência raramente sorria por receio do efeito envelhecedor das rugas. Contudo, esta noite, ela obviamente se dera um descanso.

— Que prazer em tê-lo de volta conosco em Londres, meu senhor — disse a duquesa. — E com sua estonteante acompanhante! Vossa Serena Alteza… — Uma mesura excessiva foi oferecida. — Obrigada por escolher prestigiar o nosso evento esta noite.

Isabela escutou Penelope dar uma fungada de desdém, que sequer tentou disfarçar com uma tossida. Lançou um olhar de censura para a irmã.

— É um enorme prazer estar aqui, duquesa — Isabella disse, acrescentando com hesitante sinceridade: — Sua exibição escocesa está espetacular.

E estava mesmo. Desde que o príncipe regente dera início a um entusiasmo por todas as coisas caledonianas, no início do ano, com seu súbito e estranho interesse nostálgico pela dinastia Stuart, as anfitriãs de Tory haviam adornado suas casas com tecidos quadriculados e gaitas de fole, e as danças eram todas *reels e stratkspeys.* Isabella podia escutar o violinista tocando no salão de bailes à direita deles. Quando às notas do violino foram somados os acordes da gaita de fole, várias pessoas nos arredores exibiram a expressão dolorosa de quem estava sofrendo de dor de ouvido.

— Que maravilha — Isabella disse, quando a duquesa estremeceu ante o som. Ela voltou-se para Augustus. — Definitivamente temos de dançar o *reel* mais tarde, meu senhor.

A duquesa sorriu de alivio, e Augustus também demonstrou contentamento e deu um ligeiro aperto de aprovação no braço de Isabella, o que a irritou devido ao tom de posse implícito nele. Augustus, que ela conhecera quando ele era diplomata na Corte sueca, e ela e Ernest estavam exilados lá, jamais fora mais do que um acompanhante útil para eventos sociais. Ela suspeitava que, como muitos homens ao longo dos anos, ele gostava de dar a impressão de ser mais do que apenas seu amigo. Sua presença dava ao diplomata um ar picante, de um homem do mundo, que ela sabia que o agradava. No entanto, ela sabia que, em se tratando de casamento, a história teria sido outra. Não havia chance de que Augustus Ambridge teria aceitado sua reputação e dívidas de qualquer modo formal. Ele teria fugido correndo como um coelhinho assustado.

A duquesa estava cumprimentando Penelope agora. Seu tom de voz havia esfriado pelo menos dez graus, visto que estava falando com alguém que mal tinha um título e quase nenhuma fortuna, que ela na mesma hora identificara como sendo uma pretendente que não estava à altura de seu filho. Contudo, John Fordyce parecia ter outros planos. Encantado com a estonteante beleza de Pen, ele lhe pediu a próxima dança escocesa.

— Não, obrigada, meu senhor — Pen disse, meigamente. — Só danço o *reel* quando estou bêbada, e, nas palavras de Shakespeare, bebida só serve para encorajar três coisas, uma das quais é dormir, e a outra é urinar. Estou apenas citando, veja bem, a título de ilustração da minha observação.

Uma das irmãs Fordyce riu nervosamente por trás do leque, o rosto da duquesa pareceu paralisar-se de horror e o sorriso de John vacilou quando ele recuou.

— Quem sabe em uma outra ocasião.

— Ah, espero que sim — Pen disse, sorrindo com sedutora promessa. — Não vejo a hora.

— Venha, Penelope — Freddie tratou de dizer. — Estamos atrapalhando a fila.

Pen permitiu que o irmão a afastasse do grupo e a acompanhasse escada acima, na direção do salão de bailes.

— E você tem a coragem de *me* chamar de ultrajante, Pen — Isabella censurou, tomando o braço do irmão, quando Augustos se afastou com uma palavra apressada e seguiu para buscar a companhia dos convidados mais respeitáveis da duquesa. — Devemos ser um triste fardo para você, Freddie.

— Vem de se ter um peixeiro como avô — Freddie disse, alegremente. — Nenhuma de vocês duas jamais teve a menor idéia de como se comportar. Suponho que tenha de ser eu a dar o bom exemplo.

Eles chegaram ao topo da escadaria e ele lhes soltou os braços como se elas sequer existissem. Uma visão de azul havia cruzado o seu campo de visão.

— Lá está lady Murray! — ele exclamou com entusiasmo. — Se me derem licença, acompanhar as irmãs por aí é muito chato.

Tendo dito isso, ele se misturou à multidão.

— Ora, ora — Pen disse, passando o braço pelo de Isabella e puxando-a na direção do salão. — Belos modos os de Freddie! Receio que lady Murray seja sua mais recente paixonite. Vai acabar em lágrimas.

— Lágrimas dela?—Isabella perguntou.

— Dele — Pen retrucou. — Ela o faz de gato e sapato e há pelo menos três outros cavalheiros com quem ela flerta.

— Agora, *isso é* ultrajante — Isabella disse. — Como é que eu sou marcada pelo escândalo enquanto outras se comportam mal e ninguém sequer ergue a sobrancelha?

— Hipócritas — Pen disse, para confortá-la. — Falando nisso, olhe

só para Augustus, Bella. Ele só tem olhos para si mesmo esta noite.

Era verdade, Augustus Ambridge se detivera diante de um dos espelhos compridos da duquesa e estava intensamente estudando a própria aparência. Cabelo castanho penteado para trás com Mr. Cabburn's Bear's Grease, uma loção para revitalizar cabelos fracos, botões lustrados, ligeiro enchimento nos ombros, paletó escorado por uma entretela colocada pelo alfaiate do próprio príncipe regente, panturrilhas realçadas com um pouco de enchimento para valorizar o formato das pernas… Sem dúvida, Isabella pensou, era a própria imagem do diplomata elegante, e quase nada era real.

— Ah, Penelope — ela censurou. — Será que não pode ao menos se esforçar para gostar dele?

Penelope se deteve, aparentemente para considerar genuinamente a questão.

— Não — respondeu. — Por que deveria? Visto que não vai se casar com ele, não há motivo para eu tentar. Você sabe que é mais gentil do que eu, Bella. Eu sequer perderia o meu tempo com ele.

— Eu sei. Isabella suspirou.

— E por isso que nunca me casei — Pen prosseguiu. — E provavelmente jamais o farei. Ainda não encontrei um homem que me interesse.

— Você é crítica demais — Isabella disse. — Com certeza, deve haver um homem que a agrade. — Ela apontou para o outro lado do salão. — Que tal Sir Edmund Garston? Ele é extremamente bonito.

Pen observou o baronete almofadinha quando ele ergueu o copo zombeteiramente e ficou olhando com cobiça para a renda dourada de uma dama que passava.

— Não — ela disse. — Efeminado demais. Ensinaria muito a respeito de moda, porém nada sobre paixão.

Isabella riu.

— Um resumo apropriado.

Ao redor delas, o barulho do salão de festas oscilava. A orquestra

tocava uma *stmthspqr com* muito entusiasmo e inúmeras notas erradas. Isabella pôde ver Augustus aproximar-se de uma debutante esbelta de branco, curvar-se para ela e convidá-la para dançar. A jovem aceitou com um esboço de prazer afetado. Isabella sorriu discretamente ante a manobra de Augustus. Ele estava em um estágio da carreira em que precisava de uma esposa bem conectada, com uma reputação impecável para melhorar suas perspectivas. Isabella supôs ser ali onde cada um seguiria o próprio caminho. Ela já servira o seu propósito de atrair para ele a atenção de todo mundo que importava e lhe dar um ar jovial. Agora, ele precisava tirar proveito desse sucesso.

As pessoas a observavam, comentando sobre o comportamento repreensível de seu suposto amante. Isabella já estava acostumada. Uma das coisas mais estranhas sobre ser um objeto de curiosidade era que as pessoas raramente falavam com ela, porém mexericavam sobre ela como se Isabella sequer estivesse presente. Podia escutar os murmúrios: *Eles toleram tudo quanto é tipo de gentalha no continente, é claro.* O *marido era um sujeito dissoluto, e sua própria reputação não é muito melhor… Sabia que ela é tão indiferente ao escândalo que permitiu que a amante do marido fosse ao enterro dele? Ela só é recebida por conta do título…*

Isabella suspirou por dentro. A infâmia de Ernest havia sido a única coisa que o marido lhe dera com plena generosidade.

Contudo, os sussurros ainda não haviam acabado. A responsável ainda tinha munição mais potente no seu arsenal.

Aparentemente, até tentaram tirar a criança dela… Ela disse que nunca desejou ter filhos. Uma mãe desqualificada… Não foi à toa que a pobre menininha morreu.

Foi como uma punhalada no seu coração. Isabella voltou-se um pouco rápido demais. Será que realmente escutara alguém sussurrando, ou havia sido sua própria imaginação amarga? Tais palavras lhe assombravam os pesadelos, mesmo agora, seis anos após a morte de Emma…

Ela examinou as plumas oscilantes e os rostos ansiosos sob os turbantes. As matronas sorriram e assentiram de volta para ela, mas seus olhos eram como gelo. Foi então que a viúva lady Burgoyne ergueu um pouco a sua voz:

— Estávamos nos perguntando, Vossa Alteza Real, se vai ficar em Londres por algum tempo, ou se o destino a levará para outro lugar muito em breve.

Houve risadinhas e a agitação dos leques. As cadeiras douradas e brancas rangiam sob o peso do traseiro das matronas enquanto elas se retorciam de prazer ao atormentar uma das suas que havia saído da linha. Se ao menos tivesse se dado conta de qual é o seu lugar, pareciam dizer. Subiu alto demais e, agora, vamos castigá-la.

— *Serena* — Pen disse em alto e bom som. — Princesa Isabella é uma Alteza Serena, não real.

Seu rosto estava vermelho de leal indignação. Ela era tão capaz quanto Isabella de sentir as sutilezas no salão.

Isabella pôs a mão, gentil, no braço da irmã. Sentia tudo, menos serenidade. Á alfinetada maldosa sobre Emma atingira dolorosamente seu peito, e ela inspirou profundamente várias vezes para manter o controle.

— Talvez a princesa vá aonde quer que o lorde Augustus Ambridge a leve — a volumosamente acolchoada duquesa de Plockton disse, intrometendo-se na conversa. Seu rosto de tartaruga examinou o salão e se deteve ao avistar Augustus dançando com a debutante. — Ah, mas parece que o destino de lorde Ambridge o levará em outra direção. — Seu olhar retornou para Isabella. — Talvez também já tenha encontrado um outro… acompanhante, princesa? Soube que nunca perde tempo, não é?

Isabella sentiu Pen mais uma vez estremecer protetoramente, e abrir a boca para colocar a duquesa no seu devido lugar. Pen não sabia o que era medo, contudo não merecia a reprovação que, sem dúvida, viria em seguida ao rompante. Por outro lado, Isabella sabia

que sua própria reputação era tal que pouco importava o que dissesse. Saber disso era libertador. Ela cutucou Pen nas costelas e a irmã ficou quieta.

A música terminou, houve uma calmaria no salão. E Isabella falou com a clareza de um sino perfeitamente modulado:

— Obrigada pelo interesse em meus planos, duquesa, lady Burgoyne. Estou certa de que ficarão desapontadas de saber que meu destino, embora caprichoso, atualmente não inclui nenhum cavalheiro, e especialmente enquanto eu estiver neste país. Como devem saber, os ingleses são os piores amantes do mundo.

Houve um instante de silêncio, como uma falsa calmaria antes do primeiro relâmpago da tempestade, e depois houve uma coletiva seqüência de suspiros ultrajados. O choque se espalhou pelo salão como uma série intensa de murmúrios, espalhando-se em um círculo cada vez maior.

Isabella exibiu um largo sorriso. Que a duquesa de Plockton ruminasse aquilo até se engasgar. As vezes era extremamente satisfatório cruzar a linha, independente de ser de bom tom ou não.

Do outro lado do salão, alguém já sussurrara as palavras dela no ouvido de Augustus Ambridge. Ele se empertigou e a fitou com incrédula reprovação. Isabella continuou a sorrir enquanto observava a indignação ecoar pelo salão como uma trovoada.

— Bella — Pen disse ao seu lado, com admiração na voz —, posso me comportar como você quando eu crescer?

Isabella estava prestes a responder quando a mais peculiar das sensações a atingiu no diafragma, privando-a do fôlego.

Um homem estava de pé no vão da porta. Seu rosto estava nas sombras, contudo havia algo na postura dele que ela reconheceu imediatamente. Isabella estremeceu. Ali estava um homem poderoso, que seria um inimigo letal, porém um amante incomparável. Seu coração disparou. Todo o ar lhe abandonou os pulmões.

Ele estava lindo. Tinha um ar de masculinidade irrestrita que

parecia forte demais para a atmosfera delicada do salão de festas da duquesa. Sugeria que ele conhecia cada combinação de risco e perigo que a vida poderia oferecer, e inventara ele mesmo algumas outras. Os janotas e os grã-finos subitamente pareciam ridículos.

As palavras de Isabella alcançaram a extremidade do salão e começaram a voltar na direção dela como um eco.

E Marcus Stockhaven saiu das sombras e foi em sua direção com pura determinação, como se não houvesse mais ninguém no salão.

Capítulo Sete

— Maldição — Isabella disse, bem baixinho, para que apenas Pen escutasse, e observou Marcus cruzar implacavelmente o salão em sua direção. Ele não se deixou distrair pelos cumprimentos de amigos e conhecidos. Parecia mal escutá-los. Tinha toda a atenção voltada para ela. A multidão se abriu, e, logo, ele estava se curvando diante dela.

— Boa noite, princesa Isabella.

Era um cumprimento bem convencional, contudo não havia nada de convencional na expressão dos olhos de Marcus. Seu olhar era sombrio, perigoso, e exibia um vestígio de humor perversamente perturbador, Isabella podia dizer que ele sabia exatamente o quanto sua chegada inesperada a havia desconcertado, e isso o agradava. O sorriso que brincava em seus lábios também não tinha nada de amigável. Ela se empertigou em resposta ao desafio silencioso nos olhos de Marcus.

— Seu comentário sobre a competência amorosa dos ingleses deve ser uma provocação dirigida a todos os cavalheiros de sangue quente no salão — Marcus acrescentou, gentilmente.

A pergunta mais proeminente na mente de Isabella era o que diabos ele estava fazendo ali, contudo, sabia que isso teria de esperar um pouco. Ela não podia dar nenhum indício do caos absoluto que

imperava em seu íntimo. Sempre soubera que, um dia, 12 anos de etiqueta real seriam úteis. Era chegado este dia.

Ela lhe lançou um sorriso frio.

— Boa noite, lorde Stockhaven — disse. — Lamento se interpretou minhas palavras como um desafio.

Marcus curvou-se ligeiramente.

— E como é que gostaria que eu as entendesse, madame?

— Se precisa mesmo interpretá-las, como uma simples constatação dos fatos. — Isabella deliberadamente lhe deu as costas e fez menção para que Pen se adiantasse. — E claro que já conhece minha irmã, Penelope.

— É claro.

Para a surpresa de Isabella, Marcus curvou-se e beijou Pen de leve na face. Ela não sabia que eles estavam em tais termos. Dar-se conta disso a fez sentir-se pouco à vontade, pois o trazia ainda mais para perto dentro do círculo familiar dela, como se não pudesse encontrar refúgio dele.

— Como está, prima Penelope? — Marcus disse. — É um prazer revê-la.

Pen parecia genuinamente satisfeita com a ternura do cumprimento.

— Estou muito bem, obrigada, meu senhor. Ou devo dizer primo Marcus? — Seus olhos azul-claros fitaram o rosto de Isabella por um instante. — É claro que minha irmã também é sua prima por ventura do casamento, não é? Com certeza ela merece ser tratada com o mesmo grau de familiaridade, ou poderá ficar com ciúmes.

Isabella resistiu à tentação de chutar o tornozelo de Pen. Às vezes, a irmã caçula podia ser uma tremenda encrenqueira, e, naquele momento, ela precisava de ajuda, não de obstáculos. Lidar com Marcus já era bem difícil, sem ainda ter Pen complicando as coisas para ela.

— Eu lhe garanto que não cobiço tal privilégio, Penelope — disse,

lançando um olhar duro para a irmã para persuadi-la a ficar quieta. Ela olhou para Marcus. — Lorde Stockhaven pode guardar seus beijos para si mesmo, ou concedê-los às damas que os apreciem. Não os ambiciono.

Marcus a fitou. O sorriso ainda perdurava em seus lábios e os olhos estavam repletos de uma luminosidade ardente que fazia ondas de calor percorrerem o corpo de Isabella. Sabia que ele estava relembrando o beijo na prisão. Ela também estava. Não conseguia se conter. A simples lembrança ameaçava incendiá-la. E Marcus estava se divertindo com o tormento dela, maldito seja. Seus nervos tremiam enquanto ela contemplava o que ele poderia estar pensando.

Ela pomposamente virou o ombro, olhando para o homem atrás de Marcus, que parecia estar se divertindo muito com a conversa. Isabella não tinha interesse algum nele, na verdade mal o notara, mas sua presença ali era útil, visto que lhe oferecia a oportunidade de desviar sua atenção de Marcus.

— Boa noite, cavalheiro — ela disse, com polidez.

O cavalheiro curvou-se. Era mais baixo e encorpado do que Marcus, com olhos cor de avelã que prestavam atenção a tudo.

— Vossa Serena Alteza. Alistair Cantrell, inteiramente a seu dispor.

— Sr. Cantrell.

Com certa surpresa, Isabella se lembrou de que este era um dos amigos mais antigos de Marcus, o padrinho da cerimônia de casamento cancelada dos dois. Era pouco provável que ela fosse encontrar alguma solidariedade ali. Os amigos de Marcus sempre lhe deram a impressão de serem extremamente leais.

— É claro — ela disse. — Eu me lembro do senhor.

— Sinto-me lisonjeado, madame — Alistair disse.

Seu olhar astuto a avaliou, mas ela não foi capaz de interpretar suas reações. Mais uma vez, voltou-se para Pen.

— Sr. Cantrell, permita-me apresentar minha irmã, srta. Penelope

Standish.

Alistair Cantrell deu a impressão de estar tão encantado quanto a maioria dos homens ficava ao se deparar com a reluzente beleza de Pen. Agora, não foi difícil lhe interpretar as reações. Ele estava se perguntando como a maioria dos cavalheiros fazia ao serem apresentados a ela, se Pen podia mesmo ser tão meiga quanto parecia.

— E um prazer conhecê-la, srta. Standish — ele disse.

— Sr. Cantrell — Pen respondeu, inclinando a cabeça na mais perfeita imitação de uma debutante acanhada.

Isabella notou que os lábios de Alistair se inclinaram em um sorriso irônico, e Pen chegou a corar. Aparentemente, era um homem que não se deixaria enganar por inocência fingida.

Uma multidão de pessoas começava a se aproximar, evidentemente interessada em cumprimentar Marcus. A duquesa de Plockton obviamente achava que já passara tempo suficiente sem ser o centro de atenções, e estava forçando a passagem entre as pessoas, arrastando consigo a filha pálida, com uma das mãos envolvendo o pulso da jovem como se fosse uma algema. Desta vez, Isabella ficou feliz em vê-la. A chegada da duquesa seria a sua desculpa para escapar. Precisava desesperadamente reordenar seus pensamentos e decidir como lidar com o marido errante. Não queria lhe dar o prazer de provocá-la em público. No entanto, tremia de nervosismo e raiva ante a idéia de um acerto de suas diferenças em particular.

Ela deu um passo cauteloso para longe de Marcus ante a aproximação de outros. Na mesma hora, ele pousou a mão na parte inferior de suas costas para mantê-la no lugar. Isabella podia lhe sentir o calor queimando-a através da seda fina do vestido. Para o observador menos atento, não parecia nada além de um gesto afetuoso entre primos, contudo, para Isabella, pareceu a intimidade possessiva de um amante.

— Lorde Stockhaven!

A duquesa chamou Marcus como um amigo que ela há muito não

via. Isabella fez outra tentativa de escapar e, na mesma hora, o braço de Marcus se apertou ao redor dela.

— Ah, não vai, não — sussurrou-lhe no ouvido.

Seu hálito provocou sensações arrepiantes na pele sensível do pescoço de Isabella, e ela mudou de posição com um misto de desejo sensual e puro nervosismo. Marcus a fitou e a chama ardente no seu olhar foi o suficiente para abalá-la até a alma.

— Como está, lorde Stockhaven? — A duquesa mostrou-se totalmente alheia à atmosfera. Forçou a passagem a cotoveladas e se plantou diretamente diante deles. — Esteve viajando novamente, meu senhor?

— Tenho, de fato, estado viajando, Excelência — Marcus disse, com um ligeiro sorriso.

Não parecia ansioso para se estender na conversa, nem para se afastar de Isabella; contudo, captar sutilezas não era o forte da duquesa.

— Onde foi que visitou, desta vez?

Além de tudo, a duquesa sabia como ser persistente.

— Itália.

A concisão de Marcus só se comparava à sua expressão de ligeiro tédio. Isabella sentiu o braço ao redor da cintura puxá-la ainda mais pára perto. Seus corpos agora estavam se tocando nos cotovelos, quadris e coxas. Arrepios frios de excitação corriam pelo sangue dela. Sentiu-se enrubescendo como se estivesse ficando febril. A qualquer instante Pen, com a franqueza que lhe era peculiar, perguntaria se ela estava passando bem.

Sua Excelência de Plockton não seria desencorajada por mera concisão. Ela enterrou o leque nas costelas da filha.

— Não fique aí parada como um pudim, Dorinda! Pergunte a lorde Stockhaven sobre a viagem dele à Itália!

— Gostou de sua viagem à Itália, lorde Stockhaven? — perguntou lady Dorinda Plockton, obediente como uma criança bem-ensinada.

— Gostei, obrigado — Marcus respondeu.

Houve um breve silêncio, quando ficou claro que ele não pretendia se aprofundar no assunto. Lady Dorinda, contudo, não ficava a desejar na arte de conversar sobre trivialidades, e estava ansiosa por prová-lo, antes que voltasse a ser instigada pela mãe.

— Onde foi que ficou, meu senhor? — indagou.

— Visitei Roma, Florença e Verona, e voltei por Cassilis, madame.

Isabella se sobressaltou. Podia sentir o olhar de esguelha dele como se fosse um toque físico, acariciando-lhe a pele, desafiando-a a contradizê-lo e a expor a verdade. Ela ficou quieta.

— Sempre considerei Cassilis um principado insignificante — disse a duquesa, com um rápido olhar malévolo na direção de Isabella. — Nada digno de nota jamais veio de Cassilis.

— Muito pelo contrário, Vossa Excelência — Marcus disse, com polidez. — Sou obrigado a discordar. Há muitas coisas notáveis que vêm de Cassilis. É um lugar de infinitas surpresas, tornado ainda mais notável pelo fato de a maioria de seus segredos permanecer muito bem escondida.

O olhar de Isabella fixou-se no rosto dele. Sua expressão estava impassível ao fitá-la, porém ela sabia que, sob a superfície, ele estava se divertindo. Mais uma vez, estava tentando provocá-la, maldito seja. Isso não passava de um jogo para ele, e Marcus pretendia tirar o máximo de proveito dele.

Ela deu mais um passo para longe dele, e, desta vez, ele deixou. Erguendo o queixo, Isabella o fitou diretamente nos olhos.

— Que extraordinário que alegue conhecer tão bem Cassilis, meu senhor — disse. — Não fazia idéia de que já houvesse estado lá, ainda mais recentemente. Pensei que estivesse visitando… um lugar diferente.

Houve um lampejo de expressão nos olhos de Marcus.

— Madame parece notavelmente bem-informada a respeito de minhas atividades — ele retrucou com frieza. — Quer dizer que tem

um interesse especial por mim? Sinto-me lisonjeado.

— Pois não deveria. — Foi a resposta de Isabella. — Meu interesse não é pessoal. Ia apenas sugerir que, da próxima vez que visitar Cassilis, certifique-se de ver o *Palazzo de Spinosa. É* muito bonito e abriga uma coleção maravilhosa de afrescos de Piozzi. São todos baseados em *contos de fadas.* — Ela fez uma pausa para efeito de ênfase, acrescentando com transparente inocência: — Imagino que os achará fascinantes, dado seu interesse por mitos e fantasias.

Marcus olhou para ela. Isabela o fitou de volta com naturalidade, suas sobrancelhas erguidas. Seus olhares se chocaram como a primeira cruzada de espadas entre dois duelistas.

— É uma idéia tentadora — Marcus disse, lentamente. Ele a fitou com uma expressão pensativa. — Talvez madame possa me mostrar pessoalmente. Da próxima vez que eu estiver em Cassilis.

O significado de suas palavras era explicitamente claro, e elas invocaram uma série de imagens eróticas na mente de Isabella que eram muito mais vividas do que simples pinturas em afresco, e por demais inapropriadas para o salão de baile da duquesa. Ela engoliu em seco, tentando banir o pensamento de seus membros entrelaçados em meio à paixão, sua boca, dura e voraz, sobre a dela.

Pigarreando, ela disse:

— Talvez descubra a entrada em Cassilis proibida para meu senhor. Viajar é uma atividade inconstante e o senhor… — Ela se interrompeu.

— Nem sempre é o mais bem-vindo dos visitantes.

Os olhos escuros de Marcus estreitaram-se pensativamente sobre o rosto dela. Um murmúrio de diversão se espalhou pelo grupo que os rodeava. Isabella se sobressaltou. De tão absorta que estava nas emoções fortes que a presença de Marcus despertava, ela se esquecera de que tinham platéia.

— Veremos — Marcus disse. Ele ainda a estava observando. — Visto que temos tanto em comum, prima Isabella, talvez devamos

procurar um lugar mais reservado para discutirmos nossas… paixões mútuas, em vez de entediar essas boas pessoas com nossas histórias.

Isabella podia sentir a duquesa de Plockton empertigando-se ao seu lado, determinada a não se deixar ser ofuscada por uma princesa de meia-tigela, de modo que lançou um doce sorriso para Marcus.

— Jamais sonharia em monopolizar a sua companhia, meu senhor — disse. — Estou certa de que lady Dorinda adoraria escutar mais a respeito de suas experiências, ao passo que eu receio estar cansada de histórias de viagens. São tão entediantes.

Marcus sorriu para ela. Não foi um sorriso tranquilizador.

— Fico arrasado só de pensar que possa me achar entediante, princesa Isabella — ele murmurou. — Peço a oportunidade de persuadi-la do contrário.

Por fim, a intimidade do diálogo estava começando a ter efeito sobre seus acompanhantes. Alistair Cantrella parecia ligeiramente constrangido, como um homem desejando poder se lembrar de um compromisso mais urgente bem longe dali. Pen olhava do rosto de Isabella para o de Marcus, seus olhos brilhando, seu olhar curioso.

— Estamos entediando nossos espectadores, lorde Stockhaven — Isabella disse, gentilmente.

O olhar de Marcus não se desviou do rosto dela.

— Neste caso, por que não falamos em particular? — ele voltou a dizer.

Isabella sacudiu lentamente a cabeça…

— Por favor, não se ofenda, meu senhor, mas não tenho vontade de fazê-lo. Um cavalheiro precisaria ser excepcional para despertar suficiente interesse em mim para que eu deseje passar algum tempo com ele.

— Como ilustrado pelo seu comentário anterior, madame, sobre amantes ingleses. — Marcus voltara a se aproximar dela, seus ombros largos bloqueando o resto do salão. Isabella se sentiu isolada, afastada do restante do mundo. Seu pulso estava disparado. Todo o seu corpo

tenso devido ao esforço de medir forças com ele, palavra por palavra, desafio por desafio. Marcus falou baixinho. Seu tom de voz era áspero, como uma faca sobre seda: — Deveria me dar uma chance, Alteza. Eu insisto. Descobrirá que minhas histórias, assim como meus outros atributos, estão longe de ser entediantes, eu garanto. — Ele olhou ao redor e, deliberadamente, ergueu a voz: — Para convencê-la, talvez eu deva revelar para todas essas boas pessoas que Vossa Alteza é minha…

A palavra *esposa* pareceu pairar no ar entre os dois. Isabella gelou. Certamente… Certamente ele não iria pagar para ver o blefe dela de um modo tão público e ultrajante? E, no entanto, por que não? Seria um ato típico de Marcus. Ele jamais temeu escândalos.

— Lorde Stockhaven!

As palavras que escaparam dos lábios de Isabella eram um misto de apelo e aviso.

— … inspiração nas minhas viagens — Marcus completou, gentilmente.

Isabella pôde sentir a zombaria no tom de voz dele. Sentiu-se fraca, com uma combinação de alívio e raiva. Maldito seja! Maldito seja por fazer isto com ela e ainda se divertir. Ele deveria estar trancafiado em Fleet Prison. Era indesculpável que não estivesse. Evidentemente a havia enganado, e ela estava tão furiosa que não queria perder tempo em lhe dizer exatamente o que pensava dele. Os propagadores de escândalo queriam algo a respeito do que mexericar? Pois bem, ela lhes faria a vontade.

Ela passou a mão pelo braço de Marcus. Após a surpresa inicial, ele ficou bem quieto, tenso como uma mola e aguardando para ver o que ela faria em seguida. Ela inclinou a cabeça em um gesto provocante e sorriu para ele.

— Pois o senhor também desperta muitos sentimentos em mim, lorde Stockhaven — ela disse, com doçura. — Infelizmente, nenhum deles adequado para ser discutido em público. — Ela sorriu para a sua

platéia.

— Com licença, senhoras e senhores, simplesmente tenho de dizer para lorde Stockhaven o que acho dele. Em particular. — Ela ergueu uma das sobrancelhas para Marcus. — Vamos, meu senhor?

Antes mesmo de ele falar qualquer coisa, ela soube que ele estava à altura de qualquer desafio que ela pudesse fazer. A cautela nos seus olhos deixou isso claro.

— Será um prazer — Marcus disse.

E Isabella teve a desconcertante sensação de que seria mesmo.

Marcus podia sentir a fúria no corpo de Isabella quando ela pousou a mão no seu braço. Ele a puxou para longe do grupo de convidados que rodeavam a duquesa e a conduziu com enganosa gentileza na direção das portas de ligação com a sala de estar, onde a duquesa de Fordyce tinha em exibição os seus artigos escoceses. Uma enorme cortina de tecido quadriculado pendia sobre o vão da porta, roçando no ombro de Marcus quando eles passaram. O aposento era iluminado por velas e estava muito quente. A luz fraca tremeluzia sobre uma coleção de lembranças militares, incluindo um punhal e uma espada da Batalha de Sherrifmuir, uma gaita de fole que deu a impressão a Marcus de estar meio comida pelas traças e um penico cuja duvidosa pretensão à fama vinha do fato de ter pertencido ao Belo Prince Charlie. Contudo, nenhum dos dois estava nem um pouco interessado na exibição. Isabella mal esperou alcançarem a privacidade de uma recâmara acortinada antes de voltar-se para ele, revelando a Marcus muito mais sobre o estado confuso de suas emoções do que, sem dúvida, ela pretendia.

— O que está fazendo aqui? — ela exigiu saber.

— Pensei que isso seria óbvio — Marcus retrucou, divertindo-se com a revolta dela. — Estou reivindicando minha esposa.

Os olhos azuis de Isabella estreitaram-se furiosamente.

— Você devia estar na prisão…

— Provavelmente — Marcus concordou. — Você está longe de ser a primeira pessoa a me dizer isso ao longo dos anos. Contudo, o fato é que o estou.

— Mas por que não? — A voz de Isabella ficou mais estridente, porém, na mesma hora, ela a moderou. Marcus admirava-lhe o autocontrole em uma situação onde a maioria das mulheres estaria no mínimo deprimida, se não desmaiando. — Por que está aqui? Você estava preso por dívidas!

— Eu estava em uma prisão de devedores — Marcus disse. — Em momento algum eu lhe disse que estava preso por dívidas. Você simplesmente presumiu isso.

Isabella o fitou com os olhos faiscando. O ar entre os dois estava carregado de emoção. Ela estava se sentindo aprisionada, e não gostava nada disso. Ele sorriu gentilmente e torceu ainda mais o parafuso. Inclinando-se para frente até os lábios roçarem na orelha dela, sussurrou:

— Paguei todas as suas dívidas.

Ele a sentiu estremecer de tanta fúria. Isabella agora, além de presa a ele, lhe devia, e odiava isso, odiava-o, com fervor. Marcus sentiu uma perigosa onda de emoção ante o poder dos sentimentos entre os dois. Amor e ódio. Os dois eram tão próximos, e ele queria provocar uma reação, qualquer reação, nela, só para provar quê ainda tinha a capacidade de fazê-lo.

— Entendo — ela disse, através dos dentes cerrados. — É muita generosidade sua, meu senhor.

— Era o mínimo que eu podia fazer pela minha esposa — ele retrucou, observando-lhe o rosto. — Talvez possamos chamar isto de presente de casamento?

Ela não traiu de modo algum seus sentimentos ante a provocação deliberada. Ela inclinou a cabeça com condescendência real.

— Quanta consideração. Seu primeiro e último presente para mim, pois pode ter certeza de que, logo de manhã cedo, vou dar entrada na

anulação.

Alguns convidados adentraram o salão da exibição, e Marcus chegou mais perto de Isabella, segurando-lhe o cotovelo para puxá-la para um canto mais silencioso.

— Será que tem idéia de como uma anulação pode ser difícil e cara de conseguir?—ele perguntou. — Especialmente quando o marido se recusa a cooperar? Sei que não tem dinheiro para levar isto a julgamento, e, sem a minha promessa de silêncio, tudo que conseguirá é causar um enorme escândalo. — Isabella curvou a cabeça. A luz das velas refletiu nos fios escuros castanhos e cor de cobre de seu cabelo. O ligeiro aroma do perfume de jasmim que ela sempre usava parecia envolvê-la com todas as lembranças elusivas de seu tempo juntos. Marcus sentiu um aperto no peito, um desejo súbito de recapturar tudo que haviam perdido. Desapareceu em um instante, mas nem por isso foi menos intenso.

Lembrou-se que havia ido ao baile naquela noite para provocá-la e obter a primeira parte de sua vingança. Ela tinha de sofrer por tudo que lhe infligira ao partir tão inesperadamente de sua vida, apenas para retornar a ela e exigir sua ajuda sem sequer lhe considerar os sentimentos. Queria fazê-la se sentir impotente, tão emocionalmente vulnerável e indefesa quanto sua partida o fizera se sentir, anos atrás.

E fizera justamente isso, embora ela houvesse disfarçado seus sentimentos muito bem diante da multidão. Ele a admirava por isso. Ela tinha uma personalidade muito forte. Tornava a contenda entre os dois muito mais satisfatória do que se Isabella houvesse sido uma criatura desfalecida, sem um mínimo de coragem. Por outro lado, ela não teria chegado aonde chegou hoje, não teria escalado a escadaria escorregadia até riquezas e posição social seculares sem ser capaz de pisotear os sentimentos dos outros no caminho para o seu sucesso.

Contudo, não se tratava apenas de vingança. Dois minutos na presença dela lhe mostraram isso. De qualquer forma, ele teria mesmo se oposto a uma anulação, simplesmente para frustrá-la. Agora, se

dava conta de que ia fazê-lo não só para fazê-la sofrer, mas porque a desejava. Jamais deixara de desejá-la.

Ela olhou diretamente nos olhos dele, e Marcus sentiu uma pontada de atração tão violenta lhe atravessar o corpo que mal foi capaz de não deixar isso transparecer.

— Se não me restar outra opção, não terei problemas em provocar escândalo — Isabella disse, com frieza. — Certamente já deve ter se dado conta disso.

— Eu percebi — Marcus respondeu. Tentava imaginar até onde ela estaria disposta a ir. — Também ligo tão pouco para a opinião dos outros quanto você parece ligar, de modo que, aparentemente, alcançamos um impasse. Vá em frente. — Ele decidiu pagar para ver. — Cause um escândalo. Conte para o mundo que se casou comigo pelo meu dinheiro e que, agora, quer me descartar.

Isabella franziu a testa, os dedos batendo sobre uma gravura na armação de madeira do seu leque os únicos indícios de sua irritação. Marcus observou o conflito interno da bela mulher com interesse.

— Não entendo por que se opõe a uma anulação, meu senhor — ela disse, após um instante. — Certamente, não deve querer este casamento tanto quanto eu.

Marcus sorriu.

— Muito pelo contrário — disse, com total sinceridade. — Há muitos aspectos da situação que me atraem. Madame parece ter ignorado completamente a possibilidade de que eu possa querer… — Ele fez uma pausa. — Chegar a um casamento completo.

Ele esfregou os dedos gentilmente sobre o tecido de seda da manga dela e sentiu um ligeiro arrepio lhe percorrer o corpo. Ela não era indiferente a ele como homem, jamais fora. Marcus sentiu uma onda de triunfo selvagem se apossar dele. Precisara disso, saber que seus desejos ecoavam os dela.

— Estou apenas aguardando — disse, com ligeira aspereza — que madame me indique que está pronta para ir. Afinal de contas, para

todos os propósitos, esta é nossa noite de núpcias, e, após nossa separação forçada, eu me sinto… ansioso… para estarmos a sós.

Por fim ele conseguira chocá-la. Os olhos de Isabella examinaram o rosto dele, como se tentando julgar se ele estava falando sério ou simplesmente brincando com ela, e Marcus teve certeza de ver um brilho de temor ali, embora, quando ela,-por fim, tivesse falado, seu tom de voz houvesse sido bem firme.

— Presumo que esteja brincando — disse, com frieza, soltando o braço de sob os dedos dele. — Somos pouco mais do que desconhecidos agora.

Marcus deu de ombros.

— Isso pode ser facilmente remediado. Ela o fitou com seriedade.

— Não! — Mais uma vez o medo brilhou nos olhos dela, e desapareceu na mesma hora, quando ela inspirou profundamente, recompondo-se. — Ao que parece, eu o interpretei mal — disse. — O que exatamente o senhor quer?

— Já disse. Quero minha esposa.

Ela o examinou, seu olhar devastadoramente direto e dando a impressão de ser tão escrupulosamente sincero que ele sentiu como se ela lhe estivesse sondando a alma. Era uma sensação estranha que o fazia sentir-se ligeiramente culpado. Isabella parecia tão chocada, tão traída. Mas era justamente o que ele quisera. Quisera que ela se sentisse indefesa e à sua mercê.

— Quando fui vê-lo na prisão… Era isto que pretendia, desde o início?

— Era.

Ela piscou os olhos ante a sinceridade dele.

— Por quê? — perguntou.

— Vingança.

O silêncio se abateu sobre os dois e a palavra pairou no ar entre eles. Ao longe, a música tocava, servindo de pano de fundo para as emoções selvagens entre eles.

— Vingança — Isabella repetiu. Ela parecia atordoada. — Vingança pelo quê?

Marcus riu com incredulidade.

— Ora, vamos, meu amor. Teria uma impressão melhor de você se não fingisse.

— Porque parti o seu coração? — Havia um vestígio de desprezo na voz de Isabella. — Pensei que fosse um homem mais forte, meu senhor.

— Eu também. — Marcus a segurou pelos ombros. Podia sentir os ossos dela sob a seda do vestido. Uma criatura tão frágil, no entanto feita de aço temperado. — Você me deve porque é mercenária, corrupta e calculista, e quero que admita isso — ele disse, de modo brutal. — Que Deus me ajude, pensei que você era tudo de bom e puro. Depois, me dispensou para casar por dinheiro e um título. Não me deu nenhuma desculpa e nem explicação. Levou ávida de uma meretriz e, quando precisou de minha ajuda, tentou me comprar de novo.

As mãos dele se apertaram impiedosamente, puxando-a tão para perto que os seios roçaram no peito dele. Ela estava pálida e seu olhar, distante. Por uma fração de segundos, Marcus se perguntou se suas palavras não a haviam magoado, contudo, Isabella ergueu o queixo e os olhos brilharam de desafio.

— Quer dizer que me quer para provar que está certo e para acertar suas contas — ela disse com tamanho desprezo que chegou a queimá-lo. — E típico de um homem tentar tornar tudo tão simples. Pois lhe digo agora mesmo: não darei o que você quer.

Marcus a soltou abruptamente e recuou.

— E eu não concordarei com a anulação — disse, com teimosia. — De modo que pode tirar essa idéia da cabeça. E, sem o meu consentimento, meu amor — ele notou a instintiva reação zangada de Isabella ante o tratamento —, jamais alcançará o seu objetivo. Receio que não tenha saída, e, mais cedo ou mais tarde, vai enxergar as coisas do meu modo.

Isabella fez um gesto repleto de raiva reprimida.

— Esta situação é intolerável.

— E uma situação que você mesma causou.— Marcus afirmou.

— Não preciso que me lembre disso. Pode ter certeza que me livrarei de você, de um modo ou de outro, assim que eu puder. — Ela inspirou profundamente. — Estou certa de que, para começo de conversa, nosso casamento deve ser ilegal.

— E detesto desapontá-la, mas lhe garanto que não é. Como poderia ser, quando você teve tanto trabalho para ter certeza de que estava tudo dentro da lei? E, assim que for consumada, além de assinada, a união estará selada.

Dois dos suportes do leque de Isabella se quebraram ante a pressão de seus dedos. Ela tirou do dedo enluvadas as pequenas farpas de madeira.

— Mais uma vez, meu senhor vai longe demais.

Marcus ergueu a mão e pensativamente lhe tocou a face. Estava furioso, mas não conseguia reprimir o desejo que sentia.

— Você é minha esposa, Isabella — disse, baixinho. — Você me deu todos os direitos que eu quiser.

O rosto dela ardeu sob o seu toque, mas se era de fúria ou de desejo Marcus não sabia dizer.

— Bobagem! — Ela parecia querer vê-lo esfolado por sua impertinência. — Tudo que eu lhe devo é o pagamento por minha dívida, lorde Stockhaven.

— Não é bem assim. — O tom de Marcus estava mais duro agora.

— Você me deve o que eu quiser. Você me deve uma noite de núpcias.

Eles olharam um para o outro como gladiadores em meio ao combate, um capturado nos olhos do outro, isolados do mundo externo.

Uma das convidadas da duquesa aproximou-se dos dois sem ser notada e roçou na manga de Isabella com um pedido de desculpas murmurado e um olhar curioso. Isabella piscou, como se libertada de um sonho, e Marcus sentiu um puxão quase físico quando ela desviou o olhar.

— Não podemos discutir isto aqui, meu senhor — disse. — Toda a situação é… —Sua voz tremeu um pouco. — É absurda.

Marcus também estava mais abalado do que gostaria de admitir. Ele pigarreou.

— Neste caso, é melhor irmos para algum lugar mais confortável para darmos prosseguimento a esta… discussão.

— Esta noite não — Isabella disse. — Não quero mais a sua companhia.

Sua expressão o desafiava a insistir.

Marcus hesitou. Poderia insistir no ponto, contudo já a havia pressionado mais do que o suficiente por uma noite. Sabia que ela estava próxima de seu limite. Com infinita relutância, ele recuou.

— Amanhã, então — disse. — Eu a visitarei.

O olhar fixo no dela, ele deu um passo para trás. A expressão de Isabella era fria e inflexível, contudo Marcus podia sentir o quanto isto lhe estava custando.

— Boa noite, milady — disse.

Mais uma vez, ela inclinou a cabeça com aquela graça perfeitamente deliberada de condescendência real com os inferiores. Marcus achou que, provavelmente, merecia aquilo. Ele a afastara de si o máximo que poderia ter feito, Havia dignidade na postura dela, porém mais outra coisa quase insuportavelmente solitária e triste. Prestes a fazer algum gesto conciliatório, ele hesitou, mas, antes que

pudesse fazer algo, ela o dispensara:

— Boa noite, meu senhor — Isabella disse e voltou-lhe as costas, despedindo-se dele como se para sempre.

Isabella observou a figura alta cruzar o salão de festas, viu as debutantes oscilarem como milho maduro quando ele passava. Estava disposta a apostar que qualquer uma delas teria dado a roupa de baixo com bordado francês para estar no seu lugar como a esposa de Marcus Stockhaven.

Ela não era mais a princesa Isabella Di Cassilis, viúva de um príncipe arruinado. Era Isabella, condessa de Stockhaven, esposa de um homem que, ao que tudo indicava, não demoraria a reivindicar seus direitos matrimoniais, a não ser que ela pudesse evitar. E, no momento, sua cabeça estava completamente vazia de idéias para frustrá-lo. Isabella tremeu. Havia calculado mal, calculado muito mal. Em sua ansiedade para escapar da dívida esmagadora, não pensara direito. Confiara em Marcus, e isso provara ser um erro perigoso. Agora, estava aprisionada. Marcus queria algo dela, e não se deteria antes de estar satisfeito.

Você é mercenária, corrupta e calculista…

Se algum dia tivera ao menos a ilusão de que Marcus ainda tinha algum tipo de sentimento por ela, não era mais o caso.

Isabella engoliu em seco. A dor ainda estava lá, um eco da dureza que a cortara até a alma quando ele falara. Ela mordeu o lábio com vontade para conter as lágrimas. Nunca chorava. Logo cedo no casamento, descobrira que Ernest tinha prazer em lhe ver as lágrimas, e, desde então, se treinara para jamais demonstrar qualquer tipo de fraqueza. Havia se tornado um hábito, porém a dor permanecia ali, encaixada sob o coração.

Levou a vida de uma meretriz e, quando precisou de minha ajuda, tentou me comprar de novo…

Isabella cerrou os dentes. Chega. Não pensaria mais nisso. Havia

amargura em Marcus. Esta o forçava a buscar vingança e Isabella precisava frustrá-lo. Distraidamente, passou os dedos pelos suportes quebrados do leque. Não havia possibilidade de ela revelar a verdade a Marcus. Repudiava a idéia de expor a ele todo o horror, toda a dor do passado e passar por tudo novamente. Trancafiara todo o amor e desespero, e enquanto os mantivesse ali, enterrados na sua cova fria, sem ser perturbados, ela sobreviveria. Uma farpa de madeira espetou-lhe o dedo e ela estremeceu.

Você me deve uma noite de núpcias.

Jamais. Ela sacudiu lentamente a cabeça. Muito havia acontecido para ela encarar a perspectiva de ser lady Stockhaven em ações, assim como em palavras. Doze anos atrás, o toque de Marcus lhe trouxera apenas prazer e a promessa de felicidade futura. Porém, doze anos era um longo tempo e nenhum dos dois era mais a mesma pessoa.

Partira-lhe o coração ter de se separar de Marcus, aos 17 anos de idade. Depois, Ernest lhe mostrara como o outro lado do amor podia ser degradante, e sua filha, Emma, morrera, e, agora, Isabella sabia que jamais correria novamente o risco de amar ou perder. Sua atração por Marcus era perigosa, as brasas do amor que sentia por ele ainda estavam quentes sob a camada fria de cinzas. Contudo, Marcus ã queria pelos motivos errados. Ele deixara sua aversão por ela bem clara, e Isabella recusava-se a se render a ele, independente do inegável fogo que ardia em seu sangue. Seria loucura se entregar a ele apenas para sanar uma dívida que ele acreditava ser dela. Não faria isso.

Ela ganhara um pouco de tempo, mas, agora, precisava ficar na frente dele no jogo. Ele a procuraria no dia seguinte, e ela teria de estar preparada. Precisaria ter um plano. Tinha de escapar dele.

Capítulo Oito

Penelope Standish estava de camisola, uma vestimenta de algodão, listrada, prática, masculina e sem frescuras. Estava sentada sobre a cama, em vez de debaixo das cobertas, e, ao redor dela, sobre a colcha bordada, estavam espalhadas várias páginas escritas. Algumas haviam sido descartadas por não serem escandalosas o suficiente, outras por serem lúridas demais. Era difícil acertar o tom certo de sugestão, mas o sr. Morrow, o editor do *Gentlemen's Athenían Mercury*, achava que ela estava se saindo muito bem para uma principiante.

Pen estremeceu ante o pensamento do que Isabella diria se soubesse que era a sua irmã quem estava passando histórias para a imprensa. Isabella não merecia tamanha deslealdade. Ela voltara de suas viagens e aceitara a irmã caçula no coração, como se as duas jamais houvessem se separado. Pen ficara surpresa e comovida com a amizade que crescera tão, rapidamente entre elas. No entanto, agora, traía Isabella o tempo todo.

A dificuldade é que ela estava desesperada. Na verdade, não apenas desesperada, mas total e irrevogavelmente desprovida de esperança.

A casa estava em silêncio. Freddie a acompanhara até em casa do baile da duquesa de Fordyce e partira logo em seguida. Não dissera aonde estava indo. Nos dias de hoje, raramente o fazia, e, de qualquer modo, Pen não exigia explicação. Quando Freddie chegava em casa de madrugada, cheirando a bebida e perfume barato, parecia razoavelmente evidente onde ele passara a noite.

Nos dias de hoje, estava acontecendo com uma freqüência cada vez maior. Houve uma época em que ela e Freddie haviam sido capazes de coexistir com confortável afeição, compartilhando senão confidencias, ao menos conversas. Nos dias de hoje mal se viam, e, quando o faziam, Freddie não parecia disposto a conversar. Pen sabia que o intimidava, e Isso apenas o fazia fugir dela, mas não conseguia evitar. Preocupava-se com ele. Nos dias de hoje, havia uma expressão assombrada nos olhos dele, como se estivesse tentando apagar alguma

verdade desagradável com bebidas, mulheres e o que quer mais que fizesse nos recantos sombrios da noite.

O dinheiro também desaparecera. A renda de Freddie jamais fora grande, e, agora, tudo parecia ir para sustentar os vendedores de vinho e os donos de bordel da capital. A pequena mesada de Pen, deixada para ela pelo pai, era insuficiente para sustentar os dois. As dívidas estavam se acumulando e, em breve, muito em breve, viriam os credores, e, depois, os bailios, as convocações e os tribunais. Pen lembrava-se do fim de seu pai, um homem amargurado que sofrera meia dúzia de ignóbeis sessões no tribunal por suas dívidas e morrera de desgosto ao ser reduzido a sobreviver com a miséria do dote da esposa. Dívidas assombravam sua família como uma maldição.

Que era onde entravam as informações sobre as atividades de Isabella. A princípio, Pen tentara escrever ficção, contudo seu trabalho fora rejeitado por várias editoras com o comentário de que era sensacional demais para o gosto popular. Ela brincara com a idéia de escrever manuais de conduta ou fábulas morais, porém sua irreverência natural sempre parecia dar as caras nos momentos mais inoportunos. E então, um dia, arrumando o gabinete, bateu os olhos em um antigo exemplar do *Mercury*, que Freddie deixara por aí. Lera a história indecente dos casos extra-matrimoniais de uma dama bem conhecida. E Pen pensou que poderia escrever algo no mínimo tão bom quanto, se ao menos conhecesse alguém famoso sobre quem escrever…

O demônio da tentação sussurrara em seu ouvido que sua irmã não se importaria, sua irmã compreenderia, Pen precisava do dinheiro e Isabella sabia o que era estar na pobreza, desesperada e endividada…

Pen selecionou algumas páginas, leu o seu conteúdo, depois as abaixou com um suspiro. A culpa voltou a agarrá-la pela garganta. Embora tivesse apenas quinze anos de idade quando Isabella se casara com Ernest e viajara para o exterior, sempre fora ligada à irmã mais

velha. Ainda podia se lembrar com perfeita clareza do terrível momento em que o pai disse para Bella, diante de toda a família, que ela precisava se casar com Ernest ou estariam todos arruinados. Pen era jovem demais para entender direito o que estava acontecendo. Ela tomara a mão de Isabella e falara que lhe tinham dito que, se a irmã recusasse o príncipe, todos morreriam de fome em Fleet Prison, e, com certeza, isso não podia ser verdade, com certeza, Isabella não permitiria que isso acontecesse. Ela notara a mudança no rosto de Bella naquele instante, uma espécie de enrugamento sob a superfície, e entendera, tarde demais, que Bella também era jovem, jovem demais para ter de fazer tais escolhas. E, no entanto, ela fizera a escolha, e salvara a todos. Na época, Ernest provara ser rico e despreocupadamente generoso com a nova família. Tiveram um novo começo, seu pai investindo tão mal quanto antes, e, inevitavelmente, perdendo tudo de novo, anos mais tarde.

Pen mexeu com impaciência nas páginas. Ela e Bella haviam escrito uma para a outra ao longo dos anos. Isso as aproximara, mesmo quando apenas se encontraram três ou quatro vezes em doze anos. Discutiram, mexericaram, confidenciaram. Depois, se reencontraram e descobriram que gostavam tanto uma da outra na vida real quanto no papel, e Pen sentiu quase como se houvesse redescoberto uma parte de si mesma que houvera perdido.

Nessas circunstâncias, detalhar os infortúnios da irmã para a imprensa parecia ser a maior velhacaria imaginável.

Pen tentou convencer-se de que a irmã não parecera excessivamente incomodada com a coluna no *Mercury.* De certo modo, fora um alívio saber que Isabella não tinha a intenção de identificar o autor. Por outro lado, sentia-se desapontada, pois, agora, sabia que seu logro poderia continuar. Isabella jamais saberia.

Pen mordeu com força o lábio. Supunha que poderia optar pela saída tradicional de problemas financeiros encontrando um marido rico. Porém, já era uma mulher madura, de 27 anos, e, embora os

homens ainda lhe admirassem a beleza dourada, era muito pouco provável que alguém desse o passo decisivo levando em consideração que ela era velha e pobre. Também não achava ter o temperamento para passar a vida inteira bajulando um homem rico. Provavelmente perderia a cabeça com ele, lhe diria algumas verdades amargas e ele a internaria em um asilo para doentes mentais. Além do mais, o único homem a lhe despertar interesse recentemente fora Alistair Cantrell, e já descobrira que ele não era rico. Nem um pouco.

Pensar no sr. Cantrell a fez pensar em Marcus Stockhaven. Não como um marido em potencial. Pen não se incomodava de admitir que a idéia de desposar um homem como Marcus a apavoraria, pois ele possuía uma certa qualidade física que era um tanto quanto intimidante. Mas porque ele era o único de seus parentes rico o suficiente para ajudá-la. Era uma possibilidade, é claro, mas ela não o conhecia bem, e, além disso, pressentia que ele não aprovava Freddie por algum motivo. Pen amava Freddie, e não queria expor sua fraqueza a Marcus.

Pensar em Marcus trouxe seus pensamentos de volta a Isabella. Pen achava, não, *sabia,* que, outrora, houvera algo forte e passional entre Marcus e Bella. Apenas uma criança durante aquele último verão em Salterton, vira Isabella se esgueirar para fora da casa à noite, e vira-lhe o retorno dos jardins mais tarde, com alegria nos passos e um brilho no olhar. O noivado de Isabella com Marcus parecera o óbvio próximo passo, um reconhecimento formal do laço inquebrável que unia os dois. E, no entanto, o laço fora quebrado, irrevogavelmente.

E, agora, por mais curioso que pudesse ser, os dois haviam retornado e, a julgar pelo comportamento deles no baile daquela noite, um padrão estava começando a se formar novamente. Só que desta vez estavam mais velhos e a paixão entre os dois parecia, de algum modo, mais sombria, mais dolorosa. Pen se lembrou do modo como Marcus olhara para Isabella e estremeceu. Se um homem, algum dia,

olhasse para ela daquele jeito, ela achava que sairia correndo.

A moça escutou o som da porta da rua se abrindo estrondosamente e a voz embriagada de Freddie gritando pelo criado, sem a menor consideração pelos outros moradores da casa. Pen suspirou. Ela juntou as folhas espalhadas e as guardou no armário sob a mesinha de cabeceira. Podia escutar Mather, o criado pessoal de Freddie, falando gentilmente com o seu patrão enquanto subia as escadas com ele, na direção do quarto de Freddie, procurando causar o mínimo de estrago à mobília.

Pen ficou de pé, caminhou até a cômoda e jogou um pouco de água do jarro no rosto. Fitou o seu reflexo no espelho. Parecia pálida e cansada, e, atrás dela, como um fantasma zombeteiro, o vestido de baile cor-de-rosa estava jogado sobre as costas da poltrona. Nenhum marido, nenhuma perspectiva, nenhum dinheiro. A srta. Penelope Standish deu as costas ao seu reflexo e jurou enviar o próximo artigo para o jornal imediatamente, para que pudesse sair na edição matutina.

Marcus seguira direto do baile para o ambiente menos salubre de Ratcliffe Highway, na parte leste de Londres. Alistair, que vinha cultivando a companhia de um policial de Bow Street chamado Townsend, havia conseguido uma dica de que um dos capangas de Warwick estava envolvido no recente surto de assassinatos na região. Marcus passara várias horas, e gastara um bocado de guinéus, na tentativa infrutífera de comprar informações. Ninguém estava falando. Todo mundo estava apavorado demais.

— É muito estranho — Marcus disse, quando estavam voltando para casa de madrugada, em uma surrada carruagem alugada —, mas Warwick não passa de um boato, não é? Está em tudo quanto é lugar, e em nenhum lugar. Começo a me perguntar se ele realmente existe.

— Ah, ele existe — Alistair disse, em tom sério. Estava sentado no canto da carruagem, as mãos enfiadas nos bolsos, o queixo enterrado

nas dobras da gravata larga. — De um modo ou de outro, ele existe. Quer seja como lenda ou como homem, o efeito é o mesmo. Ele espalha terror à simples menção de seu nome. É contra isso que estamos lutando.

— Mas como o encontraremos? — Marcus perguntou. — Sequer sabemos onde procurar. Ele escapa por entre nossos dedos como se fosse fumaça.

Alistair virou a cabeça e olhou para fora da janela da carruagem, vendo que a luz do dia estava ficando mais forte. Por um instante, Marcus pensou que ele não fosse responder. Sentia-se com frio, cansado e frustrado. Havia um único benefício em toda essa atividade, e era que desviava seus pensamentos de Isabella. Em algumas horas, teria de se lavar e se arrumar para ir até Brunswick Gardens confrontá-la.

— Você se esquece de que tem algo que Warwick quer — Alistair disse, subitamente. — Mais cedo ou mais tarde, ele virá à sua procura.

Uma certa princesa jovial, cujo retorno a Londres tem sido recebido com empolgação por todos os libertinos e galanteadores que a cortejaram da primeira vez, esteve em grande evidência na noite passada, no baile escocês da duquesa de F. A princesa, que jamais se esquiva de sua responsabilidade de dar origem a escândalos, foi entreouvida dizendo que não tinha intenção de encorajar as atenções amorosas de nenhum cavalheiro porque, na sua opinião, os ingleses são os piores amantes do mundo. Apesar de nos curvarmos à experiência superior da princesa no assunto (afinal de contas, ela passou boa parte de sua vida no exterior e, sendo assim, deve ter parâmetros de comparação), torcemos para que um cavalheiro se apresente para defender a reputação de seus compatriotas e fazer a princesa mudar de idéia. Quem sabe o conde de S. não é justamente o homem para o serviço? Aqueles com boa memória se recordarão que a adorável princesa e o galante conde outrora foram mais do que meros

conhecidos…

The Gentlemen's Athenian Mercury, 3 de julho de 1816.

Isabella suspirou e pousou com cuidado o jornal ao lado do seu prato de torrada para o desjejum. Não era exatamente inesperado ver-se mencionada novamente nas páginas de escândalos. Alguém que comparecera ao baile da duquesa de Fordyce devia ter tido o maior prazer em faturar um guinéu passando adiante este mexerico de primeira qualidade. Na época de Ernest, isso acontecera inúmeras vezes. Este escândalo, contudo, era inteiramente culpa dela. O que dera nela para fazer uma afirmação tão ultrajante e ridiculamente inverossímil sobre as habilidades amorosas dos homens ingleses? Não era nem como se tivesse a experiência para julgar. Se ao menos não houvesse se deixado irritar com as provocações da duquesa de Plockton. Contudo, sendo esse o único assunto ao qual sempre seria vulnerável, o comentário sobre sua filha, Emma, a tirara do sério, e, como resultado, mandara às favas o decoro.

— As damas e cavalheiros da imprensa estão acampados do lado de fora, Vossa Serena Alteza — Belton anunciou com um tom sepulcral, da porta. — Tomei a liberdade de remover a aldrava da porta para que não pudessem importunar madame, contudo receio que possam tentar entrar pela janela. E a srta. Standish chegou.

— Tive de entrar pela porta dos fundos — Pen resmungou, largando-se em uma das poltronas de pau-rosa e depositando uma pilha de jornais ao lado do prato da irmã, fazendo com que a porcelana tremesse e o chá derramasse. — Ah, você já viu os jornais!

— O que houve para deixá-la tão mal-humorada? — Isabella perguntou. — Não é comum você chegar junto com o primeiro jornal da manhã, na manhã seguinte a um baile.

— Queria mostrar-lhe isto. — Pen gesticulou na direção dos jornais. — Mas vejo que cheguei tarde demais. Posso tomar um pouco de chá? Garanto que estou precisando.

— Fique à vontade. — Isabella colocou no prato a torrada com mel

e limpou os dedos grudentos. Ela puxou os jornais para si. — Suponho que deveria ter previsto isto.

— É como eu disse ontem. — Pen agitou no ar o bule de chá para dar ênfase. — Sequer pode se mexer sem atrair escândalo, Bella. — Ela franziu a testa ao fitar a irmã. — Devo dizer que está muito calma com tudo isso. Há uma multidão do lado de fora de sua porta!

— Eu sei — Isabella disse.

— O *Mercury* e o *Perceptor* estão publicando colunas rivais — Pen resmungou. — Chega a ser vexatório.

— O que é vexatório é que são as duas publicações mais baixas de toda Londres — Isabella concordou. Ela fitou preocupada o rosto vermelho da irmã. — Parece estar levando isto para o lado pessoal, Penelope.

— Eu? — Pen se sobressaltou. — Não… Bem… É, acho a coisa toda uma desgraça.

Isabella deu de ombros.

— Vai passar. Sempre passa.

— É evidente que está acostumada com isso.

— É claro. — Isabella fitou a irmã cornos olhos azuis bem-humorados. — Ernest estava sempre chamando a atenção dos jornais.

Pen apoiou os cotovelos na mesa e tomou um grande gole de chá, seu olhar curioso fixo na irmã, por sobre a borda da xícara.

— É, eu entendo — disse. Ela hesitou. — Bella, aquilo que você disse… É verdade?

Isabella franziu a testa.

— O quê? O que foi que eu disse?

— Que os ingleses são os piores amantes do mundo? Eu espero que não. Não tive a oportunidade de lhe perguntar na noite passada, visto que o primo Marcus parecia determinado a desmentir as suas palavras o mais rápido possível!

Isabella fez uma careta.

— Estou chocada que faça uma pergunta dessas, Penelope. Pen riu.

— Meu interesse é puramente intelectual..— Ela fez um gesto discreto. — Tenho 27 anos de idade, Bella. Devo fingir que não sei que esse aspecto da vida existe?

— Suponho que não— Isabella admitiu. — Parece tolice fingir isso.

Pen arregalou os olhos.

— E então?

— Não faço idéia se é verdade ou não. Estava apenas deliberadamente querendo chocar.

Pen a fitou com espanto.

— Você não sabe?

— Não. — Isabella ergueu uma das sobrancelhas. — Não tenho experiência suficiente para julgar.

Ela se interrompeu, pensando em Marcus. Ele havia sido seu amante; contudo, naqueles doces dias de indiscrições juvenis, parecera tanto mais. Ele representara o mundo para ela.

Pen a observava, pensativamente.

— Você sabe muito bem que três quartos de minha má reputação se devem aos excessos de Ernest, não sabe? — Isabella acrescentou.

— E a quarta parte restante? — Pen insistiu.

— Ah, bem… — Isabella ponderou. — A maior parte é ficção elaborada pelos pseudocavalheiros cujas investidas eu rechacei. Infelizmente, não foram capazes de admitir que consegui lhes resistir. — Ela suspirou. — Não posso negar que houve um cavalheiro que eu procurei, quando pensei ter encontrado um pouco de afeição para tornar mais suportável minha vida com Ernest… — Ela se interrompeu, sacudindo a cabeça. Foram necessários muitos anos antes que sua tristeza a levasse a ser infiel ao marido, após a morte de Emma. Sentira-se muito solitária e havia se apaixonado perdidamente por um soldado da fortuna australiano que lhe notara a infelicidade e a cortejara com paciência, apenas para abandoná-la cruelmente dez dias mais tarde. Desiludida, de coração partido, ela logo se deu conta

de que todo mundo estava falando no caso, e recuperou a razão. Após isso, trancara o coração, guardando para si sua infelicidade.

— É uma das maiores bobagens de Londres que eu seja acusada de ser uma dama devassa, quando, na realidade, não tenho interesse algum pelos prazeres da cama — disse para a irmã.

Pen franziu a testa.

— Como é possível não achar tais questões interessantes?

— Acredite em mim — Isabella respondeu, dando uma mordida na torrada. — Elas não são.

Pen dava a impressão de não estar satisfeita.

— Neste caso, me parece que é Ernest quem deveria ter a reputação de ser o pior amante do mundo, ou você não se sentiria assim.

— É verdade — Isabella concordou.

Ela se interrompeu, cotovelos sobre a mesa, enquanto pensava não em Ernest, mas, mais uma vez, em Marcus. Suas primeiras experiências amorosas nas mãos de Marcus sem dúvida haviam sido estonteantes. Ela ardera por ele. No entanto, agora, parecia um sonho desbotado, algo que acontecera há muito tempo, em outra vida, se é que havia acontecido. E embora ele ainda fosse capaz de despertar algo dentro dela, Isabella jurou não lhe dar tal chance. Aos 17 anos de idade, as coisas pareciam simples. Amara Marcus e se entregara a ele com amor. Desde então, perdera um bocado e sabia, com absoluta certeza, que a melhor maneira de evitar perdas futuras era não abrir sua vida para riscos, para começo de conversa. Além do mais, Marcus a tinha na mais baixa estima agora. Ela lembrou-se das palavras hostis dele na noite anterior. Se havia algo que provava que o casamento dos dois tinha de ser anulado, e rapidamente, era a amargura de Marcus. Precisava entrar em contato imediatamente com o sr. Churchward para providenciar a anulação e os termos sob os quais ela ressarciria o marido pela sua dívida financeira. Não podia suportar a idéia de ficar devendo algo a ele mais tempo do que o necessário.

Pen franziu os lábios.

— Estou desapontada que não seja capaz de me aconselhar a respeito de relacionamentos amorosos. Estava torcendo para que este fosse um dos benefícios de ter uma irmã com uma reputação tão excitante.

— Lamento não servir — Isabella retrucou alegremente. — Meu conselho para você seria… não faça.

— Não fazer o quê? Me envolver em relacionamentos amorosos?

— De preferência. O amor não é bem o que é retratado na literatura. Simplesmente, não vale a pena.

Pen exibiu um ligeiro sorriso.

— Lamento saber disso. — Ela esvaziou a xícara de chá e recostou-se na cadeira. — Suponho que essa regra se aplique a Marcus Stockhaven? — acrescentou, secamente. — Ele não valeria o trabalho de um relacionamento amoroso?

Isabella pôde sentir as faces corando e ardendo. Ela gostaria que Pen não houvesse tocado novamente no nome de Marcus. Detestava corar. Sentia-se ingênua e constrangida.

— Em quaisquer circunstâncias, seria perigoso demais considerar um envolvimento com lorde Stockhaven — respondeu, evitando o olhar de Pen. — Alguns homens devem ser evitados por serem muito…

— Atraentes?

Isabella deu de ombros, irritada.

— Muito perigosos de se conhecer.

— Entendo — Pen afirmou. — Neste caso, o que foi todo aquele colóquio fascinante entre vocês dois, ontem à noite? Não negue.

Isabella suspirou:

— Você faz perguntas demais, Pen.

— Peço desculpas. — Pen indicou o jornal. — São as mesmas perguntas que todo mundo está fazendo.

Isabella gemeu. Estava esperando que Marcus entrasse pela porta

a qualquer minuto, o que apenas serviria para aumentar a curiosidade de Pen. Mas talvez ele não conseguisse entrar devido à multidão lá fora. Ficou animada só de imaginá-lo esforçando-se para convencer Belton a deixá-lo entrar.

Pen suspirou, evidentemente julgando que não conseguiria mais nenhuma informação naquele momento. Após alguns instantes, ela admitiu a derrota e mudou de assunto:

— Vamos sair hoje? — perguntou, Isabella também suspirou:

— Estava querendo tomar um pouco de ar puro, mas receio que vá ser impossível escapar da multidão lá fora.

— Pensei que já estaria acostumada a forçar a passagem pelo meio dela.

— Acho que estou mesmo. Quando Ernest morreu, nos braços da amante, madame de Coulanges, não consegui sair da casa de Estocolmo por vários dias, de tão grande que era a multidão lá fora. Todos queriam saber se eu tinha ou não uma opinião formada a respeito do modo como ele falecera.

— E você tinha?

— Claro que tinha, mas não estava disposta a compartilhá-la com eles. — Isabela esfregou tristemente a testa. — Gostaria de ter tido o mesmo bom-senso ontem à noite.

— Por que não teve?

— Talvez porque aquela velha megera da duquesa de Plockton me provocou. Ela me tirou do sério e, depois, receio não ter tido vontade de responder com qualquer cortesia a nenhum de seus outros comentários. — Isabella fitou a irmã nos olhos. — Posso deixar passar a maioria das coisas… Deus sabe que já tive muita prática… Mas, quando alguém se refere a Emma e sugere que Ernest tentou tirá-la de mim porque eu não era uma boa mãe…

Ela se interrompeu, engolindo em seco. Desde o início, lhe disseram que a pequena princesa Emma de Cassilis precisava ter sua própria casa. Era o estilo da realeza. Não havia possibilidade de a

criança cruzar a Europa com eles. Isabella era jovem e inexperiente, mas também havia sido corajosa. Fincara os pés no chão e insistira em manter a filha consigo. Ernest a fitara com desdém e a condenara como sendo irremediavelmente classe média, mas ela não se importara. Emma era tudo para ela e, quando contraiu escarlatina e morreu, parte de Isabella morrera com ela.

A compaixão se instalou no rosto de Pen.

— É, eu entendo. Isto é, é claro que não posso entender como se sente, Bella, mas percebo como deve ser intolerável para você escutar as pessoas dizendo coisas tão tolas e maliciosas.

Isabella apertou de volta a mão da irmã.

— Obrigada, Pen. Alguém bateu à porta.

— Perdão pela interrupção, Vossa Serena Alteza — Belton disse, carrancudo —, mas um carrinho de flores contendo 17 buquês chegou para a senhora.

Pen parecia surpresa.

— Por acaso esqueci o seu aniversário, Bella?

— Não — Isabella respondeu. — Meu aniversário foi em abril, como bem sabe.

— Então como explica a chegada de dezessete buquês de flores? Isabella pôs de lado o guardanapo e ficou de pé. Voltou a gesticular na direção dos jornais.

— Desconfio que isto possa explicar.

Pen olhou para a coluna do jornal, e depois para ela, o brilho retornando ao seu olhar.

— Ora, ora! Que divertido!

O corredor estava lotado de flores. As criadas andavam de um lado para o outro, tentando encontrar recipientes o suficiente onde colocá-las, e já haviam apelado para uma jarra de metal, um balde de carvão e uma tina de leite. Havia muitos sussurros e risadinhas a respeito de um arranjo em especial que Belton estava tentando tirar do caminho.

— Bom Deus! — Pen disse. — Parece ter o formato exato de um…

— Penelope! — Isabella exclamou.

— Já vi muitas esculturas de corpos masculinos nus — Pen explicou. — Só que aquele pênis está me parecendo grande demais.

Isabella estava lendo o cartão.

— E de lorde Forrester. Ele jura que as dimensões são as mesmas do seu e promete me apresentar a todos os prazeres que tenho perdido. Ele está determinado a redimir a reputação dos amantes ingleses.

Pen pegou outro cartão.

— Ah, Sir Chumley Morton também está! Assim como lorde Hesketh! E o sr. Styles lhe escreveu um poema, mas me recuso a lê-lo, pois é grosseiro e terrivelmente mal escrito.

— O que diabos é isto? — Isabella perguntou, retirando o que parecia ser uma bandeira da União do centro de um arranjo de flores azuis, vermelhas e brancas. — Bom Deus, acho que é um par de cuecas.

— Vossa serena alteza! — Belton as arrancou de suas mãos antes que ela pudesse estendê-las para serem inspecionadas.

Com a mão na cintura, Isabella inspecionou a confusão de flores.

— Bem, imagino que todos os janotas de Londres devem ter lido os jornais hoje de manhã.

Um dos criados se aproximou de Belton e eles trocaram algumas palavras sussurradas urgentemente, antes que ele voltasse a se afastar. Belton pigarreou.

— O marquês de Grimstone pediu para ser anunciado, Vossa Serena Alteza, assim como lorde Lonsdale e o sr. Carew. Tomei a liberdade de responder que madame não está em casa — ele informou. — Espero ter feito bem.

Pen lhe lançou um olhar de admiração.

— Você é notavelmente bom nisto, não é, Belton? Dá até para se ter a impressão de que tem prática em trabalhar para alguém mal-

afamada como a minha irmã.

Belton polidamente a ignorou, ainda concentrado em Isabella.

— Também há um cavalheiro que jura não ter vínculo com a imprensa popular, Alteza. Ele tem uma carta de apresentação do sr. Churchward e veio avaliar a coleção de arte.

— Obrigada — Isabella disse. — Por favor, acompanhe-o até a sala de estar, Belton, para que ele possa começar o seu inventário.

— Vossa Serena Alteza. Belton curvou-se e afastou-se.

Isabella caminhou na ponta dos pés até a janela e mexeu na cortina para poder espiar lá fora. Toda a rua estava cheia de gente se acotovelando e apontando. A única pessoa faltando era justamente o homem que ela sabia que viria visitá-la: Marcus Stockhaven. Sem dúvida a estava deixando se preocupar com a sua ausência, que era exatamente o que ela estava fazendo maldito seja…

Isabella soltou a cortina, que voltou ao seu lugar.

— Se quisermos sair, teremos de usar uma das janelas dos fundos — comentou.

— E assim que estivermos na Bond Street, voltaremos a ser assediadas por cavalheiros — Pen lembrou. — Droga! Há três meses que venho poupando para um novo chapéu, e estava ansiosa para ir às compras, mas não com platéia.

— Nós iremos às compras — Isabella afirmou. — Ou, melhor dizendo, pediremos as compras que venham a nós. — Ela virou-se para chamar o mordomo, que estava sempre por perto. — Belton, por favor, mande um criado até a Beaux Chapeaux na Bond Street, e peça-lhes para mandar uma seleção de seus melhores chapéus para nós escolhermos.

Pen parecia encantada.

— Eles farão isso, Bella?

— Ah, sim — Isabella disse. — Posso não ter nenhum dinheiro, nem crédito de qualquer tipo, mas todo bom vendedor sabe que, em se tratando de gastar dinheiro com roupas, uma princesa sempre

achará um jeito.

Ela lançou outro olhar na direção da rua movimentada. Não tinha intenção de se esconder dentro de casa pelo futuro próximo. Havia uma ópera que ela queria assistir naquela noite, e acabara de pensar em um jeito de usar sua barragem de admiradores para deixar uma falsa trilha e confundir Marcus. Era uma idéia muito satisfatória. E, para ficar na frente no joguinho dos dois, escreveria uma carta para o sr. Churchward, instruindo-o para dar início imediatamente ao processo de anulação: Sentiu-se mais animada. Sempre se sentia melhor no controle das situações.

Estava prestes a seguir para a biblioteca e escrever a carta em questão quando Belton apareceu carregando o último dos tributos florais. Penelope sorriu.

— Ah! Esse sim é bonito.

O buquê, de fato, era lindo: doze rosas claras delicadamente arrumadas em um pequeno cesto. Isabella pegou o bilhete. Subitamente, sentiu-se nervosa.

O cartão estava escrito com letra firme, e Isabella não precisou de assinatura para reconhecê-la, embora houvesse assinatura, tão firme e determinada quanto o seu próprio autor.

Encontre-me no escritório de Churchward em uma hora. Marcus Stockkaven. Isabella ficou fria. Isto não passava de uma ordem, pura e simples.

— De quem é, Bella?

A voz de Pen intrometeu-se em seus pensamentos e ela instintivamente esmagou o cartão entre os dedos.

— É de lorde Stockhaven — respondeu.

— Ele também escreveu um poema?

— Não exatamente. Stockhaven não é o tipo de homem que usa de sutilezas quando a objetividade é suficiente para alcançar sua meta. Peço que me perdoe, Pen — Isabella prosseguiu. — Descobri que tenho um compromisso urgente. Receio que terá de comprar seu

chapéu sozinha.

Ela voltou-se para Belton, estendendo a cestinha.

— Coloque esta na mesa do lado de fora do meu quarto de dormir, Belton — disse. — É o mais perto de meus aposentos que lorde Stockhaven jamais chegará.

E ela rasgou o cartão em pedacinhos.

Capítulo Nove

Marcus Stockhaven chegara a Brunswick Garden meia hora antes. Sua intenção fora visitar Isabella de manhã cedo, porém, quando voltara do leste de Londres, encontrara um bilhete urgente de lorde Sidmouth, convocando-o para o escritório do interior para tratar de assuntos pertinentes à sua estadia em Prison Fleet. Fora Sidmouth que lhe dera permissão para conduzir sua farsa pouco convencional, em primeiro lugar, e o preço era que Marcus lhe passaria o máximo de informações a respeito de Edward Warwick que pudesse, visto que as autoridades consideravam Warwick um malfeitor perigoso e estavam de olho nele. Agora, havia rumores de envolvimento de Warwick em vários tumultos e distúrbios políticos, assim como em um assalto à loja de um armeiro. Sidmouth queria o homem capturado e queria saber se Marcus acreditava na possibilidade de Warwick voltar para Salterton para terminar o que havia começado lá.

Várias horas se passaram antes que Marcus conseguisse se retirar da reunião, e o atraso o irritou profundamente. Quando enfim chegara a Brunswick Gardens, deparara com o local cercado por jornalistas e admiradores frustrados. O mordomo estava informando à multidão que a princesa Isabella não estava em casa. Marcus não acreditou nem por um instante, mas não estava disposto a fazer uma cena diante de uma multidão apenas para conseguir entrar na casa. Um dos criados de Isabella estava misturado à aglomeração, vendendo a informação

de que a princesa pretendia assistir à apresentação de *The Way of the World,* de Congreve, em Haymarket, naquela mesma noite. Marcus não pôde deixar de aplaudir a engenhosidade de Isabella. Era possível que os serviçais da princesa buscassem uma forma de lucrar com ela, mas Marcus duvidava disso. Tinha certeza de que a própria Isabella era responsável pelo rumor.

Ele cerrou as mãos nos bolsos, estragando as linhas elegantes do paletó. Ver tantos janotas buscando as atenções de sua esposa transformou suas ligeiras frustrações em quase loucura. Estava perdendo a cabeça e o controle por uma mulher de quem desgostava, porém tinha de possuir.

Podia sentir a voracidade e o desejo frustrado incendiando-se dentro dele. Quanto mais tinha de esperar, mais determinado ficava.

Traçou rapidamente seus planos. Havia uma florista na esquina, e comprou dela um buquê de rosas claras de aparência inocente. Não tinha uma caneta à mão, de modo que pegou uma emprestada com um dos repórteres que rondavam a porta da frente da casa. Depois, seguiu para a entrada de serviço, bateu à porta e entregou o buquê nas mãos da governanta.

E aguardou.

Foram precisamente quarenta e três minutos antes que a porta dos aposentos dos criados se abrisse e o mordomo, viesse providenciar uma carruagem de aluguel. Marcus achou que ele dava a impressão de estar distintamente pouco impressionado de ter de fazê-lo. A carruagem aguardou diante da porta dos fundos e, pouco depois, a princesa Isabella desceu as escadas e subiu nela. Estava usando escarlate e um chapéu demasiadamente elegante.

Quando a carruagem virou a esquina, Marcus deixou escapar um demorado suspiro. Não tinha certeza de que a esposa iria responder à ordem consideravelmente categórica escrita no cartão. Na verdade, não tinha como prever como Isabella reagiria. O fato de ela ter saído, é claro, não confirmava que estivesse indo para o escritório de

Churchward. Poderia estar seguindo para a outra extremidade da cidade. Mas era promissor.

Ele caminhou até a Brunswick Avenue e fez sinal para chamar uma carruagem de aluguel. Estava tranqüilamente confiante de que, agora, estava um passo à frente no jogo. Mesmo assim, não podia se dar ao luxo de se mostrar complacente. Subestimar Isabella seria o maior de todos os erros.

O sr. Churchward pai era um homem muito infeliz.

Relutantemente, concordara com o pedido feito pelo conde de Stockhaven para conduzir uma reunião entre o conde e a esposa em seu escritório. Era a última coisa no mundo na qual queria se envolver, e, agora que os dois protagonistas estavam presentes, ele se viu desejando estar no inferno. A atmosfera era, sem dúvida alguma, tensa.

A condessa de Stockhaven chegara primeiro. Estava imponentemente vestida de vermelho e usava um chapeuzinho astuto, que lhe ocultava parcialmente as feições. Ela cumprimentou o sr. Churchward com reservada compostura e sentou-se para aguardar a chegada do marido. Quando Marcus Stockhaven foi anunciado, ela fez questão de não fazer nenhuma menção de se levantar para cumprimentá-lo.

A expressão do conde era impassível, e sua postura, inconfundivelmente aristocrática. O sr. Churchward refletiu que ela teria intimidado muitos outros homens a ficar em silêncio. Contudo, Isabella não parecia muito impressionada.

— Talvez possamos ir direto ao assunto — disse, com frieza. — Não tenho muito tempo a perder.

Com seu inconfundível e intimidante ar de superioridade, Marcus a fitou.

Isabella casualmente puxou um fio solto da saia e lhe ofereceu um sorriso capaz de transformar água em gelo.

O sr. Churchward pigarreou.

— Madame, o conde solicitou esta reunião com o intuito de discutir certas questões pertinentes ao seu casamento, para que um acordo mútuo possa ser alcançado.

— Deixe de lado as delicadezas, Churchward — Marcus disse, brutalmente. — Estamos aqui para explicar para minha esposa os termos deste casamento. — Ele virou-se para Isabella. — Pedi para o sr. Churchward estar presente à nossa reunião para que não haja mal-entendidos quanto à natureza de nosso acordo, madame.

Isabella fitou intensamente Marcus com os olhos azuis. O sr. Churchward mexeu-se na cadeira, como se estivesse sentado em carvão em brasa. Marcus não pareceu se impressionar.

— Prossiga — Isabella disse, com um tom gelado.

Churchward rezou para o chão do escritório se abrir, engolindo-o por inteiro; contudo, quando isto não aconteceu, pigarreou novamente, e pegou a folha de papel que estava sobre a mesa, diante de si. Sua mão tremia ligeiramente. Marcus caminhou até a janela, de modo a ficar atrás da esposa. Sua presença sorumbática dominava o recinto.

— O conde de Stockhaven estabelece os seguintes termos para o seu casamento com a princesa Isabella Di Cassilis — o sr. Churchward leu rapidamente. — Primeiro, que o casamento deverá ser formalmente anunciado o mais rápido possível. Segundo, que não haverá anulação. Terceiro, em acordo com o direito garantido pela lei matrimonial, o conde reivindica a posse da casa referida como número cinco, em Brusnswick Gardens, e ordena a sua venda. — A voz de Churchward acelerou até ele estar praticamente tagarelando. — Quarto, baseado no mesmo princípio, o conde reivindica a propriedade conhecida como Salterton Hall, no condado de Dorset.

Por fim Isabella estremeceu. Ela estivera sentada, completamente imóvel, com a cabeça abaixada. Agora, erguera a cabeça, e, embora não pudesse lhe ver claramente a expressão do rosto, Churchward

sabia que isto a magoara. Ela considerara Salterton como sendo sua. Fora especial para ela. Porém, não havia nada que Churchward pudesse fazer. De acordo com a lei, as propriedades da condessa pertenciam ao marido.

— Madame… — Churchward disse, com tristeza.

Isabella sorriu para ele. Apesar da situação, havia cordialidade em seu olhar.

— Por favor, não se preocupe, sr. Churchward. Sei que nada disso foi idéia sua. — Ela voltou o olhar frio para o marido. — Presumo que haja mais?

— É claro — Marcus respondeu. A expressão de seu rosto parecia granito de tão dura. — A condessa se mudará para Stockhaven House pelo tempo que permanecer na cidade. Madame me apresentará qualquer outra dívida a ser sanada e pedirá minha permissão antes de comprar qualquer outra coisa. Também quero receber uma lista de todas as suas funções sociais e…

— E eu o consultarei antes de falar com qualquer um de meus conhecidos — Isabella o interrompeu. — Suas exigências são ridículas, cavalheiro.

Marcus enfiou as mãos nos bolsos.

— Não são, não, madame. Minhas *condições* são perfeitamente aceitáveis para um homem com uma esposa errante.

O sr. Churchward encolheu-se no seu assento. Caso se fizesse o mais imperceptível possível, havia a chance de ele conseguir se esgueirar para fora da sala sem o conde e a condessa notarem. Na verdade, estavam tão concentrados em sua antipatia mútua que ele, provavelmente, poderia ter dançado em cima da mesa e os dois não o teriam notado. O sr. Churchward negociara, em diversas ocasiões, entre as partes de um casamento de conveniência. Já vira maridos e mulheres cujo desprezo um pelo outro era tão grande que mal podiam tolerar ficar no mesmo recinto. Nesse caso, o benefício principal do casamento normalmente envolvia a troca de dinheiro por um título,

ou a combinação de duas grandes dinastias, nada mais.

Contudo, o conde e a condessa de Stockhaven não se encaixavam em tal padrão. Olhando para eles agora, o conde fitando a esposa com a fúria estampada no rosto determinado, seria fácil acreditar que ele a odiava de verdade. No entanto, o sr. Churchward podia dizer que não era bem assim. Atrás daquela fachada apavorante, o advogado podia pressentir que os sentimentos de Marcus Stockhaven pela esposa eram muito mais complexos do que apenas ódio. O conde não tirara, uma vez sequer, os olhos do rosto da princesa desde o instante em que adentrara o recinto. Ele a observava como uma águia. E, em determinado momento, Churchward o flagrara olhando para ela com tamanho desejo incontido, furioso, que sentiu-se profundamente pouco à vontade. O sr. Churchward pai era homem, embora tudo indicasse que, nos últimos anos, a sra. Churchward havia se esquecido disso, de modo que podia entender a luxúria do conde pela esposa. Contudo, a expressão de fúria, voracidade e angústia de Marcus Stockhaven era dolorosa de testemunhar.

Com a voz mais uma vez fria e sem revelar emoções, Isabella disse:

— Quer dizer que pretende tirar Salterton Hall de mim, cavalheiro. Aí está uma bela vingança.

— Não desejo a propriedade — Marcus disse, abruptamente. — Ela será vendida.

Isabella virou o rosto, de modo que o chapéu o encobrisse inteiramente, deixando de fora apenas a curva da face. O sr. Churchward não era o mais imaginativo dos homens, contudo, naquele instante, foi capaz de sentir até a última gota de seu sofrimento.

— E o que ganho em troca? — Isabella inquiriu, após um instante. — Se é uma liquidação de dívida que está propondo, meu senhor, o que pretende me deixar neste acordo?

Marcus apoiou as duas mãos sobre a mesa e se inclinou para ela.

— Suas dívidas foram pagas, madame. É o que está ganhando com

este acordo. Não é o que queria?

Isabella alisou as luvas com gestos pequenos e deliberados.

— Mas e se meu senhor morrer? Que providências serão tomadas para garantir o meu futuro? Acidentes acontecem.

O sr. Churchward inspirou profundamente. A dama estava fazendo um jogo deveras perigoso. Ele viu as mãos de Marcus cerrarem-se de encontro à madeira da mesa.

— No caso de minha morte, madame — ele disse, através dos dentes —, imagino que simplesmente repetirá sua tática de encontrar outro marido rico. Não é esse o seu comportamento costumeiro?

— E quanto à sua propriedade e fortuna?

— Irão pára o meu primo. Receio que não haja benefícios para a madame mandar me matar.

O sr. Churchward estava quase choramingando agora.

— Meu senhor, isto é muito impróprio… Marcus o ignorou.

— A não ser, é claro, que me dê um herdeiro, madame — completou, bruscamente. — Neste caso, ele herdará.

O fecho de casco de tartaruga da bolsa de Isabella estalou sob os dedos dela, fazendo com que todos se sobressaltassem.

— Eu teria mais prazer em lhe dar a peste — a dama disse, com doçura. — Não me levará para a cama como parte deste *acordo.*

As orelhas do sr. Churchward estavam vermelhas de tanto constrangimento.

— Você honrará seus deveres de esposa. — O advogado viu Marcus empalidecer um pouco ao dizer enfaticamente cada palavra. — Nós discutiremos isso em particular, madame.

Inclinando a cabeça com perfeita elegância, Isabella ficou de pé.

— Se não há mais nada a ser dito, se me derem licença, cavalheiros.

Marcus arrancou o documento dos dedos insensíveis de Churchward.

— Não antes de assinar, milady.

Isabella se deteve. Churchward teve a impressão de que muito tempo passou enquanto ela olhava do papel para o rosto sério do marido. Ela parecia jovem, desafiante, e muito bonita. Churchward podia sentir a intensidade contida de Marcus enquanto aguardava.

— Não — ela disse, com clareza. — Não assinarei. Não pode me forçar a isso. Sr. Churchward, apesar do que foi discutido aqui esta manhã, gostaria que me enviasse a documentação necessária para a anulação.

Marcus se empertigou.

— Com ou sem o seu consentimento, o anúncio de nosso casamento estará no *Times* amanhã — disse.

Isabella não respondeu. Apenas fechou delicadamente a porta.

— Isso não correu muito bem, meu senhor — Churchward disse, quando recuperou o fôlego.

Marcus deu a impressão de não o ter escutado. Estava sacudindo a cabeça abruptamente, como se houvesse acabado de despertar de um sonho. Ele olhou para o papel rejeitado, que estava sobre a mesa.

— Ela concordará — disse. — Não tem outra escolha.

Churchward o fitou atentamente. Perguntou-se se o conde sequer conhecia a esposa que tinha. Churchward não tinha muita experiência, mas não era necessário o conhecimento enciclopédico sobre as mulheres de lorde Byron para perceber que Marcus cometera um erro tático. Ele apresentara suas exigências. A esposa as rejeitara. O jogo não estava longe de acabar. Na verdade, mal havia começado.

Ela não tinha para onde fugir, nenhum lugar onde se esconder e ninguém para ajudá-la. No entanto, jamais desistiria de lutar.

Isabella estava sentada sozinha no camarote dos Di Cassilis no Sadlers Wells Theatre. Mal escutou uma nota que fosse de O *Casamento de Fígaro.* A inteligente história de amor, traição e perdão parecia bem apropriada para a noite. Exceto que, para Marcus e ela, o amor havia acabado, a traição fora completa e o perdão parecia um

simples sonho.

Não podia esquecer a expressão do rosto de Marcus quando o sr. Churchward leu em voz alta os termos do acordo referentes a Salterton. Ela já se perguntara se Marcus estaria fazendo isto por orgulho e vingança, contudo, a expressão de satisfação no seu rosto quando ele se apossou da herança dela sugeria que seus motivos eram mais profundos do que mera desforra pessoal. Ele estava dando o troco não só por ela o ter traído, mas também por algo a ver com a prima India. Isabella tinha certeza disso.

A promessa de Salterton havia sido a sua salvação. Não importava o quanto ela pudesse perder, contanto que pudesse se mudar para o lugar daquelas felizes lembranças de infância e recapturar um pouco daquela paz. Havia sido muita ingenuidade dela não se dar conta do que aconteceria. Com o casamento, todas as suas propriedades pertenciam ao marido, incluindo Salterton. Ela não tinha mais nada no seu nome agora. A propriedade agora era de Marcus, assim como ela.

Sentia-se mal, com frio e com medo, só de pensar em como ele poderia fazer valer a sua condição de proprietário. Havia inúmeras maneiras de humilhá-la. Suas exigências já a haviam privado de sua propriedade e de sua dignidade. Ela tinha quase certeza de que Marcus não era o tipo de homem a forçar a sua presença no leito matrimonial, de que, apesar da hostilidade mútua entre os dois, ele não usaria de força física para conseguir o que quer que quisesse. Isso não serviu para tranquilizá-la muito. Estava confusa sobre como podia antipatizar tão intensamente com um homem, e, no entanto, no seu íntimo, sentir uma pontada de afinidade que lhe dizia que, apesar de tudo, o destino deles era, e sempre fora, ficar juntos.

As cortinas nos fundos do camarote se moveram quando uma figura passou pela abertura e sentou-se ao lado dela. O camarote Di Cassilis tinha não só uma entrada privativa, como também uma passagem secreta conectando-o com os camarins. O príncipe Ernest sempre apreciara o privilégio de cumprimentar suas artistas favoritas

diretamente após o espetáculo e convencê-las a realizar um tipo diferente de espetáculo apenas para ele. Esta noite Isabella apreciara o sigilo por um motivo diferente. Este havia permitido que ela chegasse ao teatro sozinha e sem ser vista. Contudo, agora, sequer precisava virar a cabeça para saber quem estava ao lado dela.

— Meus parabéns, meu senhor — ela sussurrou, discretamente baixando a voz de modo a não atrapalhar a apresentação. — Presumo que esteja aqui para reivindicar o último bem dos Di Cassilis que ainda lhe escapara?

Marcus riu.

— *Touché,* milady. Confesso que fiquei profundamente impressionado quando soube que seu falecido marido possuía um camarote particular em todos os teatros de Londres.

— Para ver e ser visto — Isabella murmurou.

— Muito natural: — Marcus esticou as pernas compridas e recostou-se na confortável poltrona de veludo. — E é justamente o motivo de eu estar aqui hoje à noite.

— Imaginei que deveria ter um motivo. Não achei que uma paixão por Mozart estivesse entre seus interesses.

Marcus mexeu-se ligeiramente no lugar. Sua voz ficou mais dura:

— Nada sabe a respeito de meus interesses, madame. Isabella abriu o leque.

— Nem preciso saber. Podemos estar casados, mas não precisamos entediar um ao outro com nossos interesses, e nem com a nossa companhia. Na verdade — ela fez menção de se levantar da poltrona —, acredito que o espetáculo tenha perdido um pouco do encanto para mim. Acho que vou me retirar.

A mão de Marcus fechou-se calorosa e firmemente sobre o pulso enluvado dela, forçando-a a voltar a afundar na poltrona.

— Eu acho que não. Visto que o anúncio oficial de nosso casamento vai sair nos jornais de amanhã, quero que sejamos vistos juntos hoje à noite.

— Se é o que ordena.

— É o que eu peço.

Não havia muita cortesia no seu tom, Isabella pensou. Não foi de modo algum um pedido.

— E se eu optar por não lhe atender o *pedido?* — Ela deu uma ênfase sarcástica à palavra. — O que acontecerá então?

Marcus suspirou:

— Minha querida Isabella, você é inteligente demais para não se dar conta de que será mais confortável para nós dois se concordar com minhas vontades. Para que resistir? Sabe que tenho nas mãos todas as cartas.

Isabella sentiu a raiva tomando conta dela.

— O que é que você quer? — sibilou.

— Já lhe disse, ontem à noite, no baile. — Marcus não pareceu se abalar. — Eu a quero por esposa… em todos os sentidos. Quero reconhecimento público do fato de que estamos casados e quero um acerto de contas pessoal com você. Depois disso, talvez possamos considerar uma separação legal.

A insensibilidade fria de Marcus fez o coração de Isabella apertar. O que ele queria era a mais pura vingança.

— Quer o reconhecimento público porque eu o rejeitei antes — ela sussurrou.

— É.

— E o acerto de contas pessoal… — Ela se interrompeu. — Por causa de India, assim como de si mesmo.

Ela o sentiu sobressaltar-se. Ele virou-se para fitá-la de frente pela primeira vez e seus olhos estavam sombrios, com alguma emoção que ela não reconhecia.

— Quer dizer que *admite?* Realmente era tão calculista e corrupta?

Isabella sentiu uma faca sendo retorcida no seu peito. Mercenária, calculista, corrupta… A opinião que ele tinha dela não podia ser pior.

— Não faço idéia ao que está se referindo — ela afirmou,

mantendo o tom de voz baixo. — Estou apenas supondo que tenha algo contra mim da parte de India, assim como de si próprio, e esteja determinado a ir à forra.

Ela escutou Marcus suspirar na escuridão. No palco, a melodia foi crescendo. Isabella manteve o olhar fixo nas figuras coloridas sob a luz. Esforçou-se para olhar diretamente para frente, como se Marcus não existisse.

Estava tensa como uma corda de violino, no entanto, por mais estranho que pudesse parecer, à medida que a ópera ia chegando ao seu apogeu, ela sentiu-se sendo levada pela música, por um instante transcendendo a tristeza interior. Sentiu a mão de Marcus agarrando o seu pulso quase como se fosse uma carícia. Os dedos dele se entrelaçaram com os dela. Seu toque era suave agora, mas com sentimento de posse casual que despertava uma sensação curiosa em seu íntimo. Isabella sabia que deveria se afastar e deixar bem claro que ele não tinha direito algum no tocante a ela, porém não conseguiu fazê-lo.

Marcus segurou a mão dela durante o restante da apresentação e, aos poucos, sua ciência da presença dele foi se transformando um uma sensação de formigamento no pulso para uma profunda consciência física que parecia tomar conta de todo o seu corpo. Sentia-se quente, inquieta e excitada. Tinha certeza de que as faces estavam coradas. Mal era capaz de ficar quieta. Quando a música morreu, e os aplausos começaram, o barulho súbito a fez sobressaltar-se. Ela olhou para Marcus e descobriu que ele a observava. A dureza do seu olhar havia se suavizado, e os olhos escuros estavam repletos de algo que se parecia perigosamente com ternura. O coração de Isabella palpitou. Ela abriu a boca para falar, mas as luzes se acenderam com um brilho inesperado e ela piscou e recuou, retraindo a mão.

A platéia já estava se mexendo. Os camarotes eram projetados para os ocupantes serem vistos, e muitas pessoas haviam olhado para cima e notado Marcus ao lado dela. A multidão nas primeiras filas do teatro

estava promovendo uma debandada pouco digna na direção do camarote dos Di Cassilis, Marcus voltou-se para ela e seu tom, mais uma vez, estava frio e um pouco duro:

— Ficaremos aqui para recebê-los.

— Não. — Foi a resposta de Isabella. O breve momento foi estragado, estilhaçado pelo prazer que ela viu nos olhos de Marcus ante a perspectiva de os dois se exibirem para a elite da sociedade. — Pode receber quem quiser, meu senhor. Afinal de contas, o camarote é seu, agora. Eu estou de partida.

Antes que ele pudesse protestar, ela desaparecera atrás da cortina e tomara as escadas secretas que levavam ao camarim. Sempre soubera que a tendência de Ernest a seduzir atrizes um dia seria útil.

— Mas que diabos?

Marcus estava de pé na sala de leitura do White's, fitando horrorizado o comunicado no *Times.* Fora até lá se encontrar com Alistair, que havia lhe deixado o recado de que se atrasaria alguns minutos. Enquanto esperava, um criado havia lhe trazido os jornais matutinos, e Marcus ansiosamente virara as páginas para achar a notícia de seu casamento com Isabella. Ver o anúncio público, de algum modo, parecia ser o primeiro passo para legitimar o relacionamento e torná-lo verdadeiro aos olhos do mundo. Marcus estava cheio de expectativa.

Estava ali, impresso, fitando-o nos olhos. Primeiro, havia uma declaração do casamento: *O conde de Stockhaven tem o prazer de anunciar seu casamento coma princesa Isabella Di Cassilis…*

Tudo perfeito. Contudo, sob o anúncio, diretamente abaixo dele, alguém havia inserido o seguinte pronunciamento: *A princesa Di Cassilis deseja comunicar que, doravante, pretende manter o título de princesa, em vez de o de condessa, por ele ser superior na hierarquia social. Também quer deixar bem claro que se casou com o conde de Stockhaven pelo dinheiro deste.*

Marcus pôde escutar um estranho zumbido nos ouvidos, como se estivesse vendo o resto do mundo de dentro d'água. Alguns conhecidos passaram por ele com um comentário jocoso e um tapinha nas costas. Marcus mal os notara enquanto lia e relia a nota no jornal. Tinha de ser obra de Isabella, é claro. Cometera o erro de lhe falar antecipadamente sobre o comunicado, e ela, na mesma hora, retaliara. Sua sensação de triunfo deu o último suspiro e morreu.

Marcus podia ver Alistair na porta agora, acompanhado de dois outros homens. Lorde Lonsdale e o sr. Carew haviam estado entre os admiradores de sua esposa no dia anterior, na confusão em Brunswick Gardens. Fechou a cara ante a aproximação dos homens.

— Não sei se o parabenizo ou se lhe dou os pêsames, meu velho — Lonsdale disse. — Quanta franqueza! Muita coragem sua admitir que ela apenas o quer pelo seu dinheiro.

— Se você fornecer os fundos, meu velho, nós manteremos a princesa feliz de outras maneiras — Carew começou a dizer, antes que Marcus o agarrasse pelo pescoço e apertasse.

— Tenha calma, Stockhaven! — Lonsdale protestou. — Sabe como é essa história de casamento de conveniência.

— Não darei meu nome aos moleques de outro homem — Marcus anunciou. Ele soltou o pescoço de Carew, e este recuou cambaleando, sacudindo a cabeça como um cachorro molhado. — Fiquem longe da minha esposa. Fiquem longe, ou eu…

— *Marcus.* — Alistair lhe segurou o braço e praticamente o arrastou para longe, antes que o amigo acertasse um soco na cara sorridente de Lonsdale. — Deixe para lá. Eles só querem provocá-lo.

O caldeirão de fúria fervente no interior de Marcus pareceu se acalmar um pouco. Ele abaixou as mãos quando Carew e Lonsdale se afastaram. Ainda estavam sorrindo maliciosamente, apesar de Carew estar massageando o pescoço. Com todos os diabos, ele havia se tornado motivo de piada. E por obra da esposa. Por que havia presumido que ela simplesmente aceitaria as suas restrições? Por que

não se dera conta de que ela tentaria empatar o placar?

Freddie Standish atravessou a porta, e Alistair praguejou baixinho, visto que o momento não podia ser pior. Por um instante, Marcus pensou que o cunhado fosse ignorá-lo por completo. Freddie não era nenhum herói. Era pouco provável que fosse dar início a outro confronto.

O clima no recinto ficou incrivelmente tenso. Todo mundo estava olhando. E, em vez de seguir seu caminho, Freddie Standish foi direto até onde Marcus estava.

— Meus parabéns, Stockhaven — disse. Freddie não estendeu a mão para Marcus. Suas palavras pareciam feri-lo. Os olhos acinzentados estavam incrivelmente frios. — Primeiro se casa com minha prima, agora com minha irmã. Tem mais sorte do que merece. — Ele se interrompeu, e a ênfase em suas palavras foi como marteladas em uma placa de metal. — Nunca quero ouvir que Isabella está infeliz, ou terá de se ver comigo.

Ele girou nos calcanhares e voltou a deixar o recinto, seguido por murmúrios de surpresa e especulação.

— Ele estava falando sério — Alistair comentou, fitando as costas de Freddie, que se afastava. Soltou a respiração ruidosamente. — Jamais teria esperado isso dele.

Marcus relaxou lentamente os músculos. Cada um deles parecia ter se retesado. Em outras ocasiões, pressentira a hostilidade de Freddie, contudo, jamais dera muita importância.

Primeiro se casa com minha prima…

Jamais soubera que India e Freddie haviam sido muito chegados. Ela nunca o mencionara, contudo, subitamente, Marcus ficou curioso. Não havia motivo para o antagonismo de Freddie. Este precedera seu casamento com Isabella, de modo que ela não poderia ser a causa. E o motivo tinha de ser forte, pois, agora, sabia que, sem sombra de dúvidas, Freddie Standish o odiava.

Capítulo Dez

—Você podia ter me contado! — Pen irrompeu no salão azul e largou-se no sofá, ao lado da irmã. — Sinto-me como uma perfeita tola! Só descobri que estava casada porque Freddie viu no *Times!*

Isabella ergueu os olhos de seu livro.

— Freddie lê o *Times?* Agora foi você quem me surpreendeu. Pen fez uma careta.

— Não brinque com isto, Bella. Estou muito magoada. — Ela agitou os braços em sinal de irritação. — O que está acontecendo? Quando foi que isto aconteceu? Onde está Marcus? Isto é tudo muito estranho!

— Eu sinto muito — Isabella disse. Podia sentir a preocupação por detrás da indignação da irmã. — Trata-se apenas de um casamento de conveniência. Estamos casados há uma semana e não faço idéia de onde Marcus está. Não é como se vivêssemos grudados um no outro.

— Você poderia ter me convidado para o casamento! — Pen disse, afobadamente. — Mais alguém estava sabendo?

— Não, claro que não. Ninguém sabia além do sr. Churchward e dos agiotas.

— Ora, veja só. Que maravilha! O rosto de Pen estava vermelho de irritação. — Foi muita sujeira de sua parte, Bella. Freddie e eu ficamos chocados.

Isabella estendeu a mão.

— Sinto muito. — repetiu. — Casei-me com Marcus pelo dinheiro dele, e planejava que a união fosse de curta duração. Aliás, para um casamento de conveniência, este está se mostrando excessivamente inconveniente.

Pen a fitou com curiosidade.

— Inconveniente? É melhor me contar tudo, Bella. Isabella esfregou a testa.

— Não sabia o que fazer, Pen — disse. — Os agiotas não queriam me fazer mais empréstimos, mesmo havendo a expectativa da herança de tia Jane. Como sabe, o sr. Churchward disse que eu iria para a prisão ou seria forçada a me refugiar no exterior. Ela fechou os olhos. — Fiz a única coisa na qual consegui pensar.

— Procurou o primo Marcus e ele se ofereceu para casar com você. — A lógica falha da explicação parcial de Isabella não escapou à irmã, que franziu a testa. — A maioria das pessoas pediria um empréstimo, não casamento, Bella. Decerto não havia motivo para ir tão longe.

— Suponho que não. — Isabella hesitou, relutante em divulgar a história completa do casamento na prisão. — Eu pretendia dar entrada na anulação assim que pudesse pagar a Marcus. — Ela passou os dedos pelo cabelo, retirando os grampos. Podia sentir uma dor de cabeça começando. — Não estava pensando, Pen. Estava desesperada para sanar as dívidas de Ernest.

— Eu entendo isso — Pen disse, acariciando-lhe a mão. — Mas, ainda assim, parece um plano impulsivo.

— E foi. Eu reconheço. — Isabella suspirou, — E, agora, parece que anulações são muito difíceis de obter. Não tinha noção de que estava me metendo em tamanho apuro.

— Anulações são diabolicamente difíceis de conseguir — Pen concordou.

— Está vendo! — Isabella estendeu a mão em um gesto de desespero. — Até mesmo você sabe disso! Por que *eu* não sabia?

— Não faço idéia. Se eu soubesse que estava interessada, teria lhe dito. — Pen suspirou. — E quanto a Marcus? Ele quer a anulação?

— Não — Isabella disse, corando. — E, sem ele estar de acordo, é impossível.

— E, tive a impressão de que ele parecia mesmo mais interessado em consumação do que anulação, quando vocês se encontraram na festa da duquesa.

— Pen!

— E então? — Pen parecia impaciente. — Não é necessário ser um gênio para ver que ele a quer em sua cama. Não discutiram isso antes de se casarem?

— Não conversamos sobre muita coisa — Isabella admitiu.

— Deveriam tentar. Esclarece as coisas de um modo maravilhoso.

— Obrigada pelo conselho. Vou me lembrar disso. Pen sorriu.

— Então, onde é que está Marcus? Preciso lhe dar os parabéns.

— Como já disse, não faço idéia.

O dar de ombros de Isabella não correspondia ao frio que sentia por dentro. Sem dúvida, àquela altura, Marcus já devia ter lido a nota no jornal, e deveria estar marchando na direção da casa dela. Assim como toda a elite da sociedade, que adoraria presenciar as notícias escandalosas em primeira mão.

— Não acho que ele vá gostar muito de ler que você se casou com ele pelo dinheiro — Pen comentou.

Isabella suspirou:

— Pen, em se tratando de informar o óbvio, você é imbatível.

— Não vejo razão para sarcasmo — Pen queixou-se, virtuosamente. — Você fez de propósito, para irritá-lo?

— Receio que sim. Ele insistiu em um comunicado do casamento, de modo que eu decidi comunicar mais do que ele estava esperando.

— O que acha que ele vai dizer?

— Você mesma pode perguntar a ele — Isabella disse, com mais compostura do que estava sentindo. — Acho que estou escutando a voz dele.

Houve um burburinho no corredor, e, em seguida, Belton entrou.

— O conde de Stockhaven, Vossa Alteza Serena.

Seu tom era sombrio ante a reprovação aos membros da elite que moravam separados e necessitavam ser anunciados à própria esposa.

— Bom dia, meu senhor — Isabella disse. — Estávamos justamente falando sobre milorde.

Marcus a fitou através dos olhos estreitados. Estava com um

exemplar do *Times* na mão, dobrado na página em questão, e o batia impacientemente de encontro à palma da outra mão. Isabella sabia que ele estava aguardando que ela pedisse para que Pen os deixasse a sós. Em vez disso, pegou deliberadamente o bordado pela metade que estava no sofá ao lado dela e começou a trabalhar nele com toda a delicadeza. Não era nenhuma bordadeira, nem jamais havia sido, mas achava útil ter algo com que ocupar as mãos. Reassegurava às damas mais idosas da respeitabilidade da casa e lhe oferecia algo no que se concentrar quando queria evitar situações difíceis. Este era um dos melhores exemplos.

Pen levantou-se para dar um beijo em Marcus.

— Primeiro primo, e, agora, cunhado! — disse. — Fico tão feliz! Agora posso lhe pedir dinheiro emprestado, Marcus!

A expressão séria de Marcus suavizou-se ligeiramente quando ele olhou para ela, mas voltou a ficar dura quando se voltou, mais uma vez, para Isabella.

— Se eu puder ter uma palavrinha com milady?

— Mas é claro — Isabella respondeu, de cabeça baixa, bordando assiduamente. — Por favor, prossiga, meu senhor.

Marcus, mais uma vez, aguardou que ela pedisse para a irmã deixá-los. Isabella ficou em silêncio. Após alguns instantes, ela disse:

— Milorde parece estranhamente hesitante em falar.

Marcus olhou para Pen, que o fitou de volta com os límpidos olhos azuis. Marcus suspirou. Caminhou até a porta e a abriu com exagerada cortesia.

— Se puder nos dar licença, prima Penelope…

—Ah, é claro! — Pen voltou-se para Isabella. — Se precisar de mim, estarei na biblioteca lendo um pouco de Platão.

— Obrigada, Pen — Isabella disse, sem tirar os olhos do bordado, Não havia motivo para facilitar as coisas para Marcus. Muito pelo contrário.

Houve um profundo silêncio após a saída de Pen. Isabella bordava

rápida e irregularmente. Ela torcia para que Marcus não notasse que suas mãos tremiam ligeiramente.

Ela se sobressaltou quando ele bateu com o jornal no braço da poltrona ao seu lado.

— Qual é o significado disto, madame?

Isabella cerrou os dentes.

— Não compreendo, meu senhor.

— É claro que compreende. — Marcus apoiou a mão no braço do sofá e inclinou-se sobre ela, absolutamente intimidador. — Casou-se mesmo pelo meu dinheiro! Mas era necessário contar para toda a sociedade?

Isabella bordou um pouco mais rapidamente. Se Marcus se inclinasse mais um pouco, ela enfiaria a agulha nele.

— Evita mal-entendidos, meu senhor — disse. — Sempre tento ser o mais franca possível.

Marcus lançou-lhe um olhar zangado.

— Quero que mande uma retratação para o jornal, imediatamente. Será publicada amanhã.

— Se é o que quer, milorde.

Isabella arriscou uma olhada rápida para o rosto dele. O homem parecia furioso, perplexo e frustrado. Que gratificante!

— Milady o fará? — ele perguntou. Havia um ligeiro vestígio de incredulidade em sua voz.

— Eu concordei — Isabella respondeu, compostamente.

— Houve um instante de silêncio e, depois, Marcus se empertigou.

— Muito bem. Também quero saber quando se mudará para Stockhaven House.

Isabella cortou cuidadosamente a linha com sua pequena tesoura de costura de prata.

— Eu me mudarei para Stockhaven House quando a casa estiver pronta para me receber, meu senhor.

Marcus deu a impressão de estar confuso:

— Pronta? Pronta de que modo? Isabella ergueu as sobrancelhas.

— Ora, a casa precisa ser limpa de ponta a ponta. Todas as chaminés devem ser limpas. Os empregados devem ser… Marcus fungou.

— Madame já tem seus empregados.

— Eles podem não querer trabalhar para milorde — Isabella retrucou, docemente. — E, é claro, a casa deve ser provida…

— Bobagem!

— E, por fim, temos a minha carruagem…

— Uma carruagem! Isabella o fitou.

— E claro, meu senhor. O que as pessoas dirão ao verem sua esposa usando apenas carruagens de aluguel?

Marcus abriu a boca, e voltou a fechá-la.

— Meu senhor solicitou uma lista de meus compromissos sociais — Isabella prosseguiu. Ela tocou a campainha. — Belton, faça a gentileza de entregar para lorde Stockhaven a lista sobre a cômoda.

Marcus olhou para o papel que Belton lhe entregou. Ele o virou e franziu a testa.

— Está em branco. Isabella sorriu.

— Infelizmente, não tenho compromissos, contudo, se tiver a sorte de ser convidada para algum lugar, meu senhor, pode deixar que o consultarei.

Marcus agora demonstrava sincera incredulidade.

— Isto é ridículo.

— Eu concordo, meu senhor — Isabella afirmou. — Contudo, foi seu desejo que fizéssemos as coisas assim.

— Estou dizendo que é ridículo que venha me dizer que não tem compromissos sociais, madame. Espera mesmo que eu acredite nisso? Deve me achar um simplório.

Um pesado silêncio se abateu sobre o recinto, enquanto Isabella fitava Marcus com as sobrancelhas ligeiramente erguidas.

— *Simplório* não é bem a palavra que eu teria usado — disse.

Marcus franziu a testa.

— Então, conte-me…

— O quê?

Marcus largou-se na poltrona.

— Conte-me o que vai fazer hoje. Isabella suspirou:

— Bem, depois que milorde tiver ido, talvez eu vá até a Bond Street com Penelope. — Ela notou o olhar acusatório e acrescentou, tranqüilamente: — É claro que nada comprarei para mim, pois isto exigiria que eu lhe pedisse dinheiro. Mas posso me divertir apenas vendo vitrines. Contudo, não é um compromisso social, visto que Pen passará o restante do dia entretida com Platão. Ela é um pouco imprevisível, nesse sentido.

— E esta noite? — Marcus insistiu. — O teatro? Um jantar? Isabella sacudiu a cabeça.

— Uma noite tranqüila em casa.

— Convidados? Visitas?

— De preferência, não. Um bom livro é tudo de que preciso.

— Bom Deus, madame leva a vida de uma freira! — Marcus exclamou.

— É o que venho tentando lhe dizer — Isabella concordou. — Infelizmente, milorde não acredita. — Ela fez uma pausa. — Pode se juntar a mim, se quiser, mas não posso prometer que vá ser muito emocionante.

— Tenho um compromisso hoje à noite — Marcus informou.

Isabella ficou arrepiada. É claro que tinha. Só porque ela ia ficar inocentemente sentada em casa, não havia motivo para supor que ele faria o mesmo.

A satisfação que viera de frustrá-lo quanto ao comunicado no jornal desapareceu abruptamente. Com um ligeiro sobressalto no coração, ela se deu conta de que, deixando-se levar pela animosidade mútua e a igualmente mútua dolorosa atração, ela não parará para pensar onde Marcus poderia passar suas noites. Era experiente demais

para pensar que, só porque ele a desejava, Marcus não buscaria o seu prazer em outro lugar.

Talvez já tivesse uma amante. Isabella sentiu como se houvesse uma rachadura no seu coração.

— É claro — disse, pigarreando para encobrir o tremor vulnerável na voz. — Neste caso, eu lhe desejo um bom dia.

Marcus ficou de pé.

— Quando eu quiser que me acompanhe a eventos sociais, eu lhe avisarei com um dia de antecedência.

— Entendo.

Isabella, de fato, entendia mesmo. Fosse qual fosse o compromisso daquela noite, ele não precisava dá presença dela ao seu lado.

— Milady escreverá a retratação para o *Times?* — Marcus acrescentou, como se ainda não acreditasse muito nela.

— É claro — Isabella disse, com cortesia. Marcus hesitou.

— Muito bem. Sendo assim, tenha um bom dia, milady.

Isabella não se moveu por um instante. Viu quando ele saiu e o escutou despedindo-se alegremente de Belton, agradecendo-o. Isabella sentiu-se com frio e tensa, apesar do calor do dia. E sentiu-se estranhamente vazia. O que ela planejara, o que *quisera,* era estar se preparando para mudar para Salterton agora. A agitação social de Londres em nada a atraía. Passara doze anos vivendo em um aquário real, e, agora, queria um pouco de paz.

Contudo, não foi assim que as coisas acabaram acontecendo. Estava presa na cidade porque era o que o marido queria, mas seus dias eram vazios. Ela deveria pedir a permissão dele para qualquer atividade que quisesse praticar, e, como ele controlava a carteira, suas opções eram severamente limitadas. Estava começando a ver que devia ser assim que Marcus pretendia puni-la pelo que ele enxergava como suas indiscrições passadas.

Ela ficou de pé, abruptamente, deixando o bordado cair no chão, e deixando-o ali. Seguiu para o escritório. Primeiro havia a retratação a

ser escrita para o jornal. Depois, precisaria de um tempo para pensar. Teria de planejar com muito cuidado, pois não tinha a menor intenção de permitir que Marcus lhe controlasse a vida.

Ela sentou-se e selecionou o cálamo. Puxando o papel para si, começou a escrever: *A princesa Isabella Di Cassilis quer deixar claro que não se casou com o conde de Stockhaven pelo seu dinheiro.* Pronto. Aí estava a retratação. Ela se interrompeu, mordendo a ponta do cálamo. *Na verdade, a princesa gostaria de salientar que o conde é que é o caçador de fortuna, visto que, por meio do enlace, pôde adquirir Salterton Hall, uma propriedade que sempre desejou…*

Ela terminou o parágrafo, esperou a tinta secar e releu a nota com certa satisfação. Se isso não deixasse Marcus fora de si de tanta raiva, ela ficaria muito surpresa. Bem, ele pedira uma retratação… mas ela jamais prometera não mencionar mais nada em seu comunicado.

— Xeque — disse em voz alta. — E é melhor tomar cuidado, milorde, pois, da próxima vez, será xeque-mate.

O exemplar do *Times* ainda estava sobre o sofá onde Marcus o havia descartado. Isabella o pegou e seus olhos distraidamente se fixaram em um artigo na primeira página.

Retorno para Londres do embaixador americano e da esposa…

Ela sentou-se, lentamente, ainda lendo. Quando chegou ao final do artigo, um sorriso apareceu no seu rosto. Não esperava tamanha sorte. Desde que retornara à Inglaterra e descobrira as dívidas de Ernest, tudo parecia estar contra ela. Contudo, agora, sua sorte mudara. Ela voltou para o escritório, escolheu uma folha de seu melhor papel e mergulhou o cálamo na tinta.

A companhia de Marcus naquela noite era alta, morena e tinha uma barba farta. Quando Marcus chegou ao Golden Key Inn, Townsend, o policial da Bow Street, já estava sentado em um canto tranqüilo, fumando um cachimbo de barro que contribuía para a atmosfera abafada do local. Ao avistar Marcus, ele fez menção de ficar

de pé, mas o conde pôs a mão no seu ombro, mantendo-o no assento. Marcus não queria chamar a atenção.

— Boa noite, senhor — Townsend disse, — Uma caneca de cerveja?

Marcus aceitou. Já bebera coisas muito piores quando estava na marinha. Ele olhou ao redor. O bar, com seu teto baixo e vigas escuras, era quente e barulhento, porém ninguém estava lhes dedicando qualquer atenção especial.

— Tem alguma novidade para mim?

— Ah, sim, senhor, tenho.

O policial tragou pensativamente o cachimbo de barro. Marcus inclinou-se para frente.

— Sobre Warwick?

Townsend o fitou com os olhos azuis.

— Não, senhor, Não há um único criminoso na cidade disposto a falar sobre Warwick. A novidade é sobre o rapaz que estava procurando… Channing, não é?

Marcus assentiu. Durante sua busca pôr Warwick, Edward Channing raramente estivera longe de seus pensamentos. Ele recordou-se do delírio do menino, e o misto de medo e respeito em sua voz ao falar de Warwick. Lembrou-se do silêncio pesaroso dos pais de Edward. Torcera contra todas as probabilidades de que um dia seria capaz de lhes dar boas notícias.

Deu-se conta de que Townsend o estava observando e que havia uma sombra de compaixão em seus olhos.

— Era parente seu, senhor? — o policial perguntou.

— O filho de um de meus inquilinos — Marcus esclareceu, Subitamente, ele se deu conta de algo. — Disse *era?*

Townsend assentiu lentamente.

— Morreu em um albergue para pobres — informou. — Em Shoreditch.

Marcus sentiu enorme tristeza, seguido de um onda de raiva.

— Morreu… do quê?

— Febre, foi o que me disseram. Fora abandonado ali algumas semanas antes. — Townsend pigarreou. — O sujeito que o trouxe o encontrara na rua. Pelo que eu soube, já estava muito doente. Nunca se recuperou o suficiente para informar mais do que seu nome e sua idade, e que vinha do interior. Acho que era o menino que procurava, senhor. Encontrei o nome dele ao verificar os registros de enterros. Os detalhes combinam.

Marcus assentiu. Não duvidava. Pensou novamente em John e Mary Channing. Todas as esperanças haviam se extinguido para eles agora.

Pensou em Warwick, capaz de usar uma criança e descartá-la na rua quando ela ficava doente, tornando-se inútil para ele. Sentiu uma raiva fria. Townsend ainda estava falando:

— Será que me permite a ousadia de perguntar quais são os seus planos agora, senhor?

Marcus esvaziou a caneca.

— Vou para Salterton. Os pais do menino precisam saber. E acho que é o único jeito de achar Warwick. Ninguém por aqui o entregará, mas tenho algo que ele quer. Mais cedo ou mais tarde, virá buscá-lo.

O policial deu algumas baforadas no cachimbo.

— Talvez tenha razão quanto a isso, senhor. Alguma idéia do que é que tem que é dele?

— Nem uma pista — Marcus disse, com um sorriso triste.

— Ah, bem. — O policial ficou de pé. — Informarei a Sir Walter os últimos acontecimentos. Ele ficará satisfeito de saber que o senhor está no caso. Mais cedo ou mais tarde pegaremos o canalha. — Ele apontou para os copos vazios. — Por sua conta, senhor?

Marcus riu.

— É claro. Obrigado pela sua ajuda, Townsend. Será que posso lhe oferecer mais uma?

O policial sacudiu a cabeça, puxando o colete para baixo, para

cobrir a barriga redonda?

— Tenho uma casa para a qual preciso voltar. O senhor também, provavelmente. Desejo-lhe uma boa noite.

Ele desapareceu em meio à fumaça, e a multidão se fechou atrás dele. Marcus foi deixado para trás, sozinho em meio à barulheira e ao movimento do estabelecimento público. Era uma sensação estranha estar em um lugar tão cheio e ainda se sentir sozinho. Ele, de fato, tinha uma casa para a qual voltar, é claro, embora Marcus duvidasse que esta seria tão acolhedora quanto a de Townsend. A sua não era exatamente um lar. Havia contratado apenas alguns poucos empregados na última semana, sabendo que precisaria acomodar os serviçais de Isabella, e que, provavelmente, muito em breve, também viajaria para Salterton. Stockhaven House estaria escura e silenciosa e, de algum modo, fria. Não era um pensamento encorajador.

Ele pagou generosamente as bebidas e deixou o bar, seguido pelas bênçãos agradecidas do estalajadeiro. O ar estava espesso e úmido. Marcus não gostava dessas noites quentes. O calor do verão era maravilhoso, porém nas cidades o sufocante, ar quente chegava a ser opressivo. Ele pensou nos cortiços onde as doenças prosperavam e crianças como Edward Channing morriam sozinhas e sem ninguém para chorar por elas. Sua raiva e o ódio por Warwick fervilharam descontroladamente.

Embora estivesse quente, ele optou por ir a pé para casa, em vez de pegar uma carruagem de aluguel. A caminhada transcorreu sem incidentes, porém, ao dobrar em Mayfair, ele vislumbrou uma mulher dobrar a esquina correndo. Ela estava usando uma capa e era pouco mais do que uma sombra na escuridão. E, no entanto, havia algo familiar no modo como ela se movia… Ele deu um impulsivo passo adiante.

— Isabella!

A mulher não se virou. Marcus se viu deixado para trás sob a luz dos lampiões, com um vigia o fitando curiosamente. Sentiu-se um

tolo. Isabella lhe dissera que estaria em casa naquela noite, e, mesmo que não estivesse, era pouco provável que estaria caminhando sozinha em Mayfair. A realidade era que ela estava começando a lhe assombrar os pensamentos. Pensava vê-la em todas as mulheres que encontrava. Mesmo quando estava pensando em outra pessoa, sua presença lhe preenchia a mente.

Sem se dar conta do que estava fazendo, ele virou na Brunswick Avenue e seguiu para Brunswick Gardens. As luzes ainda estavam acesas na casa. Não era muito tarde. Ele procurou se convencer de que era uma hora perfeitamente aceitável para se fazer uma visita social. Ainda mais à própria esposa.

Tocou a campainha.

Belton não pareceu muito impressionado de vê-lo. Seu rosto fúnebre ficou ainda mais sério.

— Boa noite, meu senhor.

— Boa noite, Belton. — Marcus entrou, olhando ao redor, para ver se via algum sinal de Isabella. Notou que estava sentindo uma curiosa tensão. — Lady Stockhaven está em casa?

— Sua Serena Alteza — Belton disse, com ênfase — já se recolheu por esta noite, meu senhor.

Uma desconfiança começou a crescer na mente de Marcus, uma desconfiança de que Isabella, em vez de se recolher, estava perambulando pela cidade, e seus criados estavam tentando encobrir isso para ela. Marcus deveria ter sabido que não poderia ser verdade que ela não tinha compromissos sociais. Sem dúvida, estava em algum jantar qualquer, desfrutando a companhia de Carew e Lonsdale.

— Eu gostaria de vê-la — disse.

A boca de Belton curvou-se para baixo nos cantos. Ele estava postado diante das escadas, como se estivesse fisicamente impedindo Marcus de avançar.

— Lamento informar que Sua Serena Alteza não me deu instruções para permitir a sua entrada, meu senhor — ele disse.

— Sou o marido dela — Marcus salientou.

— É mesmo, meu senhor — Belton concordou com uma calma inabalável.

Ainda assim, não se mexeu.

Marcus olhou para Belton, que o fitou de volta, sem recuar.

— Belton, quem é a uma hora dessas? Estou tentando dormir! Marcus olhou para cima, abruptamente.

Isabella estava de pé no topo das escadas. Estava usando um roupão azul-claro e seu cabelo estava solto, escorrendo pelas laterais do rosto e costas abaixo. Estava descalça e era evidente que estivera na cama. O coração de Marcus deu um salto. Deu-se conta de que não a via daquele jeito desde que ela tinha 17 anos de idade.

Isabella não desceu. Ficou no topo da escadaria, com uma das mãos apoiada no corrimão, olhando para ele. A altura da escada, sua elegância curva, parecia dar a ela um ar de intocável autoridade.

Marcus olhou de modo sugestivo para Belton, que, em troca, fitava impassivelmente o infinito.

— Com licença, Belton. Gostaria de falar com minha esposa. Marcus mal foi capaz de esconder a impaciência na voz. Belton virou-se.

— O conde de Stockhaven gostaria de lhe falar, Vossa Alteza Serena. Seguiu-se uma pausa.

— Neste caso, deixe-o subir, Belton — Isabella disse.

Subindo dois degraus de cada vez, Marcus alcançou Isabella em questão de segundos.

— Você estava na cama — ele disse, lentamente, estendendo a mão e lhe tocando a face.

A pele dela era tão quente e macia sob os seus dedos. Como ele raramente a tocava, e queria tocá-la o tempo todo, aquilo pareceu ser uma tentação intolerável. Queria passar os dedos pelo cabelo solto da mulher e sentir-lhe a sedosidade, aquele cabelo cor de outono, com suas mechas castanhas, ruivas e douradas. Viu os cílios de Isabella

tremerem, Ela engoliu em seco. Embora estivesse imóvel sob o seu toque, Marcus pôde pressentir a mesma voracidade percorrendo o sangue dela. Os olhos dela eram de um profundo azul, entreabertos com um desejo que não conseguia esconder.

— Já passa das 11 — Isabella disse e seu tom foi firme, embora ele pudesse lhe notar a pulsação acelerada na veia do pescoço. — Sobre o que quer falar, meu senhor?

Nada veio à cabeça de Marcus. No momento, falar não estava no topo de suas prioridades.

— Eu… — Não conseguia se lembrar de por que havia ido ali em primeiro lugar. Sua mão deslizou pela pele suave do pescoço dela, acariciando a depressão na base. Os dedos dela agarraram com força o roupão, puxando-o mais para perto do peito. — Eu queria vê-la — Marcus disse, por fim.

Ela o fitou por um instante, depois, desviou o olhar.

— Pensei que tinha compromisso hoje à noite. A voz dela estava um pouco rouca.

— E tinha. Já conclui meus negócios.

A mão dele estava na nuca da mulher agora. Sua curvatura parecia tão quente e vulnerável sob seus dedos. Seu cabelo, solto sobre os ombros, roçou na manga dele. Ele continuou a massagear a pele de leve, quase distraidamente, o toque gentil uma feroz contradição ao desejo que explodia em seu íntimo. A boca de Isabella estava tão perto da dele. Seria necessário muito pouco para beijá-la… como quisera fazer desde aquele momento ardente na prisão.

— Pensei tê-la visto — balbuciou. — Enquanto estive fora, hoje à noite…

Foi quase incompreensível, mas Isabella entendeu o suficiente. A luz apagou-se de seus olhos e ela recuou, afastando-se do seu toque.

— Entendo. — Seu tom de voz foi monótono. — Pensou ter me visto, apesar de eu haver dito que ficaria em casa. De modo que veio verificar se eu não menti para você.

— Não! — A objeção de Marcus foi instintiva, mesmo dando-se conta de que ela tinha razão. Subitamente, sentiu frio, como se algo estivesse escapando de seus dedos, antes mesmo de tê-lo nas mãos. Ficou em silêncio. Um silêncio que só fez condená-lo em altos brados.

— Bem — Isabella disse, após um instante. — Como pode ver, eu estava em casa. Na cama. Sozinha. Que é para onde eu gostaria de retornar, agora que já satisfez suas dúvidas. Belton o acompanhará até a porta.

Marcus hesitou. Queria explicar que não havia sido só porque duvidara dela. Ele quisera vê-la. Pensava nela o tempo todo. Estava começando a se dar conta de que precisava dela. Mas ela lhe dera as costas sem dizer mais uma palavra que fosse. Belton já estava mantendo a porta aberta para ele. E nada, senão a noite quente, o aguardava.

Capítulo Onze

— Mas que diabos…

— Atualmente, sua conversa está pecando por falta de variedade, velho amigo —Alistair Cantrell se queixou, abaixando os papéis que estava lendo. — O que foi agora?

Marcus ergueu os olhos do exemplar do *Times.* Mais uma vez eles estavam na sala de leitura do White's, Alistair trabalhando na coluna que escrevia para os jornais, enquanto Marcus lia as notícias matutinas. Os dois estavam em um silêncio tranqüilo até a explosão de ira de Marcus, que, agora, lia em voz alta:

— "A princesa Isabella Di Cassilis quer deixar claro que não se casou com o conde de Stockhaven pelo seu dinheiro. Na verdade, a princesa gostaria de salientar que o conde é que é o caçador de fortuna, visto que, por meio do enlace, pôde adquirir Salterton Hall, uma propriedade que sempre desejou. Primeiro o conde desposou a srta. India Southern, que, na época, era a herdeira da propriedade de

Salterton. Agora, casou-se com a prima dela para ter certeza de que a propriedade…" — Marcus amassou o jornal em um gesto explosivo. — Maldição, não acredito que ela tenha feito isto!

Ele notou que Alistair tentava reprimir um sorriso.

— O que há de errado com você? — o conde perguntou rudemente.

— Isso não é engraçado!

— Ah, é sim, velho amigo — Alistair disse, cordialmente. — Você não pediu para a princesa enviar uma retratação ao jornal.

— Pedi, mas…

— E ela não fez o que pediu?

— Tecnicamente, fez, mas ela sabia que não era isto que eu queria! — Marcus amassou furiosamente o jornal nas mãos. — Com todos os diabos, estou começando a achar que ela se casou comigo só para me atormentar!

— Ao passo que ela *sabe* que foi este o motivo de você ter se casado com ela—Alistair retrucou, enfaticamente. — A vingança é uma estrada de mão dupla, Marcus, e, a contragosto, tenho de mencionar que foi você quem começou isto.

Marcus grunhiu. Sabia que Alistair tinha razão, embora não quisesse admiti-lo. Provocara Isabella com seu comportamento autoritário, e a resposta dela fora desafiá-lo a todo instante. Muitos diriam que ele podia culpar apenas a si mesmo.

— Deveria ver o *Gentlemen's Athenian Mercury* — Alistair disse, retomando o seu trabalho. — Eles publicaram uma história muito mais grosseira.

Marcus pegou o outro jornal.

— O quê? Onde?

Ele folheou afobadamente o jornal, quase rasgando as páginas no processo.

— Na coluna da sociedade.

Marcus enfim encontrou a página certa.

— "Logo após a surpreendente notícia da opinião menos do que lisonjeira de uma certa princesa sobre os amantes ingleses, vem a notícia ainda mais extraordinária de que ela acolheu um destes cavalheiros em seu coração. Fomos informados pela maior das autoridades, aquela do augusto jornal *Times,* que foi firmado matrimônio entre Sua Serena Alteza e o conde de S. Aguardamos ansiosamente a opinião da nova condessa sobre as habilidades amorosas do novo marido. Dada a franqueza da dama, achamos que não demorará muito para toda a Londres estar a par de sua avaliação da questão…"

Marcus cerrou os dentes.

— Com todos os diabos do Inferno! Acha que Isabella também escreveu isso?

— Duvido muito — Alistair respondeu calmamente. — Não notou que alguém tem vendido histórias sobre a sua esposa para os jornais, Marcus? O *Mercury* vem publicando-as há mais de dez dias.

— Nunca leio este jornaleco — Marcus respondeu, jogando de lado o *Mercury.* — Ele publica apenas calúnias e escândalos.

— Alto lá. — Alistair parecia ofendido. — Eu mesmo escrevo para o *Mercury.* E quanto à minha coluna de conselhos para jovens cavalheiros?

Em resposta, Marcus arrancou o papel das mão do amigo.

— "Cavalheiros, rogo para que me ajudem", — ele leu em voz alta. — "Meu pai está determinado a me casar com uma senhora viúva de trinta anos de idade, com uma fortuna de duzentas libras por ano e a propensão para jogatinas e homens mais novos. Não suporto a idéia de me ver em tal união. Rogo para que me ajudem com seus conselhos."

Alistair olhou para ele.

— O que aconselharia o jovem a fazer, Marcus?

— Eu lhe diria para obedecer o pai e parar de escrever cartas ridículas para colunistas de jornal — Marcus disse, colocando os pés

sobre a mesa e passando a carta de volta para o amigo.

— Hummm. — Alistair mordeu a ponta do lápis. — Não creio que você tenha a natureza necessária para aconselhar os jovens, Marcus.

— É claro que não. Não tenho a paciência necessária. Por que o pai não se casa ele mesmo com a mulher, se está tão ansioso para anexar a fortuna dela?

— Suponho que a dama deva estar mais entusiasmada com um companheiro de cama jovem do que com um mais velho — Alistair disse, com um sorriso. — E quem pode culpá-la?

Marcus remexeu-se na cadeira. Tinha pouca solidariedade pela frustração sexual de outros logo de manhã cedo, ainda mais que estava preocupado com a sua própria.

— Não entendo por que se dá ao trabalho de dar conselhos para jovens inoportunos — disse.

— Porque, meu amigo, não sou tão rico quanto você — Alistair retrucou, sem rancor. — Escrever me permite subsistir de modo tolerável, embora não excessivo, e ocasionalmente as cartas dos jovens vêm intercaladas com algo mais interessante.

Tendo uma idéia, Marcus disse:

— Visto que escreve para o mesmo jornal, talvez você consiga identificar o mexeriqueiro misterioso que escreve sobre Isabella.

— É possível — Alistair disse. Ele sorriu ligeiramente. — Já tenho minhas suspeitas.

— Tem mesmo?

Marcus fitou com curiosidade o amigo.

— Deixe comigo — Alistair disse.

— Muito bem. — Marcus ficou de pé e se espreguiçou. — Enquanto isso, eu lidarei com minha esposa errante.

— Vai tentar convencê-la a publicar mais uma retratação?

— Não. Claramente, isso não funcionou.

— Claramente.

— Sendo assim, terei de tentar outra coisa.

— Alguma idéia? — Alistair perguntou.

— Algo me virá à cabeça — Marcus afirmou. Alistair o fitou por sobre os óculos de leitura.

— Você percebe, Marcus, que se provocar demais a princesa Isabella, ela poderá revelar para todo mundo que se casou com você em Fleet Prison, onde você se fazia passar por um devedor? Se a história vir a público, você terá ainda menos chance de encontrar Warwick.

A expressão do rosto de Marcus ficou séria.

— Isabella e eu temos um acordo que, se ela revelar isso, contarei para todo mundo que ela se casou com um devedor para salvar a própria pele.

— Eu já disse antes que seu casamento é demasiadamente romântico — Alistair disse. — E eu não sabia nem da metade! — Ele suspirou. — Escute uma pessoa que vive de dar conselhos, e não tente dizer à princesa Isabella o que fazer. Notei que isso exerce um efeito prejudicial sobre o sexo feminino.

Marcus franziu a testa.

— India foi sempre muito dócil.

Alistair habilmente transformou uma fungada em uma tossida.

— Bem, ninguém melhor do que você para saber, meu velho. Eu, é claro, jamais tive o prazer de ser casado. Assim, o quê eu sei sobre isso? Desejo-lhe toda a sorte do mundo.

Contudo, quando Marcus deixou a sala, Alistair estava sacudindo a cabeça pesarosamente e, em sua mente, fazendo uma aposta que a princesa Isabella seria a vitoriosa nesta disputa em questão.

"Solicito que me acompanhe a um jantar esta noite com o sr. e a sra. Henry Belsyre. Lamento o aviso em cima da hora. Por favor, vista-se apropriadamente. Stockhaven."

Isabella estava tamborilando os dedos no tampo quadriculado de preto e branco da mesa de jogos. Ernest sempre a usara para cartas,

mas, outrora, ela também tivera um jogo de peças de xadrez brancas e pretas. Ernest vendera o jogo de peças anos atrás, pois xadrez não era um jogo no qual ele podia apostar.

Isabella, por outro lado, sempre adorara xadrez. Era um jogo de habilidade e estratégia. Um velho general austríaco contra quem ela jogara certa vez lhe dissera que ela teria dado um soldado brilhante, pois tinha a mente de um tático. E, agora, sua estratégia estava funcionando muito bem.

Seu olhar voltou a se pousar sobre o bilhete de Marcus. Era só isso que estava escrito. Ele não fizera menção à nota no *Times*, mas, sem dúvida, esta era a sua resposta peremptória, para puxar as rédeas e lembrar-lhe de que ela era dele para comandar. Esta noite, estava exigindo a presença dela ao seu lado. Marcus esperava que ela pulasse quando ele a chamasse.

A única coisa com que Marcus não contava era que ela já conhecesse muito bem o sr. e a sra. Belsyre. Durante o curso de uma longa carreira no serviço diplomático, o embaixador americano e a esposa haviam servido na Suécia enquanto Isabella estava morando lá. Haviam se tornado excelentes amigos. Na verdade, tanto que, no dia anterior, quando Isabella escrevera às pressas para lhes dar as boas-vindas à Inglaterra e convidar a si mesma e a Marcus para o jantar, eles não se incomodaram de expandir sua já impressionante lista de convidados para incluir o conde e a condessa de Stockhaven.

Marcus não sabia disso, é claro. Isabella pedira ao sr. Belsyre para endereçar o convite ao seu marido, e para não mencionar o fato de que eles já a conheciam.

Ela sorriu. Esta era uma ordem que Marcus dera e que seria um prazer cumprir. E, com um pouco de sorte, também seria a última.

As coisas começaram a dar errado para Marcus bem cedo naquela noite. Quando chegou a Brunswick Gardens para pegar a esposa, encontrou-a envolta, dos pés à cabeça, em uma capa preta, de modo

que não foi capaz de dizer se ela se vestira apropriadamente para um jantar ou não. Contudo, não estava com disposição para correr riscos. Ele desconfiava que ela pudesse ter escolhido algum vestido ultrajante só para constrangê-lo.

— Tire a capa — ordenou.

Isabella o fitou por um tempo enervantemente longo, antes de obedecer. Sua expressão era impassível. E, então, ela permitiu que a capa deslizasse de seus ombros e caísse ao chão.

Seu vestido era simplesmente a peça mais fantasticamente linda que ele já vira. Marcus se deu conta de que estava de queixo caído e fechou a boca. De seda vermelho-cereja, o vestido cobria cada centímetro dela, do pescoço até os tornozelos, envolvendo-a em uma capa sinuosa do tecido. A cor era perfeita para ela. Ressaltava-lhe a pele o fazia o azul dos olhos brilharem de maneira inesquecível. Ela estava de tirar o fôlego.

Não havia absolutamente nada no vestido de que ele pudesse se queixar, e, sem dúvida, não era o tipo de vestido que ele queria que outros homens vissem a sua esposa usando. Não quando ele não podia despir-lhe as roupas e fazer amor com ela com toda a fúria e os sentimentos acumulados que o possuíam. O desejo frustrado que ele conseguira reprimir desde a noite anterior retornara com força total. Maldição, neste ritmo ela acabaria enlouquecendo-o.

— Isso é muito… — Ele se interrompeu por um instante. Não era apertado demais, no entanto ele conseguia ver cada curva, cada linha de seu corpo definido em todos os seus detalhes extraordinários e sedutores. A onda de frustração que o abalou silenciou-o por um instante. — Muito bonito — completou, de modo pouco convincente.

Isabela parecia desdenhosa:

— Achava mesmo que eu me vestiria como uma meretriz apenas para humilhá-lo? Eu lhe asseguro, meu senhor, que tenho muito respeito próprio, mesmo que não tenha nenhum respeito pelo senhor.

Marcus estremeceu ante a avaliação precisa que ela fizera de seus

sentimentos. Sabia que respeito não era um direito nato. Seus anos na marinha haviam lhe mostrado que ele precisava ser conquistado, e Marcus não podia negar que fizera muito pouco para merecer o de Isabella durante o tempo em que estavam casados. E, no entanto, lembrava-se de que aquela era uma mulher que a elite da sociedade considerava uma aventureira, a mulher que havia tomado de India Southern a sua herança e lhe arruinara a relação com a mãe. Era bom ele não se esquecer de que Isabella estava apenas colhendo tudo que semeara. Ele curvou-se e pegou a capa para ela, lembrando-se de que tinha algo para dar para a dama.

— Quero que use estas. — Ele retirou uma pequena bolsa de veludo do bolso. — São jóias Stockhaven.

O colar era de diamantes, não do tipo enorme e ostentativo, mas uma teia de pingos de luz pequenos e brilhantes, sustentados por uma corrente dourada. Ele o estendeu para ela, mas Isabella não o aceitou. Ela sacudiu ligeiramente a cabeça.

— Não é certo que eu use isto. Tenho muitas jóias de imitação.

Marcus franziu a testa.

— É apropriado que minha esposa use as jóias Stockhaven.

Isabella lhe afastou gentilmente a mão que segurava a bolsa e o colar.

— Apropriado. Como parece gostar dessa palavra, Marcus. Não acho apropriado que uma esposa descontente use isto. É tão extraordinário que deveria ser usado com amor.

Descontente. Era uma palavra tão solitária.

Marcus insistiu:

— India jamais as usou. Não gostava delas.

Não tivera intenção de contar isso para Isabella, não tivera a intenção de proferir tais palavras. Devia lealdade a India, mesmo que fosse a única coisa que pudesse lhe oferecer agora.

Ele pensou que Isabella ficaria satisfeita que a prima e rival não houvesse usado as jóias. Eleja estava estendendo o colar de novo para

ela quando a dama lhe deu as costas.

— Não foi o que eu quis dizer. — Ela voltou-se mais uma vez para ele, tão subitamente que Marcus foi pego de surpresa. — Dê para alguém de quem goste, Marcus. São bonitas demais para se fazer outra coisa.

Ela tomou a capa da mão dele, Ela a envolveu, quando Isabella cruzou o piso de mármore até a porta, seus sapatos reverberando sobre a pedra. Ela sequer se deteve para ver se ele a estava seguindo.

— Conhece o sr. Henry Belsyre? — ele perguntou, quando se sentaram no interior da carruagem.

Isabella não olhou para ele.

— O embaixador dos Estados Unidos da América? Sim, já nos encontramos antes. Contudo, não sabia que os Belsyre haviam retornado a Londres. Eles já serviram aqui antes, não é?

— Pelo que eu soube, voltaram para cá esta semana, daí o convite em cima da hora para esta noite — Marcus explicou. Ele olhou para ela. — Se conhece os Belsyre, deve saber que são muito influentes. Eles circulam nas mais altas rodas da política.

Isabella reprimiu um bocejo.

— Política! Que entediante! Marcus lançou-lhe outro olhar.

— Esta noite é importante para mim, Isabella. Tenho feito algum trabalho para o Almirantado e a secretária do Interior, e talvez eu queira, no futuro, tentar carreira na política. Os contatos que farei esta noite…

Ele se interrompeu, arrependendo-se de ter dito alguma coisa. Sentia-se como se estivesse expondo uma fraqueza para ela, e já aprendera da pior maneira possível que Isabella se aproveitaria de qualquer oportunidade que ele oferecesse. Sentiu-se tenso, com uma mistura de expectativa e prazer. Na verdade, estava se divertindo com esta batalha com a esposa. O desafio era compulsivo.

— Eu entendo — ela disse, tranqüilamente. — Esta noite precisa correr bem para você.

— Tive a impressão de que conhece bem Henry Belsyre — Marcus disse. — Conheceu-o e a esposa, quando estavam no exterior?

Isabella estava fitando as ruas escuras. Uma tocha ardia na esquina enquanto um rapaz conduzia um casal pela calçada. Um risonho grupo de jovens brincava de empurrar um ao outro enquanto atravessava a rua.

Isabella permitiu que a cortina voltasse ao seu lugar de origem, envolvendo-os na escuridão.

— Há muitos anos que conheço os Belsyre — ela disse. — O sr. Belsyre foi meu…

Ela se interrompeu. Marcus aguardou, mas ela não ofereceu nenhuma outra informação. Ele se sentiu frustrado. Teve a desanimadora sensação de que jamais lhe descobriria os segredos mais profundos. Não estava sentindo nada da satisfação que esperava sentir ao arrancar dela o controle da própria vida e impor-lhe suas regras.

— Um de seus antigos amantes, suponho — disse.

Os olhos azuis o fitaram como dois punhais de gelo.

— Supõe errado — retrucou com frieza.

Ela não voltou a falar até a carruagem chegar ao seu destino.

Um olhar foi o suficiente para dizer a Marcus que a casa estava lotada de ilustres figuras do mundo político e diplomático. Henry Belsyre, embaixador americano à Corte de St. James, era um influente diplomata. Estadistas, soldados e políticos lotavam suas festas. A mão de Marcus se apertou ao redor do braço de Isabella ao se aproximarem dos anfitriões. Belsyre estava conversando com lorde Sidmouth e a princesa Esterhazy, mas interrompeu-se, desculpando-se polidamente ao vê-los, e avançou na direção deles, sorrindo.

— Isabella! Não fazíamos idéia de que havia retornado a Londres! Que surpresa maravilhosa! — Sob o olhar surpreso de Marcus, ele a beijou sonoramente em ambas as faces, depois a segurou diante de si. — Rose, Isabella chegou.

— Boa noite, senhor — Isabella disse, sorrindo. — Isto é maravilhoso! Pensei que ainda estavam em Washington.

— Deixe de lado essa formalidade — Belsyre resmungou. — Se não me engano, já houve época em que me chamava de *tio Henry*, em vez de *senhor*.

Isabella riu.

— Eu tinha seis anos de idade na ocasião, e o senhor não era embaixador.

Tio Henry? Marcus a fitava com incredulidade. Não era o tipo de relacionamento prévio que ele imaginara entre eles. Rose Belsyre estava, de fato, abraçando Isabella. Marcus ficou de lado, sem ser notado, como uma debutante pouco atraente que ninguém queria tirar para dançar.

— Você está linda, minha querida — disse a sra. Belsyre, sorrindo. Ela virou-se para a princesa Esterhazy. — Maria, você já conhece a princesa Isabella Di Cassilis, não conhece?

— É claro — respondeu a princesa Esterhazy. Seu sorriso foi caloroso. — Minha querida Isabella, ouvi tumores de que havia retornado à cidade. Por que não foi me visitar?

— Ela estava ocupada demais, se casando — Belsyre disse, com um largo sorriso.

Isabella virou-se lentamente para olhar para Marcus. Por um longo instante ele achou que ela fosse anunciar toda a história do casamento deles para os convidados ali reunidos. Ele a fitou, e ela retribuiu o olhar com firmeza. Sabia que ela lhe podia ler os pensamentos. Marcus aguardou o machado descer, decepando para sempre seus planos para o futuro.

— Perdão, Marcus — Isabella falou com uma graça deliberadamente calculada. — Fiquei tão feliz de rever o sr. e a sra. Belsyre que me esqueci de apresentá-lo. Senhoras e senhores — ela voltou-se para os convidados ao redor —, este é meu marido, Marcus Stockhaven.

Foi o troco perfeito, pois jamais poderia ser censurado como falta de cortesia. Subitamente, Marcus compreendeu com extraordinária clareza o que era ser uma esposa sempre à sombra do marido, relegada a segundo plano, considerada de menor importância. Ele lembrou-se de ter dito para Isabella em Fleet Prison que não gostava da idéia de se casar pelo seu dinheiro e, mais tarde, ser descartado, e que ela lhe dissera, afavelmente, que agora ele sabia o que era ser uma mulher…

— Stockhaven! — Henry Belsyre apertou com firmeza a mão de Marcus. — Fico muito contente de ver que Isabella escolheu tão bem para o seu segundo casamento. Meus parabéns.

Subitamente, todo mundo estava olhando para ele. Marcus jamais se importara de ser alguém fora de seu elemento. Experimentara algo semelhante quando servira na marinha sem ter o patrocínio de ninguém, e mais uma vez quando fora pedir a mão de Isabella em casamento para lorde Standish, e sendo recebido com afrontosa falta de interesse. Jamais ligara para isso antes. Achara até divertido. Sempre fizera a própria sorte e traçara o próprio futuro. Contudo, agora sentia-se como alguém que tivera o tapete puxado de sob si. Ele olhou para Isabella, ladeada pelo sr. e pela sra. Belsyre, a princesa Esterhazy olhando arrogantemente para ele, como se estivesse examinando algo pouco agradável colado na sola de seu sapato, e o príncipe de Lieven e lorde Sidmouth, pouco mais atrás. Ali estava um grupo de pessoas que via a sua esposa de um modo muito diferente de como ela era retratada pelos mexericos maliciosos da elite da sociedade. Ali estava um grupo capaz de realizar ou destruir suas ambições, e no centro dele estava Isabella. A balança havia pendido dramaticamente para o lado dela. Ele pigarreou.

— Não havia me dado conta de que se conheciam tão bem — conseguiu dizer.

Isabella sorriu ligeiramente.

— O sr. Belsyre era um velho amigo de meu pai.

Ah, diabos. Marcus recordou-se das palavras dela na carruagem, e do modo como ela se calara e como ele se precipitara nas suas conclusões disparatadas, movido pela raiva e pelo sentimento de posse.

Ele lhe segurou o braço, puxando-a para si.

— Por que não me contou?

Esforçou-se para manter o tom de voz baixo.

Os olhos dela estavam frios. Ela se desvencilhou dele, porém com gentileza, para que ninguém pudesse lhe notar a raiva reprimida.

— Por que deveria lhe contar qualquer coisa, meu senhor? Milorde jamais teve tal direito. Apenas dê-se por satisfeito que, ao contrário do senhor, eu não me rebaixo a ponto de querer vinganças mesquinhas.

Marcus não conseguia acreditar no que estava ouvindo. Lembrava-se do modo como ela barganhara com ele na prisão.

— Deve haver algo que queira. Qual é o seu preço? Dinheiro? Ela empalideceu.

— Precisa aprender que nem tudo pode ser comprado, Stockhaven.

— Muito engraçado, vindo de madame.

Eles se fitaram intensamente pelo que pareceu ser uma eternidade.

— Jantar — Belsyre disse, sobressaltando a ambos. — Se puder acompanhar lady Sidmouth, Stockhaven…

O evento estava repleto de membros da mais alta nobreza e Marcus não se dera conta de que, visto que Isabella mantivera o título de princesa, ela se sentaria consideravelmente longe dele na mesa. Ele foi obrigado a assistir ao príncipe de Conde cobrir sua esposa de atenções, que Marcus considerou por demais incerimoniosas. E, no entanto, o homem racional que ainda se escondia em algum lugar em seu íntimo foi forçado a reconhecer que Isabella lidou muito bem com as propostas ofensivas do príncipe. Como ele a observou o tempo todo, Marcus viu o exato instante em que Conde curvou-se para perto dela, como se simplesmente para enfatizar um ponto da conversa, e

roçou os lábios sobre os ombros expostos dela. Isabella disse apenas uma palavra, uma palavra que fez Conde morder o lábio, e virou-se para conversar com o duque de Hamilton, do outro lado.

Marcus se flagrou quase deixando seu assento, pronto para enfiar o faisão assado goela abaixo do homem.

— Sente-se, Stockhaven — Belsyre pediu, segurando a manga dele. Ele gesticulou para que mais vinho fosse servido, desarmando a situação constrangedora. — Isabella é capaz de lidar com Conde — ele acrescentou com um sussurro. — Já teve muita experiência lidando com príncipes estrangeiro grossos. — O tom de voz dele se suavizou: — Não que eu o culpe, homem. Não tem sido fácil para Isabella. Não me importo de admitir que, se duelar não fosse ilegal, eu mesmo teria dado um tiro em Di Cassilis. Fico surpreso que o homem tenha vivido tanto quanto viveu.

— O senhor o conheceu? — Marcus perguntou, surpreso com a franqueza do embaixador.

— Infelizmente, conheci. Uma união chocante para escolher para Isabella. Eu era o amigo mais antigo do pai dela. Mal pude me forçar a falar com ele após isso. — Seus olhos azuis avaliaram astutamente Marcus. — Ainda assim, imagino que saiba de tudo isso, Stockhaven. É história antiga. Fico feliz que o senhor e Isabella tenham podido deixar tudo isso para trás. Certa vez, ela me disse que teria preferido ser esposa de um capitão da marinha do que a princesa de Cassilis.

O embaixador virou-se para lady Cowper, sentada à sua direita, e Marcus ficou fitando o seu faisão que esfriava, com certo grau de perplexidade. O que Isabella Di Cassilis tinha que inspirava tanta lealdade na família, nos amigos e nos criados? Ela tinha Pen, a quem era claramente dedicada, e Freddie, que superara seu acanhamento natural para defendê-la. Tinha Churchward, que fizera algo que um advogado jamais deveria fazer e censurara Marcus pelo modo como este se comportara. E havia todas essas pessoas eminentes que ela conhecera durante seus anos no exterior, pessoas que, evidentemente,

a tinham em alta estima.

Certa vez, ela me disse que teria preferido ser esposa de um capitão da marinha do que a princesa de Cassilis…

A mensagem não era difícil de entender. Houve época em que ele fora um capitão da marinha e Isabella aceitara o seu pedido de casamento. Podia ter sido apenas força de expressão da parte dela ao falar com Belsyre. Contudo, de repente, Marcus começou a ter dúvidas.

Isabella estava cansada. Reentrar no mundo sofisticado da política, tão diferente dos salões de baile elegantes da elite, havia sido uma provação diferente. Embora houvessem passado um bom tempo separados, ela dolorosamente notara a presença de Marcus durante toda a noite. Sabia que ele não tirara os olhos dela.

Ela havia lhe dado uma falsa sensação de segurança, é claro, com suas referências vagas aos Belsyre, e ao fato de que jantares políticos a entediavam. Vira o horror nas feições de Marcus, quando ele enfim se dera conta de que aquelas eram pessoas que ela conhecia muito bem. Ele vinha tentando imaginar o que ela faria para conseguir se vingar. E Isabella não podia negar que o momento havia sido delicioso. Ela lhe vira o choque e o modo como ele se retesara, preparando-se para o que quer que ela fosse dizer. Virar o jogo, sentir todo aquele poder, fora inebriante.

Ainda assim, ela se recusou a usá-lo. Ela não era assim. Se não podia ter uma opinião favorável da parte de Marcus, se não podia ter o seu amor, não queria nada dele além de que a deixasse em paz. Isso seria tudo pelo qual ela negociaria.

Quando as damas se recolheram, Isabella teria tido o maior prazer em tirar os sapatos, se encolher no sofá e adormecer, senão pelo fato da princesas de Lieven e Esterhazy quererem saber os motivos por trás do seu casamento às pressas com Marcus. Em resposta às perguntas, ela mencionou um vínculo anterior e tentou mudar de assunto. Os Belsyre eram amigos tão antigos da família que sabiam

que ela pretendera se casar com Marcus, antes de Ernest lhe estragar os planos. Isabella sabia que era apenas uma questão de tempo antes que a história de seu noivado original com Marcus se espalhasse, e, então, assim como Rose Belsyre, todo mundo presumiria que se tratava de um reencontro romântico. Pensaria se tratar de uma união por amor. Quanta ironia.

Assim que Marcus adentrou o recinto, ela soube que ele queria falar com ela. Podia ler isso no seu rosto. Isabella se divertiu frustrando-o, puxando animadas conversas com todo mundo e mantendo as costas firmemente viradas para ele.

Porém, sabia que se tratava apenas de uma questão de tempo. Marcus não era o mais paciente dos homens. E, então, a princesa de Lieven lhe sabotou os planos, dando um tapinha no assento ao lado dela, chamando Marcus para perto, com um gesto que não poderia ser ignorado. Isabella achou que Marcus obedeceu de muito boa vontade.

— Estivemos perguntando a lady Stockhaven o que foi que causou este casamento-relâmpago, meu senhor — informou a princesa de Lieven. — Parece tudo tão romântico. Vínculos passados… paixões antigas…

Marcus olhou para Isabella. Seus olhos escuros tinham um brilho que a deixou nervosa.

— Ah, tem sido mesmo muito romântico, madame — ele concordou, tranquilamente.

Isabella remexeu-se no assento.

— Inacreditavelmente romântico — disse.

Ante a imagem de tamanha felicidade, as damas suspiraram todas.

— E vocês estão casado há…

A princesa se interrompeu, com o olhar indagador.

— Dez dias, madame — Marcus informou.

— Cada dia mais especial do que o último — disse Isabella. Marcus lhe lançou um olhar direto e sombrio.

— Fico feliz que pense assim, meu amor.

— Por outro lado — Isabella retrucou, gentilmente —, não tenho muito com o que comparar, não é?

Houve um silêncio ligeiramente constrangedor, enquanto as princesas pressentiam que nem tudo era tão romântico quanto elas pensavam.

— Os jornais disseram se tratar de um casamento de conveniência — lembrou a princesa Esterhazy. — Contudo, só de olhar para os dois dá para ver que isso não é bem verdade.

— Não poderia estar mais longe da verdade, madame — Isabella concordou. — Nenhum casamento jamais conseguiu ser tão inconveniente. Agora, se me derem licença. Estou certa de que lorde Stockhaven terá o maior prazer em lhes dar sua versão do enlace.

Ela queria ter um tempinho para si na paz da sala de estar das damas, contudo sabia que era pouco provável que Marcus lhe desse tal oportunidade. Tinha razão. Ele a alcançou antes que ela houvesse cruzado a metade do aposento.

— Só um instante, madame.

Ele lhe segurou o pulso, sem usar de força excessiva, mas de tal modo que ela não poderia se libertar sem gestos mais bruscos.

— Não me importa se isto é um joguinho de gato e rato — ele disse, baixinho. — Conte-me o que pretende.

Isabella ergueu o queixo.

— Não lhe contarei nada. Sugiro que aceite a situação em que se encontra, como outros foram forçados a fazer, antes de você.

— Não aceito nada.

— Não tem escolha. Marcus sorriu para ela.

— Ah, mas eu tenho uma escolha, Isabella. Meu único objetivo agora é sair daqui e esclarecer logo isto de uma vez por todas.

Isabella umedeceu os lábios.

— Recuso-me a partir ao seu bel-prazer.

— Neste caso, terei que recorrer a medidas extremas.

O coração de Isabella se sobressaltou ao ver que o olhar sombrio e

intenso de Marcus estava focalizado nos seus lábios. O desejo concentrado nos olhos dele a chocaram mais profundamente do que o fato de que escava prestes a beijá-la em público.

— Você não ousaria.

A frase foi dita com lamentável falta de convicção. É claro que ele ousaria. Ele sequer hesitaria.

— Neste caso, peça-me para parar.

O tom preguiçoso estava carregado de desafio. Ele estava pagando para ver, e, que Deus a ajudasse, ela não conseguiria resistir.

Lentamente, muito lentamente, ele curvou a cabeça e capturou-lhe os lábios com os seus.

Sua boca provocou uma resposta ardente que ela sentiu até a ponta dos pés, e Isabella se viu incapaz de detê-lo, incandescente com a paixão que se apossou tão incontrolavelmente dela quanto fogo. O tempo parou de existir. Tudo que Isabella podia notar eram as sensações daquele beijo.

Os lábios dela tremeram e, depois, se entreabriram para receber a língua de Marcus. Sua cabeça girou. Quando ele a soltou, o mundo ainda estava girando.

— Eu estava prestes a perguntar a Isabella o que a convencera a se tornar lady Stockhaven — a princesa de Lieven disse, com certa secura, de seu lugar no sofá. — A pergunta me parece, agora, um tanto quanto supérflua.

O toque de Marcus no braço dela foi triunfantemente possessivo. Isabella podia senti-lo em cada fibra de seu ser. Ele sorriu para o salão em geral.

— Peço desculpas, senhoras e senhores. Por favor, nos dêem licença. Não estamos casados há muito tempo.

Algumas risadas tolerantes ecoaram pelo recinto;

— Não permita que nós o detenhamos, Stockhaven — Henry Belsyre disse. — A política pode esperar, ao passo que outras coisas não. Precisamos marcar para conversar sobre negócios muito em

breve.

— Obrigado, senhor — Marcus disse.

Mantendo Isabela firmemente ao seu lado, ele curvou-se e. falou de modo que apenas ela pudesse escutar. E suas palavras fizeram com que um incontrolável arrepio lhe percorresse o corpo.

— Está na hora de chegarmos a um acordo, milady. Vou para casa com você. Agora.

Capítulo Doze

Não era tarde, porém a casa em Brunswick Gardens estava em silêncio. Duas luzes estavam acesas no hall de entrada. O criado que abriu a porta da frente para eles não era tão bom quanto Belton em esconder seus sentimentos. Suas sobrancelhas saltaram, quase se juntando aos cabelos, antes que desviasse o olhar incrédulo de Marcus Stockhaven e o fixasse no chão de mármore bem lustrado. Em outras circunstâncias, Isabella poderia ter rido. Seus criados não estavam acostumados a verem-na trazendo cavalheiros para casa.

Fora uma noite quente e haviam viajado sob a lua de verão. Deveria ter sido romântico, porém Isabella simplesmente se sentira abalada e cansada, e, de repente, muito amedrontada. Diante dela, Marcus estava impassível. Ele já havia retirado o paletó, o colete e desfeito o nó da gravata. Isabella torcera desesperadamente para que o calor estivesse por trás do fato de Marcus não estar completamente vestido, em vez de uma intenção iminente de atacá-la ali mesmo, na carruagem. Não tinha como ter certeza. Sob o luar, ele parecia ao mesmo tempo elegante e grosseiramente viril, só de camisa, e ela preferiu desviar o olhar daquela visão.

— Por que não procurou seus amigos, quando estava endividada? — Marcus lhe perguntara, subitamente. — Eles estariam dispostos a ajudá-la.

Isabella se empertigara um pouco no assento.

— Não peço dinheiro emprestado a amigos — respondera.

— Orgulho é algo que custa caro — Marcus dissera.

— Não é orgulho, Stockhaven — Isabella retrucara baixinho. — É amor-próprio.

Eles não voltaram a se falar até a carruagem chegar a Brunswick Gardens e Marcus a acompanhar até lá dentro.

Quando Belton veio recebê-los, ele não hesitou e sua expressão impassível não vacilou ante a visão da princesa Isabella Di Cassilis chegando em casa acompanhada do marido. Simplesmente curvou-se.

— Boa noite, Vossa Serena Alteza, meu senhor… — Ele assentiu cortês e empertigadamente. — Espero que tenham aproveitado o jantar. Posso buscar algo para beberem?

— Obrigada, Belton — Isabella disse, retirando as luvas. — Tomarei uma taça de vinho do Porto no gabinete. — Ela olhou de relance para Marcus. — Pensando bem, traga-me a garrafa. Lorde Stockhaven?

Marcus se apressara a ajudá-la a retirar a capa, adiantando-se ao mordomo, cuja expressão, se é que era possível, ficara ainda mais impassível. Isabella sentiu as mãos de Marcus nos ombros, despindo-lhe a vestimenta. O gesto lhe pareceu extraordinariamente íntimo e ela tratou de se afastar o mais rápido possível de seu toque.

— Conhaque, por favor — Marcus disse.

— Certamente, meu senhor — Belton disse, com formalidade, e se retirou.

O criado abriu as portas do gabinete e as fechou após a passagem deles, deixando o casal em silêncio.

Isabella caminhou até as longas cortinas e as abriu, deliciando-se com o vento fresco no rosto quente. Sentia-se tensa e aflita. Nenhum dos dois parecia ansioso para ser o primeiro a falar.

Marcus estava postado de costas para a lareira, com as mãos nos bolsos, dando a impressão de estar relaxado e, ao mesmo tempo,

totalmente no controle de si mesmo e da situação. Subitamente, Isabella se viu cansada. Cansada da farsa, do esforço e da pura tristeza de estar nesta situação.

Ela voltou-se para o marido e o fitou diretamente nos olhos.

— Você está tentando me subjugar, Stockhaven, porém não conseguirá — disse.

Marcus avançou até ela e a segurou pelos ombros. Ele fitou-lhe os olhos desafiadores.

— Não —: disse e um ligeiro sorriso se desenhou no canto de sua boca. — Não acho que conseguirei.

— Então… — Isabella fez um gesto ligeiro. — O que quer de mim?

— Quero chegar a um acordo — Marcus repetiu. — Quero uma explicação. Quero um acerto de contas, e quero uma noite de núpcias. O que *você* quer?

Isabella inspirou profundamente.

— Quero que me deixe ir. O olhar de Marcus cintilou.

— Neste caso, temos um acordo. Se me der o que eu quero, cumprirei minha parte no negócio.

Paralizada, Isabella o fitou. O aposento estava quente e escuro, um lugar para intimidades e confidências. Exceto que ela não parecia ter muita vontade de fazer confidências a Marcus Stockhaven. Sentia-se com frio, traída e infeliz. Antes de entender a extensão da desconfiança que ele sentia por ela, Isabella poderia ter lhe dado a explicação que ele tanto queria. Agora, parecia ser apenas um enorme desperdício de tempo. Isabella revelaria todo o passado e ainda teria de enfrentar o desprezo dele, e não tinha certeza se seria capaz de suportar isso. Quanto à noite de núpcias…

O pensamento fez todo o corpo dela tremer. Parte de si queria aquilo apaixonada, desesperadoramente, e contudo ela sabia que não poderia se entregar a um homem que a odiava. Sentia-se tão atraída por Marcus que mal conseguia se conter. Sempre fora assim. Uma

parte insistente de seu passado lhe dizia que não era tarde demais, que eles podiam ser amantes novamente. Porém, a realidade cruel tornava isso impossível.

Marcus caminhou até ela e segurou-lhe o braço de leve, contudo com força o suficiente para mantê-la no lugar. O frio gelado ameaçava se apossar de todo o seu corpo.

— Não pago minhas dívidas desta maneira — Isabella disse. Ela ergueu o queixo e o fitou nos olhos. — Não se engane, Stockhaven. Não desejo ter que me explicar para você. Isso já é ruim o bastante. Não vejo que bem trará agora, após todo esse tempo, e não acredito lhe dever coisa alguma. — Contudo — ela deu ligeiramente de ombros —, se insiste, falar com você parece ser o menor dos males, não é?

Marcus fitou-a nos olhos por um longo instante e ela teve medo de que ele pudesse enxergar tudo o que guardava com tanto cuidado dentro de si, toda a tristeza e todos os segredos há muito mantidos, todo o amor e o medo. Após um instante, ele relaxou a pressão no braço dela e deu um passo para trás; contudo, a expressão de seu rosto não se suavizou.

— É tudo ou nada.

Tudo ou nada. O ajuste de contas. A noite de núpcias. E, em troca, liberdade…

O futuro pareceu se estender diante de Isabella como uma tapeçaria sedutora. A paz e a liberdade para viver como bem quisesse, não como ditado por outra pessoa. Esperara tanto tempo por esta oportunidade, Seu pai privara Isabella dela ao forçá-la a desposar Ernest. Ernest, por sua vez, negara-lhe ainda mais a chance ditando cada ato real que ela fazia, e Marcus, de modo insuportável, também tentara fazê-la viver como ele queria.

Ela ansiava por ser livre. A liberdade estava tão próxima e, no entanto, tão torturantemente além do seu alcance.

— Eu quero Salterton — ela disse.

— Será seu.

— E recursos para manter a propriedade.

— É claro.

— Eu quero…

Uma anulação estaria fora de cogitação, depois que o casamento fosse consumado. Isabella inspirou profundamente, forçando-se a não pensar nisso, ainda não.

— Quero uma separação legal.

Por um instante, ela pensou que Marcus fosse recusar. Um músculo se retesou na mandíbula dele.

— Muito bem — disse. Seu tom de voz foi áspero.

— Não confio em você — Isabella sussurrou. Marcus deu de ombros.

— Não sou um homem que quebra a sua palavra. E, caso eu venha a quebrá-la, você poderá engolir esse seu orgulho, procurar os Belsyre e lhe dizer o que quiser a meu respeito. Sabe muito bem que, se quisesse, você poderia arruinar várias vezes todas a minhas ambições para o futuro.

Isabella sentiu a garganta latejar ante as lágrimas que se acumulavam.

— Não quero que seja assim.

— É como é.

O rosto de Marcus estava duro como pedra.

Não havia muita escolha. Isabella sabia que podia viver esta vida pela metade, uma esposa descontente apaixonada pelo próprio marido e sem esperanças para o futuro, ou poderia comprar a própria liberdade e escapar de uma situação intolerável.

Marcus a estava observando.

— Muito bem. — Ela pigarreou. — Eu concordo.

— Ah, minha nossa — Penelope Standish disse, tristemente.

Estava sentada com Alistair Cantrell no Lime Street Coffee House.

Não era exatamente apropriado para uma solteirona estar tomando café sozinha com um cavalheiro, porém Pen não acreditava correr perigo algum com Alistair Cantrell. Poucas vezes se sentira mais segura com qualquer outra pessoa. Eles haviam se encontrado na porta do escritório do editor do *Gentlemen's Athenian Mercury.* Pen ficara aflita. Passara a noite trabalhando em um artigo escandaloso sobre Isabella que se baseava em antigos mexericos, assim como em atual especulação, e, assim que terminou, correu para entregá-lo ao jornal, como se tirá-lo rapidamente das mãos, de algum modo, contribuísse para lhe atenuar a culpa. Morrow, o editor, adorara o artigo. O dinheiro sujo de Pen, vinte xelins na forma de uma moeda de ouro, ainda agora pesava na bolsa da moça. Ela já começara a pensar em todas as coisas nas quais gastaria o dinheiro. E, então, chocara-se no vão da porta com Alistair, que a fitara com aquele seu modo perceptivo e a maldita moeda deu a impressão de se incendiar na bolsa dela, um sinal de sua traição. Ela gaguejara algum cumprimento (só Deus sabia o quê) e tentara passar por ele, mas Allistair pousou a mão no ombro dela, forçando-a a deter-se.

— Srta. Standish, será que posso lhe dar uma palavrinha? E Pen soube que estava perdida.

Eles se sentaram em um canto tranqüilo do café, enquanto a vida noturna mal-afamada da cidade os rodeava sem ser notada.

— Srta. Standish—Allistair repetiu. — É claro que pode me mandar não meter o nariz onde não sou chamado, mas me pergunto o que poderia estar fazendo nos escritórios do jornal mais indecente da cidade.

— Ah, minha nossa — Pen repetiu.

Em sua agitação, ela adicionou outra colher de açúcar ao seu café e mexeu com gestos rápidos e nervosos. Alistair a fitou diretamente nos olhos.

— A senhorita parece gostar muito de sua irmã — disse. — O que me deixa curioso quanto ao motivo de vender histórias a respeito dela

para a imprensa.

Pen deixou os ombros caírem. Poderia mentir, é claro, contudo, de algum modo, a necessidade de mentir para Alistair parecia impossível.

— Como foi que soube? — ela perguntou, baixinho. Alistair sorriu.

— Dedução lógica. A pessoa vendendo as informações tinha o tipo de conhecimento sobre a vida da princesa Isabella que apenas um confidente teria. Tinha de ser alguém muito próximo dela. E, então, quando eu a encontrei saindo do escritório do editor… — Ele deu de ombros. — Pareceu-me razoavelmente conclusivo.

— É — Pen disse. — É, fui eu. Sinto-me tão envergonhada. Seguiu-se um pesado silêncio.

— Perdoe-me, srta. Standish, mas gosta da princesa Isabella, não gosta? O rosto de Pen se contorceu.

— Gosto. Ah, sim, é claro que eu gosto! Bella é a mais adorável das criaturas e eu a amo muito.

Ela inclinou-se para frente. Será que conseguiria fazer Alistair entender? Ele parecia ser um homem muito leal e não do tipo a aprovar este tipo de logro. Pen descobriu que queria que ele tivesse uma opinião favorável a respeito dela.

— Veja bem, sr. Cantrell — Ela lhe lançou um olhar de apelo. — Eu não tenho dinheiro algum e preciso fazer algo para sobreviver. — Ela hesitou, antecipando-lhe a próxima pergunta, — O porquê não importa. Mas quando pensei bem, vi que vender escândalos sobre Bella era a única coisa que eu poderia fazer. Pelo menos — ela acrescentou, ao notar uma cortesã pintada deixando o café acompanhada de um cavalheiro — era a única coisa que eu estava disposta a vender.

Os lábios de Alistair se retorceram ao acompanhar o olhar da moça.

— Eu entendo, srta. Standish. É uma coisa melancólica para uma dama se encontrar tão empobrecida e ser forçada a buscar outras

maneiras de sustento, contudo, mesmo assim…

— Eu sei — Pen disse. — O senhor não pode me desprezar mais do que eu mesma me desprezo, sr. Cantrell. Eu vivo tentando me convencer de que vou parar, mas não consigo. É tentador demais. E Bella não pareceu se importar muito ao ler as reportagens… — Ela se interrompeu. — Sei que não é desculpa.

Alistair tocou-lhe brevemente a mão. Pen ficou chocada, e mais do que um pouco intrigada.

— Eu me preocupo com Bella — disse, para encobrir a reação de surpresa. — Sei que, dadas as circunstâncias, isso pode parecer absurdo, mas eu gosto de verdade dela.

Alistair assentiu:

— Eu entendo.

Pen descobriu que a vontade de se confessar era forte demais.

— Apesar do fato de Bella ser minha irmã mais velha e tão… — Ela buscou as palavras. — Tão experiente… Ah, não, não estou falando nesse sentido, mas sim que ela já viu muito deste mundo… — Seus olhos azuis encontraram os cor de avelã de Alistair. —Apesar de tudo isso, às vezes tenho a impressão desconcertante de que ela não sabe exatamente o que está fazendo.

Alistair nada falou. Ele voltou a lhe cobrir a mão em um gesto reconfortante, e, desta vez, não a soltou imediatamente.

— Bella apenas se casou com Ernest Di Cassilis, para começo de conversa, porque nosso pai estava diante da ruína financeira — Pen prosseguiu. — E ela foi infeliz durante todos aqueles anos. Quando ela retornou, foi apenas para descobrir que Ernest a deixara falida. Quanto ao porquê de ela ter se casado com o primo Marcus…

Ela se interrompeu ao se ver sem fôlego. Alistair ainda estava lhe segurando a mão, e a sensação era calorosa e muito agradável.

— Sei que eles já gostaram muito um do outro — Pen completou. — Eu era pouco mais do que uma criança na época, mas as crianças notam coisas, não notam? Estou quase certa de que estavam

perdidamente apaixonados. Ia ser o casamento perfeito. Mas algo deu errado e Bella casou-se com Ernest, e Marcus casou-se com India, e agora…

Ela sacudiu a cabeça.

Alistair apertou-lhe a mão. Ela sentiu-se confortada, porém libertou a mão para tomar um gole do café… e quase se engasgou de tão nauseantemente doce que ele estava.

— Ah!

Seus olhos lacrimejaram, mas ela foi capaz de ver que Alistair estava rindo dela.

— Que tal outra xícara, visto que a senhorita arruinou essa?

— Eu acho que não — Pen disse —, mas um pouco de chocolate seria bem-vindo, obrigada.

A bebida chegou. Pen notou que Alistair era adepto em organizar as coisas com o mínimo de agitação. Ela começou a se sentir um pouco mais relaxada. Alistair a observava do outro lado da mesa. Seus olhos cor de avelã eram muito astutos.

— Srta. Standish, promete não vender mais histórias para a imprensa? Os ombros de Pen caíram mais um pouco. Sabia que jamais poderia fazê-lo novamente, mas a idéia de não ter mais dinheiro a apavorava.

— É claro. Eu não poderia… — Sua voz falhou. — Ah, minha nossa…

— Suponho que seja o seu irmão — Alistair disse, com um tom de voz duro como aço.

Pen se colocou na defensiva:

— Por favor, não posso discutir isso. Freddie se esforça, porém jamais foi bom com dinheiro.

Pen sabia que Alistair queria dizer algo mais, algo crítico, e apenas a sua cortesia o mantinha em silêncio. Após um instante, ele disse:

— Se está em dificuldades financeiras urgentes, estou certo de que podemos chegar a um acordo.

— Sr. Cantrell!

Pen ficou tão surpresa que quase derramou o chocolate.

— Eu estava falando de um empréstimo. — Os olhos de Alistair brilharam. — Naturalmente.

— Ah, naturalmente.

Pen desviou o olhar de um casal que estava sentado diante da janela, um nos braços do outro, sem dar atenção para a multidão que os cercava. Sem dúvida, era a atmosfera espalhafatosa do lugar e a empolgação incomum de estar na rua, à noite, na companhia de um cavalheiro, que a estava levando a pensar bobagens.

— É muita gentileza sua — ela acrescentou. Alistair ficou de pé.

— Acho melhor acompanhá-la até a sua casa agora, srta. Standish — ele disse. — Vou chamar uma carruagem para nós. As ruas estão ficando um pouco mais perigosas, mas eu lhe garanto que estará na mais perfeita segurança comigo.

— É o que eu imagino — Pen disse, com um suspiro.

Ela viu Alistair pagar a conta, seguir para a porta e chamar uma carruagem de aluguel, com sua costumeira eficiência ordeira. Ela observou o contorno de seus ombros, o virar de sua cabeça e o modo como o seu corpo se movia sob a roupa elegante, porém despretensiosa. Ela sempre se impressionara mais com a palavra escrita do que com imagens visuais, contudo, agora, sentia-se ardente, imodesta e surpresa consigo mesma. Que frustrante. Ali estava o sr. Cantrell oferecendo a sua proteção da maneira mais inocente possível, e lá estava ela, subitamente dando-se conta de que segurança era a última coisa que queria dele.

— Podemos ir?

Alistair ofereceu-lhe o braço.

— Obrigada — Pen disse, baixando o olhar como a solteirona recatada que estava longe de ser agora. — O senhor é um perfeito cavalheiro, sr. Cantrell.

— As suas ordens, srta. Standish.

Só havia sinceridade no tom de Alistair.

Pen suspirou. Sabia que era bonita e sabia que Alistair Cantrell a achava bonita, assim como tinha certeza de que ela nada faria a respeito disso. Ela poderia viajar em um coche fechado de Londres a Canterbury e, provavelmente, o máximo que ele faria seria indicar os pontos de interesse ao longo do caminho e providenciar para que tivessem bebida e comida suficientes aguardando-os. Ele não a atacaria e nem tentaria agarrá-la, ou sequer lhe dar um beijo casto na face. Ela sentia-se ridiculamente segura, totalmente insatisfeita e absolutamente frustrada, de um modo que jamais sentira antes, um modo que sua mãe ensinara que uma dama jamais deveria sentir.

Que totalmente frustrante. Alistair Cantrell estava de pé do lado de fora da pequena casa em Pimlico e olhava para a janela no primeiro andar, onde tinha certeza de que a srta. Penelope Standish estava, agora mesmo, soltando os grampos do cabelo dourado e desabotoando a blusa, preparando-se para dormir. Ele não podia ver nenhuma dessas possibilidades intrigantes, pois as cortinas estavam bem fechadas e eram de um material grosso, mas Alistair não precisava ver para imaginar. Podia visualizar os cabelos espessos e claros de Penelope, seus seios pequenos, porém perfeitamente formados, e seu corpo esbelto sob o sedutor manto transparente da camisola. É claro que, até onde sabia, podia estar fitando a janela onde Freddie Standish estava, sem dúvida roncando abraçado a uma garrafa de conhaque, mas não fazia diferença. Pen estava na casa, e ele a queria, e estava tão perto, mas, na verdade, tão indescritivelmente longe. Ela confiava nele. Era uma dama em apuros e confiara nele, e Alistair deveria se sentir honrado em ter a confiança da moça, em vez de pensar em traí-la do modo mais chocante que poderia ser imaginado. Ele não podia, *não podia* encorajá-la a depender dele e, depois, usar a proximidade para se aproveitar dela. Ah, mas como queria fazê-lo. Chegava a ser doloroso. Estava explodindo de vontade

de fazê-lo.

Sabia que a srta. Standish tinha a reputação de ser uma literata com uma língua cáustica como uma dose de vinagre. Tinha certeza de que ela não deixaria de administrar uma repreensão a qualquer um que considerasse um tolo, e havia muitos que se encaixariam na descrição. No entanto, ele havia lhe visto a suavidade e a vulnerabilidade, o modo como ela se preocupava com a irmã, e a culpa que a corroía quando pensava em trair a confiança de Isabella. Sabia como era difícil para um cavalheiro com sérios problemas financeiros sobreviver por conta própria, de modo que podia imaginar como devia ser apavorante para uma mulher se ver em tal situação. E ele jurara ajudá-la, não seduzi-la.

Dadas as circunstâncias, foi sorte ter começado a chover. Afogou-lhe ligeiramente o ardor e encharcou-lhe um bocado as roupas. Se não quisesse pegar uma febre, sabia que tinha de voltar para casa e parar de olhar para a janela de Penelope como um jovem apaixonado. Ainda assim, parte dele desejou que houvesse uma sacada e um roseiral bom de se escalar, enquanto outra parte zombava dele com a idéia de que, se houvesse, ele despencaria e ainda precisaria de assistência médica. Caso a srta. Standish precisasse de ajuda prática, como alguém para chamar uma carruagem de aluguel, ou lhe buscar uma caneca de chocolate quente, Alistair era o homem para o serviço, mas caso fosse necessário realizar algum feito romântico de qualquer tipo, ele apenas cairia de cara no chão.

Ainda assim, continuou a fitar o retângulo iluminado da janela até a luz ser apagada.

Capítulo Treze

— Por onde devo começar? — Isabella perguntou, polidamente.

— O início sempre é um bom lugar — Marcus disse. — Por que

rompeu comigo?

Isabella afundou ainda mais na poltrona de couro. Queria que seu interior espaçoso a engolisse. Queria dormir, queria sentir-se segura. Em vez disso, tinha de falar e fazer Marcus entender. Seu coração disparou ante a perspectiva.

— Você me deixou plantado no altar — Marcus disse. Seu tom estava bem controlado. — Recusou-se a me receber quando tentei vê-la. Sequer me escreveu. Nunca me contou o que aconteceu. — Sua voz encheu-se de sentimento. — A primeira vez que soube algo a respeito do que havia acontecido foi quando estava lendo o anúncio de seu casamento nos jornais e você me enviou de volta a aliança…

Ele se interrompeu. Isabella viu o rosto dele se fechar. Mais uma vez, o fogo foi reprimido.

— Explique — Marcus disse, impassivelmente. Não foi um pedido.

— Não há muito a contar — Isabella disse. Ela manteve o olhar fixo nas brasas da lareira, para não ter que olhar para ele. Era doloroso demais.

— Foi por minha família, Stockhaven. Ou talvez tenha sido por dinheiro. Estou certa de que você decidirá por conta própria.

Ela ergueu o olhar por um instante. O rosto de Marcus estava imóvel, porém exibia uma intensidade controlada, uma raiva que ela suspeitava arder lá no fundo. Agora que era chegado o momento da verdade, ela simplesmente queria que tudo terminasse logo e que Marcus a deixasse em paz. Faria isto o mais rápido possível.

— Quando jovem, não sabia que papai estava passando por sérias dificuldades financeiras — disse. Ela deu ligeiramente de ombros. — Crianças não costumam saber dessas coisas. Acham que tudo sempre será do mesmo jeito, sempre seguro. — Ela suspirou. — Quando fiquei mais velha, descobri que papai estava sempre contraindo e sanando dívidas, fazendo pequenas fortunas e perdendo-as novamente, jogando, investindo em sonhos, incapaz de ser prudente… Quando ele morreu, havia perdido todo o seu dinheiro,

daí Freddie ter de trabalhar e Pen ter de sobreviver com uma mesada tão pequena.

Marcus não se mexera um centímetro desde que ela começara a falar. Estava sentado diante dela na poltrona de couro, imóvel, mas com uma calma atenta que se refletia nos seus olhos ao estudá-la. Sua expressão era fria e distante. Isabella sentiu-se gelada só de vê-la, e encolheu-se ainda mais na poltrona.

— Na ocasião em que Ernest me pediu em casamento, papai estava muito perto da ruína. Na época, é claro, Ernest era um homem muito rico. Ele se ofereceu para salvar papai da prisão dos devedores. — Ela riu, com um pouquinho de amargura. — Eu era parte do acordo. Para salvar a família da ruína, eu tinha de aceitar o pedido de Ernest. Não importava se eu estava prestes a me casar com você. A segurança deles dependia de minha aceitação.

Ela se interrompeu, fitando o coração da lareira, onde as brasas brilhavam.

Não diria nada sobre o que sentira. Nada sobre o pai, exposto como um homem fraco, incapaz de protegê-la, ordenando furiosamente que ela aceitasse a mão de Ernest em casamento, sua mãe, rasgando em pedacinhos os lenços bordados, Freddie, o rosto impassível, porém a expressão dos olhos tão desesperada; Pen, segurando-lhe a mão e perguntando se era verdade, e se ela os deixaria passando fome. Isabella fora jovem demais para tomar aquelas decisões agoniantes, porém as tomara assim mesmo.

— Quer dizer que aceitou — Marcus disse, sem emoção na voz. Isabella sentiu-se tomada de raiva. Que ele pudesse ficar sentado ali, sem se comover, condenando, quando, após doze anos, ela ainda conseguia sentir o desespero e a falta de esperança que haviam se apossado dela… Contudo, Marcus não sabia de nada disso. Até onde ele sabia, ela poderia ter visto Ernest como a galinha dos ovos de ouro.

— Não foi uma escolha fácil — ela disse, baixinho. — Eu estava apaixonada por você. Estava completamente arrebatada. — A emoção

ameaçou tomar conta de sua voz. —: Nós deveríamos nos casar no dia seguinte! Foi um… choque… ser forçada a ver as coisas de maneira diferente.

— Poderia ter recusado — Marcus disse. Sua boca era uma linha estreita. — Poderia ter insistido em se casar comigo e ter mandado o seu pai plantar batatas.

Isabella pensou um pouco. Poderia mesmo ter corrido para Marcus, só que, na época, ela não passava de uma jovem sozinha e apavorada com a incerteza do que fazer. Ela quisera Marcus, ansiara para que ele houvesse estado ali para protegê-la, e, no entanto, soubera, sem sombra de dúvidas, que escolhê-lo seria condenar toda a família à ruína. Sentira-se dividida.

Eu precisava tanto de você…

Ela conteve as palavras. Não lhe contaria isso agora, não quando ele já carregava consigo amargura suficiente para os dois. Outrora fora tão diferente. Ela sentiu um aperto no coração ante a simplicidade da vida deles juntos. Entregara-se a ele por estar apaixonada, e não ligara para as conseqüências. Aos 17 anos de idade, fora precipitada, imprudente e negligenciara todos os princípios de comportamento que fora criada para obedecer. Mas, então, vieram as conseqüências: seus pais, Freddie, Pen e sua filha, Emma. O futuro de todos eles dependia de Isabella tomar a decisão certa. De modo que ela escolhera o bem-estar deles, em vez de sua felicidade com Marcus, e aprendera, da pior maneira, que paixão desenfreada e pouco caso indiferente podiam parecer bem-aventurados na ocasião, mas sempre havia um preço a ser pago. Ela pagara todos os dias em lembranças e arrependimentos.

E, agora, Marcus a culparia por sua escolha. Ele a fitava pensativo. Sabia que não receberia dele nenhuma compreensão ou solidariedade. Ela engoliu em seco.

— Suponho que era perigoso demais para você se arriscar comigo,

embora, talvez, eu pudesse ter ajudado todos vocês. Eu não tinha dinheiro e nem perspectivas, e o príncipe Ernest era um homem rico…

— Não ouse sugerir que me casei com ele pela fortuna dele!

As palavras irromperam de Isabella antes que ela tivesse a chance de detê-las. Fora instintivo, direto do coração. Não quisera ensaiar toda esta angústia diante de Marcus, porém era incapaz de impedir que tanta emoção transparecesse. Ela viu os olhos dele se arregalarem ante a sinceridade irrefutável de sua voz.

— Mas foi o que fez — ele retrucou, lentamente. — Você, de fato, casou-se com Ernest pela fortuna dele, embora para salvar a sua família.

Isabella virou o rosto. O que esperava? que ele lhe escutaria a explicação e a abraçaria com toda força, e o amor perdido e o ardor que tanto adorara nele antes? Era exatamente o que ela queria, no fundo, sem sequer admitir para si mesma. Mas a vida nunca era tão simples.

— É — disse. — Eu me casei com Ernest pelo seu dinheiro, porque minha família precisava dele. Ele me comprou. — Ela fitou Marcus com desafio e falou com dureza deliberada: — Mesmo que tivéssemos nos casado, Marcus, não havia garantia de que teríamos sido felizes. Éramos jovens, deixando-nos levar por nossos sentimentos, indiferentes ao futuro.

— Verdade — Marcus disse. Ele sorriu de leve. — Acho que nos deixamos levar por termos descoberto um desejo tão voraz um pelo outro.

Isabella deixara. Fora novo, excitante e completamente irresistível. Sequer parara para pensar no amanhã e não se envergonhara do hoje. Só de se lembrar já latejava com um misto doloroso de desejo e arrependimento.

— Desejos tão intensos têm o hábito de se esgotarem, deixando muito pouco para trás — ela disse. — É melhor deixá-los no passado, onde pertencem.

Marcus não retrucou. Olhava para ela como havia feito na prisão, desde os diamantes falsos no cabelo até os sapatos prateados aparecendo por baixo da bainha da saia, e Isabella sabia que ele estava pensando na noite de núpcias que ela concordara em lhe dar. Ela tremeu de pura emoção.

Marcus mexeu-se um pouquinho.

— Poderia ao menos ter me oferecido uma explicação — ele disse. — Poderia ter me escrito através do Almirantado. — Sua boca se retorceu com um humor severo. — Teria sido educado me explicar as circunstâncias, especialmente considerando o que representávamos um para o outro.

Isabela meio que deu de ombros.

— Não fazia idéia nem de como começara lhe explicar — ela disse, e era verdade.

O olhar de Marcus a queimou.

— Eu era o seu *amante,* Isabella! Já houve época em que era capaz de me contar qualquer coisa. Eu pensei…

Mais uma vez, houve um torturante silêncio. Isabella sentiu a tensão entre os dois aumentar tanto que, com a menor provocação, poderia se partir. Não havia por que esperar absolvição da parte de Marcus. Ele jamais lhe concederia isso. Subitamente, tudo que ela queria era que ele se fosse, para que ela pudesse dormir.

— Bem — disse. — Tem a sua explicação. Sei que não é muito, e que chegou tarde demais, porém…

Ela deu de ombros. Era tudo que estava preparada a dar. Sentia-se vazia. Ainda assim, Marcus nada respondeu. Isabela ficou irrequieta.

— E, agora — ela disse, quando o silêncio se prolongou —, quero que me deixe ir.

Marcus não respondeu de imediato. Era amedrontadoramente plausível. Todas as suposições que fizera a respeito do desejo de Isabella por título e fortuna acabaram sendo falsas. Isabella, aos 17 anos de idade, sozinha, forçada a fazer o tipo de escolhas que a

maioria torcia para jamais ter de fazer na vida… Ela devia ter se sentido desesperadamente sozinha e amedrontada.

Tudo acontecera tão rapidamente entre os dois, desde o primeiro olhar secreto e incendiado que haviam compartilhado até a paixão primordial que os havia unido, até o destino frio que os apartara. Tempo o suficiente, no entanto, pouquíssimo tempo…

Suas certezas titubearam. Isabella parecia muito cansada e pálida, mas ele não conseguia discernir nenhuma emoção em seu rosto. Ela falara com tanta compostura, quase como se houvesse ensaiado o que ia dizer. E, no entanto, ele não podia descontar a sinceridade em sua voz quando protestara contra a acusação de ter se casado por fortuna.

Contudo, havia outra alegação dirigida a ela, e Marcus não podia se esquecer dela. Isabella não fora exonerada. Ainda não.

— E quanto a India? — disse, bruscamente. — Posso entender por que tomou as decisões que tomou a meu respeito, mas ela… — Ele sacudiu a cabeça. — O que ela fez para merecer a sua desafeição?

Isabella vinha aguardando a resposta dele, a tensão dominando cada centímetro de seu corpo. Agora, ele podia notar a confusão se apossar de seus olhos e uma pequena ruga se formar entre as sobrancelhas.

— India? — A perplexidade era evidente em sua voz. — Não sei do que está falando.

Mais uma vez, ele sentiu a potência de sua sinceridade. Sua interpretação dos fatos lhe dizia uma coisa, porém os instintos lhe diziam outra muito diferente. Queria acreditar que ela era mentirosa, mas a sinceridade de Isabella parecia frustrá-lo o tempo todo.

— Virar a mãe contra ela. Marcus pigarreou. Jamais superara a culpa que sentia para com a falecida esposa. Casara-se com ela por todos os motivos errados, e jamais haviam sido capazes de fazer um ao outro felizes, o que o tornava ainda mais determinado a ver justiça feita. Talvez fosse tarde demais para India, contudo ele poderia fazer Isabella confrontar seus pecados e admitir sua culpa. Ele ficou de pé e

andou de um lado para o outro no recinto, com uma fúria enjaulada.

— Através de suas visitas a Salterton e suas cartas para Jane Southern você deliberadamente enfraqueceu a posição de sua prima. — Ele voltou-se para fitá-la. — India me disse que a mãe freqüentemente a provocava com insinuações de que gostaria de ter uma filha como você. Você estava determinada a tomar Salterton de India. Ela e lady Jane tiveram um terrível desentendimento por conta disso. Como resultado, Jane a deserdou.

Os olhos de Isabella se arregalaram de horror e incredulidade. Ela agora estava sentada na poltrona, empertigada, as mãos segurando com. força os braços. Ela sacudiu ligeiramente a cabeça.

— Eu nada sabia a esse respeito! Juro que jamais disse e nem fiz algo para prejudicar o relacionamento de India com a mãe, muito menos para vê-la deserdada!

Marcus enfiou os punhos cerrados nos bolsos do paletó.

— Neste caso, por que India haveria de jurar que você o fez? Ela não tinha motivos para mentir para mim.

Ele viu a expressão do rosto de Isabella mudar e, antes que ela pudesse virar o rosto, ele a puxou para si, obrigando-a a ficar de pé. Segurou-a com força junto a si.

— E verdade, não é? Você fez alguma coisa. Isabella empalidecera.

— É verdade que jamais fiz segredo de meu amor por Salterton — ela disse, com firmeza. — De fato, escrevi, e, de fato, disse para tia Jane o quanto eu tinha saudades do lugar. Se isso é pecado, se foi o que levou tia Jane a deserdar India, neste caso devo me declarar culpada. Mas nunca fiz nada com essa intenção. Esconder o meu amor por Salterton teria sido tão impossível quanto…

Ela se interrompeu. *Quanto esconder o meu amor por você.*

Marcus escutou as palavras como se ela as houvesse pronunciado em voz alta. Para ele também as lembranças e sentimentos que tinha por Salterton estavam inextricavelmente ligados ao tempo que passara ali com Isabella. Mais uma vez, sentiu uma onda de deslealdade para

com dia, seguida de vergonha.

— Você era a filha que Jane realmente queria — disse. — Como acha que India poderia viver com isso?

Isabella sacudiu a cabeça.

— Não posso ser responsabilizada por isso, Stockhaven.

— Você pode ser responsabilizada por todas as pequenas maneiras traiçoeiras que usou para lembrar lady Jane de sua preferência por você — Marcus disse, com veemência.

— Eu não fiz nada disso. Se foi o que India lhe disse, ela estava mentindo.

Marcus cerrou as mãos.

— Por que ela haveria de mentir? Acha que ela estava com ciúmes? De você?

Isabella parecia desdenhosa. O rosto dela estava bem próximo ao dele, de modo que podia notar a pulsação reveladora no pescoço dela deixando clara a sua agitação, contudo, na superfície, ela parecia não dar a mínima.

— Por que ela haveria de ter ciúmes de mim? — disse. — India era casada com você.

— Ela era casada com o homem que você rejeitou — Marcus disse, com firmeza.

Os cílios de Isabella se abaixaram, velando-lhe a expressão. Sua boca cerrou-se, apertada, aquela boca deliciosa sempre fora a perdição de Marcus. Ele queria beijá-la. A necessidade ameaçava destroçá-lo. Queria beijar uma mulher de quem desgostava imensamente, e isso era muito perturbador.

— Duvido que India algum dia tenha sentido ciúmes de mim — Isabella afirmou. — Mas, na verdade, não tenho idéia do que India pensava a respeito de nada. — Seus olhos estavam sombrios. — Não fazíamos confidencias. Não éramos chegadas.

— Apesar de serem da mesma idade?

Isabella escutara a reprovação no seu tom e suas faces arderam.

— Ah, não tente jogar a culpa disso nos meus ombros, Stockhaven! Eu queria ser amiga de India, mas ela não parecia precisar de mim. Ela era… — Isabella hesitou. — Uma pessoa muito reservada. Bem, deve saber disso melhor do que eu. — Fez menção de se afastar, e ele a soltou.

— De modo que, não, jamais falei com ela de meus sentimentos por você, nem na época e nem depois, e mesmo que tivesse…

— Ela não teria motivo para sentir ciúmes, sendo a mulher com quem casei — Marcus completou, severamente.

— Se ela sabia que você gostava dela, não tinha nada a invejar — Isabella concordou. Estava pálida agora, como se algo a estivesse machucando. Ela ergueu o queixo. — Como já lhe disse, nada sei a respeito disso. Até onde eu sei, você poderia estar inventando tudo para ter outro porrete com o qual me surrar.

Marcus fez um movimento abrupto.

— Eu não minto — disse, por entre os dentes cerrados. — E India também não mentia.

— Assim como eu também não! — Os olhos azuis de Isabella, tão parecidos com os de sua falecida esposa, brilharam em sinal de desafio. Subitamente, Marcus sentiu-se amargo. Jamais duvidara da acusação de India porque entendera claramente como lady Jane Southern poderia ter se sentido. Isabella tinha coragem, personalidade e paixão, ao passo que India tinha apenas submissão e timidez. Para algumas mães, ela teria sido a filha ideal, mas não para Jane, que, ela mesma, tinha uma personalidade mais forte. Ela e India haviam sido tão diferentes quanto água e óleo, e jamais haviam sido capazes de viver confortavelmente com suas diferenças. No entanto, de alguma maneira, ele ser capaz de compreender os sentimentos de lady Jane e enxergar como Isabella, de fato, teria sido a filha perfeita para ela, parecia uma dupla traição para com India.

— Apesar de suas negativas, faz parte do padrão, não faz? — Marcus disse, grosseiramente, como se Isabella nada houvesse falado.

— Casou-se com Ernest Di Cassilis pelo dinheiro dele, e, estou certo de que os outros, os homens que teve ao longo do caminho, tiveram de lhe dar algo que queria para não serem descartados. — Sua fúria possessiva ardeu com toda a intensidade ante tal pensamento ao prosseguir: — Fez de tudo para que Jane Southern deserdasse a filha a seu favor. Casou-se comigo para salvar-se da ruína. E, agora, negocia para comprar a sua liberdade. Há muito pouco que não faria, muito pouco a que não se rebaixaria, para garantir a própria fortuna.

Isabella empalidecera muito ante suas palavras.

— Isso decididamente não é verdade — disse.

— Os fatos falam por si mesmos.

— Os fatos são os que lhe relatei — Isabella afirmou. — Eu me casei com Ernest porque, na ocasião, era o que eu achava melhor para salvar minha família. Quanto aos outros…

Ela engoliu em seco.

Marcus mal conseguia conter a sua fúria.

— Sim?

— Não houve tantos quanto sugere, e tudo que eu queria deles era um pouco de afeição. — O desespero estava claro na voz dela. — Sei que, assim como você, muitos me consideram uma meretriz por conta deles, mas você não sabe de nada. De nada mesmo.

— Pois então me conte.

Isabella o fitou e havia um ligeiro sorriso em seus olhos.

— Ah, não, Stockhaven. Você não me pediu isso. Não vou lhe expor mais de minha alma. Tudo que queria era a verdade sobre quando rompi com você. Eu já lhe dei isso, quer queira acreditar ou não.

Marcus sentiu a frustração aumentar.

— E quanto ao resto? Quanto à herança?

— Já lhe disse. Eu nada sabia sobre o plano de lady Jane de deserdar India, e nego tê-la encorajado a fazer isso. E eu me casei com você… Ela se interrompeu.

— Sim? — Marcus voltou a repetir.

Os cílios de Isabella mais uma vez abaixaram, escondendo dele a sua expressão, mas o tom de sua voz era triste:

— Muito bem. Eu confesso. Casei-me com você para me salvar da prisão dos devedores. Foi um terrível erro, mas eu estava… — ela se interrompeu, cerrando os lábios.

"Eu estava desesperada." Lembrava-se de Isabella ter dito isto quando ameaçara desposar qualquer um de seus colegas prisioneiros que a aceitasse.

Ele deu de ombros. A fúria o impelia, não deixando lugar para a compaixão.

— Bem, eu paguei suas dívidas e está a salvo. Você me contou o motivo de ter rompido comigo, e agora…

Marcus se interrompeu. Sob a luz da lareira, ela parecia frágil e apreensiva. Ele se perguntou como isso podia se possível, quando, na verdade, Isabella era a criatura mais interesseira na face da Terra.

— E, agora — disse —, acredito ter chegado a nossa noite de núpcias.

Isabella estava com a mão pousada no peito dele, mantendo-o longe.

— Não posso me entregar a um homem que não se importa comigo, que não confia em mim e, ouso até dizer, que nem mesmo gosta muito de mim.

Marcus riu. Havia uma selvageria em seu íntimo que exigia a sua recompensa. Ele queria extinguir a fúria e a amargura no corpo dela. Perguntava-se como Isabella podia acreditar que qualquer homem pudesse olhar para ela sem sentir o mesmo desejo.

— Subestima meus sentimentos por você, meu amor — disse. — Eu a admiro e a quero.

Os olhos azul-claros de Isabella o desafiavam a examinar as verdades que ele queria ignorar.

— No entanto, você me despreza. O olhar de Marcus não titubeou.

— Parte de mim, talvez, realmente, despreze. Não precisamos dar atenção a ela. — Ele levou o dedo aos lábios da moça. Se não a tivesse em breve, se incendiaria de desejo. — Preciso tanto de você — prosseguiu, com a voz rouca. — Você também não é indiferente a mim. Olhe-me nos olhos e diga que não me quer.

Isabella estava mordendo o lábio. Ela não ergueu o olhar.

— Eu quero ser indiferente a você — disse.

— Ah. — Marcus inclinou-se para frente, levando os lábios suavemente à curvatura do pescoço dela. — Deve admitir que essa é uma questão totalmente diferente.

Ele a sentiu estremecer, mas, então, Isabella afastou-se de seu toque e deliberadamente colocou um pouco de distância entre eles.

— Você não pode me ter — ela disse. Ela lhe deu as costas. —Vá! Vá e descubra uma prostituta para lhe satisfazer a luxúria!

Houve uma calmaria momentânea. Marcus não se moveu. Pousou uma das mãos no braço dela e sentiu-lhe o conflito. Ela estava tensa como uma corda de violino.

— Não é o que quer dizer — disse, baixinho. Isabella deixou os ombros caírem.

— Não é o que eu quero dizer — admitiu. — Mas você precisa ir, Stockhaven. Já lhe disse a verdade, e você escolheu não acreditar em mim. Casada ou não, não posso me entregar a um homem que não tem respeito por mim.

A expressão de Marcus era implacável.

— Pode e vai. Foi o acordo que fez, meu amor.

— Não — Isabella disse. — Não me entregarei a você quando me tem em tão baixa estima. — Ela estendeu a mão em um apelo desesperado. — Você me conheceu antes, Marcus! Será que seu julgamento sobre mim, então, foi tão falho que pode acreditar nisso

agora?

Marcus cerrou os dentes. Os fantasmas do seu amor por ela o atormentavam.

— Eu era jovem — disse, bruscamente. — Talvez eu tenha me deixado levar pelos meus sentimentos por você.

— Você me amava — Isabella disse, lívida. — Está me dizendo que tudo se baseou em uma mentira?

Os olhos dela estavam faiscando. Antes que ele pudesse responder, ela acrescentou:

— Por que insiste em acreditar apenas no pior de mim?

Não era uma pergunta que Marcus queria responder. Não agora. Possivelmente, nunca. No momento, não conseguia pensar além da chocante necessidade de tê-la em sua cama. Não queria confrontar seus demônios e nem reconhecer a brecha em suas defesas. Talvez India houvesse mentido para ele. Talvez tivesse ciúmes de seu amor por Isabella. E ele, por sua culpa e remorso, havia tentado culpar Isabella por tudo, em vez de admitir a dor.

Os olhos de Isabella estavam de um azul-escuro profundo, borrados de desejo. Tinha as faces rosadas de excitação e, quando ele a tocou, a pele estava quente sob seus dedos.

— Não pode me recusar. — Ele estava latejando de vontade de possuí-la, receando perder todo o controle se ela o rejeitasse. — Fui o seu primeiro amante. Sabe que também me quer.

— Vai se arrepender disso — ela disse, não como ameaça, mas como a simples constatação de um fato. — Parece errado. *É* errado, quando há tanto ainda a ser resolvido entre nós.

Marcus entendeu o que ela estava querendo dizer, porém tentou fechar sua mente contra a noção. Para que complicar as coisas quando elas podiam ser simples? Poderiam esquecer o passado, as acusações e as recriminações, no ardor do presente. Depois… Mas não queria ter de pensar no depois. Não até que a houvesse possuído, que a houvesse reclamado e enterrado os fantasmas do passado.

— Não sei o que pensar — ele sussurrou.

Puxou-a para si e beijou-a com toda a paixão acumulada e o tormento que o assombravam. Ela não resistiu, porém também não correspondeu. Um tremor o abalou, suavizou o beijo, cortejando uma reação, em vez de exigi-la. De algum modo, tinha de consertar as coisas. Ela tinha de desejá-lo tanto quanto ele a desejava. Sentiu os lábios de Isabella tremerem sob os seus, antes de se entreabrirem para a sua língua exploradora, e, em seguida, todo o corpo dela amoleceu nos seus braços e a doçura da entrega destroçou algo em seu íntimo.

Ele a tomou nos braços e avançou na direção da porta.

Foi só quando chegou ao topo das escadas que Marcus se deu conta de que não fazia idéia de onde ficava o quarto de Isabella. Em outras circunstâncias, poderia ter achado engraçado estar marchando para levar a esposa para a cama, apenas para se dar conta de que não sabia onde esta ficava. Agora, isso simplesmente era por demais frustrante.

— Diga-me para onde ir, ou juro que a possuirei aqui mesmo na escada — disse. — É mais forte do que eu.

Ele viu o choque espelhado no rosto dela. Parte de si estava tão horrorizada quanto ela de estar se comportando com tão pouca classe, a ponto de tratá-la como uma meretriz, contudo Marcus estava por demais entregue à luxúria para ligar. Conseguira uma reação dela, mas a perdera novamente, com sua fúria e desespero. A voz dela estava seca quando retrucou:

— Seus galanteios carecem de sutileza, Stockhaven.

— Pois, quando chegar a hora, verá que não carecerei de mais nada — Marcus disse. — O quarto?

Houve um segundo agoniante no qual ela pareceu considerar a situação. Para Marcus, pareceu mais uma hora.

— Terceira porta à esquerda — ela disse.

O quarto estava às escuras, as cortinas fechadas, com a exceção de um raio de luar rebelde que cortava o chão. Marcus teve a impressão

de ter visto uma cama com um encosto entalhado alto. Para ele, não teria feito diferença se tivesse sido um armário de vassouras. Ele a depositou gentilmente sobre a cama e voltou para a porta, virando decididamente a chave na fechadura. O som pareceu ecoar pela casa, deixando claro o que ele pretendia fazer. Arrancando a gravata e desfazendo-se da camisa, ao avançar na direção dela, ele retornou para o lado de Isabella. Estava quase contando que a dama fosse ficar de pé e fazer alguma tentativa de escapar dele, ou protestar. Em vez disso, ela ficou imóvel, observando-o, as saias erguidas até acima das coxas, seu corpo imóvel e à disposição dele, lascivo, perdido. Foi a coisa mais perturbadora e excitante que já vira.

Ele arrancou apressadamente o vestido dos ombros dela, agindo com uma inabilidade que expressava nervosismo, assim como desejo. Ele amaldiçoou a própria falta de jeito, quando ela protestou:

— Meu vestido! Não tenho dinheiro para…

Para o inferno com o vestido. Ele estava atrapalhando.

— Eu lhe comprarei outro.

Marcus curvou-se para beijá-la, rude na sua ansiedade, sua boca vorazmente apossando-se da dela. Queria, mais uma vez, uma reação dela. Precisava disso. Ela admitira desejá-lo. Ele não estava levando para a cama uma esposa relutante.

Forçou-se a ter uma paciência que estava muito longe de possuir que parecia uma zombaria. Tinha de fazer tudo novamente. Tinha de persuadi-la a relaxar, despertar nela a paixão. Tinha de ir devagar. Seu corpo gritou ante o pensamento, mas, desta vez, ele o ignorou.

Quando os lábios de Isabella se entreabriram sob os dele, ele sentiu uma onda de triunfo que se comparava apenas à onda de desejo no seu íntimo. As línguas se entrelaçaram. A boca de Marcus cobriu a dela, possessiva, exigente. Ele segurou o rosto da esposa entre as mãos, enterrando os dedos naqueles cabelos dourados e sedosos que tivera vontade de acariciar desde a primeira vez que a vira. Ela deixou escapar o primeiro gemido, mexendo-se, acomodando o corpo sob o

dele. O desejo de Marcus aumentou, acompanhando comparativamente o crescimento de sua ereção.

Ele não poderia esperar muito mais tempo.

Ergueu-se para retirar as botas e pôde vê-la juntar o que restava do corpete diante do corpo, em um gesto estranhamente inocente, o que só serviu para atrair o olhar dele para a pele exposta. Sentou-se virado para ela na beirada da cama, colocou as mãos, na cintura de Isabella e curvou a cabeça na direção da garganta dela. Podia sentir o calor que se espalhava sob a pele. Sua língua alisou a curva do pescoço, provando-a. Na mesma hora, os mamilos dela enrijeceram sob o que restava de sua blusa, e, com um som vindo do fundo da garganta, ele afastou para o lado o tecido, fechando os lábios sobre um dos picos úmidos e macios. O corpo de Isabella se arqueou em um apelo instintivo, mas ele não a soltou, suas mãos firmes na cintura dela agora, enquanto a boca saqueava a doçura dos seios expostos. Os gemidos suaves e o contorcer do corpo da mulher o levavam perigosamente perto do clímax, contudo estava determinado a prolongar o prazer dela. Só não sabia como seu desejo egoísta de satisfação havia se transformado em uma determinação de lhe proporcionar prazer, mas, agora, a necessidade mútua deles era consumidora.

Ele puxou para baixo o tecido do vestido, as mãos movimentando-se sobre a superfície da barriga e dos quadris dela, em carícias sutis, até Isabella estender as mãos cegamente para ele. Ela estava tremendo, porém não de frio. Ele podia sentir as ondas de sensação percorrendo a pele dela e isso despertou uma enorme voracidade em seu âmago. A boca da esposa era quente e ansiosa de encontro à sua, e enquanto suas mãos desceram para lhe agarrar os quadris e puxá-la de encontro ao seu próprio corpo, separou-lhe os lábios com a língua e acariciou mais fundo, explorando, enroscando a língua na dela com sensual abandono. Sabia que o desejo dela era tão intenso quanto o seu próprio. Estava implícito na urgência das mãos dela sobre o seu corpo

e nos suaves gemidos de prazer.

Ele separou-lhe as coxas com infinita gentileza. Pressentiu a hesitação instintiva de Isabella, e, em seguida, seus dedos começaram a acariciar com gentileza ao sentir-lhe,a umidade quente. Encostou os lábios na pele suave da barriga, descendo aos poucos, traçando a curva da coxa com a ponta da língua. Bem lentamente, com infinita gentileza, seus lábios roçaram no triângulo encaracolado de pelos entre as pernas da mulher. Ele a escutou suspirar e começou a beijá-la ali, segurando os quadris dela enquanto repetidamente encostava a língua com latejante ternura no seu âmago trêmulo.

Isabella gritou. Seu corpo se retesou, suas costas se arquearam e Marcus ergueu-se sobre ela, posicionando-se entre suas pernas, o membro rígido suspenso sobre a entrada. Não conseguia mais se conter. Deslizou para dentro dela, sentindo o calor e a incrível rijeza cercando-o.

Todos os pensamentos de vingança, amargura e raiva haviam sido consumidos pelo ardente desejo que sentia por ela. Ainda assim, ele estava despreparado para a primeira avassaladora onda de sensações ao arremeter para o íntimo de Isabella, e o choque e a lembrança apagaram qualquer pensamento da cabeça de Marcus. Eram jovens novamente, o piso de madeira da casa de hóspedes era duro sob eles e a lua de verão despejava sua bênção sobre os dois. A pele de Isabella era suave e de uma palidez prateada sob suas mãos acariciantes enquanto fundiam mente, corpo e alma, cada vez mais… As unhas dela se fincaram nos seus ombros, misturando dor e prazer. Ele arremeteu para dentro dela, a estocada quente e dura de seu corpo indo mais fundo com cada carícia. Seu corpo estremeceu de prazer, tão súbito, tão irresistível que ele exclamou tanto de surpresa quanto de êxtase.

Eu amo você…

Isso foi então ou foi agora? Ele não sabia mais dizer. Nem fazia diferença. Quisera, acreditá-la gananciosa e amoral, contudo, agora,

percebia que vinha lutando contra si mesmo o tempo todo, em um esforço de fazê-la encaixar-se nessa imagem.

Jamais funcionara.

Sabia que ela era melhor do que isso e sempre fora.

Seu ódio foi esmagado e o alívio tomava o seu lugar.

Sua amargura evaporara.

Puxou Isabella para perto de seu corpo exausto de amor e de profunda gratidão, e adormeceu.

Foi o barulho das cortinas que o acordou. Marcus agitou-se. Não se recordava de já ter dormido tanto, e nem tão bem. Parecia que, enfim, seus demônios haviam sido enterrados. A luz podia ser notada atrás das pálpebras cerradas. Não queria abrir os olhos para confrontar o dia. Queria dizer para Isabella que lamentava todas as coisas que dissera e a desconfiança com a qual a tratara. Queria lhe dizer que entendia como devia ter sido doloroso para ela fazer a escolha impossível entre a família e o amor. Ele instintivamente estendeu o braço. O espaço ao seu lado estava vazio.

— Água quente, meu senhor.

Marcus abriu os olhos. Belton estava postado ao pé da cama, uma jarra em uma das mãos e uma toalha sobre o braço, a expressão polidamente impassível.

Marcus ergueu-se bruscamente na cama.

— Isabella… Onde ela está?

As sobrancelhas de Belton mexeram-se infimamente.

— A condessa partiu, meu senhor.

— *Partiu?*

Marcus olhou ao redor desesperadamente, como se estivesse esperando (na verdade, torcendo para) ver Isabella escondida atrás do cortinado da cama.

— Foi embora, meu senhor — Belton disse, lugubremente. — A condessa insistiu que não deveríamos acordá-lo.

Maldição. Perdido no próprio êxtase, Marcus pensara ter levado Isabella consigo. Quisera que ela experimentasse o mesmo prazer profundo que se apossara dele, contudo, talvez… talvez na sua alegria egoísta Marcus tivesse falhado totalmente ao não notar a falta de uma reação… Ou, quem sabe, ele havia se apossado de seu corpo, mas o espírito continuava a iludi-lo? Sentiu-se mal, com frio e, subitamente, com medo.

Belton havia se virado e estava despejando água na bacia sobre o aparador. Por sobre o zumbido nos seus ouvidos Marcus escutou o barulho da água e viu Belton enxugar uma gota derramada com absoluta precisão. Ele saltou da cama e segurou o braço do mordomo.

— Para onde a princesa Isabella foi?

Belton voltou-se lentamente. Sua expressão ainda era impassível.

— A condessa deixou a cidade, meu senhor. Marcus sacudiu-lhe o braço.

— Quando? Quando foi que ela partiu?

— Ao raiar do dia, meu senhor. — O mordomo previra a próxima pergunta de Marcus antes mesmo que esta se formulasse por completo na sua mente. — São dez horas da manhã, meu senhor.

Dez horas. Os números nadaram pela cabeça de Marcus como peixes. No verão, o raiar do dia era às quatro e meia, às cinco no mais tardar. Aquela hora, Isabella poderia estar em qualquer lugar, fugindo dele, colocando o máximo de distância possível entre eles.

Belton estava de pé, empertigado como um soldado de serviço. Marcus olhou para baixo, deu-se conta de que estava completamente nu e soltou o braço do mordomo.

— Obrigado, Belton — disse.

— Sempre um prazer, meu senhor — o mordomo disse. Ele se deteve. — Há um bilhete, meu senhor.

Um bilhete.

Uma esperança ridícula se apossou do coração de Marcus.

— Onde?

Belton apontou para a mesinha ao lado da cama. Marcus o pegou e o desdobrou. Calmamente, notou que suas mãos tremiam.

Stockhaven,

Fui para Salterton. Você já teve sua noite de núpcias. Agora, espero que me dê minha liberdade.

I.S.

Era tudo. Marcus virou o papel, só para se certificar. A distância entre eles, física e emocional, apertou-lhe o coração. Adormecera sentindo-se mais próximo dela do que em toda a sua vida. Ela simplesmente aguardava a alvorada para que pudesse deixá-lo.

Pensava agora na implacável barragem de acusações que havia atirado nela e no modo como tentara lhe conquistar o espírito. A própria crueldade o fez estremecer. Ele colocou a cabeça nas mãos.

— Gostaria de fazer a barba, meu senhor? — Belton perguntou.

— Não, obrigado — Marcus respondeu, automaticamente.

— Suas roupas, meu senhor?

A voz do mordomo apresentava agora um ligeiro tom de reprovação.

— Obrigado — Marcus respondeu, automaticamente.

— Um cavalo, meu senhor?

Agora havia uma inconfundível mensagem na voz do mordomo. Marcus ergueu a cabeça.

— Um cavalo?

Belton o fitou com intensidade.

— *Um cavalo,* meu senhor.

Uma luz se acendeu nos olhos de Marcus no mesmo instante em que a esperança se apossou de seu coração. E por que *não?* Tinha de tentar.

— Sim. Por favor, gostaria de ter um cavalo preparado para viajar, Belton — ele disse. — Um bem veloz.

Os lábios de Belton se retorceram em um ligeiro sorriso de satisfação. Marcus viu nisso um sinal de aprovação.

— Agora mesmo, meu senhor — o mordomo disse.

Parte II: Sedução

Salterton, julho de 1816

Capítulo Catorze

A dívida estava paga e, se Marcus mantivesse sua palavra, ela estava livre.

Se Isabella Stockhaven fosse o tipo de mulher de ter confidentes, o que ela enfaticamente não era, poderia ter admitido o fato de que sua experiência de amor nas mãos do marido, na noite anterior, havia sido fora de série. Era verdade que não tinha muita experiência com o que comparar à técnica de fazer amor de Marcus. Dormir com Ernest havia sido semelhante a ser esmagada por um guarda-roupa que ainda estava com a chave enfiada na porta. Mas Marcus… Bem, qualquer um capaz de fazê-la formigar, tremer e se derreter com tal prazer e desejo absolutos tinha de ser um mestre na arte. Havia sido a noite de núpcias perfeita em todos os aspectos, com a exceção de um.

Seu marido não a amava.

Isabella estava fugindo o mais rápido que podia. Não era de Marcus que estava correndo. Estava tentando escapar das próprias emoções. No entanto, sabia que independente do quanto negasse, carregaria tais sentimentos consigo durante todo o percurso. Não havia escapatória.

Estava apaixonada por Marcus Stockhaven.

Jamais deixara de amá-lo.

Ela contara para Marcus quase toda a verdade na noite anterior, deixando de fora apenas o segredo mais íntimo e doloroso, suas dúvidas quanto à paternidade de Emma. Também hesitara quanto a

isto, querendo revelar tudo, contudo, no final, nada dissera, afinal, que bem traria? Emma estava morta agora, e a angústia havia sido deixada para trás. Isabella queria jamais ter de enfrentar novamente o sofrimento da perda de um filho. Não queria mais amar e recusava-se a desejar outros filhos. Mais uma vez, voltou a trancafiar os pensamentos e os sentimentos.

Contudo, mesmo sem expor os seus segredos mais profundos, as revelações haviam sido exaustivas e penosas. Abrira seu coração para Marcus e doera quando ele lhe rejeitara as explicações. Hoje, estava cansada e com os sentimentos à flor da pele. A viagem lhe dera muito tempo para pensar. Para pensar nas questões que discutira com Marcus e para pensar na sua sedução.

Pois ela havia sido seduzida, levada pela tormenta de sensações que não deixara lugar para nenhum pensamento racional, assim como por seus próprios desejos por Marcus. Sua vontade de tê-lo fora tão forte quanto a dele de tê-la. Não negou o pensamento. Ela o quisera. Ainda o queria.

A ansiedade brusca de Marcus ao fazer amor com ela despertara alguma coisa no íntimo de Isabella, uma irresistível saudade. Parte dela jamais quisera mesmo resistir a ele. Isabella tremeu ante a lembrança. Já fazia tanto tempo desde a última vez em que se sentira deste jeito. Ela quase esquecera. *Quisera* esquecer. Fora há uma vida. Na época, era uma pessoa completamente diferente.

Estar nos braços de Marcus, beijá-lo, tocá-lo, abraçá-lo, era como voltar para casa. Fora levada pela profundidade do seu amor por ele. Ela o sentira dentro do corpo, que saltara em resposta. Contudo, mesmo quando ele a possuíra, conduzindo-a por aquela dolorosa e feliz espiral de paixão, o coração dela estava dividido por um misto de amor e medo, pois, apesar de ser o que ela queria, ainda não parecia certo. E só seria certo quando Marcus a amasse novamente.

Depois, ele a abraçara, puxando-a para perto de si, e adormecera na mesma hora. Sob a luz fraca, ele parecera jovem e seu rosto não

exibira todo aquele ódio, raiva e amargura. Seu estômago se contorcera com uma mistura de amor e tristeza, e ela o fitara e se rodeara com os braços dele, tentando bloquear os pensamentos dolorosos que lhe assolavam a mente cansada.

Não funcionou.

Haviam alcançado a intimidade física, porém ela se sentia mais distante do que nunca de Marcus. Ele não a amava. Ela lhe revelara a verdade na esperança de que isto pudesse aliviar a desconfiança entre os dois. Em vez disso, fora deixada se sentindo mais vazia do que antes. Era como se houvesse apostado tudo em um único lance dos dados e o resultado não fora o que ela desejara. Havia franqueza entre os dois, havia intimidade física, agora que ele, ao mesmo tempo, a atormentara e lhe dera prazer, mas o amor não viera junto. Com todo o seu emaranhado de sentimentos por Marcus, jamais lhe ocorrera que pudesse ter rival pelo seu amor. Agora, perguntava-se como pudera ter sido tão cega.

E quanto a India?, Marcus dissera, e, por um segundo, ela se perguntara a relevância da pergunta. Isso foi antes de ver a fúria, a lealdade e a paixão em seu olhar, e sentir o coração afundar até os pés. India. É claro. Fora com India que Marcus se casara. India tivera seu amor e sua lealdade, no passado, e ainda o tinha agora. Isabella sabia que Marcus podia desejá-la desesperadamente, assim como ela o desejava, contudo, isso era muito diferente dos sentimentos que tivera pela primeira mulher.

Doía só de pensar em Marcus amando India. Doera na noite anterior e doía agora. Fora um choque quando soubera. Agora, era um latejar fraco em seu âmago. Sentia-se tão tola de não ter pensado nisso. Seu orgulho sentia-se humilhado por ter achado que a paixão dele sempre fora para ela.

Fora impossível dormir. Assim que amanhecera, ela chamara a carruagem e tomara a estrada rumo ao sul, atravessando a cidade adormecida. Fizera as malas às pressas e deixara ordens para os

criados a seguirem até Salterton o mais rápido possível. Depois, com um último olhar para a forma adormecida de Marcus, partira.

Para além de Richmond, a paisagem se transformou em uma colcha de retalhos de campos, cercas vivas, bosques e aldeias em ambos os lados. A estrada estava boa. Era outro glorioso dia ensolarado. Isabella tentou cochilar, mas de nada adiantou. Seus pensamentos giravam como um pião.

A carruagem passou ruidosamente sobre cascalho e veio a parar no pátio de uma estalagem, despertando-a de seu torpor. Outra parada. Mudança de cavalos, mais um pouco de café escaldante…

— Onde estamos? — Isabella perguntou.

— Na estalagem Golden Farmer, em Bagshot, milady.

No final da tarde, passaram pela junção onde a estrada para Exeter virava para o oeste e tomaram a rota em direção ao sul, seguindo para Winchester. Isabella tinha em mente um lugar muito específico para passar a noite. Os hotéis e pensões da cidade não eram para ela, mas nos arredores da cidade, sob as muralhas antigas, havia uma estalagem ainda mais antiga, chamada The Ostrich. Outrora fora um albergue administrado pelos monges e, embora houvesse passado para mãos leigas após a dissolução dos mosteiros, ela fora comprada por uma ordem religiosa particular cerca de cinqüenta anos antes. Os monges de St. Jerome produziam seu próprio mulso, seus próprios remédios e ofereciam hospitalidade a viajantes. Os Standish haviam se hospedado ali várias vezes, quando viajavam para Salterton. Lady Salterton achava que um estabelecimento monástico possuía a classe apropriada para alguém nobre como ela. Agora, Isabella a estava escolhendo por motivos diferentes, pois o que poderia ser mais adequado para uma dama viajando sozinha? Sempre podia se encontrar um abrigo seguro em um mosteiro.

A cidade estava movimentada, pois era a semana da antiga feira e mercado de cavalos do verão, e St. Jerome estava quase cheia de visitantes. Um dos frades a recebeu com uma refrescante caneca cheia

de mulso. A estrada estava empoeirada e o clima ficava cada vez mais quente à medida que o dia ia passando. Isabella estava com muita sede e tinha tanta inibição com relação a damas ingerirem bebidas alcoólicas quanto tinha com relação a viajarem sozinhas. Sua única bolsa de viagem, arrumada às pressas, foi levada para um quarto no primeiro andar, que dava vista para o pomar. Havia uma jarra de água fresca, para ela se lavar, e roupas de cama limpas sobre a cama. Certificando-se de que o cocheiro e o cavalariço tinham acomodações adequadas, Isabella recolheu-se ao seu quarto, deitou-se e fechou os olhos. Após algum tempo, o aroma de carne assada começou a invadir o aposento e ela abriu os olhos, dando-se conta do cheiro distinto. Pouco depois, houve uma batida à porta e a serviçal da estalagem apareceu, trazendo uma bandeja que rangia sob o peso da comida. Isabella começou a lembrar a maravilha de lugar que era o The Ostrich.

De noite, ela se aprontou para dormir à luz de velas, enquanto o burburinho das ruas movimentadas ecoava ao seu redor, e, com o tempo, apesar do barulho e da luz do lampião na mesinha de cabeceira, adormeceu enquanto lia um livro.

Estava escuro quando acordou e, na mesma hora, soube que algo a havia perturbado. Alguém estava girando a maçaneta bem devagarinho. Ela fez um clique baixinho e, em seguida, um fino facho de luz apareceu sob a porta. Isabella ficou tensa.

A porta abriu-se mais e, em silêncio, Isabella tateou na direção da lateral da cama, tentando achar o penico. Seus dedos fecharam-se sob a borda fria de porcelana e ela segurou o objeto com força. Já viajara boa parte do mundo e sabia o que fazer em situações como aquelas. Era uma questão de atacar primeiro e fazer perguntas depois. Ela poderia gritar, é claro, contudo, por mais estranho que pudesse parecer, descobriu que tinha inibição quanto a fazê-lo em um mosteiro.

Uma figura escura atravessou o vão da porta, fechando-a atrás de

si. Ela aproximou-se da cama silenciosamente. Isabella girou o penico com toda a força, desenhando um arco no ar, de modo que o recipiente de porcelana acertou com um baque seco a lateral da cabeça do intruso. Ele gemeu, cambaleando um pouco.

— E que isso lhe sirva de lição para não ir se esgueirando para dentro dos aposentos de uma dama no meio da noite! — Isabella esbravejou.

— Mensagem recebida e entendida — o homem disse, sarcasticamente. — Juro jamais fazer isto de novo… pelo menos não sem a sua permissão.

Isabella sentou-se bruscamente na cama, seu coração, agora, em disparada não de surpresa, mas sim de medo.

—*Marcus?* O que diabos está fazendo aqui?

Ela pegou o isqueiro e acendeu uma vela. A mão de Isabella tremia ligeiramente. Isso era, sem dúvida, inesperado e perturbador. Achava que teria bastante tempo antes de ser forçada a ver Marcus novamente… se é que o veria algum dia. Uma separação legal poderia ter sido obtida através do sr. Churchward. Assim como a escritura formal lhe concedendo Salterton. Não haveria motivo algum para os dois voltarem a se encontrar novamente.

Marcus largou-se sobre a beirada da cama estreita.

— Não foi bem uma recepção calorosa — disse, pesarosamente.

— O que está fazendo aqui? — Isabella exigiu saber. — Como sabia onde me encontrar? Não disse para ninguém onde me hospedaria, justamente para que você…

Um sorriso curvou os lábios de Marcus. Ele a fez formigar com ardor sensual. Trazia lembranças da noite anterior. As mãos dele sobre a sua pele, os lábios nos seios, a fricção do seu corpo de encontro ao dela… Isabella estremeceu e desviou o olhar.

— Não contou para ninguém justamente para que eu não soubesse onde encontrá-la? — Marcus indagou.

— Isso mesmo. Marcus riu.

— Eu a segui pela estrada — ele disse. Você não é exatamente imperceptível, Isabella.

— Por que se dar ao trabalho de me seguir? — Isabella argumentou, seu nervosismo se intensificando. — Não havia necessidade. Você já havia tido a sua noite de núpcias. Agora, é a sua vez de manter a sua palavra.

Marcus ficou em silêncio por um instante. A luz da vela, seu rosto estava sombrio e sem expressão.

— Não podia deixá-la partir desse jeito — disse. O coração de Isabella palpitou.

Marcus mexeu-se em seu lugar. Parecia pouco à vontade.

— Eu tinha de falar com você. — Uma sombra lhe encobriu a face. — Isabella, eu sinto muito. Eu a queria na noite passada e pensei que me quisesse também. Jamais tive a intenção de forçá-la a nada. — Ele se interrompeu, e, depois, acrescentou com hesitante franqueza: — Pelo menos… no início, talvez eu não ligasse. Mas jamais a possuiria contra a sua vontade. — Ele voltou a se mexer, constrangido. — Lamento tê-la afugentado.

Isabella se deu conta de que ele entendera errado os seus motivos para partir. Estivera tão determinada a aumentar a distância entre eles porque não teria suportado acordar de manhã e escutar dele as palavras severas de que Marcus a estava deixando. Mas ele presumira que ela havia fugido por sentir aversão ao fato de terem feito amor. Marcus dava a impressão de estar insuportavelmente arrependido e, para a surpresa dela, Isabella sentiu as faces arderem. Não sabia o que dizer.

— E melhor não falarmos mais nisso.

— Por que não? Somos marido e mulher.

A garganta de Isabella ficou seca. Jamais, em toda a sua vida, havia discutido sua intimidade com ninguém, muito menos com o marido. Ela examinou os próprios sentimentos e se deu conta de que estava constrangida.

Marcus colocou a mão sob o queixo dela e virou-o na direção da luz.

— Você está acanhada — ele disse, com surpresa na voz. Isabella afastou-lhe a mão com um tapa.

— Não, não estou!

— Está sim. Posso ver nos seus olhos.

Isabella lançou-lhe um olhar rápido, depois desviou os olhos.

— Não estou acostumada a falar sobre esses assuntos — disse, com um pouco de dificuldade.

Ela esperava que Marcus fosse fazer algum comentário zombeteiro, mas ele ficou em silêncio, esfregando distraidamente a cabeça onde ela o havia acertado. Ela estendeu a mão com hesitação.

— Eu o machuquei?

Ele capturou-lhe a mão e a segurou.

— Machucou. Contudo, como eu já disse, não foi mais do que eu mereci. Isabella… — A voz dele mudou. — Por que fugiu? Foi devido ao que aconteceu entre nós?

Isabella engoliu em seco. Foi tomada de um misto de esperança e desespero.

— Marcus — disse. — Não quero que pense que… — Ela se interrompeu. Era muito difícil, contudo a sinceridade a compelia a contar a verdade. — Eu também o queria — disse por fim, com toda a simplicidade. — Eu o queria tanto que quase esqueci tudo que nos separava. Mas, então, eu lembrei e… — ela deu de ombros, cansadamente — … dei-me conta de que era tarde demais para nós. Não parecia ser certo. Jamais poderá ser certo novamente.

Marcus a fitou. Seus olhos estavam bem límpidos.

— Fico feliz — disse. — Não que você ache que já é tarde demais para nós, mas feliz de saber que não estava forçando uma dama relutante a aceitar minhas atenções.

Isabella libertou a mão. Isto estava ficando difícil e perigoso demais. A intimidade que ela desejara na noite anterior estava se

esgueirando para dentro do quarto iluminado pela luz de velas, mas era tarde demais. Ele não dissera uma única palavra sobre acreditar na explicação dela quanto ao que acontecera anos atrás. Não pedira perdão por sua desconfiança e nem pelo seu comportamento. Não dissera amá-la e, para Isabella, a restauração da confiança era mais importante do que qualquer intimidade física.

— Decerto, você deve ter percebido que eu não estava exatamente relutante — ela disse.

Marcus sorriu.

— Na hora eu achei que não, contudo, quando acordei e não a encontrei…

Ele sacudiu a cabeça.

— Parti porque foi o que nós combinamos — Isabella disse, com firmeza. — Você tinha o que queria e, em troca, concordara em me dar Salterton… e a separação legal. Fizemos um acordo. Eu espero que o honre.

O olhar de Marcus lhe examinava o rosto, prestando atenção a cada detalhe. Isabella teve medo de que ele pudesse ler a verdade em seu coração.

— Fez amor comigo apenas para cumprir a sua parte no acordo? Havia um tom estranho em sua voz.

— Não — Isabella respondeu, relutantemente. — Mas essa não é a questão, Marcus. As coisas que quero de você…

Ela se interrompeu. Amor. Confiança. Eles traziam os seus próprios riscos e ela já fora tão magoada que não tinha certeza de que seria capaz de enfrentar novamente a dor.

— Nós concordamos — disse, por fim.

— Você realmente quer a separação, Isabella?

Marcus falava baixinho, porém com determinação. Isabella se recusava a lhe fitar os olhos.

— Foi o que combinamos.

— Não foi o que eu perguntei. Isabella suspirou, dolorosamente.

— É o único jeito. — Ela estendeu a mão em um gesto de desespero. — O que mais podemos fazer, Marcus? Não podemos voltar atrás. Não podemos mudar o passado. Ele sempre estará entre nós.

Marcus ficou em silêncio por um instante.

— Não voltaremos — disse, por fim —, mas podemos seguir adiante. — Seu tom de voz se suavizou: — Não quero deixá-la, Isabella, e não quero que me deixe. Não posso permitir isso, não agora.

Isabella sentiu-se aprisionada e frustrada.

— É a segunda vez que quebra a palavra para comigo.

— Você pode estar esperando um filho meu.

As palavras foram recebidas com silêncio. Isabella fechou brevemente os olhos. No calor do momento, não parará para considerar isso. Já fazia muito tempo desde a última vez em que tivera de pensar em tais questões. Agora, pensou em Emma, e sentiu um aperto tão doloroso no coração que chegou a arquejar.

— Não! Ah,não.

Ela viu algo mudar na expressão de Marcus e soube que as implicações de suas palavras o haviam magoado. Ele não entendia, não podia entender.

Ela aguardou a réplica amarga; contudo, em vez disso, ele tocou-lhe a mão, onde ela estava cerrada sobre os lençóis.

— Sinto muito, Isabella. Sei que não é o que você queria. Mas devo presumir ser uma possibilidade, e, até sabermos… — Quando ela não respondeu, ele suspirou: — Falaremos novamente sobre isso amanhã de manhã. Você parece estar exausta e eu também estou, pois cavalguei um bocado para encontrá-la.

Ele curvou-se para retirar as botas.

Isabella, nervosamente, puxou as cobertas até o queixo, uma preocupação mais urgente tomando o lugar da angústia em seu íntimo.

— O que está fazendo? Marcus sorriu para ela, um sorriso caloroso e malicioso que lhe iluminou os olhos escuros.

— Estou indo para a cama, é claro.

Isabella engoliu em seco.

— Mas… Não escutou o que eu estava dizendo? Não há como voltar atrás para nós, Marcus, e isso começa agora. Certamente os frades devem ter acomodações alternativas para você.

Marcus olhou para ela. Sua expressão estava impassível à luz da vela. Ele ainda estava esfregando a cabeça e o cabelo escuro estava arrepiado de um modo adorável. Isabella ignorou a vontade de estender a mão e alisá-lo.

— Não há vaga na estalagem, Isabella — disse. — Quando o frade Jerome soube que eu era o seu marido, os monges sugeriram que dividíssemos este aposento.

— Eles confiam demais nas pessoas. Qualquer um poderia ter alegado isso. Eles vão permitir a todos o acesso a meus aposentos?

— Imagino que eles não tenham achado que eu mentiria para um homem de Deus — Marcus afirmou, virtuosamente, puxando a camisa por sobre a cabeça.

— Bobagem! — Isabella puxou as cobertas mais para cima. — Este quarto mal dá para um, quanto mais para dois — disse. A idéia de dividir os aposentos com Marcus fazia a sua garganta se fechar de nervosismo. — Terá de dormir na carruagem.

Marcus sorriu. A luz da vela iluminava os contornos de seu peito e de seus ombros, dando um tom bronzeado à sua pele. Isabella sabia que estava olhando fixo. Mas não parecia ser capaz de se conter.

— Tenha dó, Isabella — Marcus disse. — Estou cansado de cavalgar e isso seria muito desconfortável. Não há nenhum outro lugar para onde ir. Visto que é o Festival de São Columba, todas as estalagens estão cheias.

— Por mim, podia ser o Natal! — Isabella argumentou, ficando irritada. —Ainda assim, você *não* poderia ficar aqui!

Marcus estendeu a mão, tocando-lhe a face. Foi um gesto totalmente desarmante. Sentindo-se vulnerável, Isabella piscou os olhos.

— Você parece uma colegial tímida — ele disse. — Não fazia idéia de que ficaria tão nervosa comigo. — O humor desapareceu de seu tom de voz. — Eu escutei o que disse, Isabella. Não tem razão para ter medo de mim.

— Não estou com medo — ela argumentou, inutilmente. — Mas esta cama é pequena.

— Podemos dormir um nos braços do outro. Economizará espaço.

Marcus falava com racionalidade e sem emoção. Isabella engoliu em seco. Jamais dormira nos braços de um homem. Na noite anterior, Marcus a abraçara, mas ela estivera triste demais para relaxar no seu calor. Agora, podia sentir a tentação manifestando-se em seu íntimo. Ser abraçada e confortada, sem precisar ter medo…

Marcus voltou a se curvar para puxar as botas, como se a decisão houvesse sido tomada. Isabella o observou despir-se sob a luz das velas, sentindo-se um bocado aliviada e igualmente um bocado desapontada quando ele não retirou as calças. Recostou-se nos travesseiros e fechou os olhos, retesando-se, quando Marcus deslizou para o espaço estreito ao lado dela. A dama tentou se afastar o máximo possível dele, o que não foi muito longe, levando em consideração os confins da cama. Rolando para o lado, ela quase caiu e foi salva apenas por Marcus lhe agarrando uma das dobras da camisola volumosa.

— Por acaso pediu para um dos monges lhe emprestar um hábito para dormir? — Marcus perguntou. — Não precisa ter medo de ser atacada, Isabella. Mesmo que não houvesse lhe dado minha palavra, duvido que eu seria capaz de encontrá-la aí dentro.

Mesmo através de todas as camadas de tecido Isabella podia senti-lo. Isso a fez sentir-se estranhamente tensa.

— Relaxe. Você está parecendo uma armadilha prestes a ser

acionada — Marcus disse.

— Eu nunca…

— O quê?

— Nunca dormi nos braços de um homem antes — Isabella disse, apressadamente.

— E quanto a Ernest?

— Tínhamos casas separadas, quanto mais quartos. Marcus riu.

— Que extravagante. Mas, com certeza, ele deve ter ficado com você algumas vezes?

— Só quando estava bêbado demais para sair da cama — Isabella revelou, com sinceridade. — E, nessas ocasiões, era eu quem ia embora o mais rápido possível.

As lembranças do casamento anterior a estavam deixando ansiosa novamente. Era uma prisioneira, forçada a assumir um papel que quase a destruiu. Não podia permitir que acontecesse novamente.

Sentou-se de encontro à almofada comprida e encolheu os joelhos até o queixo.

— Precisa fazer isso? — Marcus perguntou. — Roubou todas as cobertas.

Com um suspiro, Isabella voltou a deslizar para baixo dos lençóis.

— Sua vida de casada é cheia de surpresas para mim — Marcus disse. Ele a envolveu com o braço e lhe ajeitou para que descansasse a cabeça no seu ombro. — Pronto. — Ele parecia estar falando com uma criança. — Relaxe.

Era incrivelmente confortável. Isabella inspirou o perfume da pele dele e acomodou-se melhor. O pescoço dele era quente e forte de encontro aos seus lábios e ela podia escutar sob a orelha as batidas fortes do coração dele. Lá de fora, na rua, vinha o som de vozes e o tilintar de arreios, contudo, por algum tempo, ela esteve envolta em paz.

— Bella? — A voz de Marcus estava sonolenta. — É muito importante para você ter Salterton Hall?

Isabella suspirou:

— É.

— Porque, de direito, lhe pertence?

Era amedrontador como ele a entendia bem.

— Porque, de fato, pertenceu a mim antes de eu ser tola o suficiente para entregar-lhe a propriedade através deste casamento às pressas. — Isabella mexeu-se ligeiramente. Ela voltou a. pensar em Ernest e tentou explicar. — Eu me considero Isabella Standish, assim como a condessa de Stockhaven, Marcus. Não quero que tudo que sou e que tenho seja agregado à personalidade de outra pessoa.

— Foi o que aconteceu antes?

— Foi.

Isabella pensou em Ernest e a princesa peça de mostruário que ele exigia.

— Não estou certo de que gostaria que você fosse assim — Marcus disse, lentamente.

— A maioria dos homens gostaria.

— Neste caso, talvez eu não seja como a maioria dos homens.

Isso, indubitavelmente, era verdade. Isabella deu um sorriso um pouco retorcido.

— Talvez não seja mesmo, Marcus.

Ela roçou de leve a face no ombro dele. Sabia que não devia fazê-lo, porém estava ali, e era tentador, e só seria aquela vez…

— Vá dormir.

Marcus lhe beijou o cabelo.

Isabella já podia se sentir sendo envolvida por um agradável casulo de contentamento. Reconhecia que o verdadeiro perigo não vinha de qualquer intimidade física com Marcus, mas sim desta proximidade sedutora. Ela a levava a acreditar que tudo poderia ficar bem entre eles, tão bom quanto já fora antes. Bloqueou de sua mente as dúvidas e os conflitos e se permitiu sonhar. E, quando estava adormecendo, pensou ter escutado Marcus dizer novamente:

— Vá dormir. Eu jamais a soltarei.

Freddie Standish estava tomando café quando a mensagem chegou. Ainda estava se recuperando da bebedeira da noite passada e, sendo assim, pegava uma torrada e tentava esconder de Pen o fato de que estava se sentindo decididamente rabugento. Foi nisso que, mais tarde, colocou a culpa por sua falta de atenção quando a criada trouxe o bilhete. A moça só estava com eles há duas semanas e era um caso perdido, porém a mulher na agência de empregos indicara que era tudo que poderiam esperar, considerando o que estavam pagando. Em vez de entregar o bilhete para ele, ela o pousou na mão imperiosamente estendida de Pen. Freddie desconfiou que ela era incapaz de ler a quem a mensagem fora endereçada.

O barulho do papel se desdobrando misturou-se com o triturar ruidoso da terceira torrada com mel que Pen estava ingerindo para saciar o seu apetite. Freddie sentiu-se ligeiramente indisposto.

— Hummm — Pen disse, com ligeira surpresa, por sobre as migalhas. — Outro bilhete estranho para você, Freddie. — Seu olhar desceu até o pé da página. — De um cavalheiro chamado Warwick.

A surpresa impulsionou Freddie a entrar em ação. Ele deixou cair a torrada mordida, ficou de pé com um salto e arrancou o papel das mãos de Pen.

— Freddie! — Pen exclamou quando a manga dele derrubou a xícara de chá.

Freddie não parou para se desculpar. Subiu as escada dois degraus de cada vez, lendo durante o percurso.

— "Caro lorde Standish… Necessito vê-lo imediatamente… Wigmore Street… Está manhã… Não se atrase…"

Quando voltou a descer, tendo vestido o casaco com a ajuda do criado, Pen estava postada no hall de entrada, com uma expressão determinada no rosto.

— Está metido em encrencas, Freddie?

Freddie a fitou. Se ao menos ela soubesse. Encrenca era uma palavra suave demais.

— Um pouquinho de confusão — murmurou. — Nada com que precise se preocupar. Um sujeito para quem devo dinheiro.

— Dívidas de jogo? — Pen perguntou, dando a impressão de estar resignada.

— Algo assim.

Freddie lhe deu um beijo na face e passou pela irmã antes que esta pudesse lhe perguntar algo mais difícil.

— A que horas você vai estar de volta? — Pen gritou, depois de ele ter passado.

Freddie virou ligeiramente a cabeça, porém não respondeu, acelerando o passo na direção da cidade. Não chamou uma carruagem de aluguel. Não tinha dinheiro para pagar.

O ar puro matinal lhe desanuviou um pouco a mente, porém trouxe consigo uma terrível sensação na boca do estômago. Edward Warwick. Como chegara a isso? A coisa toda começara há tanto tempo que era difícil lembrar. Ele ficara arrasado depois que a prima India Southern recusara o seu pedido de casamento. Na época, era jovem e desacostumado com o fracasso, e recorrera ao vício familiar de bebidas e dívidas. Dali, a derrocada fora imperceptível, porém inevitável, até aquele terrível instante em que fora forçado a contar para o pai que estava tão enterrado em dívidas que, provavelmente, acabaria em Fleet Prison. Ainda podia ver a expressão de desgosto e reprovação que retorcera as feições do falecido lorde Standish ao repreender o filho pela fraqueza que ele mesmo instilara nele.

Não houvera nada que o pai pudesse fazer para ajudá-lo, é claro, visto que, àquela altura, ele já estava perdendo todo o dinheiro que o príncipe Ernest de Cassilis havia lhe dado com tanta naturalidade. O incidente de Fleet Prison fora abafado e, em seguida, Warwick aparecera com a resposta a todas as suas preces, oferecendo dinheiro ao filho e ao pai em troca de algumas palavrinhas aqui, um favor ali.

Não houve dificuldade. Era influência que Warwick queria: um artigo nos jornais, uma palavrinha no ouvido de um policial, uma decisão favorecendo-o no tribunal… Os Standish, pai e filho, ajudavam onde podiam. É claro que teria sido diferente caso Warwick houvesse desejado aceitação social. Isso teria estado completamente fora de cogitação.

Freddie cruzou Piccadilly Circus, quase sendo atropelado por uma carroça. O próprio lorde Standish não dispusera de muita influência, e, por isso, havia sido de utilidade limitada para Edward Warwick. Desde o início, Freddie pressentira que Warwick se desapontara com eles. Mantivera-os com pouco dinheiro e na ponta do seu anzol. Depois, lorde Standish morrera e Warwick ajudara Freddie a encontrar o tipo certo de trabalho no Asher's Bank, onde ele era útil tanto para o seu patrão quanto para o próprio Warwick. É claro que ele era um asno com dinheiro, mas nenhum dos dois estava interessado na sua perspicácia financeira. Asher queria alguém com as conexões sociais certas, e Warwick queria o que sempre quisera. Informação. Quem tinha quanto dinheiro, quem devia para quem, quem herdara, os ricos, os pobres, os desesperados… Categoria na qual o próprio Freddie se encaixava firmemente.

Tendo se perdido no labirinto de ruas ao redor da James Street, finalmente ele alcançou a Wigmore Street. Estava sem fôlego quando entrou na loja de vestidos de alta qualidade e subiu as escadas. Não se surpreendeu de ter de esperar quase uma hora. Eventualmente, foi acompanhado ate uma escadaria nos fundos e até o escritório de Warwick.

— Standish. Que bom que veio tão rápido.

Havia um traço de zombaria em sua voz. Ele sabia há quanto tempo Freddie estava esperando. Freddie sentiu uma onda quente de humilhação e desespero se apossar dele. Estava metido fundo demais agora. Não podia se libertar deste homem, agora que estava tão profundamente sob seu poder. E pressentia que, enfim, Warwick

queria algo mais perigoso do que apenas algumas informações. Era quase como se há muito tempo estivesse aguardando este momento, receando-o, porém, sabendo que ele viria.

— Quer dizer que sua irmã agora é a condessa de Stockhaven — Warwick disse, lentamente, contudo havia algo em sua voz que Freddie reconheceu como um animal pressentindo o perigo.

Não respondeu. A sala parecia abafada. Freddie pôde sentir o suor escorrendo por entre as omoplatas e as costas se enchendo de tensão. Os lábios de Warwick se afinaram.

— Stockhaven parece sempre conseguir o que eu desejo — ele disse. — A casa à beira-mar… a fortuna… a esposa…

Freddie ficou tão surpreso que falou sem pensar: — Quer Isabella? Warwick lhe lançou um olhar hostil com os olhos acinzentados.

— Não essa esposa, lorde Standish, por mais encantadora que sua irmã possa ser. Stockhaven foi casado antes, embora todo mundo pareça ter prazer em se esquecer disso.

Freddie sentiu um frio no estômago.

— Está falando de India — disse. Ele franziu a testa ante o calor e o zumbido no ouvido. — O senhor a conhecia.

— Intimamente — Warwick disse, com um esboço de sorriso. — Foi há muito tempo. Na verdade, há doze anos.

Freddie esfregou os olhos. Sua visão parecia borrada e o zumbido na cabeça estava ficando mais alto, como uma abelha aprisionada em uma garrafa. Ele não conseguia acreditar que India, tão meiga, tão doce, pudesse ter qualquer coisa a ver com um homem que exalava maldade pelos poros como se fosse suor.

— Não entendo — disse.

— Vocês nunca entendem — Warwick disse, o sorriso ainda se demorando em seus lábios. — Como acha que eu soube de você, do seu pai e de seus modos de vida extravagantes? — Ele deu de ombros. — Não importa. Há algo que eu quero de você, Standish.

Ante o tom autoritário, Freddie empertigou-se automaticamente.

— Sim?

— Quero saber imediatamente se o conde, ou a condessa, de Stockhavem decidir viajar até Salterton. E, quando digo imediatamente, quer dizer na mesma hora, não dois dias mais tarde. Fui claro?

Estupefato, Freddie assentiu. O receio que o vinha atormentando se aliviou um pouco. Isso parecia ser inofensivo. Informação. Podia fazê-lo.

— Só isso? — perguntou, com um pouco de ansiedade demais. Warwick assentiu, um pouco de humor na voz ao dizer:

— Sem dúvida, por ora, é só. Pode ir.

Freddie não precisou ser mandado duas vezes. Lá embaixo, pôde sentir o ar perfumado da loja de vestidos e escutar as vozes dos fregueses.

O sol estava brilhando. O ar estava agradável. Freddie estava razoavelmente certo de que conseguiria comer alguma coisa agora, de que não havia nada com o que se preocupar.

Fez uma boa refeição e seguiu para casa, sentindo-se positivamente bem-humorado. Pen não estava em casa, e ele estava cochilando na poltrona quando a escutou voltar.

O rosto de Pen se iluminou ao vê-lo.

— Freddie! Não esperava vê-lo de volta antes do cair da noite! Como foram os negócios?

— Ótimos — Freddie murmurou. Aproveitando a oportunidade para conduzir sua investigação, ele perguntou casualmente: — Como está Bella?

Pen soltou o chapéu e o atirou sobre a mesa ao lado da porta. Ela franziu ligeiramente a testa.

— Bella foi para Salterton — disse. — Talvez não se lembre, mas há semanas que ela não fala em outra coisa.

— É mesmo? Freddie tentou se lembrar. Vagamente se recordava de Bella mencionando que adoraria viver tranqüilamente à beira-mar,

e sua resposta de que mudar-se para Dorset era um destino monótono demais. Não fazia idéia de que a partida dela era iminente. Pen ainda estava falando:

— Ao que parece, ela partiu hoje de manhã. Deve ter saído na maior pressa. — Pen franziu a testa. — Tínhamos combinado ir juntas a uma exibição, hoje, mas ela parece ter esquecido por completo.

O medo frio apertou o coração de Freddie. Ele desceu as escadas correndo tão depressa que quase tropeçou e caiu. Podia escutar a irmã, surpresa, chamando-o:

— Freddie? Freddie!

Não lhe deu atenção. O dia que parecera tão promissor há apenas algumas horas subitamente adquirira um aspecto muito mais desanimador. O que é que Warwick dissera?

Quero saber na mesma hora…

Já fazia várias horas desde que Isabella deixara a cidade.

Desta vez, independente da despesa, Freddie tomou uma carruagem alugada até a Wigmore Street.

— Lamento tê-lo chamado, sr. Cantrell — Penelope Standish disse —, mas receio não saber a quem mais recorrer. — Ela levou as mãos às têmporas. — Isto é tão pouco convencional! Espero que me perdoe…

— Srta. Standish — Alistair disse, puxando-a para sentar-se ao seu lado no sofá. — Eu lhe garanto que nada poderia abalar a alta estima em que a tenho. Como posso ajudá-la?

A expressão de Pen se suavizou. Ela mandara chamar Alistair justamente por saber que ele seria capaz de lidar com eficiência com o que quer que se apresentasse diante dele. Podia contar com ele. Fitou as mãos entrelaçadas dos dois e sentiu um desejo muito pouco característico de ser protegida, de ter alguém tomando conta dele e de, no processo, ser conquistada. Em vez disso, Alistair deu-lhe um tapinha encorajador na mão, antes de soltá-la. Pen suspirou:

— As coisas mais extraordinárias parecem estar acontecendo com

meus parentes! — contou. — Eu deveria estar atendendo uma exibição na Royal Academy com Bella, hoje de manhã. — Ela aguardou um pouco para ver se ele faria algum comentário. Quando não o fez, prosseguiu: Quando cheguei em Burnswick Gardens, descobri que Bella me deixara um bilhete dizendo que ela havia partido para Salterton ontem. Sei que, recentemente, ela tem falado em mudar-se para a propriedade à beira-mar, mas partir tão de repente! Não consigo deixar de me preocupar com o que poderia ter precipitado tal decisão… — Ela olhou para Alistair e sentiu as faces arderem. — Por acaso sabe se lorde Stockhaven a acompanhou? Ela sugerira que iria sozinha, contudo me pergunto…

Ela interrompeu-se com uma ligeira ruga franzindo-lhe a testa.

— Sei que Marcus pretendia seguir a sua irmã, o mais rapidamente possível, até Salterton — Alistair respondeu, com tato. — Talvez ele até a tenha alcançado na estrada. Não deve se preocupar, srta. Standish. Ela estará na mais perfeita segurança.

Pen franziu ainda mais a testa.

— Quer dizer que ela foi sem Marcus? Que estranho? Não consigo entender aqueles dois, sr. Cantrell.

Ela notou os lábios de Alistair se contorcendo.

— Sem dúvida, eles parecem ter um… hã… relacionamento bem complicado.

Pen o fitou, meio resignada e meio irritada com a resposta diplomática. O sr. Alistair Cantrell era o modelo perfeito do próprio cavalheiro, e ela não sabia de onde tirara a idéia de que queria que ele se comportasse de modo impróprio. Era melhor tirar isso da cabeça e se concentrar no problema atual. Ela entrelaçou os dedos.

— Se essa fosse minha única preocupação, eu até poderia ficar mais tranqüila — prosseguiu. — Contudo, quando voltei de Brunswick Gardens e contei para meu irmão da viagem de Isabella, ele, na mesma hora, desapareceu, e, agora, recebi a mensagem mais esquisita dele, dizendo que também foi para Salterton! — Ela passou a

mão pelos cabelos, espalhando vários grampos sobre o tapete. — Ele nem voltou para casa para pegar qualquer de seus pertences, e, acredite quando digo, sr. Cantrell, Freddie não é o tipo de homem que viaja sem um criado, quanto mais sem uma muda de roupas. Ora, eu não acho que ele seja capaz de tirar as botas sem ajuda!

Alistair podia muito bem acreditar que lorde Standish poderia ter dificuldades em alcançar o fim da rua, quanto mais Dorset. Ele fitou a belíssima criatura diante dele, com seus preocupados olhos azuis e o cabelo louro, e teve vontade de tomá-la nos braços, de confortá-la. Ele achava uma grande injustiça que Freddie Standish, que deveria assumir a responsabilidade, de proteger a irmã, fosse de fato quem necessitasse constante supervisão. Ele cruzou os braços para evitar a tentação de tocar em Pen.

— Simplesmente preciso eu mesma ir a Salterton — Pen completou. Ela levantou-se com um salto. — Não posso ficar aqui sentada, esperando para descobrir o que está acontecendo!

— E todos, impacientes em terra firme, concordam, a uma, em correr para o mar — Alistair murmurou.

Pen o fitou sem entender.

— Como disse, sr. Cantrell? Alistair corou.

— Poesia, srta. Standish. Eu estava citando Cowper. Pen ergueu as sobrancelhas.

— Esta não é a hora de estar citando poesia, sr. Cantrell. O que vou fazer?

Alistar abandonou seus vôos de imaginação.

— Pois me parece, srta. Standish, que deve ir a Salterton, e que eu devo acompanhá-la.

Apesar de ser o que Pen vinha tentando conseguir, ela sentiu-se inexplicavelmente desapontada. Tudo havia sido proposto sem a menor sugestão de romance, caso se deixasse de lado a citação questionável do sr. Cantrell, que, de qualquer jeito, não poderia mesmo ser considerada romântica.

— Obrigada — disse. — Ficaria muito grata em ter a sua companhia.

Alistair sorriu.

— Ótimo. Voltarei em uma hora, depois de providenciar o transporte e fazer a mala. — Ele ficou de pé. — Isso lhe dará tempo suficiente para se preparar, srta. Standish?

— Sem dúvida. Obrigada — Pen respondeu. — Não sou uma daquelas damas que levam um século só para escolher um vestido.

O sorriso de Alistair se alargou. A pulsação de Pen disparou em resposta.

— Não — ele disse. — Não achei que fosse.

Ele esboçou uma mesura e preparou-se para deixar o recinto, mas Pen estendeu a mão.

— Sr. Cantrell, um instante, por favor… Alistair deteve-se.

— Não tenho uma aia — Pen disse, apressadamente. — É por demais impróprio eu ficar sozinha com o senhor em uma carruagem fechada, sr. Cantrell.

— Contratarei uma criada para nos acompanhar, srta. Standish — Alistair disse na mesma hora. — Não haverá dificuldade. Estou certo de que a senhorita se sentirá mais à vontade com uma companhia feminina.

— Sim — Pen respondeu de modo taciturno. — Estou certa de que sim. Reluto em admitir, mas não tenho condições de pagar uma criada.

— Eu também não — Alistair disse. — Contrataremos uma moça, combinando lhe pagar quando chegarmos a Salterton, onde poderemos pedir o dinheiro a Stockhaven. Não precisa se preocupar, srta. Standish. Pode confiar em mim para me comportar como um verdadeiro cavalheiro.

— É — Pen disse, suspirando de irritação e desejo frustrado. — Tenho certeza de que posso.

Capítulo Quinze

Marcus estava sentado na carruagem e admirando q perfil da esposa sob a borda do chapéu de palha preto. Tivera muita oportunidade de admirá-lo, visto que, até então, o seu rosto estivera virado para longe dele durante a maior parte da viagem. Seus dedos tamborilavam impacientemente sobre o fecho da bolsa.

Marcus acordara naquela manhã com um profundo contentamento. Isabella ainda estava enroscada nos seus braços, não que houvesse outro lugar para ela ir, e estava adormecida, encolhida de encontro à lateral de seu corpo. Ao olhar para ela, Marcus sentira uma complexa mistura de esperança e perda. Ontem, quando ela fugira dele, tudo que ele soubera é que tinha de recuperá-la. Fora um instinto que o mantivera seguindo em frente, procurando de estalagem a estalagem ao longo da estrada, parando, perguntando, apressando-se até enfim alcançá-la. Receara que, quando a encontrasse, ela absoluta e irrevogavelmente lhe daria as costas, e Marcus jamais teria uma segunda chance. Ela não o fizera, porém ele não se enganava achando que as coisas seriam fáceis de agora em diante. Desde o início, Isabella não quisera um marido. Agora, diante da possibilidade de ela ter concebido um filho dele, tinha de convencê-la a mudar de idéia.

Ela acordara alguns segundos após ele e sorrira por um instante perfeito, antes de a realidade manifestar-se em seu consciente e Isabella esforçar-se para colocar um pouco de distância entre os dois. Marcus surpreendeu-se como ela era modesta e tímida; não porque se entregara a ele com tanta espontaneidade na noite anterior (isso havia sido uma coisa de momento), mas porque ele supusera que ela deveria ter experiência com homens. Por outro lado, ele supusera muitas coisas no tocante a Isabella que não estavam se mostrando verdadeiras. Sabia categoricamente que não lhe dera motivos para

confiar nele e muitas razões para odiá-lo.

Tomaram o café da manhã em silêncio, o refeitório do mosteiro não sendo o lugar apropriado para discutir o casamento deles. Contudo, fora uma pena, pois quando a carruagem estava pronta e Marcus deixara claro que iria para Salterton, Isabella escondeu-se atrás de uma fachada fria.

— Precisamos conversar — Marcus disse, abruptamente. Isabella o fitou, um rápido olhar desconfiado nos olhos azuis.

— Concordo. No entanto… — Ela hesitou. — Não sei bem se sei o que dizer.

— Que tal que eu sou um canalha traiçoeiro que por duas vezes lhe prometeu algo apenas para não cumprir?

Um ligeiro sorriso esboçou-se nos lábios dela. Marcus ficou encorajado de vê-lo. Significava que ainda tinha alguma chance.

— É o que diria se estivesse em meu lugar? — ela perguntou.

— Sem dúvida. E não deixaria de ter razão.

O sorriso de Isabella se alargou irresistivelmente.

— E então?

Ela ergueu as sobrancelhas.

— Receio que seja verdade. — Marcus a viu franzir novamente a testa. — Contudo…

Ela o fitou com um cortês inclinar da cabeça e, mais uma vez, ele se viu lembrado de como ela devia ter tido de disciplinar suas emoções durante os anos do casamento com o príncipe Ernest. Sentiu uma pontada no coração ante a perda da garota espontânea que Isabella já fora.

— Estou preparado para admitir certas coisas — disse.

— Quanta generosidade, meu senhor.

Isabella alisou os elegantes alamares verdes de seu vestido de viagem e aguardou.

Marcus inspirou profundamente. Não era fácil para ele pedir desculpas. Não costumava fazê-lo com muita freqüência.

— Eu sinto muito — disse. — Eu me enganei a seu respeito. Quando a vi novamente, pensei apenas em me vingar pelo que havia feito comigo e com…

Ele hesitou.

— Com India — Isabella completou sem rodeios.

O nome pareceu flutuar constrangedoramente no ar entre os dois.

— Eu entendo — Isabella disse. — Ela era sua esposa.

Mais uma vez, ela desviou o rosto, e Marcus teve a frustrante sensação de que falhara completamente em se fazer entender.

— Não sei como explicar as diferenças nos relatos das duas — ele prosseguiu, meio sem saber o que dizer. — Mas acredito que você jamais tentaria deliberadamente tirar a herança dela. Você é… generosa demais para isso.

Ele pensou ter notado um pouquinho de ternura quando ela retrucou, mas podia ter sido apenas a sua imaginação.

— Generosa demais — disse. — Isso parece ser uma mudança meio repentina, Marcus, levando em conta tudo que aconteceu entre nós.

Ele não tinha como negar. Desde o início soubera que vinha lutando contra a própria intuição, assim como contra ela. Quisera acreditar que ela era falsa e traiçoeira. A todo instante, bloqueara as provas fornecidas pelos próprios olhos e pelos instintos de seu coração, e tentava acreditar no pior dela. No entanto, tal imagem jamais se encaixara nela e, agora, o mundo havia girado e mudado novamente, e ele enxergava a verdade.

— Eu sinto muito — repetiu.

— Acredita no que eu disse para você na noite de anteontem? — Isabella perguntou. — Nos motivos para meu casamento com Ernest?

Marcus hesitou. Acreditava implicitamente no que ela lhe contara, no entanto não tinha certeza se seria capaz de perdoá-la por sua escolha, e por colocar a família antes dele.

— Entendo o que você me contou — disse, escolhendo

cuidadosamente as palavras. — Lamento que não tenha escolhido me procurar para ajudá-la, contudo entendo seus motivos.

Isabella mordeu o lábio.

— Quer dizer que não me perdoa.

Marcus sentiu-se dividido entre a verdade e poupar Isabella de mais mágoa.

— Não disse isso, Bella. Não é uma questão de perdão. Gostaria que houvesse me procurado, mas entendo por que não o fez.

— Todos temos escolhas difíceis para fazer — Isabella disse, tão baixinho que Marcus teve de inclinar-se para frente para escutá-la. — Eu coloquei o futuro de minha família antes de nossa felicidade. — De repente, ela olhou para ele, e Marcus sentiu um aperto no coração ante a angústia em seus olhos. — Isto é muito doloroso, Marcus.

— É mesmo.

Marcus sabia que não havia como ignorar e nem pôr de lado tais questões. Naquela noite de confissões, achara que poderia fazê-lo, agora, sabia que não era bem assim. Havia uma dolorosa falta de confiança entre os dois, e seria necessário um bocado para reparar a situação. E sequer havia a garantia de que ela lhes daria tal chance. Queria tocá-la, tranquilizá-la fisicamente, mas sabia que era cedo demais.

— Ainda quero que fique com Salterton — disse, subitamente. — A propriedade é sua de direito, e sei o quanto significa para você. Eu a darei a você, assim como os recursos para mantê-la.

O rosto de Isabella se iluminou.

— E verdade? Manterá a sua palavra?

— Eu juro. — Marcus sorriu melancolicamente. — Nessa questão, eu manterei minha palavra.

A luz se apagou do rosto dela.

— Mas, e no tocante à separação legal? Ele sacudiu a cabeça.

— Não, Bella. Não posso lhe dar isso.

Isabella curvou a cabeça. Ela alisou as costuras da luva. Marcus a

viu esforçando-se para manter o temperamento sob controle. Entendia as dúvidas e os receios dela. Sabia que havia lhe dado muito do que duvidar com suas acusações e desconfianças. Contudo, caso houvesse vontade, confiança podia ser reconquistada. Jamais conseguira fazer Isabella se encaixar na sua desejada imagem de aventureira caçadora de fortunas. Agora, não queria mais fazer isso, não só por causa do seu filho, a quem ela poderia dar à luz, mas porque queria conhecer a verdadeira Isabella novamente, o espírito livre que conhecera ainda garota, a mulher capaz de se equiparar a ele em paixão.

No entanto, Isabella não parecia querer a mesma coisa. Ela estava resistindo à afinidade entre eles, e Marcus precisava entender por quê. N^p era apenas porque ele a havia magoado. Pressentia que ela tinha medo de alguma coisa. Lembrou-se de que precisava cortejá-la, o mais gentilmente possível.

Contudo, isso era difícil, quando queria possuí-la Com a maior urgência possível.

— Um casamento entre nós dois jamais dará certo.

Ela parecia tão adoravelmente obstinada que ele teve vontade de beijá-la. Com muita inconveniência, sua ereção se manifestou. Sabia que aquela provavelmente seria a parte mais difícil de toda a requesta. Não era um homem paciente e, já tendo feito amor com ela uma vez, seria a maior das provações não tocar nela novamente.

Tentou ignorar o próprio desconforto corporal e concentrar-se nas palavras dela.

— Nosso casamento jamais dará certo porque você não deixará? — perguntou, baixinho.

— Jamais dará certo porque o passado sempre se colocará entre nós. — Isabella fez um ligeiro gesto. — Há India, e Ernest…

E seus amantes desconhecidos que Marcus sempre tentara muito, e sem nenhum sucesso, esquecer. Foi tomado de tanto ciúme que teve de prender a respiração. Os obstáculos sem dúvida nenhuma eram grandes, mas o mesmo podia ser dito de sua determinação. Não ia

abrir mão da esposa.

Isabella entrelaçara com firmeza os dedos enluvados. Ela ergueu os olhos das mãos e fitou os dele.

— Você me ama, Marcus?

As palavras o pegaram de surpresa, seus sentimentos ainda à flor da pele. Quer dizer que não falara em voz alta na noite em que fizeram amor. Era um alívio. Não queria revelar tanto para ela, tão cedo. Não tinha certeza quanto-a seus sentimentos mais profundos. Sabia sem sombra de dúvidas que a amara no passado. Agora, não tinha tanta certeza. Ele a desejava. Precisava dela. Teria de ser o suficiente.

A voz dela parecia triste, como se Isabella já soubesse a resposta. E, quando ele não respondeu, ela sacudiu gentilmente a cabeça.

— Tendo tido o seu amor no passado, Marcus, como eu poderia me contentar com menos? Seria um casamento de segunda opção.

Marcus inspirou profundamente e tentou falar calmamente. Há muito que não se sentia tão vulnerável. A sinceridade de Isabella era devastadora, e ele se sentia como se o que estivesse lhe oferecendo simplesmente não fosse bom o suficiente.

Ele pigarreou.

— Bella, estamos casados. Não poderá haver anulação. O amor é para…

— Os tolos? Havia uma certa amargura na voz dela.

— Eu ia dizer para os jovens — Marcus retrucou. — A medida que vamos amadurecendo, as coisas vão ficando mais complicadas.

— Falando assim fica tão pomposo, sem falar que parece ter a idade de Matusalém.

Ela virou o rosto.

— Eu já perdi uma esposa — Marcus disse, com um pouco de amargura. — Não pretendo perder a segunda.

Ele percebeu o olhar intenso de Isabella sobre si e, por um instante, pensou que ela fosse lhe perguntar a respeito de India. Queria que o

fizesse, pois sabia que era uma das barreiras que os separavam. Negligenciara India e sempre se sentira culpado por isso. Estava convencido de que ela não teria tido o acidente de carruagem e morrido se ele houvesse estado com ela, na ocasião. Era a culpa que o calava. Ele sempre a carregava consigo.

Mas Isabella não perguntou, e Marcus pressentiu um certo afastamento da parte dela.

— É claro que não posso forçar uma anulação e nem uma separação legal — ela disse. — Eu aceito isso. Contudo, não vejo motivos para permanecermos casados, quando você não me ama.

Marcus inclinou-se para frente.

— Bella, me dê uma chance. Quero ficar casado com você.

— Porque pode haver um filho? — As palavras deram a impressão de serem dolorosas para ela. — Não demoraremos a saber se é verdade.

Marcus segurou a mão enluvada da dama.

— E, se houver, nós o criaremos juntos.

— E, se não houver — os olhos dela eram desafiadores, porém também cheios de medo —, podemos cada um seguir o seu caminho.

Marcus sacudiu a cabeça.

— Do que é que tem medo, Bella? O rosto de Isabella ficou sombrio. Por um instante, Marcus pensou que ela não fosse responder, mas, então, ela disse baixinho:

— Tenho medo de sofrer novamente.

Marcus apertou-lhe a mão. Ele puxou para perto de si o seu corpo relutante, por sobre o assento de veludo da carruagem. Com a voz carregada de emoção, disse:

— Eu juro que jamais a magoarei deliberadamente, Bella. Nunca mais.

O rosto dela estava inclinado na direção do dele, perto o suficiente para ser beijado. Havia ternura nos olhos dela, porém, também, uma profunda tristeza.

— Dê-me uma chance — Marcus repetiu. — Uma chance de cortejá-la. — Ele viu desconfiança e hesitação. Suas mãos se apertaram ao redor das delas. — Eu a protegerei e cuidarei de você, Bella. Talvez consigamos reacender a confiança entre nós. Deixe-me provar para você.

Marcus não entendia por que isto era tão cegamente importante para ele, apenas sabia que era.

Isabella assentiu de leve.

— Para o bem do bebê, caso haja um, aguardarei um pouco antes de tomar minha decisão final. É tudo que posso prometer.

O coração de Marcus deu um salto. Ele não discutiu. Agora não era o momento de insistir que jamais abriria mão dela. Conseguira obter um pouco de tempo, e a chance que tanto queria. Agora, tinha de convencê-la de sua determinação.

— Neste caso, visto que está disposta a confiar em mim, assim como eu confio em você, há algo que preciso lhe contar — disse.

— Talvez se recorde de que, quando nos encontramos no baile da duquesa de Fordyce, você me perguntou o que eu estava fazendo em Fleet Prison — Marcus disse.—Eu jamais lhe contei a razão.

Isabella aguardou. Jamais esperara isto. Sua mente ainda estava girando com as implicações da conversa anterior. Quando Marcus lhe dissera que acreditava no seu relato de por que havia rompido com ele, seu coração dolorido se aliviara um pouco. Era uma pequena concessão, menor do que poderia ter desejado, porém já era alguma coisa. E ele se desculpara por seu comportamento para com ela. Sabia que não devia ter sido fácil para ele. Não era um homem capaz de admitir facilmente as falhas.

Isso significava que, quando enfim viessem a se separar, ela sabia que não haveria mais animosidade entre eles. Se não viessem a se separar… Ela estremeceu. Quanto tempo demoraria até ter certeza se estava ou não grávida? Quando Emma fora concebida, ela demorara

muito para perceber. Demorara demais. Talvez fosse capaz de interpretar melhor os sinais agora, porém seu dilema não seria mais fácil. Ficar ou partir. Marcus prometera protegê-la e cuidar dela, mas jamais lhe prometera o seu amor. E, sem isso, ela sempre sentiria como se estivesse vivendo um reflexo sem vida do que poderia ter sido.

Afastou da cabeça quaisquer pensamentos relacionados ao bebê. Teria tempo mais do que suficiente para pensar nisso quando estivesse sozinha e tivesse um pouco de paz. E, como sempre, o fantasma de India continuava a flutuar sobre os seus ombros.

Eu já perdi uma esposa…

Isabella não precisava ser lembrada disso.

Mas, por ora, Marcus queria lhe contar sobre a prisão. Lembrava-se de ter exigido saber o que ele estava fazendo lá e o modo como ele se esquivara de suas perguntas. Ficara tão irritada com a presença dele que logo se esquecera dos motivos.

— Eu estava investigando um crime — Marcus disse. Isabella o fitou com intensidade.

— Fingindo ser você mesmo um criminoso?

— Isso mesmo. — Marcus suspirou. — Às vezes é a maneira mais fácil de se aproximar daqueles que está caçando.

Isabella deixou escapar um demorado suspiro.

— Entendo. Foi bem-sucedido?

— Não. Estou caçando um homem chamado Warwick. Edward Warwick. — Ele olhou para ela. — O nome significa algo para você?

Isabella sacudiu a cabeça.

— Acho que não. Deveria?

— Você conhece muita gente. Ele pode ser uma ligação familiar. — O olhar de Marcus fitou pensativamente o rosto da dama. — Warwick é o homem que estou convencido ter sido responsável tanto por um assalto e um incêndio na minha casa em Salterton quanto pela morte de sua tia. Ele é um criminoso com contatos em Fleet Prison.

Isabella o fitou profundamente chocada. Jamais imaginara que o motivo de Marcus estar na prisão, independente do que fosse, pudesse ter algo a ver com ela ou com Salterton.

— O sr. Churchward me contou do incêndio em Salterton, mas deu a entender ter sido um acidente — ela disse, lentamente. — E me disseram que a morte de tia Jane se deveu a causas naturais. — Seu olhar buscou o rosto dele. — Não foi?

— Essa foi a versão que divulgamos — Marcus disse. Moveu-se ligeiramente no assento. — Na verdade, o incêndio foi criminoso, apesar de involuntário. Um garoto da região tocou fogo na casa acidentalmente quando estava procurando algo para Warwick.

Isabella franziu a testa.

— O que ele estava procurando? Marcus sacudiu a cabeça.

— Isso eu não sei. Estou tentando descobrir. Quando cheguei à minha casa naquela noite, pressenti que havia algo errado. Encontrei o intruso no andar de cima, no quarto que fora de India. Ficou claro que ele estava procurando alguma coisa.

Isabella o viu estremecer, como se a lembrança fosse de algum modo dolorosa.

— O aposento estava todo revirado, roupas e papéis espalhados por tudo quanto é lugar — Marcus prosseguiu. — O garoto ficou tão surpreso de me ver que derrubou uma vela, tocando fogo no cortinado da cama. Ele saltou pela janela. Acabou se ferindo, porém, antes de perder a consciência, me contou que Warwick o havia enviado. Foi por isso que eu estava procurando pelo próprio homem.

Os pensamentos de Isabella foram direcionados à tia.

— Mas, tia Jane? — disse. — Não achei que houvesse qualquer circunstância suspeita rondando a sua morte. O sr. Churchward me informou que ela teve um ataque no meio da noite. Os criados a encontraram. Ela estivera sozinha…

Deu-se conta de que sua voz estava se elevando. Surpreendeu-se ao notar que estava nervosa e triste. Marcus já escutara aquele tom de

angústia na voz dela, e segurou as mãos de Isabella. Quando respondeu, a sua voz estava deliberadamente calma. Ele. a tranqüilizou um pouquinho:

— Eu sinto muito, Bella — disse. — Um homem foi visitar lady Jane naquela noite. De acordo com os criados, ele disse que seu nome era Warwick. Passou a maior parte do tempo na biblioteca com sua tia, embora ninguém saiba dizer com precisão quando ele foi embora. Os criados foram alertados pelo tocar incessante da campainha, e, quando chegaram, já encontraram sua tia desfalecida. Eles a carregaram até a cama. Ela morreu pouco depois.

Isabella estremeceu, pensando em Jane sozinha e sem um rosto amigo por perto no fim de sua vida.

— Não entendo. Está sugerindo que alguém, que este Warwick, matou tia Jane?

Marcus sacudiu ligeiramente a cabeça.

— Não. Não houve nada que sugerisse assassinato. Eu mesmo chamei o médico. Eu acho que, o que quer que estivessem discutindo, a chocou ou abalou tanto que ela teve um ataque e morreu. É nesse sentido que ele é responsável pela morte dela.

Isabella franziu a testa.

— Houve alguma discussão? Os criados escutaram vozes alteradas?

— Não escutaram nada. — Marcus suspirou. Havia uma tristeza no seu tom de voz. — Sequer foram capazes de descrever o homem com exatidão.

— E, no entanto, acha que esse homem, Warwick, representa a chave do mistério do incêndio e da morte de lady Jane?

— Acho.

Marcus afrouxara as mãos ao redor das delas e Isabella as retraiu, pousando-as no colo. Ela olhava sem enxergar para fora da janela da carruagem.

— Pobre tia Jane — disse, baixinho. — Lamento tanto!

— Foi uma coisa terrível. É por isso que preciso retornar a Salterton. Isabella sentiu frio. Apesar de todas as declarações de Marcus, ele tinha um motivo muito diferente para voltar para Salterton.

— Entendo — ela disse, com tristeza.

Houve um brilho divertido nos olhos de Marcus.

— Não, não acho que entenda, Bella. Eu ia dizer que já há algum tempo eu tinha planos de voltar para Salterton, na esperança de localizar o rastro de Warwick por lá. O fato de você ter partido tão repentinamente para Salterton apenas tornou minha ida até lá muito mais urgente.

Isabella o fitou.

— Entendo — repetiu.

Marcus segurou-lhe novamente a mão, esfregando o polegar gentilmente nas costas da luva. Ele podia sentir o calor da pele da mulher através do tecido.

— Bella, por favor, acredite em mim. Jamais confiaremos novamente um no outro se duvidarmos de cada palavra, de cada ato.

Isabella assentiu.

— Por que está me contando isto agora? — perguntou. Marcus sorriu.

— Porque não quero que haja mais segredos entre nós, e por que achei que talvez pudesse ser capaz de me ajudar.

— Caso eu conhecesse esse… Warwick?

— É.

Isabella sacudiu a cabeça,

— Sinto muito, Marcus, não me recordo de já ter escutado tal nome em conexão com Salterton, nem com a família. Eu ajudaria se pudesse.

— Não importa.

Um pensamento subitamente veio à cabeça de Isabella.

— Esse homem… Presumo que seja perigoso? Marcus olhou para ela.

— Muito. Contudo, não quero que tenha medo, Bella. Estou certo de que ele não tem nada contra você.

— Não — ela disse. — É só que…

Ela se interrompeu, mas Marcus foi rápido demais para ela. Ele inclinou-se mais para perto.

— Bella, está com medo por mim? Isabella desviou o olhar.

— Bem, eu… Se ele é tão perigoso assim…

— Você está com medo por mim! — Marcus disse, abrindo um sorriso.

— Não precisa ficar tão convencido — Isabella resmungou. — Sou uma pessoa compassiva. Não tem nada a ver com você.

O sorriso de Marcus se alargou. Ele lhe tocou a face.

— É claro que não, minha querida.

Ele a puxou para si e, aos poucos, Isabella sentiu-se inclinando-se mais para perto, até a sua cabeça descansar no ombro dele e o movimento da carruagem foi deixando-a sonolenta. Contudo, seus sonhos não foram agradáveis. Sonhou com Jane Southern, gritando por socorro, sem que ninguém a escutasse, e sonhou com Marcus, dizendo *Não quero que haja mais segredos entre nós.* E ela, acordou ao se dar conta de que vinha guardando o maior de todos os segredos.

Foi quando estavam se aproximando de Salterton, na agradável noite de verão, que um problema surgiu. Isabella dormira boa parte da viagem, e Marcus se vira tendo um bocado de prazer só de observá-la. Ao se aproximarem de seu destino, Isabella acordou e Marcus notou o ligeiro franzir de sua testa e a ligeira tensão no seu porte.

— Estive pensando — Isabella disse, alisando as saias de seu elegante vestido de viagem e evitando os olhos dele. — Talvez seja melhor colocarmos um pouco de distância entre nós dois até termos certeza do que fazer, — Ela olhou para ele, depois, rapidamente, desviou o olhar. — Quer dizer, até que saibamos…

Ela se interrompeu. Marcus entendeu direitinho do que ela estava falando.

Até que saibamos se estou grávida… Até eu decidir se posso deixá-lo…

Todo e qualquer instinto possessivo de seu corpo se manifestou em protesto. *Não houve muita distância entre nós ontem à noite,* pensou. *Nem na ocasião anterior, quando a tive nua nos meus braços.*

Sabia que não adiantaria muito ressaltar tais fatos. Podia sentir Isabella, mais uma vez, fugindo de seu alcance. Era frustrante, porém Marcus descobriu que estava preparado para isso. Geralmente, não era um homem paciente, desta vez, teria de aprender paciência para obter o que queria, que era Isabella permanentemente na sua vida e na sua cama.

Ele manteve o tom de voz neutro:

— Até que decidamos o que deve ser feito a respeito do quê? — perguntou.

Isabella lançou-lhe um olhar desafiador com aqueles lindos olhos azuis.

— Nosso casamento, é claro, Marcus. É muito conveniente que tenha uma casa na propriedade, visto que pode ficar lá enquanto eu permaneço na casa principal…

Marcus suspirou profundamente.

— Isabella, vou ser franco com você. Não vou morar em Salterton Cottage enquanto você mora em outro lugar. Tirando qualquer outro motivo, minha casa atualmente encontra-se inabitável, visto que as reformas após o incêndio ainda não estão completas. De modo que, mesmo que eu quisesse, não teria como atender o seu pedido para que eu resida em Salterton Cottage.

— Bem — Isabella disse, olhando para o lado —, eu soube que o padrão dos hotéis melhorou muito desde a última vez que estive na região. Sem dúvida, você encontrará algo do seu agrado.

— Salterton House é do meu agrado. — Ele estendeu a mão e a puxou para perto de si. Ela relutantemente caiu nos braços dele.

Marcus se lembrou de sua promessa de cortejá-la com gentileza e moderou o tom de voz, além de reprimir a luxúria desenfreada que sugeria que seria uma excelente idéia fazer amor com Isabella ali mesmo, na carruagem, para superar as reservas dela. — Se quiser, pode ter o seu próprio quarto… por ora.

— Obrigada — Isabella disse, com secura. — E você se mudará para o chalé assim que ele estiver pronto.

Havia um tom de finalidade na voz dela. Marcus deu de ombros e seus lábios se curvaram em um sorriso malicioso. Enfiando a mão dentro do paletó, retirou dali um pedaço de papel.

— Visto que será minha senhoria, é melhor que leia isto — disse. Isabella retirou as luvas, pegou o papel, olhou displicentemente para ele e estremeceu.

— O que é isto?

— Os termos do aluguel de Salterton Cottage. Isabella o fitou com incredulidade.

— Aluguel? Mas sempre pensei que era mera formalidade. Marcus sacudiu a cabeça.

— Estava enganada. Lorde John Southern simplesmente emprestou a casa para a filha para o seu uso. O contrato de aluguel anterior ainda era vigente. Quando India faleceu, ele muito educada, porém insistentemente, me fez concordar em assiná-lo. Tive prazer em fazê-lo para manter meu vínculo com os Salterton.

Isabella franziu a testa ao passar os olhos pelas linhas. Marcus observou com uma expressão divertida e satisfeita a incerteza nos olhos dela.

— Mas, decerto… Você é o dono de Salterton Hall agora. Não pode ser o seu próprio inquilino.

Marcus riu.

— Ah, não, Bella, não pode ter as duas coisas! Eu lhe ofereci Salterton, afinal de contas era a sua herança, e isso a torna a senhoria. Uma senhoria que me deve por certos… serviços. — Ele arrancou o

papel dos dedos dela. — Deixe-me explicar os termos em maiores detalhes.

Subitamente, Isabella pareceu nervosa.

— Por favor, não — disse. — Não quero saber.

— Mas *precisa* saber. — O sorriso de Marcus agora era zombeteiro.

— Como já disse, a propriedade é sua.

— Não quero ter que me preocupar com as questões da propriedade. — Isabella empinou no ar o seu nariz real. — O sr. Churchward pode continuar a administrar o contrato.

— Receio que eu deva insistir.

Marcus começou a ler em voz alta, não dando à esposa chance de protestar mais.

— O senhorio concorda em fornecer de graça ao inquilino um suprimento vitalício de conhaque. — Ele ergueu o olhar. — Tendo sido da marinha, estou acostumado ao melhor. Posso sugerir que faça um acordo com o taverneiro local para que me mantenha bem servido?

— Pode zombar à vontade — Isabella disse. — Sabe muito bem que não tenho dinheiro para isso. E, como me prometeu os recursos para manter Salterton, acabará apenas financiando a si mesmo.

— Não? Quem sabe eu não exija pagamento em mercadorias? Ele viu a boca de Isabella se estreitar de irritação.

— O senhorio concorda em pagar as despesas médicas do inquilino — ele prosseguiu. — Sorte sua eu ser forte e saudável como um touro.

— Como foi que esse contrato ridículo foi elaborado? — Isabella exigiu saber. Ela estendeu o braço para tentar arrancá-lo de suas mãos, porém ele manteve o documento fora de seu alcance. — Foge totalmente às convenções.

— Seu tio e sua tia não eram pessoas muito convencionais — Marcus lembrou. — O contrato foi elaborado para garantir o futuro do antigo inquilino do chalé. Lembra-se dele? O primo de minha mãe, o

capitão Forbes? Foi para visitá-lo que fui a Salterton pela primeira vez.

Isabella virou o rosto para longe dele.

— O capitão Forbes era um cavalheiro adorável. Lembro-me bem dele. Uma pena…

— Uma pena que não puxei a ele?

— Uma pena que meu tio tenha elaborado um contrato de aluguel tão incomum — Isabella retrucou.

— Foi um ato de caridade da parte de lorde John — Marcus disse. — Tio Forbes não tinha dinheiro. Ninguém na família tinha naquela época. Seu tio e sua tia gostaram dele e procuraram cuidar dele através de um contrato incomum.

Isabella suspirou.

— Mas por que ele não foi rescindido com a morte de seu tio?

— Por que ninguém o rescindiu. O acordo se referia à casa, e não a uma pessoa específica.

— Quer dizer que agora, você é o beneficiário de tamanha generosidade.

— Eu seria, caso você estivesse em condição de me dar tudo.

O queixo de Isabella ergueu-se, de um modo ainda mais nobre. Marcus podia lhe ver apenas o perfil, que estava rosado e furioso. Gostava disso. Ele adorava ser capaz de penetrar aquela calma de alta sociedade e mexer com os brios reais dela.

— Neste caso, teve muito azar, pois nada tenho para dar — ela disse.

Marcus sorriu.

— Sou obrigado a discordar. Espere até ter escutado o restante do contrato, Isabella, e, então, me diga o que acha — ele disse, baixinho. — O senhorio concorda em fornecer ao inquilino cobertores quentes, lenha para a lareira e comida no inverno — ele prosseguiu. — Ele também levará o inquilino para tomar banho de mar uma vez por semana.

— Tomar banho de mar!

As palavras escaparam dos lábios de Isabella com total incredulidade. Marcus assentiu.

— Tio Forbes era inválido. O banho de água do mar lhe fazia bem, mas ele precisava de companhia na praia, visto que não tinha firmeza nas pernas.

Isabella fitou intensamente os pés calçados de Marcus, apoiados com deplorável informalidade no assento oposto.

— Não há nada de errado com a sua mobilidade — disse.

— Nem com o resto de mim.

Houve um brilho de triunfo nos olhos de Isabella.

— Quer dizer que não precisará de tanta paparicação.

— Ainda vou querer que me leve para tornar banho de mar — Marcus disse. — E — apontou para o papel — qualquer outro passeio ou atividade de minha escolha que seja benéfica ao meu bem-estar, físico e espiritual.

Isabella deu uma fungada imprópria de uma dama.

— Quanta besteira!

Marcus a puxou para perto.

— Muito pelo contrário, meu amor. Está no contrato legal. Desta vez, Isabella conseguiu arrancar o papel de suas mãos.

— Passeios beneficiais ao seu bem-estar físico e espiritual — ela repetiu. — Acho que você lucraria se concentrando no lado espiritual do seu bem-estar, Marcus. Acredito que haja muito que possa ser melhorado aí, ao passo que você parece preocupado demais com a parte física.

Marcus a puxou até que sua boca estivesse a um centímetro da dela. Ele viu os olhos dela escurecerem e seu olhar se voltar irresistivelmente para os lábios dele. Sua língua veio para fora e, com nervosismo, tocou o lábio inferior. Ele reprimiu a vontade de beijá-la, intensa e demoradamente. Agora não. Ainda não. Queria que ela ansiasse pelo toque dele tanto quanto ele ansiava pelo dela.

— Concentre-se no meu bem-estar espiritual, minha querida —

disse, baixinho —, e eu pensarei naquela porta fechada do quarto que nos separara. — A voz dele ficou mais rouca. — Certifique-se de que ela esteja trancada — acrescentou. — Pois virei bater nela até que esteja aberta para mim.

Capítulo Dezesseis

A estranha história da princesa e do ardente conde de S. continua a surpreender. Leitores deste jornal devem se lembrar de seu matrimônio precipitado. Agora, parece que a nova condessa não hesitou em demonstrar a mesma precipitação em abandonar o marido de apenas uma semana. Pelo que soubemos, a condessa seguiu sozinha para a sua lua de mel à beira-mar, com o conde no seu encalço. Talvez a condessa tenha, mais uma vez, se decepcionado com o talento para o amor dos ingleses, e decidido ir à procura de um amante estrangeiro. Vamos torcer para que a revigorante brisa do mar contribua para a destreza do conde e satisfaça a sua dama…

The Gentlemen's Athenian Mercury, 6 de julho de 1816

— Bobagens escandalosas — Alistair Cantrell disse, com irritação, descartando o jornal com um suspiro zangado e olhando com desagrado para o seu prato de ovos frios.

Definitivamente não estava se sentindo no seu normal naquela manhã. Do outro lado da mesa estava a causa de seu mau humor, a srta. Penelope Standish, reluzindo com boa disposição, alegre como o dia e comendo tão bem quanto um cavalo no pasto. Era evidente que havia dormido bem. Ela não havia passado a noite inteira acordada pensando *nele.*

Haviam alcançado Alresford bem tarde, apertas para descobrir que a feira em Winchester, ali perto, havia levado a uma onda de visitantes ocupando todos os melhores quartos das estalagens. Com

tempo, conseguiram encontrar vaga na menor e mais maltrapilha das tavernas. Pen e a criada ficaram com a última câmara, é claro, Alistair insistira, e ele passara a noite em um banco de madeira no salão. É claro que sequer pregara o olho, torturado pelo cheiro de fumaça e cinzas que vinha da lareira e o pensamento de Pen dormindo tranqüilamente acima de sua cabeça.

— Juro que, desta vez, não fui eu — Pen afirmou, mordendo a sua terceira torrada. Ela olhou para Alistair e franziu ligeiramente a testa. — Está se sentindo bem esta manhã, sr. Cantrell? Não está com uma cara muito boa.

Alistair olhou para ela e sua expressão se suavizou um pouco. Não era culpa da srta. Standish ter um irmão delinquente, nem uma irmã que tinha a falta de consideração de herdar uma propriedade em Dorset, em vez de em uma região mais acessível, como Kent ou Essex.

— Acha que alcançaremos Salterton hoje? — Pen indagou, esperançosa.

Alistair sacudiu a cabeça.

— É pouco provável, srta. Standish. As estradas estão cheias e teremos de viajar com relativa lentidão. Tenho esperanças de que possamos passar a noite em Three Legged Cross hoje e completar a viagem até Salterton amanhã de manhã.

— Gostaria de saber onde Freddie está — Pen disse. Evidentemente, a preocupação com o irmão não havia-lhe afetado o apetite. — Espero que não tenha se perdido na estrada. Ele tem um péssimo senso de direção.

— Estou certo de que ele conseguiu encontrar o caminho até algum tipo de estalagem.

Pen franziu a boca rosada e perfeita.

— Ah, meu Deus, sr. Cantrell, quanta frieza! Jamais teria esperado isso do senhor. Sempre achei que tivesse tão boa índole.

Alistair corou.

— Peço que me desculpe, srta. Standish.

— Não tem de quê — Pen disse, sorrindo deliciosamente. — Não há nada de errado em um homem ter emoções fortes. Eu mesma tenho uma natureza passional.

Alistair quase se engasgou. Tinha de dar um fim nisso. Pensar na natureza passional da srta. Standish o levaria á loucura no interior da carruagem fechada.

— Minhas paixões principais na vida são a leitura e um pouquinho de jardinagem — disse, repressivamente.

Pen lançou-lhe um olhar transparente com os olhos muito azuis.

— Ora, ora, sr. Cantrell, isso parece ser tão sedentário. Estou surpresa que consiga se manter em tão boa forma. A anatomia de uma pessoa pode sofrer com tamanha falta de exercício.

Uma certa parte de Alistair se manifestou ante a idéia do exercício que gostaria de praticar na companhia da srta. Standish. Ele mexeu-se no assento e ajeitou o guardanapo sobre o colo.

— Srta. Standish… — Pigarreou. A jovenzinha atrevida não podia o estar provocando, podia? — Agradeceria se pudesse estar pronta para partir em breve.

— É claro, sr. Cantrell — Pen respondeu e ficou de pé. — Estarei pronta logo, e, então, poderemos discutir nossas paixões mútuas no caminho para Salterton. Que maneira adorável de passar o tempo da viagem.

Tendo dito isso, ela abandonou o salão, deixando Alistair para trás, ajeitando novamente o guardanapo, ao contemplar aonde suas paixões mútuas poderiam levá-los.

Sem que Pen e Alistair soubessem, Freddie Standish estava a menos de oito quilômetros dali, dormindo enrolado no seu casaco, no chão do bar do Maiden's Arms. Viajara de carruagem até Winchester, onde se deparara com o problema de não haver acomodações na estalagem. Freddie o solucionara ficando tão bêbado que poderia ter dormido em uma moita sem notar. E, como alguém lhe batera a

carteira enquanto estava em um torpor embriagado, ele agora levaria um bocado de tempo para alcançar Salterton.

Isabella acordou cedo na segunda manhã em seu novo lar. No dia anterior estivera tão cansada da viagem que mal se mexera, contudo, agora, estava descansada e ansiosa para explorar.

O quarto, que fora de lady Jane, dava vista para o sul, na direção do mar, e estava começando a se preencher com luz do sol, que se refletia na água. Isabella desceu da cama e cruzou até a janela, abrindo o batente e deixando entrar o ar puro e salgado. Lembranças se apossaram dela. Podia ver o agrupamento de chalés pintados de branco da antiga aldeia de pesca no pé da colina, à sua esquerda, e as elegantes construções mais novas ao longo da esplanada. Na barriga, sentiu o mesmo frio de ansiedade que sentira ao visitar a região quando criança.

Mas também havia outras lembranças: a curva na enorme escadaria onde ela e Pen espiavam por detrás do corrimão para ver os visitantes chegando no hall de entrada abaixo, o antigo quarto das crianças com seu cheiro de poeira e cera, a casa de hóspedes prestes a cair no fim do jardim, onde ela conhecera Marcus…

E, em tudo quanto era lugar, as pinturas de India, ou os pequeninos animais de vidro que ela colecionava, ou algum livro na estante com o seu nome escrito em seu interior com a letra de uma criança… Para Isabella, Salterton Hall era assombrado e, ao postar-se ao lado da janela e observar a alvorada se apossando da baía, deu-se conta de como seria difícil espantar tais fantasmas. Mesmo que não soubesse o quanto Marcus amara India, retornar a Salterton teria sido difícil. Agora, parecia que estava em areia movediça.

Subitamente, impaciente consigo mesma, Isabella vestiu-se casualmente e desceu as escadarias vazias. Precisava dar um mergulho para clarear a mente e afogar tais lembranças.

A casa já estava em atividade, funcionando com a precisão

tranqüila característica de todas as casas bem administradas. Haviam enviado uma mensagem de Winchester para anunciar a sua chegada iminente, e Isabella ficou feliz de encontrar Salterton Hall na mais perfeita ordem quando a carruagem parou diante da casa. Tal calma e eficiência era sinal de uma equipe de funcionários bem administrada. Tudo indicava que Marcus vinha levando muito a sério seu dever de guardião desde a morte de lady Jane. Mais indicativo ainda foi o fato de que *ela* fora recebida pelos funcionários com cordialidade e cortesia, contudo Marcus fora recebido com afeição. Isabella ficara impressionada. Não que estivesse preparada para dizer isso para Marcus. Ainda não.

Ela tomou a trilha que atravessava os jardins até a pista coberta de areia que conectava Salterton Hall à aldeia. A manhã estava tranqüila, com exceção dos ruídos dos pássaros vindos da baía, e no ar havia o perfume ensaboado de tojo. No porto, um par de barcos de pesca cruzava a baía, deixando um rastro em forma de flecha sobre a água parada. Uma cabina para tomar banho pintada de branco ficava na beirada da areia, um pônei robusto postado pacientemente entre as hastes. Diante da casa sob rodas, estava sentada uma mulher enorme, pacientemente desembaraçando uma rede de pesca.

Isabella deteve-se e sorriu. De repente, sentiu-se como se tivesse doze anos de idade novamente, uma criança correndo pela praia para cumprimentar sua mergulhadora favorita.

— Martha! Martha Otter!

A mulher enorme ergueu a cabeça e um sorriso largo brotou no seu rosto.

— Bom dia, cordeirinha. Soubemos que havia voltado.

— Como está, Martha? — Isabella perguntou.

— A mesma coisa — Martha Otter respondeu, tranqüilamente, o que fez Isabella se perguntar como era possível alguém estar igual após doze anos. — Você cresceu — a sra. Otter acrescentou.

— Por fora, pelo menos — Isabella disse, com um ligeiro suspiro.

— Gostaria de tomar um banho, Martha. Será que pode me levar?

Martha ficou de pé com dificuldade.

— Será um prazer, minha querida. Deve estar louca de pedra para querer sair tão cedo. Por outro lado, um bom banho de mar jamais fez mal a alguém. Também, nunca curou ninguém, independente do que os médicos possam dizer — ela acrescentou, pensativamente.

Isabella subiu na cabina de banho, enquanto Martha dobrava as saias e conduzia o pônei até a água. A areia inclinava-se ligeiramente ali, o que tornava a praia perfeita para se nadar.

— Pois espero que o tratamento das águas possa banir a minha tristeza — Isabella disse. — Não estou me sentindo no meu normal esta manhã, o que não faz sentido em um dia lindo como este.

Martha lançou um olhar por sobre o ombro largo.

— Ah, Salterton vai lhe fazer bem, minha querida. O que a está incomodando? Não é aquele seu marido novo, é? Não tem com o que se preocupar, minha querida. Soubemos que ele a adora. Sempre adorou, sempre a adorará. Todos sabemos disso — ela acrescentou, usando o plural de realeza, Isabella suspeitou.

Isabella foi mergulhando os pés descalços na água, à medida que a cabina de banho ia afundando mais no mar.

— Quem dera fosse verdade — retrucou com tristeza. Martha deu um tapinha encorajador no lombo do pônei.

— Milady é milorde não passavam de crianças, mas todos sabíamos que seria para sempre. — Ela voltou-se para fitar Isabella por sobre o ombro. — O que deu errado, jovem Bella?

— Tudo quanto é tipo de coisa — Isabella disse, com um suspiro.

— Tudo voltou a ficar bem agora — a sra. Otter disse, a título de conforto.

Isabella suspirou novamente:

— Minha prima India…

— Ah — repetiu Martha Otter. — A pequena srta. India, que Deus a tenha.

Isabella ficou irritada por India ter a compaixão de Martha Otter, e depois sentiu-se egoísta por ser tão intolerante. De algum modo, não parecia ser justo. Como ela poderia competir com um fantasma? Os mortos eram intocáveis, e ela teria de viver à sombra de India, cometendo seus erros e sendo desfavoravelmente comparada à prima. Isso a irritava e ela se detestava pelos sentimentos caprichosos.

— India e eu jamais fomos muito chegadas — ela disse. — Eu não a conhecia muito bem.

— As duas tinham muito em comum — opinou a sra. Otter. — Milady apenas não sabia.

Isabella perguntou-se se Martha não estaria se referindo ao fato de as duas terem se casado com Marcus, um pensamento que ela não queria explorar; contudo, em seguida, a mergulhadora acrescentou

— Ele também lhe recusaram o pretendente.

Isabella franziu a testa. Era a primeira vez que ouvia falar em um pretendente para India. Sua prima sempre lhe parecera tão tímida para atrair um cavalheiro, e Isabella não se lembrava de uma ocasião em que alguém houvesse lhe dedicado nenhuma atenção especial.

— Quem recusou? — perguntou.

— Os pais dela, é claro. — Martha sacudiu a cabeça com tristeza. — Poderosos e orgulhosos, os Southern. Não era bom o suficiente para ela, disseram.

— Não me recordo de um pretendente — Isabella comentou. — Quem era ele?

— Não faço idéia — Martha disse, com indiferença. — Mas era um rapaz bonito. Tinha um sorriso malicioso. Era capaz de seduzir os pássaros a descer das árvores, e a srta. India com eles.

Isabella ficou calada, escutando o bater da água nas rodas da cabina e tentando se recordar daqueles últimos verões em Salterton, Ela e India tinham a mesma idade, contudo, como já dissera a Marcus, não compartilhavam confidencias. India era uma menina muito quieta e reservada. Isabella, mais extrovertida, tentara se aproximar da

prima, mas fora cordial, porém firmemente rejeitada.

— Que estranho — disse. — Não me recordo de nada disso. Pensei que quando ela se casou com Marcus… — Ela tropeçou um pouco no nome, assim como pisava em falso sempre que pensava em Marcus e India casados. — Pensei que houvesse sido uma união de amor. Seu primeiro amor, quer dizer.

A sra. Otter deixou escapar um som de discordância que muito parecia o de uma foca espirrando água.

— União por amor. É melhor perguntar sobre isso para o seu marido, jovem Bella.

Se ao menos eu ousasse, Isabella pensou. Ela havia visto um pouco da lealdade e paixão que India inspirava em Marcus e, embora se sentisse uma covarde, não se achava capaz de tocar no assunto com ele. Ainda não, se é que algum dia conseguiria. A tristeza retornou para assolá-la e ela sentiu-se impaciente consigo mesma.

— Já estamos fora de vista da praia daqui, Martha? — perguntou.

— Praticamente — a sra. Otter retrucou, detendo o cavalo.

— Sei o que está pensando, jovem Bella, porém apenas os cavalheiros podem nadar mais. E a tradição.

— Pois já está mais do que na hora de mudar isso — Isabella afirmou e, com um gesto rápido, arrancou o vestido, a blusa e mergulhou no mar.

Marcus também acordara cedo naquela manhã. Ele procurara se convencer de que não passara de coincidência o fato de ter despertado no exato instante em que Isabella deixara o seu quarto e seguira para os jardins, mas sabia que era mais do que simples acaso. Sentia tanto a presença dela que seu corpo parecia estar em sincronia com o dela, embora a dama houvesse trancado a porta que ligava os quartos deles. Sardonicamente refletiu que alguns dias deitado na cama, imaginando-a ali perto, macia, perfumada e completamente fora de seu alcance, seriam o suficiente para fazer com que ele derrubasse a

porta a machadadas, e para o inferno com suas promessas de celibato.

Ele observou da janela quando ela seguiu para a pista de areia que cortava os jardins na direção da praia. A visão da casa de hóspedes dilapidada onde haviam conduzido seus encontros amorosos despertara suas lembranças mais exaltadas, e nada contribuíra para lhe acalmar o ardor. Sem dúvida, seria necessário alguma extenuante atividade física. Ele desceu até os estábulos, selou Aquiles e tomou a pista que levava para longe da praia, para o topo do despenhadeiro. Dali, ele teria uma vista magnífica da curva da baía e da aldeia de Salterton à sua margem. Também teve uma visão magnífica da esposa, boiando nua no gentil sobe e desce das águas.

Sob a luz crescente, ela parecia não ter substância e ser leve como uma folha sobre o oscilar tranqüilo do mar. Seus cabelos se espalhavam como as mechas de uma sereia sobre a água, com reflexos dourados provocados pela lua que se punha. A luz clara da manhã envolvia-lhe o corpo com um manto prateado e o transformava em fumaça e sombras.

Os lábios de Marcus ensaiaram um assovio silencioso de apreciação. Sua mão estendeu-se para a luneta que sempre trazia no bolso do paletó, porém ele se deteve. Parecia um tanto lascivo espionar a própria esposa daquele jeito. Mas que típico que fosse ela a única pessoa em Salterton a prestar tão pouca atenção às convenções a ponto de nadar nua no mar de manhã cedo, e, ainda por cima, em uma manhã de domingo. Não havia nenhum tipo de entretenimento público em Salterton aos domingos, pois era um recanto de férias por demais exclusivo para afundar até os níveis de depravação de Brighton e Margate. Isabella, contudo, estava compensando isso magnificamente. Ele já conseguia ver uma multidão se aglomerando na esplanada.

Marcus a observou. Ela parecia uma ninfa d'água, pálida e perfeita, a pele um mármore branco sob a alvorada. Os olhos dele traçaram o contorno vulnerável de seus ombros, os seios

deliciosamente altos e arredondados, a cintura uma curva que tentava a mão de qualquer homem com a necessidade de deslizar sobre os quadris e seguir ainda mais adiante, até a extensão das pernas compridas e esbeltas…

O cavalo se mexeu em sinal de protesto, quando Marcus inconscientemente puxou as rédeas. O sorriso se prolongou no rosto dele quando fez o animal avançar pela trilha estreita que descia até a praia. Mais algumas pessoas se reuniam na esplanada. Todas olhando para o mar.

Marcus não ficou apenas olhando. Avançou com o cavalo para dentro d'água.

Ele chegou a poucos metros de Isabella e a água já estava no peito de Aquiles quando ela virou-se e olhou para ele. Apenas a sua cabeça estava visível acima da água.

— Bom dia, Stockhaven — disse. — Será que não sabe que há multas para os cavalheiros que invadem a privacidade das damas quando estão se banhando?

— Elas só se aplicam para quem está de barco, não a cavalo — Marcus retrucou. — Além do mais, não há um cavalheiro em toda Salterton que não pagaria de bom grado tal preço para vê-la desse jeito, meu amor.

— Não imagino por quê — Isabella afirmou. — Estou decentemente vestida.

Marcus piscou os olhos. Depois, olhou com atenção. Isabella estava agora boiando de costas, assim como quando ele a vira antes, porém havia uma vasta diferença. Do pescoço até os pés, estava usando um traje de banho azul, que boiava modestamente sobre o leve oscilar da água.

— Mas eu a vi… — Ele se interrompeu. — Você estava nua. Isabella ergueu uma sobrancelha, indignada.

— Esteve me *espionando,* Stockhaven?

— Não… Mas eu… — Marcus se deu conta de que estava

gaguejando como um colegial no início da adolescência. Decerto seus olhos não o enganaram? Franziu a testa, incapaz de livrar-se do pensamento vergonhoso de que talvez tivesse imaginado Isabella como teria gostado de vê-la, em vez de como ela de fato estivera.

— Você *estava* nua — esbravejou. — Eu a vi!

— É manhã de domingo — Isabella disse, calmamente. — Esse seu interesse no físico parece um tanto inapropriado. Talvez, como discutimos há alguns dias, deva se concentrar no seu bem-estar espiritual, Stockhaven, em vez de ter fantasias lascivas com sua esposa.

A porta da cabina de banho se abriu subitamente. Aquiles espantou-se, quase derrubando Marcus na água. Marcus, que não se dera conta de que Isabella estava acompanhada de uma mergulhadora, olhou para cima, surpreso. Uma mulher enorme usando um chapéu de palha e um casaco de flanela azul estava agitando o que parecia ser uma rede de pesca na direção dele. Parte da responsabilidade dela em ajudar as damas a se banharem era desencorajar as atenções mais impertinentes dos cavalheiros, e ela estava se dedicando a essa tarefa de coração.

— Indecência paga no dia de descanso! — ela gritou, investindo contra Marcus tanto com a rede quanto com o cheiro forte de gim. — Volte para a praia, cavalheiro, e preserve a modéstia da dama.

— Minha boa senhora — Marcus disse, rindo —, a dama é minha esposa e eu estou considerando seriamente me juntar a ela na água.

— Ah, não está, não, meu senhor. Não há banho misto em Salterton.

A mergulhadora estalou os dedos sugestivamente, saltou para a água e parecia pronta a desencorajá-lo com mãos do tamanho de um porco. Marcus rapidamente recuou alguns metros, antes que o cavalo se assustasse de vez e os dois acabassem se afogando.

— Obrigada, Martha — Isabella disse. Apenas a cabeça estava acima da água agora, os cachos úmidos colados na testa e boiando na

água fazendo-a parecer Circe, a feiticeira. — Meu marido já estava indo embora.

Martha plantou as mãos nos quadris.

— Pois acho que seu marido deveria aprender a respeitar um pouco mais a esposa.

Marcus ergueu a sobrancelha. Ele alternou o olhar entre Isabella e a figura protetora de Martha Otter.

— Peço desculpas — disse, lentamente. — Eu pensei que…

Ele se interrompeu. Este não era um momento oportuno para familiarizar a mergulhadora com suas fantasias. Isabella o estava observando, e ele podia jurar que havia um brilho divertido em seus olhos ao ver o seu desconforto.

Martha não parecia apaziguada. Continuou a observá-lo com desconfiança quando ele virou Aquiles e voltou para a beira da praia.

Seu marido deveria aprender a respeitar um pouco mais a esposa…

A boca de Marcus retorceu-se para baixo. No momento, aquela era uma lição que ele vinha aprendendo com muita freqüência.

Ele alcançou a margem para descobrir que a cabina de banho estava situada de tal modo que Isabella não podia ser vista de terra, e que na verdade a multidão reunida estava olhando para o alto-mar, onde a visão de velas indicava que um navio estava se aproximando. Ele causara mais indignação entrando na água com o cavalo do que Isabella o fizera nadando. Que idéia maluca tivera que ela estava se exibindo nua diante da população local! Era extraordinário, mas ele devia ter imaginado coisas. Mais prova, se é que precisava de mais, de que a esposa o estava deixando completamente abobalhado.

Marcus riu com tristeza e seguiu para terra seca com o aliviado Aquiles. Deu-se conta de que era um marido possessivo. Era uma idéia surpreendente, pois, durante seu casamento com India, jamais tivera uma emoção mais forte do que um prazer suave na companhia da esposa. Por outro lado, casara-se com a prima errada, e sempre soubera disso.

Casara-se com a prima errada, contudo, agora, tinha a oportunidade de se redimir com a certa. Sua requesta da esposa, independente do quanto demorasse, terminaria em um respeito mútuo que se compararia à paixão que ardia entre os dois. Disso, tinha certeza.

Capítulo Dezessete

— Sir Stanley e lady Jensen, lady Marr, sr. e sra. Latimer, sra. Bulstrode, sr. e sra. Spence…

Isabella estava recitando nervosamente os nomes de todos os cidadãos eminentes de Salterton de que conseguia se lembrar, enquanto ela e Marcus subiam na carruagem para a primeira noite deles na Assembléia de Salterton.

— Será que a srta. Parry ainda está lá, e tinha também o capitão Walters…

A mão de Marcus se fechou com firmeza, tranquilizadora, ao redor da dela quando ela começou a mexer na costura da capa.

— Bella, você está começando a parecer uma lista de chamada a bordo de um navio — ele disse. — Eu lhe garanto que tudo dará certo. Você está linda e encantadora, e se lembrar o nome de todos, eles apenas verão nisso um benefício adicional.

— Ah, meu Deus — Isabella disse, subitamente sentindo-se tremendamente nervosa. — Tenho a sensação preocupante de que hoje será o dia em que a profecia de Pen virará realidade.

— Que profecia?

— Que eu não poderia me estabelecer tranqüilamente em qualquer cidade, muito menos Salterton. — Isabella mordeu o lábio inferior. — Ela me considera por demais escandalosa.

— A julgar pelo espetáculo de ontem, ela tem razão.

— Não sei do que está falando — Isabella afirmou. — Se está se

referindo ao meu banho, posso lhe garantir que foi perfeitamente respeitável.

Marcus virou-se para fitá-la.

— Bella, eu sei que você estava nadando nua — disse. — Eu a vi.

Isabella reprimiu um sorriso. Aquela havia sido uma das peças mais deliciosas que poderia pregar em Marcus. Ele passara a maior parte do dia anterior olhando de soslaio para ela, como se não pudesse acreditar que cometera tal engano.

Além do mais, havia algo muito satisfatório em provocar Marcus daquele jeito. Sua aparição súbita ao lado da cabina de banho na manhã anterior a havia, ao mesmo tempo, surpreendido e perturbado. Depois que ele partira, ela não perdera tempo em sair da água e se vestir. A única outra alternativa teria sido puxá-lo de cima de Aquiles e para dentro da água, ao seu lado, e sabia que Martha Otter não teria aprovado nem um pouco o banho misto, especialmente do tipo que Isabella tinha em mente. Sua mente lhe dizia para manter distância de Marcus, contudo o corpo caprichoso sussurrava algo muito diferente.

— Eu a vi — Marcus repetiu e sorriu. — Eu a vi toda. Foi muito excitante.

A temperatura no interior da carruagem já estava alta, pois era uma noite úmida. Agora, Isabella estava se sentindo muito mais quente e suada. O ar que os separava parecia em chamas.

— Estava pensando — Marcus prosseguiu. — Como parte de nosso acordo… você poderia vir nadar comigo?

A cabeça de Isabella se encheu de imagens tentadoras. A água escorrendo pelo corpo de Marcus, o toque límpido e refrescante sobre sua pele e a nudez de Marcus de encontro à sua, a areia quente sob seus pés e o sol às suas costas…

Ela mexeu-se pouco à vontade sobre o assento da carruagem, sentindo a tensão ardente na boca do estômago. Negara sua cama a Marcus e, agora, estava fazendo de tudo para mudar de idéia e seduzi-lo novamente. E, para o inferno, ela queria ser seduzida. Já.

Após apenas três dias. Talvez fosse a lembrança do romance do passado. Ou talvez fosse que, tendo provado o prazer que podiam dar um ao outro, ela agora travava uma batalha perdida para tentar negá-lo.

Os dedos de Marcus, compridos e fortes, estavam entrelaçados aos dela. Nas sombras do verão, seus olhos estavam cheios de desejo sombrio. Ele inclinou-se para frente.

— Bella…

A carruagem se deteve com um solavanco.

— Um tremendo inconveniente não ser uma viagem mais longa — Marcus disse, soltando-a e deixando primeiro a carruagem para ajudá-la a descer os degraus do veículo e acompanhá-la através da porta, até o salão iluminado.

The Salterton Assembly Rooms era recém-construída e adjacente à biblioteca na esplanada larga. Esta noite estava excepcionalmente cheia. Isabella mal viu o mestre de cerimônias adiantar-se com a mão estendida para cumprimentá-los. E, em seguida, uma mulher idosa, aproximou-se correndo e, para a surpresa de Isabella, a abraçou com vontade.

— Minha querida! Posso ser a primeira a dizer que é um prazer vê-ia novamente em Salterton. Ouvi falar que estava de volta, mas não pude acreditar! —: Ela beijou a face de Isabella, segurando-a pelos braços. — Ah, eu me lembro quando você era uma menininha! Que criança adorável! Você sabe que eu era uma grande amiga de sua tia.

— Como está, cara senhora? — Isabella perguntou, libertando-se das mãos da mulher.

Não fazia idéia de quem era a dama e lançou um olhar suplicante para Marcus, mas ele apenas deu de ombros, antes de ser arrastado para ser apresentado a outra pessoa. Isabella teve dúvidas se os dois voltariam a se ver antes do final da noite.

A desconhecida ainda estava tagarelando como se as duas fossem

as melhores amigas do mundo. Felizmente, os anos de Isabella como a consorte de um príncipe a deixaram adepta em dar a impressão de conhecer muitas pessoas, mesmo quando não fazia idéia de quem eram.

— Já faz mesmo um bocado de tempo que não nos vemos. — Ela sorriu para a dama. — Como está a sua família, madame?

A mulher mais velha abriu um sorriso.

— Ah, o sr. Goring está muito bem, obrigada. Ele não está aqui esta noite. Ele vive à mercê de seu reumatismo, sabe? E a querida Cecília casou-se no ano passado e foi morar perto de Oxford. A megera.

Seguiu-se uma pausa, enquanto a sra. Goring enxugava uma lágrima dos olhos. Isabella correu um risco calculado.

— Cecília é sua única filha, não é, madame? E deve ter sido duro para a senhora vê-la mudar-se para tão longe.

A sra. Goring assentiu vigorosamente.

— Que memória esplêndida a senhora tem, princesa Isabella! Isso mesmo, Cecília é minha cordeirinha longe de casa. Mas o sr. Monkton, o marido de Cecília, ganha cinco mil por ano, sabe, e mantém uma casa e uma carruagem na cidade. Ela o conheceu aqui, quando ele veio em busca do tratamento das águas. — A sra. Goring suspirou: — Pobre homem. Como sofre com a bílis.

Isabella sentia mais pena da ausente Cecília do que do marido. Por outro lado, sabia pela sua extensa experiência da sociedade que uma jovem podia tolerar um pouco de bílis em troca de cinco mil libras por ano.

— Será maravilhoso ter uma castelã de Salterton Hall que demonstre um interesse pelo local — a sra. Goring continuou. — A pobre lady Jane estava debilitada nos seus últimos anos, e aquele genro dela, Stockhaven, mal colocava os pés no lugar. Salterton Cottage estava tão negligenciado que não foi surpresa alguém ter querido queimar a coisa toda! A casa chegava a ser dolorosa de se ver!

Quanta irresponsabilidade. — Ela se interrompeu e ergueu os óculos. — Eu juro que parece ser Stockhaven ali! Ninguém me disse que ele havia retornado a Salterton! Que extraordinário que eu não tivesse sabido de tal novidade!

— Lorde Stockhaven retornou ainda esta semana, madame — Isabella informou, retorcendo os lábios, ao notar que Marcus escutara as referências pouco lisonjeiras ao seu caráter. — Na realidade, retornamos ao mesmo tempo. Lorde Stockhaven e eu nos casamos recentemente.

Os óculos da sra. Goring lentamente se voltaram na direção de Isabella, dando-lhe uma apavorante visão de olhos aumentados.

— Ora — ela disse. — Aí está uma senhora novidade! Não que eu não esteja feliz pela senhora, princesa Isabella, mas me pergunto se não poderia ter arrumado algo melhor. Quem sabe um duque, em vez de um simples conde? Talvez até um nobre de estatura real, caso haja algum livre?

— Eu lhe garanto que não almejo nada tão ilustre, madame — Isabella disse, agora sorrindo abertamente. — Tudo que desejo agora é morar com toda tranqüilidade em Salterton, na casa que eu adoro desde que era criança.

— Muito louvável — a sra. Goring concordou, dando a impressão de estar satisfeita. Seu olhar, mais uma vez, se voltou para Marcus, e ele ergueu a cabeça e fitou Isabella com um olhar intrigado. A sra. Goring ergueu um pouco a voz: — E quem sabe a senhora não consegue passar um pouco do seu senso de responsabilidade para o seu marido, princesa? Se ele vier a gostar de Salterton tanto quanto a senhora, talvez nos orgulhemos de tê-lo como residente.

Tendo dito isso, ela lançou um sorriso caloroso para Isabella, em contraste, assentiu com frieza para Marcus e pediu licença, afastando-se para ir sussurrar as novidades no ouvido da dama mais próxima.

O próximo na fila a vir falar com Isabella foi uma amiga da sra. Goring, a viúva Bulstrode, acompanhada da filha, Lavinia. A sra.

Bulstrode era uma mãe ansiosa, sobrevivendo da pensão do marido e louca para ver a filha casada, ainda mais agora que Cecilia Goring havia fisgado um marido. Ela era agitada como uma mosca ao redor de uma vela. Em contraste, Lavinia Bulstrode era uma moça calma e bem-humorada, usando um vestido com babados demais. Conversaram trivialidades por algum tempo: o clima, o desenvolvimento de Salterton como um retiro de férias, a temporada e as modas de Londres. Lavina já tivera uma temporada.

— Mas ela não *aproveitou*, princesa Isabella — a sra. Bulstrode lamentou, como se estivesse se queixando de uma flor que se recusa a desabrochar. — Comparecemos a todos os bailes e festas, tínhamos entradas para o Almacks, lady Etherington nos amadrinhou! Não imagino o que possa ter dado errado.

Vendo o vestido de renda cor-de-rosa no qual a infeliz Lavinia estava enfiada, Isabella pôde ver exatamente o que dera errado. Somado à natureza prática e simples da srta. Bulstrode, seu estilo de vestir teria espantado qualquer um que não o mais devotado dos pretendentes.

Quando a sra. Bulstrode se viu momentaneamente distraída, Lavinia inclinou-se para frente e sussurrou para Isabella:

— Não dê ouvidos à mamãe, princesa Isabella! Eu ficaria muito feliz se jamais *aproveitasse*, pois só conheci janotas tolos e caçadores de fortuna. Alem do mais… — ela olhou depreciativamente para o vestido cor-de-rosa — …enquanto mamãe insistir em me vestir como um pudim de Natal, o que ela pode esperar? — Ela lançou um olhar para Isabella, em parte cômico, em parte desesperado. —O que madame faria?

— Eu o atacaria com uma tesoura — Isabella disse, com franqueza. — É um vestido elegante debaixo de toda essa decoração. Lavinia deu uma risadinha.

— Ah, acha mesmo que eu devo? Que idéia maravilhosa!

Isabella pôde ver a sra. Bulstrode encerrando a sua conversa e

apressou-se em acrescentar:

— Confie em mim, querida Lavinia. Acho que sei de um jeito para fazer sua mãe mudar de idéia quanto ao seu conceito de moda.

Lavinia lançou-lhe um olhar rápido e brilhante, e a sra. Bulstrode voltou a se juntar a elas. Isabella não perdeu tempo:

— A srta. Bulstrode e eu estávamos discutindo as modas de Londres, madame — disse. — Eu estava lhe dizendo que ela ficaria absolutamente linda no *novo* estilo de vestido que foi descoberto semana passada. É um modelo muito simples. Tenho alguns modelos comigo. Talvez eu possa compartilhá-los com madame.

A sra. Bulstrode parecia desconfiada.

— Simples?

— Elegantes — Isabella disse. — Nem toda dama será capaz de causar uma boa impressão com tal estilo, porém acho que a srta. Bulstrode tem o porte para isso.

— Parece esplêndido — Lavinia comentou, aproveitando a deixa com tamanha perícia que Isabella pensou que ela daria uma boa atriz. — Estar à frente da moda será maravilhoso.

A expressão da sra. Bulstrode se suavizou ao fitar o rosto ansioso da filha.

— Muito bem, Lavinia — disse, asperamente. — Eu mesma confesso uma certa preferência por adornos, contudo, talvez, em uma jovem…

— Obrigada — Lavinia sussurrou para Isabella, quando elas se despediram.

Havia vários cavalheiros rondando-a. Isabella os avaliou com a prática de anos de experiência. O honorável sr. Digby era o jovem rebento de uma família nobre e muito consciente de sua posição no pequeno mundo da sociedade de Salterton. Ele não parecia muito satisfeito de ser ofuscado pela presença de um conde e de uma princesa, mesmo que estrangeira. O sr. Casson era um desavergonhado caçador de fortunas, cuja franqueza no tocante à

questão o tornava muito mais atraente do que se fingisse que não estava à procura de uma mulher rica. Ele solicitou a Isabella que convidasse suas amigas para Salterton.

— Se pudesse me dar o prazer de conhecer uma simples herdeira, princesa Isabella, eu seria seu devoto seguidor pelo resto da vida! Herdeiras são muito difíceis de encontrar.

— E de casar — Isabella acrescentou, com secura.

— Quem sabe a princesa não tenha uma irmã?

— Tenho, mas ela não tem dinheiro.

O sr. Casson parecia muito decepcionado.

No salão havia janotas, farristas, homens em ascensão, oficiais reformados, viúvos ricos, viúvos pobres, debutantes, esposas… Era como uma Londres em miniatura. Isabella conversou e sorriu, fez perguntas e dançou com alguns cavalheiros de sorte, e, durante todo o tempo, não tirou os olhos de Marcus, do outro lado do salão. Ele não pedira a primeira dança, o que a entristecera um pouco. Um jovem afobado o estava alugando, aparentemente tentando persuadi-lo de algo.

Ela não participou da próxima dança, sentando-se ao lado de um velho capitão da marinha que, em vez de entediá-la com suas histórias de aventuras marítimas, lhe disse que a jardinagem era agora a sua paixão e perguntou a opinião dela sobre uma nova família de rosas que estava sendo desenvolvida por um horticultor da região. Ainda assim, Marcus não veio procurá-la, e Isabella foi forçada a se lembrar de que fora ela a exigir um casamento apenas no nome. Ela estava fazendo o seu dever ali na Assembléia, ambos estavam. Haviam aparecido em público juntos, depois cada um seguira o seu caminho durante a noite. Era o esperado. Era o que a elite fazia. E a estava deixando infeliz.

— Seu criado, lady Stockhaven.

Um cavalheiro estava se curvando diante dela, solicitando o prazer da próxima dança. Ela o reconheceu como sendo o sr. Owen, um dos

visitantes de verão que a sra. Bulstrode lhe havia apresentado anteriormente. Marcus ainda estava envolvido nas suas conversas, e dançar parecia ser a última coisa a lhe passar pela cabeça.

Isabella sorriu para o recém-chegado e lhe estendeu a mão.

— Obrigada, cavalheiro. Terei o maior prazer em acompanhá-lo na próxima dança.

Eles assumiram sua posição na pista, ela se viu perguntando a si mesma como é que o sr. Owen era capaz de dançar. Obviamente estava em Salterton para o tratamento das águas, pois sua pele tinha um tom de cera que sugeria que estava longe de estar bem. Seus olhos acinzentados eram sem vida e sem expressão, e ele mancava perceptivelmente. Ela imaginava que ele deveria ser um pouquinho mais velho do que ela, no entanto parecia que não chegaria à velhice. Cheirava a naftalina e a cordial, e havia algo nele que a fazia estremecer. Nada a ver com a sua doença, mas algo muito mais desagradável. Pior, havia algo ligeira e perturbadoramente familiar nele. Isabella arrependeu-se de ter aceitado dançar com ele.

— Está gostando das águas do mar, cavalheiro? — ela perguntou, mais para puxar conversa do que por interesse.

O sr. Owen assentiu:

— Sofro de reumatismo, lady Stockhaven, assim como de uma dor crônica e de um pouco de bílis. A brisa do mar e os mergulhos freqüentes são as únicas curas.

Isabella lembrou-se de a tia ter dito certa vez que médicos e tratamentos das águas encorajavam as pessoas a acharem que estavam doentes.

— Sinto muito — ela disse.

O olhar vidrado do sr. Owen fixou-se nela. Ele sorriu ligeiramente.

— Devo confessar que tem uma aparência boa demais para este lugar, lady Stockhaven, mas estou certo de que logo pegará uma febre graças às brisas do mar.

— Quanta consideração, cavalheiro.

De esguelha, ela pôde ver que Marcus, enfim, estava tentando se desvencilhar do jovem afobado, e havia uma ligeira ruga em sua testa quando olhou para ela. Não havia nenhum outro homem de aparência tão saudável no salão. Isabella teve vontade de se atirar nos braços dele e levá-lo embora para comemorarem a sua rude saúde mútua e deixar para trás o cheiro de enfermaria, de tal modo que faria metade dos ocupantes de Salterton enfartar de indignação. Ela fitou Marcus nos olhos, e ele interrompeu a conversa, erguendo a sobrancelha, intrigado com o que quer que estivesse notando no rosto dela. Os lábios de Isabella se entreabriram ao fitá-lo. Sua respiração ficou presa na garganta. Seus olhares se encontraram com ferrenha atenção, e Marcus se concentrou nela de um modo que a fez estremecer. Era intenso, focado e completamente pessoal. Ali, na Assembléia de Salterton, toda a sua postura lhe dizia que ele queria possuí-la sem dó nem piedade. Marcus avançou em sua direção.

A música estava acabando. Isabella forçou-se a desviar de Marcus os pensamentos e o olhar, e a sorrir novamente para o insalubre sr. Owen.

— Obrigada pela dança, cavalheiro. Posso ajudá-lo até a cadeira? O senhor parece estar um pouco sem fôlego.

Owen assentiu, apoiando-se no braço dela.

— Peço desculpas por não poder acompanhá-la na costumeira volta pelo salão, lady Stockhaven.

— Por favor, não se preocupe com isso — Isabella disse, depositando-o em uma cadeira de encosto alto com certo alívio. Os cabelinhos de sua nuca estavam todos arrepiados. Ela sabia que Marcus estava por perto.

— Deve me dar licença, cavalheiro — disse. — Acredito ter prometido a próxima dança…

— Para mim — uma voz disse às suas costas. Marcus estendeu-lhe a mão e curvou-se ligeiramente. A expressão de seu olhar era apenas para ela e fez Isabella sentir-se fraca, embora ele ainda houvesse

conseguido executar uma mesura, enquanto seu olhar deixava claro o quanto a queria.

— Boa noite, Owen — ele disse, puxando Isabella para si.

Ela pousou uma das mãos no peito dele, sentindo-lhe o coração trovejar de encontro à palma da mão.

O sr. Owen deu um suspiro alto de inválido.

— Boa noite, Stockhaven. Espero que não esteja sofrendo de gota ou de nenhum ataque esta noite.

— Não — Marcus respondeu. Isabella pôde senti-lo tremer com a risada reprimida. — Obrigada, cavalheiro. Estou muito bem.

Ele voltou-se para Isabella, como se não agüentasse mais esperar.

— Venha, minha querida. Estou certo de que estamos os dois fortes o suficiente para uma valsa. Mas, depois, acho que deveríamos nos retirar, antes que nos cansemos muito.

Isabella não se dera conta de que era a valsa, e ficou um pouco surpresa de vê-la tocada ali, em meio à sociedade conservadora de Salterton. Apenas os mais ousados e em melhor forma da aldeia estavam tentando dançá-la. Os outros assistiam com um misto de inveja e reprovação, para ver quem tinha coragem de adentrar a pista de dança.

— Espero que esteja gostando da noite, Marcus — Isabella disse, tranqüilamente, quando tomaram seus lugares.

Ela não podia deixar de lhe sentir a presença, mas também voltava sua atenção para a multidão que os rodeava. De algum modo, teria de tentar chegar ao final da dança sem trair seus sentimentos em público.

— Para falar a verdade, achei a experiência deveras injuriosa — Marcus comentou, estremecendo.

Ele parecia estar tendo dificuldades para se concentrar em trivialidades.

— Fui repreendido por minha falta de orgulho cívico, considerado um sovina por ter me recusado a investir no píer, e escutei o ponto de vista da tal Goring de que não sou bom o bastante para a minha

esposa! Ao passo que você… — Ele virou-se para ela, olhando-a de alto a baixo. — Você foi festejada por todos. E notável que se lembre da sra. Goring após todos esses anos. Ela pareceu ficar muito satisfeita.

A boca de Isabella exibiu um ligeiro sorriso.

— Não fazia idéia de quem ela era quando me cumprimentou — a dama sussurrou. — Mas ela parecia tão feliz de me ver que achei que teria sido rude confessar que não me recordava de já tê-la visto mais gorda.

Marcus sorriu.

— Não deu para notar. Você é muito talentosa. E muito gentil. — Ele hesitou. — Soube que você doou livros e instrumentos musicais para a escola. Que escreveu para as pessoas quando sua tia lhe repassou notícias de nascimentos, casamentos e falecimentos. Você recebeu de braços abertos todos os visitantes que foram até Cassilis em suas viagens e usou sua influência para ajudar aqueles que, normalmente, não teriam conseguido obter trabalho, contatos ou educação. Você me surpreende, Isabella. Eu não fazia idéia.

Isabella sorriu por dentro. Gostava da idéia de poder surpreender Marcus. Ele fizera muitas suposições a seu respeito, e era bom poder abalá-las. Em breve, pretendia abalá-lo novamente. Mas, primeiro, havia uma valsa a ser dançada.

A música começou.

Isabella jamais havia dançado valsa com Marcus e foi uma experiência sublime. Mais do que isso, foi pecaminosa, sensual e sedutora. Podia sentir o calor da palma dele nas costas e o retesar da musculatura das coxas de encontro à seda do seu vestido. Sua mente estava anuviada, o corpo, repleto de um prazer devastador, e ela não resistiu à sensação. Não havia como negar, esta dança era perigosa. Deveria ser banida. Quanto aos votos de celibato, de se negar o prazer de fazer amor com o marido, bem… Era evidente que não estava pensando direito e a taça de vinho que consumira naquela noite

certamente ajudara a fazê-la enxergar a razão.

— Bella.

Marcus sussurrou de encontro ao ouvido dela, e Isabella estremeceu ao sentir a respiração do marido lhe roçar a pele.

— Hummm?

— Quem era aquele homem?

Isabella despertou do torpor sensual e tentou focalizar o rosto de Marcus.

— Que homem? — Ela pigarreou. — De quem está falando? Marcus riu.

— Você parece um pouco distraída. Não está prestando atenção, Bella?

— Não muito.

Isabella alisou-lhe a curvatura dos ombros com os dedos. Marcus lançou-lhe um olhar intrigado.

— Neste caso, no que estava pensando?

— Estava pensando em fazer amor com você.

Marcus errou o passo. Por um instante, Isabella se perguntou se ele não iria ficar chocado com sua declaração ousada. Contudo, foi então que viu a mistura de divertimento e desejo primordial nos seus olhos.

— De um modo geral ou específico?

A voz dele também passara a ser um sussurro rouco.

— Específico. Em cerca de cinco minutos — Isabella sussurrou também.

Fora longe demais. Marcus a soltou na mesma hora, apenas para segurar-lhe a mão e puxá-la para fora da pista de dança e na direção da porta. As despedidas pareceram levar uma eternidade. Precisaram lidar com as preocupações da sra. Bulstrode. A matrona estava convencida de que a partida repentina de Isabella tinha a ver com alguma indisposição súbita, o que não deixava de ser verdade, contudo não era a mesma condição que a sra. Bulstrode tinha em mente. Marcus livrara-se da mulher com a promessa de tomar conta

direitinho da esposa. Isabella agradeceu sumariamente o convite da sra. Goring para tomar chá. Tudo que queria era ficar sozinha com Marcus na intimidade do escuro e sentir as mãos do marido nela. Por fim, chegaram à carruagem, a porta foi fechada e ela se atirou nos braços dele com um ligeiro gemido de alívio, recebendo de bom grado a sua boca voraz na dela.

Ela entreabriu os lábios, tentando respirar, enquanto Marcus esmagava a boca sobre a dela, deslizando a língua profundamente para o seu interior. Suas mãos se emaranharam no cabelo dela. O beijo foi duro, porém sedutor, possuindo-a, contudo permitindo que sua língua dançasse com a dele, provocando e subjugando. Ela estava tão ansiosa é eloqüente quanto ele.

Marcus deslizou a mão para dentro do corpete do vestido dela, apossando-se de seu seio. Isabella aproximou-se mais, arqueando-se de encontro aos dedos exploradores. Sua mente estava obscurecida pelo desejo. Mais uma vez, recordou-se vagamente de que queria aguardar antes de se entregar novamente a Marcus, contudo, então, se deu conta de que o amava e para a sua mente confusa isso parecia ser o bastante.

Em pouquíssimo tempo, se viu nua da cintura para cima, de frente para Marcus, com as pernas afastadas sobre as coxas dele. As mãos de Marcus estavam apoiadas na sua cintura, e Isabella jogou a cabeça para trás, suspirando de prazer quando ele atacou-lhe os seios com a boca.

Marcus roçava gentilmente os dentes sobre o mamilo e o circulava com a língua, e ela… bem, ela estava se afogando de puro prazer, e queria que aquilo jamais acabasse.

A carruagem se deteve com um solavanco e Isabella quase caiu do colo de Marcus.

— Maldição — Marcus disse. — Realmente, precisamos dar um jeito de esta viagem durar mais no futuro.

Ele prontamente ajudou Isabella a arrumar de novo as roupas e lhe

ofereceu a mão, quando ela desceu da carruagem e sentiu as pernas bambearem. Ela queria que ele a tomasse nos braços e a carregasse lá para dentro, escadas acima, até o seu quarto de dormir. Contudo Marcus foi escrupulosamente cuidadoso. Sob a luz fraca das luminárias da carruagem ele virou-se para ela e falou bem baixinho:

— Bella, caso tenha mudado de idéia, eu a deixarei entrar agora. E preciso, ou jamais permitirei que durma sozinha.

Isabella agarrou-lhe o braço.

— Não quero que faça isso — disse, com urgência.

Não houve mais palavras. Marcus passou o braço ao redor da cintura dela e a conduziu escada acima até a porta da frente, puxando-a consigo para o hall de entrada. Uma risada excitada borbulhou na garganta de Isabella. Ela podia sentir a urgência nas mãos dele e o desejo ardente no seu toque. Em questão de instantes, estariam a salvo nos aposentos dela, poderiam arrancar as roupas um do outro, jogar-se no colchão macio, e possuir um ao outro com toda a paixão primordial que sentia se apossando dela…

Deteve-se, todo e qualquer pensamento de subir as escadas até a cama desaparecendo.

Uma quantidade de malas estava empilhada ao pé da escadaria, e da sala de estar vinha o som de vozes elevadas.

— Pen — Isabella disse, monotonamente. — E Freddie também, eu suspeito.

— Lorde Standish e a srta. Penelope Standish chegaram, meu senhor, milady — confirmou a governanta, chegando ao hall de entrada, — Assim como o sr. Cantrell.

Isabella trocou um olhar com Marcus e notou uma expressão de ligeira surpresa, assim como algo mais nos seus olhos, quase como se ele estivesse esperando aquilo. Ele a fitou e sacudiu a cabeça com incredulidade e uma feroz frustração.

Isabella mordeu o lábio inferior.

— Que inconveniente — disse.

— Meu senhor? — a governanta disse, com incerteza. — Deixei seus convidados na sala de estar.

— Obrigado, sra. Lawton — Marcus disse, lentamente.

Ele inspirou bem fundo, sorriu para Isabella e estendeu a mão.

— Venha, minha querida. Vamos ver o que nossos convidados inesperados têm a dizer.

Puderam escutar Pen repreendendo o irmão, quando a sra. Lawton abriu a porta para eles.

— Sinceramente, Freddie — Pen estava dizendo. — O que deu em você? Partir tão repentinamente e sem nem falar comigo!

— Tive vontade de dar um passeio até a praia — Isabella escutou Freddie dizer, defensivamente. — Sabe como é. Minha saúde.

— Mentira! — Pen acusou. — Você detesta o campo.

— É verdade! — Freddie retrucou. — Detesto o campo, mas não a praia, Penelope…

— Boa noite, crianças — Isabella disse, pacificamente, seguindo até o sofá para beijar Pen na face, enquanto Marcus cumprimentava Alistair. — Pudemos escutá-los desde o pátio! Que surpresa agradável ver os dois.

— Eu sinto muito, Bella. — Pen teve a decência de parecer ligeiramente constrangida. Ela deu a volta no sofá. — Boa noite, primo Marcus. — Ela virou-se. — Eu estava justamente dizendo para Freddie que ele não deveria sair por aí sem avisar as pessoas.

— Nós escutamos. — Isabella confirmou, notando que Marcus estava estudando o corpo magro de Freddie com uma curiosa expressão especulativa. — Pela conversa, eu suponho que não tenham vindo até aqui juntos.

— Na verdade, não — Pen respondeu, indignada. — Visto que Freddie não esperou para que eu o acompanhasse!

— Com todos os diabos — Freddie exclamou, corando. — Foi um impulso momentâneo, não sabe? Será que um homem não tem o direto de ser espontâneo?

Isabella voltou-se para Alistair Cantrell, que, como de costume, aguardava silenciosamente em um canto.

— Boa noite, sr. Cantrell — disse. — Peço desculpas pelo fato de ter sido forçado a tolerar meus irmãos difíceis e devo agradecer por ter acompanhado minha irmã em segurança até aqui.

— Foi um prazer, lady Stockhaven — Alistair apressou-se em dizer.

— Vejo que lhes ofereceram algo para comer — Isabella acrescentou, seu olhar pousando sobre os restos de uma bandeja de comida que parecia ter sido atacada por animais selvagens. — E que Pen já se serviu.

— Eu estava com fome — Pen disse, defensivamente. — Viajar abre o apetite.

Um silêncio desceu sobre o recinto. Isabella notou que Alistair estava observando Pen, com um sorriso no olhar. Isabella mentalmente ergueu as sobrancelhas. Pen e o sr. Cantrell? Ela notara o interesse mútuo dos dois em Londres, contudo, presumira que Alistair não passara de mais um dos pobres infelizes enfeitiçado pela beleza de Pen apenas para se ver desiludido com o seu pensamento independente. Contudo, talvez, desta vez, as coisas fossem diferentes.

— Vou tomar uma saideira — Marcus informou, tranqüilamente. — Alistair, Standish, será que querem me acompanhar?

Ele olhou para Freddie, e mais uma vez Isabella notou um antagonismo especulativo no seu olhar. Já havia pressentido antes a animosidade entre Freddie e Marcus, mas não sabia explicar o seu motivo.

Freddie mexeu-se no assento, pouco à vontade.

— Acho que, se me der licença, primeiro, quero dar uma palavrinha com minha irmã, Stockhaven.

— É claro — Marcus disse, cortesmente, gesticulando na direção da porta para Alistair. — Caso queira se juntar a pós, estaremos na biblioteca.

Ele olhou para Isabella com um sorriso nos lábios. A expressão era, ao mesmo tempo, um pedido de desculpas e uma promessa, e Isabella entendeu perfeitamente.

— Boa noite, meu amor — ele disse.

Isabella suspirou involuntariamente e, após a porta ter se fechado atrás do marido, voltou-se para os irmãos em pé de guerra.

— Deixe-me dizer-lhe, Pen — Freddie estava falando. — Cantrell não ficará tão interessado, agora que ele viu a virago que você é, partindo para cima de mim desse jeito. Nenhum homem gosta de uma megera!

Pen ficou vermelha.

— Não estou tentando atrair o sr. Cantrell, Freddie.

— Ainda bem! — o irmão a interrompeu, causticamente. — Nada desagrada mais um sujeito do que uma mulher arengueira!

— Freddie, Pen — Isabella interrompeu. — Se puderem parar com a discussão por apenas um instante e me dizer o que está acontecendo, eu ficarei grata.

— Nós interrompemos a sua lua de mel chegando sem sermos convidados, Bella? — Pen perguntou, catando algumas migalhas da bandeja de chá. — Se Marcus não está esperando vê-la novamente esta noite, sou levada a presumir que não. Este seu casamento está parecendo uma união meio tépida.

— Isso não é da sua conta — Isabella retrucou, com compostura, resistindo à tentação de dizer para Pen que, se ela não tivesse chegado em hora tão inconveniente, o casamento dela estaria pegando fogo. — Agora, o que é da *minha* conta é o motivo de vocês dois acharem que estava na hora de uma visita à praia. — Ela olhou interrogativamente para o irmão.

— Freddie?

Freddie mexeu-se pouco à vontade no mesmo lugar.

— Estava querendo um pouco de companhia e sentir a brisa do mar — ele murmurou. — A sociedade deixou a cidade, agora que a

temporada terminou. Sem você também, Bella, as coisas ficaram monótonas demais.

— Sinto-me lisonjeada — Isabella disse, com secura.

Pela expressão teimosa de Freddie pôde ver que, provavelmente, não arrancaria mais nenhuma informação dele, embora duvidasse que aquilo sequer se aproximasse da verdade, Ela podia ver a infelicidade e a teimosia de uma mula no rosto dele. Decidiu deixar para lá, por ora.

— E quanto a você, Pen? — Isabella perguntou.

— A culpa foi sua — a irmã respondeu. — Parece esquecer-se, Bella, de que foi você quem deixou Londres às pressas, em primeiro lugar. Fiquei tão preocupada com você. Depois, Freddie desapareceu e eu não sabia o que fazer. Sendo assim, procurei o sr. Cantrell.

— O que era de esperar — Freddie acrescentou. Pen o ignorou.

— Concordamos que o melhor a fazer seria vir até aqui e nos certificarmos de que estava tudo bem.

— Como vocês dois foram precipitados — Isabella comentou, secamente. — Espero que tenha sido acompanhada por uma criada, Pen. Pen corou ainda mais.

— Naturalmente o sr. Cantrell cuidou para que o decoro fosse observado. Nós pegamos emprestada uma criada do estabelecimento da mãe dele. — Ela suspirou. — Não poderia se esperar menos dele. O homem é o decoro em pessoa.

Com um lampejo de intuição e pouca surpresa, Isabella reconheceu que parte da inquietação e mau humor de Pen se devia a desejo frustrado. Ela estava nervosa, agitada e com os nervos à flor da pele após várias horas na companhia de um homem cujo comportamento havia sido tão completamente irrepreensível que lhe dava vontade de gritar. Isabella rezava para que a estupidez costumeira de Freddie o impedisse de chegar à mesma conclusão antes que ela tivesse condições de deixar o aposento com Pen.

— Bem — disse, apaziguadoramente. — Vocês estão aqui agora, e

estou feliz de ver os dois. Devem estar cansados. Estão prontos para subirem aos seus quartos?

— Pode subir com Pen, Bella — Freddie disse. — Vou querer uma saideira daquele conhaque que você tem ali, Bella.

— Como quiser — Isabella respondeu. — Não prefere se juntar a Marcus e ao sr. Cantrell?

Freddie deu a impressão de estar pouco à vontade.

— Prefiro beber sozinho.

Mais uma vez, Isabella notou aquela estranheza no seu comportamento. Não ia ser fácil conviver naquela casa se o marido e o irmão estavam vivendo em estado de neutralidade armada. Ela suspirou.

— Muito bem — disse. — Neste caso, a sra. Lawton lhe mostrará o seu quarto quando estiver pronto.

Ela pegou Pen pelo braço e as duas deixaram a sala de estar e subiram as escadas. Podia escutar Marcus e Alistair conversando baixinho na biblioteca, e, embora Pen houvesse lançado um olhar na direção da porta, ela passou correndo pelo aposento, ainda corada. Isabella podia notar que ela estava profundamente preocupada. Nada comentou sobre estar de volta a Salterton Hall, e assim que alcançaram a privacidade do quarto azul, ela segurou a mão de Isabella.

— Bella, tem algo que eu preciso lhe contar, e, depois, se quiser, pode me expulsar da casa!

Isabella olhou para ela.

— Estou certa de que não farei nada tão medieval, Penelope. O que quer confessar?

Pen largou-se na poltrona e começou a retorcer as mãos.

— O sr. Cantrell disse que tenho de lhe contar tudo…

— Entendo — Isabella disse, subitamente trêmula ante a idéia de que interpretara completamente errado a situação, e que Alistair Cantrell havia seduzido sua irmã na jornada até Salterton.

— Eu ia lhe contar quando estivesse pronta, mas nunca parecia achar a oportunidade apropriada. Foi simplesmente que não tínhamos dinheiro, e eu estava tão preocupada com as dívidas de Freddie. — Os olhos azuis de Pen estavam angustiados. —Ah, Bella, por favor, me perdoe! Eu jamais quis lhe trair a confiança.

— Não faço idéia do que você está falando, embora você esteja me deixando alarmada, Pen.

— A coluna de mexericos nos jornais! — Pen exclamou dramaticamente. Arrastou a bolsa de viagem até o meio do chão e desafivelou a tampa, falando o tempo todo. — Eu escrevi sobre escândalos para o sr. Morrow no *Gentlemens's Athenian Mercury*. Todas aquelas coisas sobre suas dívidas e a casa em Brunswick Gardens e o seu casamento repentino…

— Entendo — Isabella disse, lentamente.

— Eu precisava do dinheiro — Pen choramingou, vasculhando a mala e jogando longe a sua roupa de baixo. — Pensei que não faria diferença, Bella, mas, então, quando passamos a nos conhecer de novo, eu gostei tanto de você que passei a me sentir como a maior das *traidoras*…

Isabella largou-se na beirada da cama.

— Deixe-me ver se entendi direito — disse. — E você quem vem passando todas essas histórias para a imprensa.

— É. — Pen estava nervosa e infeliz. Ela recostou-se sobre os calcanhares, exemplares de todos os jornais nas mãos. — Eu sinto tanto! Sentia-me como se a houvesse traído e o sr. Cantrell disse que…

— Eu sei — Isabella a interrompeu. — Onde é que o sr. Cantrell se encaixa nisso tudo?

— Ele escreve para o mesmo jornal. Nós nos encontramos no escritório de Morrow, e o sr. Cantrell deduziu que era eu quem vinha escrevendo a coluna. Ele insistiu para que eu lhe contasse a verdade.

— Fico feliz de ver que, pelo menos, uma pessoa nisso tudo tem um pouco de escrúpulo — Isabella comentou, secamente.

Pen corou ainda mais.

— Ah, Bella, por favor, não me odeie! Eu estava desesperada por dinheiro, mas, então, nós nos encontramos de novo após todos esses anos e pareceu tão errado me aproveitar de você! Tenho me sentido tão dividida! — Ela suspirou. — Jamais o farei novamente. Deve haver um outro modo de conseguir dinheiro que não envolva negociar o bom nome de minha irmã.

Isabella ficou em silêncio. Entendia muito mais do que Pen imaginava o que era estar tão desesperada.

— Você mencionou as dívidas de Freddie — ela disse. — Eu não fazia idéia. É disso que se trata, Pen? Elas são muito grandes?

— Não sei ao certo — Pen disse, com tristeza. — Contudo, as contas da casa estão se acumulando, não podemos pagar a criada e receio que haja muito que Freddie esteja escondendo de mim.

— Como o motivo de ter vindo correndo para Salterton, sem mais nem menos — Isabella disse, pensativamente. — Por que não me contou isso tudo antes, Pen?

— Você tinha as suas próprias dificuldades — Pen respondeu, aflita. —Lamento não ter me aberto com você. Gostaria de ter contado antes.

Isabella estava franzindo a testa.

— Não acredito que vendeu a história de meu casamento para os mercadores de mexericos.

Pen parecia que ia chorar.

— Eu sinto muito! Juro que jamais tive a intenção de me rebaixar tanto. — Ela suspirou. — Você me odeia, Bella?

Isabella sacudiu à cabeça.

— Não posso odiá-la, Pen. Sei muito bem o que é estar em terríveis apuros financeiros. Além do mais, não nos resta muita família, não é mesmo? Não podemos nos dar ao luxo de perder outro membro.

Pen irrompeu em lágrimas.

— Ah, maldição! — Ela assoou o nariz ruidosamente em um par

de calçolas. — Eu sinto tanto, Bella! Como posso me redimir?

Isabella suspirou.

— Pode me contar tudo que sabe a respeito da situação de Freddie — disse, recostando-se na cabeceira da cama. — E eu quero saber de *tudo,* Pen. — Ela franziu a testa. — Alguma vez você viu Freddie ir às pressas para algum lugar, quanto mais para a praia? Tem algo acontecendo aqui.

Pen ficou de pé.

— É, sem dúvida isso foi algo incomum. E claro que ele recebeu aquela carta estranha no café da manhã e saiu correndo de casa na mesma hora, mas nem voltou! Eu havia ido vê-la — ela acrescentou em tom de censura — Era para termos ido ver a exposição na Royal Academy.

— Éramos mesmo — Isabella disse, tentando fazer algum sentido das informações confusas da irmã. Mais uma vez ela ponderou que, às vezes, pessoas muito inteligentes podiam ser muito difíceis de acompanhar. — Que carta estranha foi essa, Pen?

— Ao que tudo indica, uma carta sobre suas dívidas de jogo. — Pen bocejou. — Perdoe-me, Bella. Estou tão cansada. Sei que o que digo não está fazendo muito sentido. — Ela esfregou os olhos. — Ele recebeu a carta no café da manhã e saiu correndo na mesma hora. Nem voltou… Simplesmente mandou um recado com uma história da carochinha de que vinha para Salterton. E partiu sem bagagem.

— Ele tem bagagem agora — Isabella disse, lentamente. — Eu a vi no hall de entrada.

Pen franziu a testa.

— Que estranho. Onde será que a conseguiu?

— Suponho que ele possa ter comprado alguns artigos de primeira necessidade durante a viagem.

Pen afastou as mãos.

— Mas ele não tem dinheiro!

— Dívidas de jogo — Isabella disse, baixinho.

Ela pensou no pai e na sua fraqueza por jogos de azar, e a angústia lhe apertou o coração. Por favor, Deus, não permita que Freddie tenha se envolvido com algum terrível agiota que lhe arrancará até a última gota de sangue.

— Freddie não teria lhe dito de quem era a carta, teria? — ela perguntou, sem muita esperança.

— Não — Pen disse. — Ele não me disse, mas eu sei quem a mandou porque a abri por engano. Vinha de um endereço em Wigmore Street, e estava assinada com o nome Warwick.

Capítulo Dezoito

Isabella estava esperando o que parecia ser uma eternidade. Escutara a sra. Lawton acompanhar Freddie até o quarto dele e os criados subirem as escadas com os diversos itens da bagagem. De vez em quando havia o som de vozes no corredor lá fora. Marcus e Alistair se despediram com breves palavras ditas em tom baixo, Isabella escutou o som da porta dos aposentos de Marcus se fechando gentilmente. Após algum tempo, o criado particular do conde deixou o quarto dele e a casa voltou a ficar em silêncio. Isabella aguardou mais um pouco. Depois, com um rápido gesto nervoso, pegou o seu robe e esgueirou-se para fora do quarto. Teria usado a porta de conexão, contudo naquele instante inoportuno se dera conta de que não tinha a chave dela e lhe parecera um pouco ridículo bater na porta até Marcus atendê-la.

Freddie. Freddie e Edward Warwick. Sentia-se mal só de pensar, mas não conseguia tirar aquilo da cabeça. Não sabia ao certo o que faria. Marcus parecia implacável na sua caçada a Warwick, e ela não queria ver Freddie sendo perseguido, intimidado e nem humilhado. Assim como Pen, ela tinha uma profunda, embora exasperada, afeição pelo irmão desafortunado. Seria melhor confrontá-lo, ela mesma, em

vez de implicá-lo nos estratagemas de Warwick para Marcus. Contudo, também se sentia desleal. Deveria contar para Marcus o que sabia. Estava se sentindo profundamente dividida.

Ela se deteve por um instante no corredor, bateu brevemente na porta de Marcus e entrou. Marcus ergueu a cabeça com inegável surpresa ao vê-la. Estava sentado na cama, uma pilha de papéis espalhados sobre as cobertas e um lápis na mão. Isabella se deu conta de que ele devia ter estado esboçando. O livro sobre arquitetura naval teórica estava sobre a mesinha de cabeceira ao seu lado.

Ela também supôs que ele estivesse nu. O tórax estava exposto e as cobertas estavam puxadas até a altura dos quadris. Abruptamente, Isabella sentiu sua atenção sendo desviada de Freddie. Ela teve de lembrar-se de respirar.

— Trabalho — Marcus disse, reunindo os papéis com um sorriso de desculpas. — Descobri que ajuda a distrair minha mente de certos problemas. O que posso fazer por você, Isabella? Não esperava voltar a vê-la esta noite. Está tudo bem?

Isabella hesitou. Ela sentou-se na beirada da cama, certificando-se de manter uma distância decente dele. Isto tudo parecia muito estranho e pessoal. Ele passou a mexer na beirada da colcha.

— É Freddie — disse, hesitantemente. — Eu acho… Isto é, Pen me disse… que ele está envolvido com Edward Warwick.

Os olhos de Marcus se estreitaram. Ele a fitou diretamente no rosto.

— Pen lhe contou isso esta noite?

— Sim, é claro — Isabella sentiu alívio e culpa em proporções iguais. Ela ergueu o olhar. Havia algo estranho e especulativo no olhar de Marcus. — Freddie está endividado e… — Ela se interrompeu e o fitou acusadoramente. — Marcus! Você já sabia disto!

Marcus sorriu.

— Por favor, fale baixo, Bella. — Ele baixou o próprio tom de voz, de modo que Isabella foi obrigada a se inclinar mais para perto para

poder escutá-lo. — É verdade que Alistair e eu suspeitávamos de que Freddie estivesse envolvido de algum modo, mas não tínhamos certeza.

— É por isso que o sr. Cantrell está aqui — Isabella constatou. Ela sentiu um arrepio de frio. — E por isso que o *Freddie* está aqui. — Ela começou a tremer compulsivamente. — O que está acontecendo, Marcus?

— Não sei. — Marcus afastou as cobertas e a puxou para o calor do próprio corpo, sem encontrar resistência. Ela se aconchegou nele em basca de consolo, o braço do marido a envolvendo enquanto sua face se encostava no peito dele. — Acho que Warwick está aqui em Salterton. Contudo, por enquanto, não tenho certeza de nada. A chegada de seu irmão é um acontecimento, interessante.

— Você não vai *machucar* Freddie, vai? — Isabella perguntou baixinho, erguendo o queixo para fitá-lo.

Ela sentiu Marcus rir.

— Bom Deus, Bella, o que acha que eu sou? Medieval? Juro que não farei mal a meu cunhado. — O humor abandonou a sua voz. — Imagino que seja lá no que for que Freddie tenha se metido, não pode ser tão terrível assim. Não é como se ele fosse um criminoso de carreira.

— Não — Isabella concordou. Ela roçou distraidamente a face em Marcus, sentindo a aspereza de sua barba por fazer contra a sua maciez.

—Eu acho… Acho que ele se envolveu em algo de que não consegue sair. Jogo e dívidas…

— E o fornecimento de informações — Marcus disse, com a voz endurecendo ligeiramente. Ele virou a cabeça e lhe beijou a face, que estava pousada na curva de seu ombro. — Está se sentindo um pouco melhor agora, Bella?

— Estou. Fico feliz de ter lhe contado.

— Eu também — ele murmurou. — Acho que você deve ter começado a confiar em pouco em mim.

Os seus lábios se apossaram dos dela, e Isabella voltou-se para ele, em um gesto de desespero, buscando conforto, querendo eliminar o frio que sentia na alma. Ela buscou os beijos de Marcus com ansiedade, apertando-se de encontro a ele, querendo banir a escuridão. No entanto, o tempo todo, os pensamentos insistiam em lhe voltar a cabeça e ela não conseguia se livrar deles. Freddie e India e Ernest… Todos passaram como fantasmas por sua mente, distraindo-a das carícias de Marcus, até que ela não conseguisse sentir nada.

Quinze minutos depois, Isabella sentiu-se como se estivesse sufocando de constrangimento e humilhação, deitada sob Marcus na larga cama de casal. A casa estava silenciosa e escura, e tudo que ela conseguia escutar era a respiração dele e o ranger constante do colchão. Ela ainda não sentia nada. Isto é, nada além de pânico. Não conseguia acreditar. Mais cedo, naquela mesma noite, desejara tanto Marcus. Agora, estava ardente e lubrificada, contudo sua mente

estava sombria e atormentada com antigas imagens e segredos. Mexia-se dolorosamente. Queria dizer para Marcus parar, mas não conseguia, e sentia-se completamente mortificada. Não conseguia ser bem-sucedida em fazer amor com o marido, mesmo quando queria. Ela não tinha salvação mesmo.

— Bella?

Marcus se detivera. Estendeu a mão para acender a luz.

— Eu sinto muito — Isabella disse. — Eu estava pensando demais.

— No quê?

Não dava para interpretar o tom de Marcus. Ele recuou e ela pôde senti-lo afastando-se dela emocionalmente, o que lhe provocou um arrepio na espinha. Será que sempre seria assim? Os fantasmas do passado arruinando tudo entre eles. Isabella não achava que seria capaz de suportar.

Ela cobriu o rosto com as mãos.

— No passado — disse. — Eu sinto muito, Marcus. Pensei que pudesse fazer isto, queria fazer. Queria seduzir você.

As palavras foram recebidas com um silêncio triste e Isabella sentiu o coração apertar-se com mortificação renovada. Depois, escutou Marcus suspirar.

— Bella. — Seu tom de voz ficara mais gentil. — Conte-me no que estava pensando. Caso contrário, jamais superaremos isto.

— Marcus… — Isabella estremeceu.

A última coisa que queria fazer era desenterrar antigos relacionamentos amorosos.

— Conte-me, Bella. — O tom de Marcus era baixo, porém insistente. — Eu preciso entender. — Depois, visto que ela ainda hesitava, ele acrescentou bruscamente: — Ele a machucou?

— Ernest? — Isabella perguntou.

Ela sentou-se na cama, puxando os joelhos até o queixo, e certificando-se de que estava totalmente coberta. Não queria que Marcus a visse nua. Não agora, quando já se sentia suficientemente

exposta.

— Não, ele não me machucou — respondeu. — Não no sentido que está querendo dizer. — Ela ergueu os olhos e fitou diretamente os de Marcus. — Deixei bem claro, desde o início do nosso casamento, que não faria parte de seus joguinhos sexuais. Depois disso, ele me incomodou muito poucas vezes.

— Há mais de uma maneira de machucar alguém — Marcus disse.

Seus olhares se fixaram um no outro. Sob a luz das velas, os olhos de Marcus estavam muito escuros. Isabella engoliu em seco ao fitar-lhe o rosto. Ela já o amava tanto, e o simples pensamento de perdê-lo era como uma facada no coração. Tivera a intenção de se proteger, porém, mais uma vez, deixara-se vulnerável.

— É verdade — disse. — De outras maneiras, ele me machucava todos os dias, com sua crueldade, sua indiferença e seu desprezo.

— *Você* teve outros amantes — Marcus disse. Seu rosto estava impassível. — Conte-me.

Isabella inspirou tremulamente. Envolveu os joelhos com os braços, apertando-os de encontro ao peito.

— Após a morte de Emma, eu recorri a Heinrich Von Trier — contou. — Estava desesperada por afeição e acabei me apaixonando perdidamente por ele. Mas para Heinrich a conquista era tudo.

Ela apertou os dedos de encontro às têmporas. Sua paixão por Heinrich Von Trier extinguira-se há muitos anos e ela a reconhecera como sendo uma imitação de segunda de amor, contudo, na época, tão pouco tempo após a perda de Emma, sua traição parecera dupla.

— Assim que conseguiu o que queria, para poder se vangloriar, ele perdeu o interesse — disse. — Resumiu-se a uma cópula às escondidas. — Ela levou as mãos às faces. — Foi tão sórdido quanto parece.

Marcus segurou-lhe as mãos e as abaixou até as cobertas, segurando-as com firmeza entre as suas. Ela tentou retraí-las, porém ele as segurou com firmeza. Isabella podia lhe pressentir o conflito

interior, como se estivesse zangado com ela e, ao mesmo tempo, tentando conquistar os próprios sentimentos. Ela tremeu por dentro.

— Não diga isso, Bella. — Ele parecia bravo. — Não se deprecie.

— Nem preciso, quando há tantas pessoas por aí dispostas a fazer isso por mim — ela respondeu com amargura.

Marcus sacudiu ligeiramente a cabeça. A expressão de seu rosto era selvagem. Ele apertou-lhe tanto as mãos que ela chegou a estremecer.

— Maldito seja o homem. — Ele falou desapaixonadamente e sua calma foi muito mais amedrontadora para Isabella do que sua fúria teria sido. — Que ele arda no Inferno. Eu poderia matá-lo por traí-la.

A garganta de Isabella doeu.

— Não perca o seu tempo pensando nele. Os franceses já lhe pouparam o trabalho de despachá-lo.

A expressão do rosto de Marcus suavizou-se um pouco.

— Suponho que já seja alguma coisa. — Ele a fitou. — Diz que o amava?

Isabella apertou-lhe a mão. Parecia uma terrível traição falar de amor por Von Trier para este homem que sempre fora o verdadeiro amor de sua vida. No entanto, não podia deixar de ser sincera com Marcus.

— Achei que amava — ela disse. — Eu estava muito infeliz. Precisava de consolo. — Ela se interrompeu, antes que se perdesse em desculpas. — Marcus, eu sinto muito.

— Não diga isso! — Marcus parecia tão furioso que Isabella se encolheu de encontro aos travesseiros. Ele virou-se repentinamente na direção dela e uma luz selvagem brilhou nos seus olhos. — Ah, eu estou zangado, Bella — disse. — Não consigo negar. Zangado e com ciúmes. E mais forte do que eu. Mas, ainda assim, eu entendo. Você estava desesperadamente infeliz. Diz que o amava, e eu acredito em você.

Seguiu-se um silêncio doloroso. Isabella não sabia o que mais

dizer. Marcus suspirou.

— E quanto ao resto? — ele disse, com um tom de voz cansado. Por um instante, Isabella não entendeu, depois fez um gesto ligeiro.

— Não houve outros. Só esse não basta? Marcus a fitou com a incredulidade estampada nos olhos.

— Mas… deve ter havido! Eu soube que…

Ele se interrompeu, fitando-a intrigadamente. Isabella quase riu. Primeiro não conseguiu satisfazer o marido sexualmente, depois teve de conversar com ele sobre antigos amantes, e, agora, ele estava tendo dificuldades em acreditar que ela não era a dissoluta que ele havia sido levado a acreditar que era. Isabella duvidava que a situação pudesse ficar pior.

— Você soube de mexericos, Marcus — disse. — Apenas isso.

Marcus recostou-se ligeiramente, examinando-lhe o rosto.

— Von Trier? Ele foi o único? Mas…

— Eu flertei. — Com a ponta dos dedos Isabella desenhou sobre a colcha. — Era bom para passar o tempo.

— Então, por que… — O tom de Marcus estava se transformando em uma fúria ardente. — Por que permite que digam essas coisas a seu respeito, Bella? — As mãos dele fincaram-se nos ombros da esposa, sacudindo-a. — Bom Deus, não dá para acreditar! Os escândalos, os amantes, as totais perversões… Será que há algo que não seja dito a seu respeito?

— Não sei ao certo — Isabella respondeu. — Eu procuro não dar ouvidos.

Os olhos de Marcus estavam quase negros de fúria.

— Não brinque com isso! Por que encoraja todos esses mexericos permitindo que a amante de seu marido compareça ao enterro dele, dando credibilidade ao escândalo de que os três estavam envolvidos em um *menage à trois* complacente?

De repente, Isabella sentiu-se muito mais velha e sábia do que ele.

— Querido Marcus — disse, pesarosamente —, minha vida com

Ernest foi tão infeliz que eu teria feito mais do que isso só por um pouco de paz. Madame de Coulanges fez Ernest feliz. — Ela lançou-lhe um olhar de esguelha. — Ela o mantinha longe de mim e isso valia um bocado. Por conta disso, achei que merecia o direito de se despedir apropriadamente dele.

Ela deslizou até a beirada da cama.

— Eu vou embora, agora. Lamento que as coisas tenham acontecido como aconteceram.

— Fique. — Marcus a segurou quando ela estava prestes a sair de sob as cobertas. Ele a puxou para o seu lado. — Deite-se. — Ele falava baixinho. — Parece estar exausta. Você me deu muito no que pensar, Isabella, mas não quero que vá embora agora.

Ele ainda a chamava de Bella. Isso era um consolo, pois dava a entender uma intimidade que haviam alcançado e que, aparentemente, não haviam perdido. Isabella foi tomada de alívio. A sombra de India ainda os rondava, contudo, desta vez, Isabella sentiu-se esperançosa. Um dia, um dia muito em breve, ela tocaria no assunto de India com Marcus e descobriria a verdade.

Ela deitou-se obedientemente e permitiu que ele a trouxesse para perto do calor de seu corpo. Tentou pensar no que ele deveria estar pensando e sentindo, porém o conforto quente de seu corpo já a estava acalmando e ajudando-a a adormecer. Ela virou o rosto para o seu pescoço, inspirando a fragrância da pele. Como sempre, o perfume dele era familiar e perfeito. Era uma sensação estranha, porém tranqüilizante. Pouco a pouco, a confiança entre os dois estava aumentando.

Marcus soube o instante exato em que Isabella adormeceu. Sua respiração se alterou e os últimos vestígios de tensão desapareceram de seu corpo, deixando-a delicada e indefesa ao seu lado. Ele moveu ligeiramente o corpo para puxá-la para perto, ajeitando protetoramente as cobertas ao redor dela e afastando os cabelos de seu

rosto. Ela parecia jovem, inocente e linda. Ele sentiu algo que beirava o desespero.

Não era assim que havia imaginado o final da noite. Era o oposto do final de noite que pretendera quando ela fora até seus aposentos e se despira com tamanho arrojo e deliciosa provocação. Ficar deitado ali, embalando-a tão carinhosamente e, no entanto, sentir tanta raiva, ciúme e ressentimento, a menos valorosa das emoções, era extraordinário. O que mais o deixava desesperado era a incerteza de ser capaz de superar os ciúmes.

Estava totalmente a par de como isto era injusto. Já tivera uma certa quantidade de mulheres, possuídas sem amor e para prazer mútuo, e, no entanto, ressentia-se de Isabella por ter se entregue a apenas um homem em casamento e a outro por amor. Contudo, era o que sentia. Ela deveria ter sido apenas sua, e não fora.

Marcus passou a mão nos cabelos e deixou escapar um demorado suspiro. Isabella não se mexeu. Estava encolhida junto a ele de uma maneira tão confiante que fez o coração dele doer, e, ao mesmo tempo, despertou um ciúme amargo em seu interior.

No tocante a Bella, sempre fora possessivo. Jamais sentira-se da mesma forma por mais ninguém, quanto menos pela primeira esposa. Seus sentimentos por India eram complexos e cheios de culpa, contudo, jamais sentira por ela sequer uma fração do desejo ardente que tinha por Isabella.

Fez um esforço para tirar a coisa toda da cabeça. Amanhã poderia pensar naquilo. Se quisesse Isabella e ainda queria, teria de conviver com isto para sempre. Teria de achar um jeito.

Marcus levantou-se quando a alvorada começou a iluminar o céu e o quarto ficou imperceptivelmente mais claro. Não dormira muito. Estava exausto. Sabia que Isabella acordaria e se lembraria. Iria querer conversar e, no momento, ele não seria capaz de conversar com ela porque, de algum modo obscuro, ainda se ressentia do fato de ela ter

tido um amante. Sentindo-se vil e um traidor, deixou o casulo quente dos lençóis.

A manhã estava clara e tentadora, e a água azul o chamava do outro lado da janela. No horizonte, um navio estendia as velas brancas para a brisa. Vestiu-se às pressas e caminhou até Kinvara Cove, mantendo a cabeça livre de tudo que não as sensações físicas. O sol do verão já estava quente no seu rosto. O ar cheirava a sal e o perfume ensaboado de tojo. A areia da trilha estalava sob seus pés. Podia sentir a terra quente sob as solas. Era revigorante.

Quando alcançou a água, não se deteve para retirar nada além dos sapatos, mas mergulhou, sentindo-a fechar-se sobre sua cabeça com um choque frio. Nadou para além de Kinvara Point, onde alçou-se para as rochas quentes, e sentiu o sol batendo nele e as roupas salgadas secarem de encontro à pele. Pensou que deveria ser o homem mais feliz do mundo. Sentindo-se revigorado, tomou a trilha de volta, atravessando os jardins e chegando à casa silenciosa. Seguiu para seus aposentos, vestiu roupas de montar e estava assoviando baixinho ao descer as escadas e adentrar o salão do desjejum.

Deteve-se assim que cruzou o vão da porta.

Isabella estava sentada à mesa, com uma aparência serena em um traje de montar azul-marinho. Seu rosto estava muito pálido, o cabelo impiedosamente preso e sua expressão reservada. Na mesma hora, Marcus pode pressentir que ela havia se retraído, exatamente do mesmo modo como ele sentia-se agora distante dela. Isabella devia ter acordado, não o encontrado e presumido que ele não fora capaz de perdoá-la pelas suas revelações da noite anterior. Uma impotência apossou-se dele. Marcus sabia que deveria tentar cruzar o abismo que os estava separando antes que este ficasse maior e tudo que haviam construído escorresse por entre os seus dedos. No entanto, não conseguia. Parte dele não queria. De fato, sentia-se zangado, possessivo, ressentido e todas aquelas emoções feias que não queria admitir.

Após mais um instante, já era tarde demais, e Isabella já estava lhe perguntando sobre o mergulho matinal com um tom cortês de desinteresse.

Comeram em silêncio, para o constrangimento do criado que os servia, que se mexia de um pé para o outro e olhava fixo para as janelas. Vendo-lhe a expressão agoniada, Marcus pensou como grande parte da vida de um serviçal devia ser passada em meio a tal embaraço. Se a conversa era inapropriada ou havia uma discussão entre o patrão e patroa, isso deveria ser tão embaraçoso quanto testemunhar a total falta de harmonia entre eles. E era assim que o restante da vida deles ameaçava ser agora. Sua mente retraiu-se ante a idéia de passar, sua vida de casado neste tipo de simulacro de intimidade. Era o que tivera com India. Fora completamente superficial. E, agora, podia estar criando a mesma coisa novamente.

— Quer vir cavalgar comigo esta manhã?

As palavras o surpreenderam tanto quanto pareceram surpreender Isabella. Ele não sabia o que dera nele para pronunciá-las, além de uma vontade desesperada de acertar as coisas antes que qualquer outra coisa desse errada entre eles.

Isabella ergueu o olhar e seu rosto encheu-se de cor. Ela parecia timidamente satisfeita. Marcus sentiu-se um bruto. Sabia que a estava punindo por sua própria falta de tolerância e esforçou-se para achar um jeito de driblar isso.

Ele forçou um sorriso.

— Podíamos tomar a trilha que leva aos rochedos de Kinvara. Você sempre apreciou a vista de lá.

Apesar de todo o esforço, as palavras ainda soaram formais. Isabella não deixou de perceber. A expressão feliz nos seus olhos desapareceu um pouquinho quando ela assentiu.

— Eu gostaria. Eu o encontro nos estábulos em vinte minutos.

E isso foi tudo. Marcus esvaziou a xícara de café e refletiu amargamente sobre como a vida podia ser superficial e tranqüila, sem

qualquer, tipo de conversa verdadeira entre os dois. Sem dúvida, ele teria muitas outras oportunidades de observar isso no futuro.

Nos estábulos, pelo menos foram capazes de disfarçar o clima tenso entre eles ao brincar com os cavalos. Cavalgaram direto para fora do pátio, tomando a trilha que levava até os rochedos. Mais uma vez, houve silêncio entre eles, enquanto os cavalos avançavam lentamente pela relva acidentada. Marcus sabia que Isabella ou estava aguardando que ele tocasse no assunto da conversa da noite anterior, ou indicasse que a questão deveria ser ignorada para sempre. Sentiu-se zangado. Sentiu-se irritado, consigo mesmo e com ela. No entanto, o que poderia dizer? *Eu me ressinto do fato de ter se casado com Ernest Cassilis; e ainda mais, me ressinto do fato de ter dormido com Heinrich Von Trier, fico furioso só de pensar em você flertando com todos aqueles homens que usam o seu nome tão livremente.* Seus lábios se apertaram. Não era para ser assim.

O rosto de Isabella sob o chapéu estava sério e ela não olhava para ele. A tensão entre os dois foi se intensificando até Marcus a sentir ameaçar explodir em um misto de frustração e raiva que precisava ter uma válvula de escape.

— Vamos apostar corrida até a capela — disse.

Ela ergueu a cabeça, os olhos subitamente brilhando. Ela viu o olhar de desafio nos olhos dele, zangado, e compreendeu, sem o uso de palavras, exatamente o que ele estava pensando. Sem nada dizer, fincou os calcanhares no lombo de Aster e afrouxou as rédeas do animal, e Marcus foi deixado para trás, observando-lhe a figura voadora sair galopando.

Marcus comandou que Aquiles a seguisse, forçando toda a raiva, amargura e falta de confiança a lhe abandonar o corpo, enquanto cavalgavam trovejando pela relva. Por um longo e exaustivo tempo houve apenas o reverberar dos cascos dos cavalos sobre a grama, as lufadas de ar puro no seu rosto, uma estranha alegria no seu coração e o borrão colorido que era Isabella, ainda na dianteira.

Ela estava apenas a alguns metros na frente dele agora, e o muro de pedra que cercava a capela e marcava o fim da corrida estava se aproximando rapidamente. Isabella refreou Aster com tanto vigor que o animal quase empinou. Ela deteve-se a poucos metros do muro do cemitério com Marcus desacelerando até parar ao seu lado.

— Você ganhou — ele disse. — Pensei que a alcançaria… Ele se interrompeu.

Isabella não estava olhando para ele. Parecia nem tê-lo escutado. Ela olhava por sobre o muro do cemitério, onde uma pequena procissão avançava lentamente na direção da porta da minúscula capela, carregando um pequeno caixão de madeira. Isabella deixou escapar um ruído baixo e levou as mãos à boca. Puxou ferozmente as rédeas de Aster, virou o animal e saiu em disparada na direção do bosque na beirada do cume, antes que Marcus conseguisse sequer se mover.

Marcus ficou olhando quando as portas da capela se fecharam atrás do cortejo. O enterro de uma criança.

Nada sabia a respeito de crianças. Com India, quisera uma família no sentido convencional de garantir herdeiros, contudo, seus sentimentos com relação ao assunto jamais foram além disso. Não fazia idéia do que era amar um filho e perde-lo, e como isso podia destruir uma vida. Contudo, tinha imaginação.

Pensou no que Isabella deveria sentir ao ver uma coisa daquelas e sentiu como se o estômago houvesse caído até os pés. Com os calcanhares, fez Aquiles sair em galope. Não fazia idéia de onde Isabella havia ido e nem se ela pararia, mas tinha de encontrá-la.

No final das contas, não foi difícil. Ele a encontrou encolhida e chorando no interior das ruínas da torre do antigo farol na beirada do cume. Aster estava pacificamente pastando do lado de fora. Isabella não quisera se esconder. Simplesmente buscara refúgio. Marcus quis perguntar como ela estava se sentindo, porém, ao lhe ver o rosto, deu-se conta de que não havia necessidade de falar. Silenciosamente, ele a

tomou nos braços e a abraçou até os soluços que lhe tremiam o corpo cessarem, e ela descansar a cabeça no ombro dele. Ela virou o rosto para o peito dele, sem pensar e nem hesitar, e Marcus foi tomado de humildade ao se dar conta de que, na sua tristeza, Isabella era capaz de confiar nele sem pensar duas vezes. Ele alisou-lhe o cabelo para longe das faces ardentes cornos dedos gentis, sentindo as lágrimas umedecerem-lhe a pele.

— A criança — ela disse, com dificuldade, e ele a abraçou com mais força, como se apertá-la de encontro ao seu corpo pudesse banir toda a dor no íntimo de Isabella.

— Sinto muito — Marcus disse. —Eu gostaria de poder entender. Ela sacudiu a cabeça e afundou-se ainda mais nos seus braços.

— Não quero perder você, Marcus — disse. — Já perdi tanto e fui tão magoada. Não suportaria ver isso acontecer novamente.

Marcus pressionou os lábios de encontro ao cabelo dela.

— Não vai — afirmou.

E, silenciosamente, ele sentiu a raiva, a dor e o ciúme em seu íntimo se derreterem ao se dar conta de que ela era dele agora, de todas as maneiras que realmente importavam, e que sempre fora.

Capítulo Dezenove

Ainda bem que Aster sabia o caminho de volta para os estábulos, visto que Isabella se recusara a permitir que Marcus a conduzisse pela trilha que descia pelo rochedo. Contudo, ela também estava igualmente incapaz de fazer mais do que se sentar no animal como um saco de batatas. Agora sabia por que não costumava chorar. Estava se sentindo péssima. O nariz estava, no mínimo, duas vezes maior do que o normal e parecia um farol, suas faces estavam ardendo e tinha quase certeza de que, por fora, deveria estar com uma aparência tão ruim quanto estava se sentindo por dentro. Ainda bem

que Marcus não tentara beijá-la, com a exceção do encostar afetuoso de seus lábios na testa dela. Coitado. Sem dúvida ele não ia querer mesmo fazer mais nada. Qualquer um que achasse que uma apaixonada reconciliação física pudesse suceder a um momento tão emocional estava fora de si.

Sua opinião desfavorável da própria aparência foi reforçada ao chegar à casa em Salterton e encontrar Pen e Alistair. Pen, com sua costumeira franqueza e surpreendente falta de tato, deu uma olhada no rosto de Isabella e exclamou:

— Bella, você está com uma cara horrível! O que diabos aconteceu?

— Talvez possa me mostrar a biblioteca, srta. Standish — Alistair interveio, notando o olhar de Marcus. — Soube que sua tia possuía uma notável coleção dos trabalhos dos antigos poetas do século dezessete?

— Ah, tinha mesmo. — Pen confirmou. — Mas eles são terríveis. Nem consigo ler mais do que alguns cantos. — Por sobre o ombro, ela olhou de novo para Isabella, enquanto Alistair a conduzia na direção da porta da biblioteca. — Tem certeza de que vai ficar bem, Bella? Espero que não tenha sido Marcus que a deixou assim. Ele teria de ser um bruto para fazer isso.

Isabella escutou Marcus suspirar, mais de resignação do que qualquer outra coisa.

— Estou perfeitamente bem, Pen — disse. — Algo me perturbou, só isso. Não tem nada a ver com Marcus.

Pen lançou um olhar desconfiado para o cunhado.

— Espero mesmo que não — ela disse, sombriamente. — Sim, sr. Cantrell, eu estou indo!

Ela cedeu aos apelos insistentes de Alistair e o precedeu ao atravessar a porta da biblioteca.

— Pobre Alistair — Marcus comentou. — Ele detesta poesia do século dezessete.

— Mais uma coisa que ele e Pen têm em comum, então — Isabella

disse.

Ela notou a própria aparência no espelho e estremeceu. Havia galhos de urze presos no seu cabelo e de samambaia grudados no traje de montar. Como desconfiava, seu nariz estava vermelho e brilhante, e os olhos, inchados e apertados.

— Acho que vou subir e descansar — disse, baixinho.

— Boa idéia — Marcus disse. — Eu a acompanharei.

— Não há necessidade — Isabella disse. — Posso me virar sozinha.

Marcus olhou para ela e sorriu ligeiramente. Ela poderia tê-lo esbofeteado porque sabia que ele estava rindo de sua aparência, mas aquele brilho íntimo de diversão nos seus olhos a deixou mais feliz do que jamais imaginara poder se sentir. Algo acontecera entre os dois, sem palavras, o que apenas o tornava ainda mais poderoso. Levara embora a amargura, a raiva e a tristeza da noite anterior e os deixara capazes de recomeçar do zero.

— E pensar — Marcus disse descontraidamente, seus olhos encontrando os dela no espelho — que cheguei a achar que você jamais poderia ficar feia!

— Marcus!

A palavra indignada mal lhe deixara os lábios quando Marcus a tomou nos braços e a beijou insistentemente, não se interrompendo até ter obtido uma reação da esposa. Ofegante, Isabella apoiou-se no corrimão.

— Ah, seu…

Ele a beijou novamente, com força, porém gentilmente, entreabrindo-lhe os lábios para a implacável exigência de sua língua. Isabella sentiu as pernas bambearem. Ela soltou o corrimão e, em vez disso, apoiou-se em Marcus.

Escutaram um barulho, vindo de trás e apartaram-se para ver uma das criadas, seus apetrechos de limpeza largados no chão, fitando-os nervosa e constrangida.

— Não há privacidade nesta casa — Marcus resmungou. Ele

beijou-lhe a face. — Acho que deveria descansar, minha querida. Será que ficará, bem? Há algo que preciso fazer, mas subirei para vê-la assim que puder.

Isabella apertou-lhe brevemente a mão. Deu-se conta de que, de fato, estava se sentindo exausta, porém muito alegre. Marcus voltou a lhe dar um beijo rápido nos lábios e ela subiu lentamente as escadas, adormecendo assim que a cabeça bateu no travesseiro.

Ela acordou quando a porta se abriu para permitir a entrada da irmã, trazendo uma bandeja de chá com biscoitos.

— Marcus achou que você poderia querer algo para comer — Pen explicou, alegremente. — Mal consegui impedi-lo de mandar lhe trazer uma sopa e um mingau.

Isabella riu. Sentou-se na cama, afastando o cabelo em desordem do rosto, espiou o próprio rosto no espelho sobre a bacia e resolveu nem se dar ao trabalho.

— Ah, minha nossa, devo estar um horror.

— Está mesmo — Pen concordou, alegremente. — Embora já esteja com um colorido melhor. O que houve, Bella? Marcus disse que não era para eu incomodá-la com perguntas, mas preciso ter certeza de que está bem.

— Eu estou bem agora.

— Mas parece que você andou chorando! — A própria Pen parecia um pouco aflita. — Você nunca chora, Bella!

— Normalmente, não — Isabella concordou. — Mas foi urna situação excepcional. Vimos o *enterro* de uma criança quando estávamos cavalgando.

— Ah, Bella!

Pen franziu o rosto e segurou a mão da irmã.

— Eu estou bem — Isabella insistiu, receando que Pen estivesse prestes a chorar em solidariedade. — Já faz muito tempo.

Pen parecia angustiada.

— Eu sei, mas às vezes me pergunto… Dizem que você nunca mais

quis ter filhos, Bella.

— Não. — Isabella esfregou os olhos. — E verdade que não quero mais ter filhos. O risco, o perigo de perder tudo novamente é grande demais.

Ela virou-se e fitou os desenhos da cortina da cama com intensa concentração, no intuito de conter as lágrimas. O que dissera era verdade e, no entanto, o verdadeiro conflito para ela vinha do fato de que parte dela, de fato, queria um filho de Marcus, e não conseguia entender por quê. Sentia-se dividida.

— Receio estar provocando a maior confusão de tudo, no momento, Pen — disse, com desânimo. — Jurei jamais me casar de novo, ainda mais por amor, no entanto, cada dia que passa vejo-me mais apaixonada por Marcus. Sei que ele quer ter filhos — ela engoliu em seco — contudo, a idéia me enche de pavor. — Ela apertou ainda mais a mão de Pen. Eu sabia que havia sido um erro não insistir em uma anulação, ou em uma separação legal, desde o início.

— Agora é tarde. Você e Marcus foram feitos um para o outro, Bella. Tenha fé. — Ela suspirou e recostou-se um pouquinho. — Quando você voltou, parecendo tão abalada, tive receio de que fosse algo a ver com India — ela confessou, com uma ferocidade involuntária. — Sei que Salterton era a casa dela, mas acho o modo como os pertences dela lotam esta casa um pouco insalubre!

Isabella sentiu-se um pouco chocada. Era verdade que ela própria havia notado a mesma coisa, contudo, na semana desde que chegara a Salterton, não pensara em mudar as coisas. Sabia que não queria tocar no assunto com Marcus. Seria como colocar o peso do corpo sobre um tornozelo quebrado e deliberadamente provocar a dor. E, agora, quando as coisas estavam definitivamente começando a melhorar entre eles, ressuscitar o fantasma de India era a última coisa que queria fazer.

— Eu já teria percorrido a casa toda retirando todos os retratos dela e aquelas estatuetazinhas bobas que ela colecionava — Pen

continuou. Você sabia, Bella, que Marcus jamais esvaziou os aposentos dela depois que India morreu? Tudo foi deixado exatamente como era quando ela estava viva. A sra. Lawton me contou. Foi só depois do incêndio em Salterton Cottage que Marcus mandou empacotar todas as coisas de India em baús e os guardou aqui no sótão da casa.

— Pen — Isabella disse, de modo repreensivo. — Você anda mexericando.

— Bem — Pen retrucou, com teimosia. — É como ser assombrada.

— Eu sinto mais ou menos o mesmo — Isabella admitiu. — É como se India estivesse sempre presente. —Ela suspirou. — Mas não posso tomar o lugar dela. Afinal de contas, ela foi a primeira esposa de Marcus.

Pen a fitou, intensamente.

— Se acha que Marcus tinha um pingo de sentimentos por India, comparado a como ele se sente a seu respeito, Bella, você está fora de si! Ora, ele nunca deu a mínima para ela!

— Então, por que guardar todos os pertences dela? Por que deixar o quarto dela intocado? Por que encher esta casa de coisas que a lembrem? Isso demonstra uma devoção incomum. — Os ombros dela descaíram.

— Além do mais, já falei com Marcus a respeito de India. Sei o quanto ele gostava dela.

Pen parecia contrariada.

— Bem, eu não gostava muito dela. India era dissimulada.

— Pen!

Pen enrubesceu. Ela serviu uma xícara de chá, depois sentou-se na beirada da cama, com a xícara na mão.

— Suponho que eu possa não tê-la conhecido muito bem, visto que eu era mais nova do que vocês duas. E provável que você se lembre melhor do que eu.

— Não me recordo muito bem dela — Isabella disse. — Tudo de

que me lembro é de uma moça magricela com o rosto pálido e enormes olhos azuis. Jamais conversamos intimamente. Ela sempre foi muito calada.

Pen estava franzindo a testa. Ela pegou um segundo biscoito, esquecendo-se por completo de oferecer um à irmã, e o mordeu distraidamente.

— É estranho que se lembre dela como sendo magra, Bella, pois eu tenho uma lembrança muito diferente de India. A penúltima vez que estivemos todos aqui para o verão, não a vez antes de você… — Pen hesitou. —… antes de você se casar com Ernest, mas o ano anterior, eu me lembro de India estar consideravelmente mais gorda. Vocês duas deveriam estar com uns 16 anos de idade e não havia nada de magricela nela.

Isabella assentiu.

— Ah, sim, eu lembro. Gordura adolescente.

— Ela estava magra novamente quando voltamos a Salterton no ano seguinte, sem você — Pen contou, mais uma vez estendendo a mão para o prato de biscoitos. — A tia Jane não a levou a algum lugar nesse ínterim? Eu lembro que ela, supostamente, não estava bem de saúde, no entanto voltou ainda mais magra, triste e calada, de modo que bem não lhe fez.

— Mas ela não foi sempre reservada?

— Ah, foi, mas era diferente. Quando estivemos aqui, em 1804, seu silêncio era empolgado, como se estivesse guardando um segredo. No ano seguinte, estava triste e calada. Eu me pergunto o que poderia ter acontecido com ela.

— Você realmente era uma criança observadora — Isabella disse. — Eu não notei nada de diferente nela.

Para a sua surpresa, Pen corou.

— Eu costumava mesmo observar as pessoas — a irmã caçula murmurou. — Eu sabia que India tinha um namorado naquele primeiro ano.

Isabella ergueu bruscamente a cabeça, lembrando-se das palavras de Martha Otter de que o pretendente de India havia sido rejeitado.

— Você o conheceu?

— Não, eu… — Pen parecia constrangida. — Embora eu saiba que ela costumava se encontrar com ele em segredo. Eu os vi uma vez juntos, nos jardins.

Por um instante, Isabella perguntou-se se Pen não se confundira e se não havia sido seus encontros românticos com Marcus que a irmã caçula, inadvertidamente, testemunhara. Depois Pen disse:

— Ele era um soldado, eu acho. Muito bonito, com um sorriso arrogante e um andar confiante. — Por um instante, Pen pareceu estar sonhando acordada. — Eu me pergunto o que teria acontecido com ele.

— O namoro não foi aprovado por tio John — Isabella contou. Uma lembrança de algo que, na época, parecera deveras insignificante veio à tona. — Lembro-me dele agora. Ele apareceu no Assembly Rooms certa noite, durante minha última temporada aqui, e tentou falar com India. Tio John o chamou de salafrário e mandou que o expulsassem. Foi um tanto ou quanto constrangedor.

Ela franziu a testa, tentando lembrar-se mais do incidente. Na ocasião, não lhe dera muita importância, pois estivera dançando com Marcus e encontrara-se perdida nas sensações deliciosas e proibidas criadas por sua proximidade física. Houvera uma comoção na outra extremidade do salão, perto da porta. Lorde John Southern gritava, um deslize imperdoável, e o objeto de sua ira era um jovem-oficial do exército que estava tentando se soltar dos braços do mestre de cerimônias que o segurava, enquanto seu olhar percorria os convidados, horrorizados, em busca do rosto de India.

— Que estranho — disse. — Eu havia me esquecido por completo disso.

— O que aconteceu? — Pen perguntou, com curiosidade.

— Nada demais — Isabella respondeu. — India se acabou de

chorar, é claro, e teve de voltar para casa, e o resto de nós continuou na festa como se nada houvesse acontecido.

— E o jovem?

— Eu jamais o vi novamente — Isabella disse. Ela se interrompeu, pois algo a estava incomodando. Será que voltara a ver o pretendente de India? Algo recentemente lhe cutucara a memória… A lembrança não lhe veio à mente, mas o pensamento esquivo ficou no fundo de sua cabeça e se recusou a ir embora.

Jamais havendo tomado parte nas atividades amorosas de que o falecido marido tanto gostava, Isabella não fazia idéia de como convidados em casa podiam ser constrangedores para flertes românticos, pelo menos para o anfitrião e a anfitriã. Ela ansiava por Marcus de um modo que era, ao mesmo tempo, desavergonhado e implacável. Toda vez que conseguiam furtivamente roubar um beijo um do outro, ou planejavam ficar um pouco sozinhos, Freddie, ou Alistair, ou Pen surgiam da biblioteca, da sala de estar, de seus aposentos, para puxar conversa com eles, como se não notassem o clima ardente entre os anfitriões, que queriam apenas uma chance de aproveitar sossegados a sua lua de mel. Nenhum dos convidados havia respondido as insistentes perguntas de Isabella sobre quando pretendiam voltar para a cidade, e ela e Marcus pareciam incapazes de arrumar tempo até para conversar, quanto mais para fazer amor.

— Lembre-me de nunca mais convidar ninguém para Salterton — Isabella disse para Marcus, quando se encontraram sozinhos por um instante, durante o café da manhã.

— Pen e Alistair se desentenderam ontem e estão em pé de guerra agora, ao passo que Freddie parece estar juntando conhecimento íntimo de todas as tabernas em Salterton, e você e eu…

Ela se interrompeu.

— Nunca temos tempo para ficarmos a sós — Marcus completou. Ele estendeu a mão, tocando levemente o pulso dela. — Isabella, se

pudermos arrumar algum tempo a sós…

— Sim? — Isabella o fitou nervosamente nos olhos escuros. Ela podia ver ali o mesmo desejo frustrado que sentia dentro de si. Ela umedeceu os lábios. — Se pudermos ficar a sós?

— Pensei que poderíamos…

Marcus se interrompeu quando a porta para a sala do desjejum se abriu para permitir a passagem de Freddie Standish, seguido de um criado trazendo uma bandeja com ovos, torrada e café. Isabella poderia ter chorado ante a interrupção.

— Bom dia, Freddie — rosnou. — Tem planos para hoje?

Freddie a fitou de esguelha. Sua expressão era a de um cachorro que sabia que havia feito algo de errado, sem entender muito bem o quê.

— Bom dia, Bella — ele disse. — Pensei em dar um pulo no porto para respirar um pouco de ar puro.

— De novo! A vista da taberna deve mesmo ser maravilhosa, não?

Irritado, Freddie afundou na cadeira. Aporta abriu-se novamente e Pen entrou, seguida de Alistair. Nenhum dos dois olhou para o outro e nem dirigiu a palavra. Isabella suspirou de irritação, quando eles se sentaram o mais longe possível um do outro.

— Bom dia — disse. — Vejo que estão alegres como um domingo chuvoso.

Marcus levantou-se lentamente e lhe trouxe o bule de chá, ignorando o criado que se adiantara para ajudar.

— Quero que venha cavalgar comigo após o desjejum — sussurrou no ouvido dela. — Já me cansei disto. Vamos até Kinvara Cove, onde vou seduzi-la.

Isabella quase se engasgou quando a torrada desceu pelo buraco errado. Através dos olhos lacrimejantes pôde ver Marcus voltando a se sentar na sua extremidade da mesa, com uma expressão satisfeita no rosto. Ela remexeu-se no assento.

— Está se sentindo bem esta manhã, minha querida? — Marcus

perguntou, inocentemente. — Está me parecendo pouco à vontade.

— Está muito quente aqui dentro — Isabella disse, abanando-se ostensivamente. — Talvez você possa abrir uma janela.

Foi um erro tático e ela se deu conta disso quase imediatamente. Mais uma vez, o criado adiantou-se para ajudar, mas Marcus foi mais rápido. A janela estava do lado dela da mesa, e, no caminho de volta, Marcus curvou-se e voltou a lhe sussurrar no ouvido.

— Vou lhe tirar toda a roupa e levá-la comigo para dentro da água.

Isabella sobressaltou-se na cadeira, derramando o chá. Estava sentindo tanto calor que pensou que fosse explodir. Havia um frio em sua barriga, um tamborilar de excitação na garganta e ela não podia olhar para Marcus, com receio de que uma nova onda de ardor sensual fosse explodir em seu peito.

— Quer mais torrada, meu amor? — Marcus perguntou, ao voltar a sentar.

— Não, obrigada — Isabella conseguiu dizer. — Acho que já fez o suficiente por mim, meu querido.

Marcus sorriu.

— Eu mal comecei, meu bem.

Pen os fitava com curiosidade. Alistair pigarreou e pegou o jornal da manhã. Isabella fixou os olhos no prato e tentou ignorar tanto Marcus quanto o desejo feroz que se apossava de seu corpo.

— Backley — Marcus disse para o criado. — Por favor, entregue este bilhete para lady Stockhaven.

Ele havia rasgado um pedaço de papel do topo do jornal, rabiscado nele e, agora, após dobrá-lo, o estava depositando sobre a bandeja de prata do criado. O serviçal marchou pesadamente ao redor da mesa e estendeu a bandeja para Isabella. Ela lançou um olhar desconfiado para Marcus.

— Pode pegar, meu amor — Marcus insistiu.

Isabella pegou o papel dobrado e o guardou no bolso. Marcus deu a impressão de estar desapontado.

— O que planeja fazer hoje, Bella? — Pen indagou, toda animada. Pensei que poderíamos dar um pulo na biblioteca pública.

— Tenho um dia muito mais emocionante planejado para a sua irmã — Marcus informou, antes que Bella pudesse falar. — Vamos cavalgar juntos pela propriedade.

— Que idéia esplêndida! — Alistair exclamou. — Importam-se se eu os acompanhar?

— Ah, eu me importo, sim — Marcus respondeu. — Esqueceu-se de que não gosta de cavalgar?

Alistair olhou de Marcus para Isabella.

— É claro — murmurou. — Como pude esquecer de que não gosto de cavalgar.

— Bem, eu considero falta de consideração negligenciar seus convidados — Pen resmungou. — Afinal de contas, vocês nos convidaram para vir até aqui.

— Não me recordo de termos feito isso — Isabella retrucou. Ela atirou o guardanapo sobre a mesa. — Com licença.

Ela olhou para Marcus, que lhe lançou um sorriso malicioso. Ela lhe respondeu com o desafio no olhar.

— Estarei pronta logo — disse.

— Não vejo a hora — Marcus murmurou.

Lá fora, no corredor, Isabella não resistiu à tentação de pegar o bilhete no bolso e lê-lo. Ela o desdobrou com os dedos trêmulos.

Sob o sol, deitaremos nus nas pedras.

Ela engoliu em seco e quase deixou cair o bilhete. A criada que estava limpando as escadas a fitou com um olhar curioso. A porta da sala de jantar se abriu e Marcus saiu. Seu olhar foi do rosto corado de Isabella para o bilhete em suas mãos, e ele ergueu as sobrancelhas.

— Nem mais uma palavra, Marcus, ou eu o farei sofrer — ela disse, baixinho. — Já estou me sentindo mais excitada do que é apropriado para a hora do café da manhã.

Ela viu os olhos dele se arregalarem ao entender o que ela queria

dizer e, depois, um sorriso sensual voltou a lhe curvar os lábios e ela apressou-se em subir as escadas para se preparar para ser seduzida.

Capítulo Vinte

No final, não foi nada como Isabella imaginara. Quando chegaram a Kinvara Cove e acomodaram os cavalos no antigo abrigo de pedra na praia, já haviam sido forçados a parar mais de cinco vezes para conversar com inquilinos e conhecidos. Todo e qualquer pensamento de sedução tórrida já havia deixado a mente de Isabella para ser substituído pelos problemas de baixa produção de leite, pastos escassos e cercas quebradas.

— Eu não fazia idéia de que a propriedade de Salterton estivesse em um estado tão ruim — ela disse, um pouco desapontada, aceitando a mão de Marcus para subir nas rochas que cercavam a baía.

— Vai ser necessário um bocado de trabalho para deixá-la em ordem.

E um bocado de dinheiro. Ela nada disse, mas foi o que pensou, olhando de esguelha para Marcus para ver se era o que ele também estava pensando. Sabia que não tinha o direito de lhe pedir para investir em Salterton, quando ele tinha suas próprias propriedades em que pensar, contudo, torcia para que ele fizesse o que fosse melhor para o lugar. Talvez planejasse arrendá-la. Ela sentiu um aperto no coração ante a perspectiva. Adorava Salterton e queria morar ali, porém sabia que Marcus poderia não pensar da mesma forma. Precisavam discutir o assunto. Marcus pegou o alforje e saltou para a praia.

— Na última semana, venho dando uma olhada nos registros da propriedade — ele informou — e visitando os inquilinos. Eu estava para falar sobre isso com você. Talvez mais tarde… — Ele sorriu para ela. Agora, podemos simplesmente apreciar o dia.

Isabella assentiu. O céu era um arco azul sobre sua cabeça e ela podia sentir a areia quente sob os pés. A luz era estonteante. Ela ergueu a mão para proteger os olhos.

— Nós viemos aqui naquele último verão em Salterton — Marcus comentou. — Lembra, Bella?

Isabella não sabia como ele poderia ter achado que ela esqueceria. De um modo geral, ela e Marcus não haviam passado muito tempo juntos, pois lady Standish fizera o possível para afastar da filha os pretendentes indignos. Contudo, naquela ocasião, um dos colegas de marinha de Marcus havia organizado um grupo para uma festa em um barco, e como havia um jovem marquês entre eles, lady Standish tivera o maior prazer em concordar. Tanto India quanto Isabella haviam ido. A festa fora animada e divertida, embora India houvesse sentado um pouco afastada, fitando o mar e não se permitindo participar muito das conversas. Isabella lembrava-se de que havia sido um dia quente como aquele. Contudo, talvez o calor e a empolgação houvessem vindo de dentro dela, pois sabia que nem com um olhar, uma palavra ou um gesto poderia revelar sua intimidade com Marcus. Eles ficaram separados, enquanto observavam um ao outro o tempo todo. Ela ficara totalmente ciente de sua presença, e sabia que ele também não a perdia de vista e que, mais tarde, iria até ela na casa de hóspedes escura e, então, toda a paixão e desejo acumulados explodiriam entre os dois.

Agora, era diferente. Apesar de mais idade e experiência, ela se sentia tímida e um pouco desajeitada. Para encobrir o nervosismo, pegou o alforge, retirou de lá de dentro a garrafa de licor cordial, a destampou e a inclinou na direção dos lábios. Sua mão tremia ligeiramente. Um pouco do líquido derramou, escorrendo-lhe pelo queixo.

Marcus a observava com um sorriso nos lábios. Sua mão se fechou sobre a dela, tomando-lhe a garrafa e pousando-a no chão, enquanto Isabella enxugava o queixo com a manga, um pouco constrangida.

— Não há por que ter medo, Bella — ele disse. — Não precisamos fazer nada que não queira.

Isabella fixou o olhar sobre a garrafa de cristal que repousava na areia. Não podia deixar de notar o calor e a força das mãos de Marcus ao redor das dela.

— Não se trata do que eu quero ou não fazer, Marcus, mas sim que, com tudo que aconteceu entre nós, percebo que estou um bocado ansiosa.

Marcus estendeu a mão para lhe inclinar o queixo para cima.

— Eu entendo. — Ele sorriu de leve. — Foi tão complicado chegarmos até aqui que é impossível não nos questionarmos como poderemos estar à altura da promessa.

Isabella inclinou-se na direção do ombro dele. A sensação foi maravilhosamente tranquilizadora e segura.

— Exatamente — disse, descansando a cabeça nele. — Eu gosto disso, Marcus. É assim que deveria ser.

— É.

Marcus curvou a cabeça e plantou um beijo suave no maxilar da esposa. Por um instante, Isabella teve receios de que ele pudesse pressionar demais para conseguir o que quisesse, mas, quando seus lábios encontraram os dela, seu toque foi infinitamente gentil e carinhoso e ela se entregou ao beijo.

— Você tem gosto de maçãs e da brisa marítima — Marcus murmurou.

A ponta de sua língua tocou a dela, deslizando pela parte interna do seu lábio inferior, fazendo com que todos os seus sentidos dessem um salto. Ela voltou-se mais para ele, querendo que o beijo se aprofundasse, mas Marcus recuou e Isabella quase gemeu de frustração. — Vamos dormir — ele disse. — Está um dia lindo.

Ele ficou de pé. Já havia retirado o paletó e soltado a gravata larga. Isabella desviou o olhar quando ele começou a puxar a camisa pela cabeça. Raios de calor vindos do sol atravessaram o seu chapéu de

palha, fazendo com que suas faces ardessem mais do que nunca.

— Bella? — Marcus indagou. — Há algum motivo especial para você estar fitando tão intensamente aquela pedra? Você vai acabar ficando com torcicolo.

Isabella olhou para ele. Foi um erro. Há muito que ela não o via nu à luz do dia, se é que algum dia havia visto. Os ombros musculosos, o peito largo, o abdômen definido… Ele era lindo. Ela engoliu em seco, sentindo ainda mais calor, como se o sol estivesse brilhando apenas para ela.

— Estou lhe concedendo a privacidade que precisa para se trocar para o banho de mar — disse.

Marcus sentou-se em uma pedra e tirou as botas.

— Não há necessidade disso. Afinal de contas, somos casados. Você não vem comigo?

— Não sei — Isabella respondeu rapidamente. — Isto é um pouco… difícil.

Marcus riu. A luz do sol reluziu em sua pele, dando-lhe uma deliciosa tonalidade dourada. Os dedos de Isabella cocaram de vontade de tocar nele. Ela queria deslizar as mãos por sobre o peito dele e sentir-lhe o calor, explorar o contraste dos músculos rijos e da pele sedosa, e sentir-lhe o coração batendo sob a mão. Queria prová-lo e sentir o seu perfume salgado de macho. Ela estava irradiando tanto ardor agora que suas roupas estavam grudentas e úmidas e seu rosto parecia um farol. O mar estava lhe parecendo notavelmente tentador e refrescante.

As mãos de Marcus começaram a desabotoar as calças. Isabella deixou escapar um ligeiro gritinho de protesto. Marcus olhou para ela,

— Sol demais, Bella?

— Você se exibindo descaradamente demais — Isabella retrucou. — Marcus…

Mas era tarde demais. Com um movimento fluido, Marcus tirou as calças e a roupa de baixo e ficou postado diante dela em toda a sua

gloriosa masculinidade.

Ele era exorbitante, viril e desavergonhado.

Isabella não estava acostumada a homens se despindo diante dela. Ficou olhando, dividida entre choque e fascínio.

— Você está parecendo uma virgem horrorizada — Marcus disse, alegremente. — Que interessante.

Isabella corou até a raiz dos cabelos. Seu primeiro marido jamais se postara diante dela com nudez tão descarada, e a anatomia de Ernest, sem as roupas, não fora uma visão bonita. Se ele houvesse se despido diante dela, Isabella tinha quase certeza de que, em vez de ficar extasiada, teria passado mal.

— Eu lhe garanto que jamais conheci alguém que se comportasse de tal maneira — ela acrescentou, baixinho.

Marcus sorriu.

— E, então, o que acha? — perguntou, puerilmente.

Isabella pensou que se, de fato, lhe dissesse o que achava, provavelmente estaria transgredindo várias das leis de Salterton.

— Eu acho que você não tem vergonha — disse.

Marcus riu e avançou na direção dela. Isabella tentou achar algum lugar inofensivo para onde pudesse olhar e falhou completamente. Ficou até aliviada, quando Marcus a alçou, colocando-a de pé, e ela ficou na altura do peito dele, em vez de outras coisas.

— Lembre-se do que eu lhe disse durante o café da manhã — ele disse, baixinho. — Vou lhe tirar toda a roupa e levá-la para a água comigo.

Isabella deixou escapar um ligeiro gemido de protesto, mas os dedos do marido já estavam trabalhando nos botões da jaqueta de montar dela, tirando-os de suas casas. Os botões pequenos da camisa lhe deram mais trabalho, mas Marcus não se apressou. Também não se deteve para beijá-la. Trabalhou com atenção e a expressão nos seus olhos era de pura concentração, o que Isabella achou extraordinariamente excitante. Ela permaneceu obedientemente

imóvel sob suas mãos, como que enfeitiçada.

A jaqueta foi ao chão. A camisa a seguiu. O ar frio provocou arrepios nos braços e ombros expostos de Isabella. Sua pele ansiava pelo toque de Marcus. Ela queria implorar para que ele se apressasse, porém mordeu o lábio, com força.

O tecido ao redor de sua cintura foi puxado. Algo cedeu e a saia deslizou até os seus pés. Subitamente impaciente, ela deu um passo para fora das saias, tirou as botas e quase arrancou as poucas roupas que lhe restavam.

O velho espírito selvagem se apossou dela e, por sobre o ombro, lançou um olhar provocante para Marcus, antes de sair correndo para o mar.

O choque frio da água fez com que deixasse escapar um gritinho. Um bando de pássaros levantou voo das rochas, espalhando-se pelo ar, o ruído que faziam ecoando os gritos dela.

Marcus emergiu ruidosamente ao lado dela, a água escorrendo de seus ombros em regatos iluminados pelo sol. Ele a segurou ao redor da cintura com ambas as mãos e a encaixou junto a si, os músculos rijos e úmidos de encontro aos contornos mais macios dela. Ela arquejou novamente ante o contato dos corpos, e, em seguida, a boca de Marcus cobriu a dela com uma fome voraz. Ela sentiu o tremor que se apossou dele quando seus corpos se colaram ainda mais um no outro, exigindo satisfação. Depois, a mão de Marcus buscou o seu seio, e, sobressaltando-se ante a intimidade da carícia, Isabella abriu os olhos.

Havia minúsculas gotas de água nos cílios de Marcus e a pele de seu rosto e ombros era macia e bronzeada sob o sol. Isabella passou as mãos por sobre o corpo do marido com algo que chegava perto de ser reverência e viu uma descarga de pura luxúria nos olhos escuros. Com um gemido, ele voltou a puxá-la para si, beijando-a com uma avidez que beirava o desespero. Ela girava e se contorcia nos braços dele, a água ao redor deles e a fricção de seus corpos nus quase sendo

demais para suportar, e depois, quando achou que ele fosse possuí-la ali mesmo na água, ela se afastou.

— Eu disse que o faria sofrer — Isabella disse e mergulhou para longe dele através da água límpida, tateando em busca das rochas e se alçando para sua superfície quente. Quando virou para trás, o que viu a fez gargalhar. Marcus estava sacudindo a cabeça com uma expressão atordoada no rosto, e o olhar que lançou para ela não foi exatamente amigável.

— Atrevida!

Ele estava se alçando para as rochas ao lado dela, estendendo a mão em sua direção. Isabella rolou para longe dele. O sol estava quente, e o ar, agradável, e a sensação deles sobre sua pele nua era maravilhosa. Ela não queria ser capturada. Ainda não.

Ela ficou de pé. Com um bote, a mão de Marcus lhe segurou o calcanhar. Ele lhe suavizou a queda com o próprio corpo, depois, rolou para cima dela, imobilizando-a. Sua boca desceu sobre a dela, aprisionando-a. Isabella se contorceu. Ele lhe soltou um dos pulsos, apenas para lhe capturar o seio, e puro prazer percorreu o corpo da mulher, quando o marido abaixou a cabeça na direção de seu mamilo. Seu corpo estava em chamas, mas ela conseguiu se esquivar.

— Aqui não.

— Onde, então? — A voz de Marcus saiu brusca. Ela o fitou nos olhos.

— Na casa de hóspedes.

A mão bronzeada dele ainda repousava sobre a brancura de sua pele e a visão fez o coração de Isabella bater em disparada. Ele recuou lentamente.

— Neste caso, é melhor correrm os — disse.

Isabella obedeceu. Voltou às pressas para a praia, Onde ela vestiu de qualquer jeito a saia e a jaqueta, prendendo o cabelo molhado para trás. A distância ao longo da trilha do rochedo até os jardins era curta, contudo, se encontrassem alguém, pareceriam ter enlouquecido.

Isabella estava quase certa de que tinham mesmo.

Marcus segurou-lhe a mão. Vestira as calças de algodão e era impossível ignorar o volume absolutamente enorme na parte da frente delas. Isabella o fitou, com a cabeça a mil. Ele puxou-lhe a mão.

— Isso é tudo culpa sua, e, agora, temos de fazer algo a respeito — disse. — Venha.

Como os jovens amantes que foram no passado, eles correram pela trilha de areia da angra até o portão que levava a Salterton Hall Gardens. Um espinho de tojo espetou o pé descalço de Isabella e, quando ela gemeu de dor, Marcus a tomou nos braços, atravessando o portão e subindo os degraus que levavam à casa de hóspedes. Aporta resistiu, gemendo nas dobradiças. Lá dentro, o ar estava turvo e cheirava a poeira e a rosas. Marcus a pousou de volta no chão e, por um instante, ficaram se fitando um ao outro, na meia-luz.

Ambos se mexeram ao mesmo tempo, chocando-se, um atirando-se nos braços do outro. O clima entre os dois havia mudado agora, abrandado, transformando-se quase em ternura. Quase, porém, não exatamente. Desta vez, quando se beijavam, era com lembranças além de paixão. A pungência fez os olhos de Isabella arderem com lágrimas.

— Tanta pressa — Marcus sussurrou. — Os botões de sua jaqueta estão colocados nas casas erradas.

Ele estava sorrindo para ela, e Isabella ergueu as mãos para desabotoá-los. A saia foi a próxima. Ela estava nua mais uma vez e, para encobrir o ligeiro retorno do constrangimento, avançou até ele, passando os dedos pelos músculos do peitoral largo, descendo pelo abdômen até chegar à cintura das calças de algodão. Sua pele parecia um cetim ligeiramente áspero e, ao inclinar-se para lhe beijar o peito, ela pôde sentir o sal na pele de Marcus. Ela o escutou inspirar profundamente, e, em seguida, ele a tomou novamente nos braços e a deitou na espreguiçadeira antiga que havia sido empurrada até um canto, coberta e abandonada. Ele arrancou o lençol e Isabella recostou-

se, lembrando do modo como as almofadas haviam recebido confortavelmente o seu corpo antes. Foi há tanto tempo. Ela sentiu vontade de rir.

— Marcus, deve haver ninhos de aranhas…

— Pode haver ratos que eu não ligo. — Ele se juntara a ela na espreguiçadeira, e estava passando a mão pelos cabelos da esposa, inclinando-lhe o rosto na direção do dele. — Nós nem os notaremos.

Todos os pensamentos de ratos, aranhas e tudo o mais desapareceram ante a sensação dos lábios e das mãos de Marcus. Isabella estendeu-se sob o corpo dele, arqueando-se em indefesa rendição aos dedos que deslizavam sobre ela, acariciando com habilidosa reverência. Ele lhe acariciou os seios, apoderando-se de sua generosidade com um prazer possessivo, antes de abaixar a boca para lhe provocar os mamilos e roçar neles gentilmente com a língua e os dentes. Isabella entrelaçou as pernas às dele e o puxou para perto, alisando-lhe as costas com as mãos e descendo até a curva das nádegas.

Sentiu o corpo dele estremecer e abriu os olhos. Nas sombras da casa de hóspedes, o rosto dele estava duro e sombrio de desejo, um desejo que lhe ardia nos olhos. No entanto, também havia ternura ali e ela sentiu o coração se apertar.

Com gentileza infinita, Marcus lhe acariciou as curvas dos quadris e deslizou a mão por entre as pernas dela. Antigas ansiedades se misturaram ao desejo de Isabella e, por um breve instante, ela estremeceu. Marcus sentiu.

— Querida…

Ele a beijou, sua boca macia de encontro à dela.

Seus receios se aliviaram, seu corpo relaxou um pouco. Marcus acariciou o interior das suas coxas e, aos poucos, sob o alisar das carícias, Isabella sentiu os músculos tensos começando a se desenrijar. A outra mão de Marcus deslizou até o ombro exposto da mulher e afastou o cabelo da pele úmida do pescoço. Isabella moveu-se

ligeiramente.

— Hummm. Desculpe, Marcus.

— Não há nada de que se desculpar. — A mão de Marcus desceu do seio dela e Isabella arregalou os olhos. — Devagar é bom.

E era mesmo. A voz de Marcus era tão gentil quanto os seus dedos, suave, lânguida. Suas mãos deslizaram por sobre a barriga dela, e Isabella estremeceu sob o seu toque. Ele beijou-lhe a curva do ombro e ela se arrepiou, prendendo a respiração. Ele afastou o cabelo úmido e, com a língua, acariciou delicadamente a lateral do pescoço.

— Você é minha — murmurou de encontro à pele. — Desde o início que sempre foi minha. Nada mais importa.

Rolou para cima dela, aprisionando-a, e o corpo de Isabella se moveu contra o dele com uma necessidade instintiva.

— Lembre-se de como era para nós — ele sussurrou no ouvido dela, sua respiração provocando arrepios ao longo das terminações nervosas da mulher. — Lembre-se…

Ela lembrava-se. Lembrava-se do calor, da urgência e da necessidade primordial e da paixão explosiva. Seu corpo amoleceu. Marcus estava beijando as sardas na base de seu pescoço, agora. O cabelo dele roçou-lhe o seio. Isabella podia sentir e excitação dele pressionando com firmeza a sua coxa e moveu-se ligeiramente para melhor acomodá-la. Ele sacudiu a cabeça.

— Não. Ainda não. Lembre-se. Era excitante para nós, Isabella. Insuportável, intolerantemente excitante.

Isabella rendeu-se com um som suave. Ela estava tremendo, derretendo-se de incontrolável desejo sob o corpo de Marcus. Sentiu-lhe as mãos descerem para afastar as suas pernas novamente e, desta vez, ela não relutou e se abriu para ele com ansiedade, enquanto as mãos do marido brincavam em meio aos cabelos crespos, cada vez mais íntimas, cada vez mais prazerosas.

— Querido…

Marcus estava sobre ela, afastando-lhe bem as pernas, deslizando

para o ponto entre as suas coxas, penetrando-a com uma arremetida vigorosa, pulsante. Sob a luz fraca, o rosto dele estava rígido, concentrado, repleto de desejo.

— Ah!

Isabella arqueou-se, sentindo-se empalada. O ardor começou a se empoçar em seu íntimo. Ela agarrou-lhe os ombros, sulcando o músculo.

Ele agitou-se dentro dela, movendo-se com maior velocidade agora. A cabeça de Isabella girava à medida que o prazer ia aumentando. Sensações incontroláveis, acentuadas, se apossaram dela, fazendo-a gritar e se contorcer debaixo dele. Todo o seu corpo se acendeu com uma delicadeza dolorosa, deliciosa. Sabia que, desta vez, Marcus deliberadamente colocara o prazer dela em primeiro lugar, como se para compensar o que acontecera em Londres. Sentiu-se admirada, tocada e grata. Ficou ali deitada, imóvel, recuperando o fôlego, estendendo as mãos para ele…

— Obrigada — ela sussurrou. — Mas, você…

— Sim?

Ele a beijou de leve. Estava lhe acariciando a barriga novamente, com aquele toque enganosamente gentil e relaxante que, ainda assim, despertava algo primitivo no íntimo de Isabella. Ela se moveu, surpreendendo-se ao sentir-se tomada por uma nova onda de desejo. Em seguida, ele estava dentro dela novamente, escorregadio e quente. Marcus arremeteu mais rápido e com mais força, até ela ser capaz de sentir a mistura do cheiro de sal e de suor nele, a umidade fazendo com que sua pele reluzisse. Ele apossou-se de sua boca, as investidas e retraídas da língua espelhando os movimentos dentro dela. O corpo de Marcus sobressaltou-se convulsivamente quando ele explodiu dentro da esposa, e a mente de Isabela se estilhaçou um mil pedacinhos estonteantes quando ela sentiu os espasmos sacudindo-a novamente, sentiu o bater frenético do coração de Marcus de encontro ao seu e a pressão dos braços do marido ao seu redor. Eles ficaram

abraçados juntinhos, não emitindo som algum, que não o de suas respirações alteradas.

Isabella não fazia idéia de quanto tempo se passara antes que Marcus se movesse ligeiramente. A respiração dele lhe agitou o cabelo.

— Há muito tempo que eu a queria, Isabella.

Ela mexeu-se no interior do círculo desenhado pelos braços dele, para que pudesse olhá-lo. Os olhos de Marcus estavam sombrios e sérios, porém um ligeiro sorriso estava lhe curvando os lábios.

— Eu pensei que houvesse tomado tudo o que queria em Londres — ela disse, provocando-o um pouquinho.

A expressão do rosto dele se suavizou.

— Não — disse. — Eu tomei uma coisa. Na ocasião, pensei ser tudo o que eu queria, mas era totalmente sem valor comparado ao que tenho agora. — Ele a beijou de modo possessivo. — E, agora, eu quero de novo.

— Marcus!

— Eu sei. Hoje em dia sou um homem velho, mas você me leva a patamares que eu jamais pensei poder alcançar. Permita-me provar isso.

Sua boca apossou-se da dela, suas mãos no corpo dela. Ele deslizou para baixo e encostou a língua no âmago dolorido de Isabella, que suspirou e se entregou com o mais puro prazer quando ele a possuiu novamente.

Capítulo Vinte e Um

— É claro, eu sempre considerei os Southern uma família deveras desafortunada — a sra. Goring disse confortavelmente, estendendo a mão na direção do bule de chá.

Ela e Isabella estavam sentadas no café com fachada envidraçada

da biblioteca pública, que oferecia uma linda vista do passeio até o mar. Há duas horas que estavam lá e, até agora, a sra. Goring havia resumido os acontecimentos em Salterton durante os doze anos da ausência de Isabella, e estava seguindo para considerações gerais sobre os habitantes da cidade. Isabella teve o maior prazer em ficar ali sentada, escutando, admirando o mar e observando os visitantes que passavam por ali. Como Pen mencionara no outro dia, podia se aprender muito apenas observando. Por exemplo, havia observado a srta. Belling se dependurando em uma janela no segundo andar, do outro lado da rua, em uma tentativa deveras inapropriada de atrair o interesse do sr. Casson, observara o sr. Dwen mancando ao longo do cais, na direção da estalagem, sem dúvida para experimentar águas eficazes de um outro tipo, e ela havia acabado de ver Pen e Alistair passar, caminhando de braços dados em direção ao quebra-mar. Aparentemente, os dois haviam resolvido suas diferenças.

— Sabe como é, o pobre lorde John sendo o filho caçula — a sra. Goring prosseguiu —, e, depois, ficaram sem dinheiro, e a pobre srta. India morrendo tão jovem. E também houve o problema da criança, é claro… — Ela se interrompeu discretamente. — Lorde John não caiu no conceito de ninguém, é claro. Coisas como essas acontecem, até mesmo com a nobreza. Especialmente com a nobreza, levando em conta os relatos dos jornais. Contudo, mesmo assim, foi um choque para quem o conhecia.

Isabella desviou o olhar da esplanada e fitou a acompanhante com consternação.

— Como disse, madame? Que criança?

A sra. Goring pareceu nervosa.

— Ah, minha nossa, milady parece estar tão surpresa. Eu pensei que *soubesse.* — Ela se distraiu com o bule de chá, mexendo desnecessariamente o seu conteúdo. — É claro que milady era muito jovem na época, apenas 17 anos de idade, se não me engano quanto às datas, mas, mesmo assim, moças jovens não são tão ingênuas quanto

as pessoas imaginam. E os boatos se espalharam, como é comum acontecer.

Isabella ergueu a mão.

— Sra. Goring, está insinuando que meu tio teve um filho ilegítimo? A sra. Goring estremeceu delicadamente ante tamanha franqueza.

— Bem, minha querida, acho que estou. Todo mundo sabia, com exceção de milady, evidentemente. Dizem que foi resultado de um flerte com uma criada. Não sei ao certo com qual.

Ela franziu a testa, desapontada ao se dar conta de que não podia fornecer este detalhe da história.

— A criança… Foi um menino… — Ela se interrompeu. — Ou foi uma menina? Não, tenho certeza de que foi um menino… Foi entregue ao jardineiro e à esposa para ser criado. Pouco depois, eles se mudaram para Londres e jamais voltou a se tocar no assunto. Mas, é claro, todo mundo sabia… E lorde John estava tão frágil na época. — A sra. Goring sacudiu a cabeça. — Ninguém teria pensado que ele ainda era capaz! Ainda assim, com homens, nunca se sabe. Suponho que ele usou o que lhe restava de forças.

Isabella ficou em silêncio, não de indignação, como a acompanhante poderia ter suposto, mas de total confusão. Lorde John Southern fora devotado à esposa. Jamais houvera o menor indício de infidelidade em todos os seus anos de casados, pelo menos até onde Isabella sabia. E, como a sra. Goring havia insinuado, lorde John fora um homem frágil e muito doente nos seus últimos anos de vida. Tal imagem não se encaixava no retrato de um velho assanhado correndo atrás das criadas.

— Eu não fazia idéia — Isabella disse, lentamente.

— Não? Bem… — A sra. Goring parecia pouco à vontade. — Não era um assunto a ser discutido com a sobrinha de lorde John, nem com sua filha, para falar a verdade. Estou certa de que, se a srta. India tivesse sabido, teria ficado chocada.

— O que houve com a criança? — Isabella perguntou. A sra. Goring parecia surpresa.

— Sabe que não faço idéia? Ninguém mais soube do menino depois que se mudou para Londres. Imagino que lorde John o tenha sustentado, pois ele era um homem que levava muito a sério as suas responsabilidades.

— É — Isabella concordou. — Era mesmo.

Ela estava pensando que era estranho que o sr. Churchward não houvesse lhe informado de nenhum dependente no espólio dos Southern. Não havia pagamentos regulares sendo feitos a ninguém, além das anuidades devidas a criados aposentados. Churchward também não sugerira nenhum ramo ilegítimo na árvore genealógica da família, o que, com certeza, ele teria lhe dito quando ela herdara. Ela não era nenhuma jovem acanhada para ficar chocada diante de questões tão mundanas. Agora que pensava no assunto, achava esquisito. Ela se perguntou se Marcus sabia alguma coisa a respeito, e, se sabia, por que nunca mencionar nada. Era como se este filho ilegítimo houvesse desaparecido por completo, como se jamais houvesse existido.

— Mais chá, minha querida? — perguntou a sra. Goring. Ela estendeu um prato de biscoitos de Bath para Isabella. — Está vendo o modo vulgar como a srta. Belling acena para o cavalheiro? A ordinária não se detém diante de nada para fisgar um marido…

Isabella sorriu automaticamente, e a sra. Goring continuou a tagarelar, mas a dama mais jovem não estava mais escutando. Estava pensando em lorde John Southern e no seu filho ilegítimo. E, apesar de todas as evidencias em contrário, Isabella não foi capaz de se desfazer da convicção persistente de que o tio jamais concebera tal filho.

Penelope Standish estava definitivamente insatisfeita.

Nos últimos sete dias, desde que chegara a Salterton na companhia

do sr. Alistair Cantrell, este parecera, quando muito, preocupado, e, de um modo geral, completamente desinteressado nela. O cavalheiro dançara com ela em Salterton Assembly, mas também o fizera com várias outras jovens damas. Ele a acompanhara até a biblioteca pública e, em suas longas caminhadas pelo passeio, no entanto, parecia mais animado ao discutir com Freddie os planos deste para o dia ou bebendo com ele na taverna do porto. Na verdade, que Deus a livrasse, Pen começara a imaginar se não fora sempre Freddie o alvo do interesse de Alistair e que ele vinha cortejando-a em Londres apenas para chegar perto do verdadeiro objeto de suas afeições.

Sendo assim, naquela manhã, quando se detiveram na esplanada para admirar o mar, Pen ficou pouco surpresa ao notar que, em vez de vislumbrar o horizonte, os binóculos de ópera de Alistair estavam voltados para a esquina da Quay Street, onde Freddie podia ser visto adentrando às pressas o Ship Inn. Ela suspirou, tanto ante a visão do irmão correndo na direção de sua primeira garrafa do dia quanto devido às suas esperanças perdidas, pois foi forçada a admitir que depositara muitas esperanças no sr. Cantrell. E, ao pensar no papel de tola que fizera, foi tomada de fúria, de modo que esbravejou:

— Tenho a impressão, sr. Cantrell, de que é meu irmão quem mais lhe chama a atenção, e não as belezas da natureza!

Ela viu Alistair sobressaltar-se e empertigar-se, abaixando a mão que segurava os binóculos de ópera. Suas faces coraram um pouco e ele deu a impressão de estar ligeiramente constrangido. Na verdade, pareceu sentir-se culpado. Pen ficou ainda mais furiosa.

— Eu mesma não tenho opinião formada quanto a um homem que prefere o próprio sexo, em vez dos encantos femininos — ela disse, com frieza. — Contudo, decididamente não aprovo um homem que *engana* os outros na busca da própria felicidade.

Alistair parecia completamente atordoado. O que não era de espantar, Pen pensou. Estavam no meio da esplanada e atraindo considerável atenção.

— Srta. Standish, eu lhe garanto que…

— Desde o início, o senhor me fez acreditar que *eu* era o alvo de suas afeições. Eu não gosto de ser usada, sr. Cantrell, como uma maneira de se aproximar de meu irmão, que…

— Srta. Standish… —Alistair repetiu, com crescente urgência.

— Que — Pen insistiu, ignorando a interrupção — não tem o menor interesse em homens, preferindo a companhia de mulheres vulgares. Lamento ter de lhe informar isso, mas, com o propósito de poupá-lo de sofrimento futuro, devo insistir para que desista de suas atenções a Freddie.

Alistair segurou-a pelos braços, puxou-a para si e beijou-a violentamente. A sombrinha dela caiu no chão, sem ser notada.

— Não tenho o menor interesse romântico no seu irmão, sua tolinha — Alistair afirmou.

Ele a beijou de novo, antes que Pen pudesse retrucar, e ela se derreteu no abraço, que foi apenas ligeiramente menos urgente do que o anterior.

— Desde o primeiro instante em que a vi, eu a achei a criatura mais linda e com a língua mais afiada que eu já tivera o prazer de conhecer — Alistair disse, ofegantemente, da próxima vez que a soltou.

Pen ficou tão encantada com a declaração que, desta vez, foi ela quem - puxou a boca do homem para a sua.

— Mas jamais pensei que teria a insensatez de imaginar que eu desejava o seu irmão — Alistair completou. Ele a sacudiu gentilmente. — Foi você que eu quis desde o início — afirmou, sorrindo para os seus atordoados olhos azuis. — Naquela noite, na Royal Institution, eu quis seduzi-la. Naquela noite, na estalagem em Alresford, quis possuí-la. E, agora mesmo, quero…

Pen o agarrou antes que Alistair articulasse suas fantasias e, independente dos olhares escandalizados dos transeuntes, eles se beijaram e se beijaram repetidas vezes no passeio do que,

previamente, fora um balneário respeitável.

Isabella estava determinada a confrontar seus próprios fantasmas. Passara a tarde inteira na escrivaninha do escritório da propriedade, pois Marcus a presenteara naquela manhã com a escritura da doação de Salterton e, muito gratificantemente, a havia deixado para que conhecesse sua nova propriedade, dizendo apenas que estaria por perto se ela precisasse de ajuda. No entanto, independente do quanto Isabella tentasse se concentrar em produção de leite e em medidas em hectare, seus pensamentos retornavam com cansativa insistência para India Southern, sua prima e rival. No final, soube que teria de agir.

India era o último fantasma de seu passado, sua última fonte de aborrecimentos. Se queria que Marcus realmente fosse seu, Isabella teria de banir a sombra de sua prima e entender direito o que India representara para Marcus.

Os quatro lances de escada para chegar ao sótão de Salterton House foram uma longa subida. Isabella sabia que, se tivesse pedido, a governanta poderia ter providenciado para que os baús de India fossem trazido até lá embaixo, mas ela não queria que ninguém soubesse o que estava fazendo. Especificamente, não queria que Marcus soubesse o que estava fazendo. Culpa e incerteza se apoderaram dela. Na verdade, não sabia ao certo *o que* estava fazendo, a não ser que tinha certas suspeitas sobre India e que tinha de entender a prima e o que a motivava, se é que algum dia pretendia fazer as pazes com a sua lembrança.

A medida que Isabella foi subindo, as escadas foram ficando mais estreitas, e, no último lance, o tapete vermelho foi substituído por uma esteira de juta gasta. Estava quente ali em cima. Uma mosca zumbiu na janela e os passos de Isabella ecoavam sobre o piso. Os sons vindos do resto da casa foram abafados. Ela poderia ter estado sozinha no mundo.

Abrindo devagarinho a porta, adentrou o recinto pouco iluminado

do primeiro sótão. O aposento estava todo fechado, escuro e quente, cheirando a poeira e a negligência. Um arrepio desceu pela espinha de Isabella. Ela encontrou os baús mencionados pela sra. Lawton. Havia dois, um em cima do outro em um dos cantos, o mais longe da janela. Ela cruzou o aposento e puxou o primeiro.

Foi como abrir uma janela para o passado.

O baú estava cheio de roupas. Vestidos de passeio, vestidos de ficar em casa, vestidos de gala, xales e luvas, tudo em tons pastéis, empilhados um sobre o outro, em uma pilha de tecidos e acessórios com aroma de alfazema. Isabella lembrou-se que India sempre preferira cores pálidas e estilos modestos. Era tão estranho ver todo o seu guarda-roupa armazenado ali. Parecia desbotado e sem vida, como um fantasma da própria India. No fundo do baú, havia uma pilha de livros.

O segundo baú continha todo o resto necessário para contar a história da vida de India. Havia rolos de meias de seda, combinações com renda, corpetes e espartilhos. Havia algumas partituras, com as bordas amareladas. Uma bolsa de veludo contendo delicados colares de prata e ouro. Também havia uma caixa de pintura, com manchas de tinta seca nas bordas, e uma armação para bordar. Isabella sentiu-se inesperadamente tomada de emoção. Era triste ver os restos da vida de India espalhados diante de si, deste jeito, um pouco gastos e cheirando a naftalina.

Não encontrou nenhum diário. Isabella vinha torcendo por um diário, pois sabia que India tivera um. Quando eram crianças, a prima cansara de rabiscar nele seus segredos. Talvez Marcus o houvesse destruído quando India morrera. Ou, talvez, lady Jane o fizera. Os Southern sempre se preocuparam tanto com o que as outras pessoas pensavam que, sem dúvida, não iriam querer ver o diário de India caindo nas mãos erradas.

Sentindo-se ligeiramente desapontada, Isabella endireitou-se. Apesar de todas as evidências da vida de India estarem espalhadas

diante de si, não havia sequer um único item pessoal que pudesse lhe dar uma pista do que acontecera.

Com um ruído, algo rolou de dentro da dobra de um lenço de seda e caiu sobre o piso de madeira. Isabella curvou-se para pegar o objeto. Era um medalhão de prata. Ela hesitou. Parecia indiscrição abri-lo, mas queria ver a miniatura lá dentro. Talvez uma pintura em aquarela de Jane, ou de lorde John… Ou, quem sabe, um retrato de Marcus… Seu coração se apertou com emoções conflitantes ante o pensamento, contudo, agora, sabia que tinha de olhar, mesmo que isso confirmasse seus piores temores de um vínculo inquebrável entre Marcus e India, mesmo que isto lhe partisse o coração.

Seus dedos tremeram ligeiramente ao pressionar o fecho. A dobradiça estava ligeiramente dura, mas o medalhão abriu-se relutantemente para revelar seu segredo.

O retrato realmente era de um jovem cavalheiro. Além disso, era um jovem cavalheiro usando o vistoso uniforme vermelho do Exército de Sua Majestade. Um jovem soldado com um sorriso arrogante, alegre, confiante, com um brilho no olhar… Provavelmente tinha um andar confiante e a bravata de um homem que sabia que poderia obter tudo que quisesse, sem dar a mínima para o resto do mundo…

Com um arrepio, como o roçar de uma teia de aranha no seu rosto, outra lembrança veio à mente de Isabella, a de um jovem tenente do exército se apresentando a ela e a India no Assembly Rooms, 13 anos antes.

Ele se dirigira a Isabella, como a prima mais velha, mas não tirara os olhos de India. Isabella ficara intrigada, não era comum ela ser ofuscada pela prima tímida. Também ficara um pouco irritada, o que era muito natural. Mas, então, o jovem curvara-se para India e lhe pedira a próxima dança, e Isabella sorrira com resignação ao vê-los afastando-se com olhos apenas um para o outro.

Ela só o encontrara aquela vez. Até aquele instante, sequer se lembrara de que ele era o mesmo homem que aparecera no Assembly

Rooms um ano mais tarde, apenas para ser posto para fora. Era o homem que Pen disse que se encontrava em segredo com India, o pretendente que, ao que tudo indicava, os pais dela haviam rejeitado.

Isabella sentou-se bruscamente na beirada de um dos baús. O canto das aves marinhas não era muito nítido daquela distância. Ele misturava-se com a brisa que passava o longo do telhado e o quebrar distante das ondas na baía. O ar parecia quente e opressivo. Uma mecha de cabelo, presa no interior do medalhão, caiu flutuando pelo ar, até se espalhar sobre o piso de madeira. Isabella curvou-se automaticamente para recuperá-lo. O cabelo era bem fininho e macio, como o de um bebê. Era louro, mais claro do que o de India, mais claro do que o dela próprio havia sido quando criança, antes de escurecer com a idade, como o cabelos das crianças costumava fazer. Estava amarrado com uma pequenina fita azul.

Isabella guardou cuidadosamente a mecha no interior do medalhão e o fechou, travando-o. Sua mente estava repleta de imagens de India, misturadas com as palavras de Pen e as da sra. Goring. India mais gorda e feliz, depois mais magra e triste… A misteriosa viagem até a Escócia de sua prima e lady Jane… a mecha de cabelo e o retrato em miniatura… o rumor de um filho ilegítimo de lorde John, que desde o início ela considerara impossível… Um belo tenente causando uma cena no Assembly Rooms e lorde John ordenando a sua furiosa expulsão…

Apesar do calor, ela sentiu um violento arrepio. O medalhão estava na palma de sua mão e seus dedos se apertavam ao redor dele. Agora, sabia o segredo de India.

Isabella não saberia dizer, ao certo quanto tempo passara no sótão empoeirado, sentada com o medalhão na mão. Quando, por fim, ficou de pé, os elos de prata da corrente estavam marcados na sua mão e ela estremeceu um pouco. Fechou os baús e, cansada, desceu as escadas. Sabia que tinha de falar com Marcus, e estremecia só de pensar em

fazê-lo.

Ela abriu a porta do gabinete. Marcus estava sentado atrás da escrivaninha perto da janela. A luz do sol da manhã passava pelas vidraças, fazendo com que as tábuas de madeira lustrada reluzissem. Marcus estava lendo um livro sob engenharia, os óculos apoiados na ponta do nariz. Estava tão quieto e absorto que pareceu não notar a entrada dela.

Por um instante, Isabella o observou. Sua testa estava enrugada de concentração e o sol ressaltava os poucos fios grisalhos na sua cabeça. Nenhum de nós, Isabella pensou, é mais uma criança. Sentiu uma onda de amor tão forte por ele que devia ter feito algum movimento involuntário, pois ele ergueu a cabeça. Após um instante, Marcus sorriu e abaixou o livro. O coração de Isabella disparou.

— Boa tarde — disse. — O que posso fazer por você, Isabella?

— Marcus — Isabella falou.

Subitamente, o pensamento de abordar o assunto de India parecia tão remoto e impossível que ela quase se virou e saiu correndo. Como poderia fazer isto? Marcus ficaria zangado com ela por ter mexido nos pertences de sua falecida esposa. Quanto às sugestões… acusações… que estava prestes a fazer… bem, sua única reação a elas só poderá ser desprezo. Ele ficaria amargamente magoado e suas lembranças seriam estragadas. Ela o amava demais para fazer isso. E, no entanto, estava certa de que tinha a chave do mistério de Edward Warwick na mão, e tinha de lhe contar. Não podia ficar mais em silêncio.

— Eu queria falar com você — ela disse. — E sobre India. Marcus, é importante.

O sorriso dele desapareceu. Isabella viu o seu olhar se retrair. Era a mesma expressão que ele assumia sempre que se fazia referência a India, colocando-a a certa distância. Mas, desta vez, estava determinada a persistir.

— Por favor, Marcus — Isabella suplicou. — Eu sei que deve ser difícil para você.

Algo brilhou no olhar dele.

—É — disse lentamente. — É difícil mesmo, mas já há algum tempo que venho querendo falar dela para você.

Isabella hesitou.

— Ah, é?

Marcus fez um gesto para que a esposa se sentasse, e ela largou-se nas almofadas. Ele retirou os óculos e esfregou os olhos.

— Tem algo que preciso lhe contar, Bella.

O silêncio se estendeu como uma teia de aranha entre eles. Isabella aguardou, seu coração batendo na garganta.

— Eu jamais amei India — Marcus disse, sem rodeios. — Deus sabe como tentei, mas jamais consegui. Eu fingi amá-la, fingi para mim mesmo e para todo mundo, mas sempre soube que não era verdade. Mesmo no nosso casamento, quando fizemos nossos votos, eu sabia que era um erro. Eu me casei com a prima errada, e sabia disso desde o início. — Ele olhou para o rosto pálido de Isabella e esboçou um ligeiro sorriso. — Você parece surpresa, Bella. Será que não suspeitava?

Isabella encontrou a própria voz:

— E-estou pasma. Não chegava nem perto de suspeitar. Eu o achava devotado a ela em vida, e à sua lembrança, agora.

Marcus fez uma careta. Apoiou-se na beirada da escrivaninha e cruzou os braços.

— Por que diabo pensaria isso?

— Por quê? — Isabella hesitou. Ela interpretara completamente errado a situação e acabara se causando um bocado de sofrimento, mas apenas baseara seu julgamento no comportamento de Marcus. Havia evidências mais do que o suficiente. — Por onde começo? Você a defendeu com tanta veemência quando conversamos em Londres. Você me acusou de estragar o relacionamento dela com a mãe. Preferiu acreditar na palavra dela, em vez de na minha. A todo momento, esfregava na minha cara que ela ainda tinha o seu amor e a

sua lealdade. — Isabella ficou olhando para o padrão do tapete turco, sentindo-se indignada assim como triste. — Quando você me contou do incêndio, e eu descobri que deixara os aposentos de India intocados desde a morte dela, o que queria que eu pensasse? — esbravejou. — Era como um altar à memória de sua esposa morta! E eu soube que eu…

Ela se interrompeu e engoliu em seco.

— Que você… o quê?

— Que eu jamais poderia competir com a memória dela, que você jamais me amaria como a havia amado, que seu coração não estava livre para amar novamente. — Isabella se interrompeu e ficou olhando para ele. — Por que não me contou a verdade a respeito de seus sentimentos por ela? — exigiu saber. — Por que guardaria todos os retratos e as lembranças de India, e deixaria seus aposentos intocados, a não ser que fosse doloroso demais para você fazer o contrário?

O olhar de Marcus foi melancólico.

— *Era* mesmo doloroso demais — ele retrucou. — Mas por culpa, não por amor.

Isabella o fitou estupefata. Ela estava apertando com força os braços da poltrona.

— Culpa? Pelo quê?

Marcus avançou e sentou-se na poltrona que fazia um ângulo perpendicular com a dela. Estavam próximos o suficiente para se tocarem, mas ambos estavam empertigados nas próprias poltronas. A tensão no recinto era palpável, como ò estalar de um relâmpago.

— Eu me sentia culpado por jamais ter sido capaz de amá-la — Marcus respondeu, após um instante. — Eu me dei conta de que não poderia fazê-la feliz. Ela merecia coisa melhor. — Ele ergueu os olhos e Isabella estremeceu ao notar a expressão deles. — Eu me casei com a prima errada — ele repetiu — e tentei transformá-la no que eu queria que ela fosse. Tentei transformá-la em você. Ela viveu à sua sombra durante todo o nosso casamento. Ela sabia, e eu sabia, mas jamais

tocamos no assunto.

Isabella sacudia a cabeça com incredulidade.

— Pensei que era eu quem estava sempre sendo comparada à incomparável.

Marcus sorriu tristemente.

— Posso entender que tenha se sentido assim. O quarto, os retratos, as coleções dela…

— E, mais do que qualquer outra coisa, a sua defesa ferrenha da memória dela! — Isabella fez um ligeiro gesto. — Será que isso também foi culpa, Marcus? Que, por não ter conseguido lhe dar o que ela queria em vida, você estivesse tão determinado a tentar recompensá-la?

Marcus pousou a cabeça entre as mãos por um instante e, depois, ergueu-a novamente.

— Era o mínimo que eu poderia fazer — disse, com tristeza. — Eu me sentia responsável pela morte dela. Se ao menos eu tivesse estado com ela na cidade… Mas eu preferia passar o menor tempo possível na sua companhia.

Isabella tomou-lhe a mão. Estava meio que esperando que Marcus fosse retraí-la, porém ele não o fez.

— Lamento muito — disse. Ele olhou para ela.

— Não tem do que se lamentar.

— Talvez não. — Isabella hesitou. — Mas sei o que é tentar construir algo que valha a pena, apenas para falhar. Embora… — ela sorriu, ligeiramente — deva confessar que, com Ernest, logo desisti. Era uma causa perdida.

Marcus também sorriu. Ele levou as costas da mão de Isabella aos lábios e a beijou.

— Foi tão ruim assim, Isabella?

— Ah, foi revoltante! — O sorriso dela desapareceu. — Contudo, acho que não foi tão triste como foi para você. Suponho que tenha tido esperanças de ser feliz com India, ao passo que eu soube desde o

início que meu casamento era de conveniência.

Marcus mexeu-se um pouquinho, mas não a soltou.

— Eu rapidamente me dei conta de que havia uma parte de India que eu jamais conseguiria alcançar — disse. — Você mesma disse que ela era muito reservada, e era verdade. Eu sabia que havia algo incomodando-a. Ela era infeliz, e eu receava muito ser a causa disso.

Isabella estremeceu. Esta era a sua oportunidade para contar para Marcus sobre Edward Warwick, e, no entanto, hesitou em fazê-lo.

Marcus havia se aberto com ela, e havia uma confiança frágil entre os dois. Será que ela a destruiria antes mesmo de ter começado, se lhe dissesse que suspeitava saber à verdadeira causa da infelicidade de sua esposa?

Marcus sentira o tremor que a abalara e a fitava inquisitivamente. Seu olhar escuro de repente ficou tão afetuoso que Isabella sentiu uma violenta pontada de arrependimento diante do que tinha de fazer. Contudo, já houvera segredos demais entre eles para ficar em silêncio sobre o que sabia. Além do mais, tinha de pensar em Warwick.

Ainda segurando a mão dele, ela ajoelhou-se ao lado da poltrona. E falou, com muito cuidado:

— Estou certa de que o fato de seu casamento não ter sido tão feliz quanto poderia ter sido foi uma fonte de arrependimento para vocês dois, Marcus. Contudo, acho que pode ter havido outro motivo para a tristeza de India.

Ele apertou a mão dela por um instante.

— O que quer dizer, Isabella?

Isabella inspirou fundo. Agora, não havia como voltar atrás.

— Eu acho que India amava outra pessoa — ela disse. — Acho que ela estava apaixonada por Edward Warwick, Marcus, e acho que teve um filho dele.

Ela não o poupou de nada. Todas as coisas que Pen dissera, suas lembranças e as conclusões a que chegaram juntas, a notícia de que o

bebê ilegítimo supostamente era de lorde John, e o medalhão no baú… Durante tudo, Marcus ficou em silêncio, seu olhar escuro jamais se desviando do rosto dela, sua expressão impassível.

— Acho que a maior tragédia é que Warwick, de fato, a amava — Isabella concluiu. — Por que outro motivo retornaria a Salterton no ano seguinte, senão para encontrá-la? Ele queria se casar com India, porém lorde John recusou-se a aprovar o namoro e ele se viu impotente para poder agir.

Marcus moveu-se ligeiramente. Ele ficara tão imóvel e tão silencioso que fora impossível para Isabella julgar suas reações às palavras dela. Ele não esbravejara, nem lhe condenara as palavras ou instintivamente lhe negara as sugestões. Ainda assim, Isabella pôde sentir a apreensão corroendo-a por dentro não só por India, mas também por si mesma. Não queria destruir o respeito de Marcus pela falecida esposa, mas também era sincera o suficiente para admitir que também não queria perder a boa opinião que ele tinha dela.

— Não entendo por que lorde John e lady Jane não permitiram que ela se cassasse com Warwick — Marcus disse, lentamente. — Se ela estava grávida dele, com certeza a necessidade de abafar o escândalo tomaria precedência a qualquer outra consideração?

Ele parecia distante, como se estivesse tentando resolver um quebra-cabeças no qual não tivesse nenhum interesse pessoal, mas fosse apenas um desafio intelectual.

— Você conhece os Southern — Isabella disse. — Eu amava especialmente lady Jane, mas ela dava muito valor à sua posição social. Nesse aspecto, era parecida com minha mãe. Ora, eu me recordo dela falando que eu não deveria desenvolver sentimentos por você quando nos conhecemos, porque você era tão pouco digno de mim. India era a filha única deles. Todas as suas esperanças e aspirações estavam investidas nela. Não poderiam permitir que ela se desperdiçasse com um zé-ninguém, sem fortuna.

Marcus soltou-lhe abruptamente a mão e ficou de pé. Em um gesto

agitado, passou a mão pelos cabelos.

— India apaixonada por outro homem… Abrindo mão do próprio filho…

— Não tenho certeza — Isabella apressou-se em dizer. — Contudo, é o que as evidências sugerem. — Ela o fitou, tentando lhe avaliar os sentimentos. — Eu sinto muito, Marcus, não queria que pensasse mal dela.

— Não sei o que pensar — Marcus disse, fitando-a com um demorado olhar indecifrável. — Eu vou dar uma volta.

— Marcus…

Isabella levantou-se. Estava com as pernas dormentes de ficar ajoelhada e as saias estavam amarrotadas, mas tudo no que podia pensar era na necessidade de banir a expressão vazia do rosto dele e aliviar-lhe o sofrimento. Estendeu a mão para ele, mas era tarde demais. Ele já estava indo embora. A porta do aposento se fechou com um clique baixinho. Ela pensou em correr atrás dele, mas não se mexeu.

India apaixonada por outro homem… Abrindo mão do próprio filho…

Marcus ficou sentado na praia por um longo tempo. Seu olhar acompanhava o movimento de velas brancas no horizonte, mas sua mente estava praticamente vazia. Sequer notava os olhares dos transeuntes curiosos. Alguém chegou a cumprimentá-lo, mas foi embora quando ele nem mesmo virou a cabeça, quanto mais respondeu.

Por um instante, se deu conta de que estava com frio devido à brisa do mar. Ficou de pé, caminhou pelo passeio e subiu a escadaria que levava a Salterton Hall. Viu Freddie Standish sair da estalagem no porto e trocar algumas palavras com alguém de pé nas sombras da porta de entrada. Marcus não queria ter de falar com Standish, não agora. Ele acelerou o passo.

A casa estava em silêncio.

Ele encontrou Isabella na lavanderia. Quando ele entrou, ela ergueu a cabeça e interrompeu o dobrar de um lençol. Ela lentamente o deixou de lado. Seu rosto era franco e preocupado. Ele se deu conta de que ela estava trabalhando para bloquear pensamentos mais desagradáveis. Podia dizer que estava profundamente aflita ante a idéia de que o magoara. Isso o fez sentir-se sensível por dentro, de um modo totalmente diferente do sofrimento primordial que sentira ao pensar na triste solidão de India.

— Eu sempre me perguntei — disse, sem rodeios. — Sempre me perguntei se India não se apegava à lembrança de outro homem. Deus sabe que eu não podia culpá-la, pois eu mesmo não estava fazendo exatamente o mesmo? Jamais falamos a respeito, e, de algum modo, prosseguimos juntos, só que foi como mancar de uma perna quando, anteriormente, sé havia corrido… Pobre India… — Ele sorriu, melancolicamente. — Nós tentamos, mas, no final das contas, as chances estavam contra nós.

Isabella avançou até ele e pousou a mão no seu peito. Uma mecha havia se soltado daquela ridícula touca de renda que ela estava usando. Repousava sobre sua face. Ela estava corada devido ao calor no recinto e sua própria atividade.

— Vocês gostavam o suficiente um do outro para tentarem ser felizes — ela disse, baixinho. — É o que importa.

Marcus assentiu.

— Ela não caiu em nada no meu conceito pelo que aconteceu — disse. Ele virou o rosto. — Não foi assim a princípio. Não pude evitar. Isabella ficou em silêncio, observando-lhe o rosto.

— Foi um choque — ele apressou-se em dizer, puxando-a para sentar-se ao seu lado sobre uma pilha de roupas de cama com um perfume doce. — Pensei que a conhecia. Muita arrogância de minha parte, eu sei, mas vivemos juntos por seis anos e pensei que… — Ele cocou a cabeça. — Foi um choque perceber que entendera algo de maneira tão fundamentalmente errada e que não a conhecia de modo

algum.

— India era uma pessoa difícil de se conhecer.

— Gostaria que India houvesse confiado em mim, mas vejo que teria sido impossível para ela — Marcus disse.

Instintivamente, ele a puxou mais para perto de si.

— Ela deve ter se sentido muito solitária — Isabella disse baixinho, expressando o que se passava na cabeça do marido.

Marcus a fitou nos olhos. Sua cabeça estava descansando nó ombro dele.

— Você sabe como é isso, não sabe, meu amor? — perguntou, gentilmente.

Isabella suspirou.

— Eu descobri que India e eu temos mais em comum do que jamais suspeitei.

Marcus a beijou. O alívio de redescobri-la e de tê-la perto de si apossou-se dele. Sentia-se, ao mesmo tempo, grato, humilde e maravilhado. Arrancou a touca da cabeça dela e a jogou de lado, enterrando o rosto no cabelo de Isabella, puxando-a para trás, para se deitarem sobre um emaranhado de lençóis. Nenhum dos dois falou, a urgência entre os dois subitamente grande demais para palavras. Com sofreguidão, Isabella abriu-lhe o paletó e a camisa, para lhe acariciar o peito. Ele a beijou com insistência febril, enquanto as mãos deslizavam por sob a saia da mulher.

— Marcus. — Isabella libertou a boca por um instante. — Não podemos fazer isto aqui! A criada da lavanderia pode entrar a qualquer minuto.

Em resposta, Marcus ficou de pé, andou até a porta e virou determinadamente a chave na fechadura.

— Agora não — disse.

Mais tarde, ele observou com extenuado prazer enquanto ela tentava com uma espetacular falta de sucesso domar o cabelo rebelde e prendê-lo sob a touca ridícula. Ela olhou por sobre o ombro, notou-

lhe o sorriso e pareceu ficar irritada.

— Marcus, agradeceria se você me ajudasse, em vez de ficar rindo de meus esforços!

— Ainda assim, você continuaria dando toda a impressão de ter feito amor na lavanderia — Marcus retrucou.

Mesmo assim, ficou obedientemente de pé e cruzou o aposento para ajudá-la.

Com as mãos pousadas sobre os ombros dela, ele a virou para si.

— Teve uma coisa que eu esqueci de lhe perguntar quando estávamos conversando — disse.

Ele viu o brilho no olhar dela desaparecer e ser substituído por ansiedade. Apertou as mãos, tentando tranquilizá-la.

— Edward Warwick — disse. — Não entendo por que ele retornou a Salterton. India está morta e enterrada, e o passado com ela. Qual é o segredo que ele acha que eu guardo? O que ele espera conseguir?

Uma expressão extraordinária cruzou o rosto de Isabella, em parte tristeza, em parte solidariedade.

— Acho que ele voltou atrás de alguma coisa — disse. — Marcus, acho que ele quer o filho.

Capítulo Vinte e Dois

— Teremos de preparar uma armadilha para ele — Marcus disse. Ele e Alistair estavam na biblioteca. Era tarde. Um lampião estava acesso, desenhando sombras quentes nas paredes. — Warwick está aqui em Salterton, mas não conseguiremos que ele saia de sua toca sem uma boa isca.

— Podíamos usar Standish — Alistair disse. — Warwick confia nele.

Marcus hesitou. Ele sacudiu a cabeça.

— Duvido que confie. Na verdade, duvido que ele confie em

qualquer pessoa.

Alistair inclinou o conhaque no interior do copo e o estudou pensativamente.

— Talvez seu julgamento tenha sido comprometido, Marcus.

Marcus fez uma careta. *Sem dúvida* ele fora comprometido.

— E foi — confirmou. — Farei tudo o que puder para manter o irmão de Isabella fora disto.

— Ele já está atolado até o pescoço nisto — Alistair argumentou. — Se não o levar em consideração, ele poderá arruinar nossos planos.

A boca de Marcus se transformou em uma linha estreita de determinação.

— Isabella e eu acabamos de nos reconciliar. Não posso… não vou… arriscar isso por nada, nem mesmo por Edward Warwick.

A boca de Alistair retorceu-se em um sorriso.

— Está me dizendo que nada no mundo é mais importante do que a sua esposa?

Seus olhos se encontraram.

— É o que estou dizendo — Marcus admitiu. — Eu a amo, Alistair. Houve um instante de silêncio.

— Bem — por fim Alistair disse. — E como faremos para aprisioná-lo? Marcus pegou o medalhão de prata de sobre a mesa.

— Com isto — disse.

Isabella estava na cama, envolta pelos braços de Marcus, mas não estava dormindo. Estava pensando em India. Não do mesmo modo como pensara na prima anteriormente, mas com compaixão e compreensão, e tristeza por tal entendimento ter vindo tão tarde. Pela manhã, ela pensou, sonolenta, aconchegando-se mais no calor de Marcus, subiria até o sótão e escolheria algo de India para se lembrar dela. Providenciaria para que o restante dos pertences de India fosse doado e, então, admitiu, se sentiria como se, finalmente houvesse encerrado aquele capítulo.

Estava quase dormindo quando se perguntou, subitamente, o que teria acontecido com o menino.

Era uma manhã quente, decididamente quente demais para qualquer atividade física. Ainda assim, Freddie Standish estava correndo. Normalmente, jamais faria algo de gênero, e, ao percorrer às pressas os aposentos de Salterton Hall, ele se deu conta do por quê. Correr era desagradável, pois o fazia suar e ficar ofegante. Contudo, tratava-se de uma emergência, de modo que, só esta vez, estava preparado para fazê-lo.

Não conseguia encontrar Marcus em lugar algum. Não estava na biblioteca e nem na sala de estar, embora a governanta houvesse garantido a Freddie que tanto lorde Stockhaven quanto o sr. Cantrell estavam em casa. Normalmente, Freddie sequer teria sonhado em procurar Stockhaven. Passara as três últimas semanas tentando evitá-lo. Algo em Stockhaven fazia Freddie sentir-se profundamente inadequado. Stockhaven era durão, implacável, forte, e todas as coisas que Freddie sempre quisera ser, mas jamais conseguira alcançar. Por outro lado, tratava-se de uma emergência, e para o bem de todos ele precisava colocar de lado seus preconceitos.

Ele atravessou a passagem para o jardim e estava prestes a abrir a porta externa quando alguém saiu da sala de armas e agarrou-lhe o braço com tanta força que ele quase gritou como um porco preso na lama. Conseguiu morder o lábio inferior, e o que saiu se assemelhou mais a um gorgolejo.

— Silêncio!

Marcus praticamente o arrastou para dentro do aposento e fechou a porta atrás deles. Alistair Cantrell estava lá. Tinha nas mãos uma pistola de duelo. Freddie quase desmaiou.

— Warwick — Freddie chiou. — Ele está na casa.

Marcus parecia apenas ligeiramente irritado.

— Nós sabemos. Agora, seja um bom sujeito e fique quieto.

Alistair, após uma breve olhada na direção de Freddie, curvou-se novamente para verificar a pistola.

— Quanto tempo? — perguntou.

— Três minutos — Marcus respondeu. — Depois subimos. Freddie voltou a lhe agarrar o braço.

— Será que não entende, Stockhaven? É Bella. Ela está no sótão.

Ficou satisfeito ao ver que suas palavras surtiram mais efeito desta vez. Marcus virou-se para ele, com os olhos se estreitando. Freddie tinha toda a sua atenção.

— Isabella?

— É o que eu venho tentando lhe dizer. Escutei Bella dizer para a sra. Lawton que iria subir até o sótão para pegar alguma coisa, e se a sra. Lawton poderia providenciar que os baús da falecida lady Stockhaven fossem trazidos aqui para baixo, mais tarde.

Marcus praguejou.

— Quando foi que ela subiu?

— Quinze… Vi-vinte minutos atrás? — Embora estivesse morrendo de calor e suado, Freddie estava batendo os dentes. Ele passou o dedo por dentro da gola. — Warwick vai achar que é uma armadilha.

— E é — Marcus disse, com o rosto sério. — Só não é a que ele está pensando.

Alistair engatilhou ruidosamente a pistola.

— Vamos — disse.

Nenhum dos dois olhou para Fredie ao sair.

Tomado de alívio, Freddie largou-se de encontro à mesa. Retirou o enorme lenço de bolinhas, com perfume de rosas, do bolso e enxugou a testa. Tinha de sair daquele aposento. Ele cheirava a graxa e a pólvora, e o fazia pensar em animais mortos. Freddie estremeceu.

Seguiu para a passagem e adentrou lentamente a mansão. A casa estava mergulhada em um silêncio sobrenatural. Freddie seguiu para a sala de estar e sentou-se com um exemplar da *Gentlemen's Magazine.*

Não conseguia se concentrar. Agora, teria de contar tudo para Stockhaven e implorar sua ajuda. Freddie mexeu-se, pouco à vontade, na poltrona. O cunhado não poderia mesmo ter uma opinião pior dele do que já tinha, de modo que não faria muita diferença. No entanto, por algum motivo, fazia.

Revoltado, Freddie jogou de lado a revista. Por que estava tão quieto? Será que já haviam capturado Warwick? Se ele escapara… O suor brotou sobre o lábio superior de Freddie. Não adiantava. Não podia ficar ali sentado, esperando para descobrir o próprio destino. Para melhor ou para pior, tinha de ir ao seu encontro.

Isabella sabia exatamente o que estava procurando. Durante a noite, lembrara-se da antiga caixa de pincéis e do livro de esboços, e perguntou-se se India não teria expressado seus sentimentos com gravuras, em vez de com palavras. Ela vasculhou o primeiro baú, com seu agora conhecido aroma de alfazema e poeira, e escutou os craions sacudirem no interior de sua caixa de metal. O livro de desenho estava logo embaixo. Ela o puxou.

As páginas estavam em branco.

Isabella sentiu-se em parte desapontada, em parte confusa. Tivera certeza de que encontraria algo ali. Recostou-se sobre os calcanhares, folheando o caderno. Nada. Nada, à não ser um desbotado esboço a lápis na penúltima página. Era o rosto angelical de um bebê, mas estava tão pálido e apagado que ela quase não o notou. As linhas a lápis estavam tão borradas que quase haviam sido apagadas. O nome embaixo dizia Edward John.

Ela escutou um passo sobre as tábuas expostas do piso. Não escutara ninguém subindo as escadas e, com um sobressalto, se deu conta de que era porque já havia gente ali, no segundo sótão, aguardando…

Ela foi encoberta por uma sombra. Olhou para cima.

— Boa tarde, lady Stockhaven — uma voz disse, vinda de trás

dela. — Vejo que está um passo à minha frente.

O sr. Owen estava ali, apoiando-se sobre a bengala com cabo de ouro. Parecia tão doente quanto parecera no Assembly Rooms, mas havia algo diferente nele. Os olhos acinzentados estavam mais frios e duros do que ela se recordava. Isabella estremeceu.

— Acredito que esteve à minha frente o tempo todo — Owen acrescentou, gentilmente.

— Acho que estive mesmo — Isabella disse. — Sr. Warwick? Ele inclinou a cabeça.

— Em pessoa. Por acaso me conhece?

— Já… ouvi falar do senhor.

— Acho que Stockhaven tem andado à minha procura — Warwick disse. — Não sabia se ele lhe contaria.

Isabella levantou-se lentamente. Warwick não tentou detê-la. Ainda assim, ela teve medo. Podia sentir a tensão e algo mais no ar, algo frio. E não tinha com o que se defender.

— Por que o senhor veio? — ela perguntou.

Warwick sorriu. Ele apoiou-se na beirada do segundo baú e a observou.

— Eu vim por causa do passado — disse. — Vim por causa do meu filho.

— Nós nos encontramos antes — Isabella disse, cuidadosamente. Ele mencionara o passado e ela aproveitara a deixa. — Acho que foi em 1803, na assembléia de Salterton. O senhor dançou com minha prima.

Um ligeiro sorriso apareceu nos lábios de Warwick.

— Todo mundo sempre queria dançar com milady — disse. — Era a prima bonita. Contudo, desde o início, eu quis a srta. Southern. — Ele inclinou pensativamente a cabeça. — Milady não me reconheceu quando nos encontramos duas semanas atrás, não é? — perguntou. — Não é de surpreender. Acho que mudei.

Isabella também achava. O arrojado tenente com o inclinar de

cabeça atrevido e o brilho imprudente no olhar havia desaparecido. Nada restava do espírito rebelde que havia atraído India como uma mariposa para a chama fatal. A doença havia apagado tudo. Dando-se conta disso, Isabella sentiu no coração um aperto de surpresa e pena. Não esperara sentir compaixão por Edward Warwick. Ela abriu o caderno e lhe mostrou o desenho.

— Há um retrato aqui, sr. Warwick— ela disse. — Acho que é de seu filho. Ele foi batizado em sua homenagem.

A palidez no rosto de Warwick parecia ficar ainda mais pronunciada. Ela notou a mão dele apertando a bengala.

— Não havia mais nada?

Havia tão pouca emoção na voz do homem que ele poderia estar falando do clima.

— Infelizmente, não — Isabella respondeu.

Ela lembrou-se do medalhão. Isabella o deixara sobre a escrivaninha de Marcus. Parecia certo que Warwick ficasse com ele. Ela abriu a boca, depois voltou a fechá-la. Warwick suspirou:

— É claro que não haveria documentos. Veja bem, eu procurei em tudo quanto é lugar, lady Stockhaven. Não há vestígio de alguém.

Ele retirou o medalhão do bolso do paletó e o estendeu gentilmente na palma da mão. Isabella prendeu a respiração.

— Está reconhecendo? — ele perguntou. Isabella assentiu, discretamente.

— Eu sabia que era uma armadilha — Warwick disse. — Era para seu irmão tê-lo encontrado e mandado para mim. — Segurando a corrente, ele girou o medalhão. — Há seis anos que lorde Standish trabalha para mim — acrescentou, tranqüilamente. — Durante esse período, cheguei à conclusão de que ele não é capaz de encontrar um barril em uma taberna. A probabilidade de ele encontrar um baú com os pertences da srta. Southern aqui no sótão ia muito além da credulidade. — Sorriu para ela, o que fez Isabella arrepiar-se até os ossos. — Ainda assim, eu estava desesperado; sendo assim, eu vim —

acrescentou. — A única coisa que eu não esperava encontrar, era milady.

Isabella inclinou cortesmente a cabeça.

— Devo dizer que estou tão surpresa quanto o senhor, sr. Warwick. Warwick riu. O som ecoou pelos confins vazios do sótão.

— Neste caso, talvez eu tenha subestimado o seu irmão, lady Stockhaven.

Isabella duvidava que fosse o caso. Tinha um forte pressentimento de que aquilo tudo nada tinha a ver com Freddie e que ela mesma, involuntariamente, caíra na armadilha. Lamentou que Marcus não houvesse lhe contado o que planejara. Mas ele passara a manhã toda ocupado, e ela não estava se sentindo muito bem. Assim que se sentira melhor, tudo em que pensara era banir para sempre o fantasma de India…

— Pelo menos, sua presença é motivo de conforto para mim, lady Stockhaven, pois ela me oferece uma saída — Warwick disse. Ele a fitou. — Milady não se assusta com facilidade. Não é como sua priminha. Talvez fosse por isso que eu sempre quis protegê-la.

— É uma pena que não o deixaram fazer isso — Isabella retrucou e estava sendo sincera.

Se lorde John Southern não tivesse impedido que este homem visse a sua filha, e desdenhosamente proibisse o namoro, as coisas poderiam ter sido muito diferentes. Contudo, Warwick estava se aproximando agora, sua sede de conhecimento insaciável na busca pelo filho. Isabella podia ver nos olhos dele. Ele correria qualquer risco, independente do quanto este fosse tolo, caso achasse que isso poderia ajudá-lo a encontrar o menino.

— O que mais milady sabe? — ele perguntou.

— Sei que minha prima e lady Jane visitaram a Escócia no início da primavera de 1804 — Isabella disse, com firmeza — Foi uma jornada longa, em um lugar inóspito. Agora, me dou conta de que elas tinham um motivo urgente para ela, embora eu não soubesse disso na época.

Seguiu-se um silêncio. Um raio da luz do sol cruzou a face magra de Ned Warwick, enfatizando as rugas profundas entalhadas na pele.

— Já estive na Escócia — ele disse, baixinho. —: Já estive em tudo quanto é lugar, e falei com todo mundo que pude encontrar, e, no entanto, não consigo localizar o meu filho.

Isabella engoliu em seco. Não estava certa como os dois haviam chegado a um entendimento tão implícito em tão pouco tempo, contudo, sabia que, apesar da terrível reputação dele, tinha compaixão por Edward Warwick. Sabia como ele estava se sentindo.

— O jardineiro e a esposa que o adotaram — disse. — Eles moravam em Londres.

— Estão mortos.

As palavras duras romperam a tranqüilidade do aposento e fizeram o ar tremer.

Isabella disse:

— Com certeza, alguém em Salterton deve saber… Mais uma vez, Warwick se antecipou a ela:

— Seu tio fez um bom trabalho. — Havia tanta amargura em sua voz que Isabella chegou a sentir frio. — Ele foi fechado como um túmulo. Destruiu toda e qualquer evidência que pudesse macular a reputação da filha.

Isabella fez um ligeiro gesto indefeso.

— Ele estava fazendo o que pensava ser certo. A boca de Warwick curvou-se para baixo.

— Ele estava fazendo o que poderia preservar o seu nome ante os olhos do mundo. Não dava a mínima para sentimentos. Ele foi o responsável pela infelicidade dela.

— Como assim?

— Milady mesma disse. Ao recusar-se a permitir que eu falasse com ela. — Ele voltou-se para ela de modo tão súbito que Isabella instintivamente recuou, antes que se desse conta de que sua violência

não era dirigida a ela, mas sim às suas lembranças. —Ele jamais aceitaria que a filha, a filha grávida, se cassasse com o escandaloso filho ilegítimo de um esbanjador irlandês. — Havia um certo humor nos seus olhos tristes. — Eu o cito palavra por palavra.

— No entanto, o senhor voltou e tentou novamente.

— Isso mesmo. — Seus olhos encontraram por um instante os dela, mas Isabella sabia que ele não a estava enxergando. — Voltei à maldita assembléia no ano seguinte, e voltei a colocar o meu destino nas mãos dele, apenas para lorde John ameaçar me pôr para fora. Perdi o controle e jurei que contaria para todo mundo a desgraça de sua filha.

— Mas o senhor jamais teria feito isso — Isabella disse.

Por um instante, os olhos acinzentados de Warwick a fitaram com humor.

— Por que não?

— Porque amava India — Isabella respondeu. — Aposto que ainda a ama. Era o pai dela que queria castigar não a própria India.

Warwick pareceu encolher ligeiramente.

— Como sabe?

— Porque, enquanto India estava viva, o senhor nada fez que pudesse resultar em escândalo. Não a procurou e nem tentou encontrar a criança. Foi só depois que ela morreu que o senhor tentou localizar o seu filho.

— Pedi para ela fugir comigo, mas ela recusou. — Warwick sorriu sem humor. —Estranho que ela se entregasse a mim por amor, mas que se recusasse a me confiar a sua vida.

— Não é tão estranho assim — Isabella disse, pensando na prima com quem tinha mais em comum do que jamais supusera. — É fácil superar os escrúpulos no calor do momento, contudo, diante de uma decisão para toda a vida, também é fácil fazer a escolha errada. — Olhou para ele. — O que fez… depois?

— Voltei para o exército. — Warwick deu de ombros. — Não

demorou muito para eu ir a corte marcial por insubordinação e ser expulso. Passei um tempo na Irlanda, depois voltei para Londres e me envolvi com companhias erradas. — Ele exibiu os dentes em um sorriso. — Desde então, não larguei tais companhias. Sou o chefe de tais companhias.

— No entanto, o mais importante para o senhor ainda era encontrar o seu filho.

O corpo de Isabella parecia gritar de tensão. Ela não poderia mantê-lo falando para sempre, e não fazia idéia de como aquilo terminaria.

— Era — Warwick respondeu. — Solicitei informações em Salterton, na Escócia e em Londres, mas nada consegui em todas as ocasiões. — Ele estava falando sociavelmente agora, como se o assunto fosse de pouca importância. — No final das contas, eu mesmo vim até Salterton e arrumei um garoto para vasculhar a casa de Salterton, enquanto eu vinha ver lady Jane aqui na mansão. Ela era a única que restara capaz de me ajudar.

— E, mais uma vez, isso lhe foi negado.

As rugas ao redor da boca de Warwick se aprofundaram:

— Lady Jane recusou-se a comprometer a memória da filha sequer admitindo a verdade.

Isabella não ficou surpresa. Para lady Jane, como para o marido antes dela, proteger o que ela via como sendo os interesses de India e da família ainda era de suprema importância, mesmo além do túmulo.

— Lady Jane morreu naquela noite — Isabella disse. Warwick virou bruscamente a cabeça.

— Nada tive a ver com isso.

— Vocês discutiram.

— E daí?

— Ela era uma velhinha frágil. Não pôde suportar o choque. Warwick voltou a dar de ombros.

— Como eu disse, nada tive a ver com isso.

Isabella arrepiou-se ante a frieza do homem e sua total falta de preocupação. Havia algo errado ali. No tocante ao filho, ele era vulnerável, porém não havia nenhuma outra brecha na armadura dele. O homem não tinha em si nenhuma piedade, nenhuma emoção.

— E, então, o que vai fazer agora, lady Southern?— Warwick disse, baixinho. Moveu-se ligeiramente, e Isabella voltou a ficar tensa. — O que vai fazer, agora que me viu?

— Acho que o senhor deveria ir embora — Isabella disse, com firmeza. — Não há nada para o senhor aqui, sr. Warwick. Tanto India quanto a mãe enterraram seus segredos fundo demais para serem encontrados.

Warwick lançou-lhe um olhar zombeteiro.

— Não vai me dizer para esquecer minha busca?

— De que adiantaria? — Isabella suspirou. — Sei que jamais poderá esquecê-la.

Warwick empertigou-se. Ele assentiu lentamente.

— Por mais difícil que seja acreditar, acho que milady realmente consegue entender.

— Eu entendo.

Os olhos deles se encontraram. Mais uma vez, Isabella sentiu aquela estranha pontada de afinidade. Não gostava, porém, também não conseguia se livrar dela.

— Vá — repetiu.

Warwick empertigou-se. Ele enfiou a mão no bolso.

— Eu vou. Mas virá comigo, lady Stockhaven.

Freddie Standish estava correndo de novo. No fundo da cabeça, deu-se conta de que tinha de parar de fazer isso. Além do mais, correr para cima era sempre uma péssima idéia. Ficou sem fôlego duas vezes mais depressa.

Ele se esgueirara pelos três primeiros lances de escada, porém, quando se deu conta de que nem Marcus e nem Alistair estavam nas

redondezas dos sótãos, e, por conseguinte, incapazes de fazer algo para ajudar Isabella, sentiu-se tomado de pânico. Talvez Marcus não houvesse entendido o que ele quisera dizer. Não tinha tempo para parar e descobrir agora. Subiu correndo o último lance de escadas e abriu a porta do sótão.

— Bella!

Tanto a irmã quanto Edward Warwick se sobressaltaram ante a estrondosa intrusão. Freddie viu Warwick retesar-se como uma cobra prestes a dar o bote. Subitamente, seu braço estava ao redor de Isabella e uma faca apareceu no pescoço dela, enquanto ele a segurava diante de si como um escudo. Freddie viu o brilho do metal e voltou a se sentir fraco, uma condição ainda mais exacerbada por sua falta de ar terminal.

— O que diabos pensa que está fazendo, Standish? — Warwick esbravejou.

Freddie olhou do rosto de Warwick para o de Isabella e lambeu os lábios como uma raposa sendo caçada. Uma gota de suor lhe escorreu pela testa. Ele retirou um lenço de seda do bolso e enxugou o rosto.

— Freddie — Isabella disse. Ela parecia enojada de saber de sua traição. — Suponho que já conheça o sr. Warwick.

— Conheço — Freddie respondeu, seu olhar voltando a se fixar no rosto de Warwick. Não havia tempo para explicações. Ele afastou as mãos do corpo. — Solte-a, meu velho. Sou só eu. Nenhuma ameaça.

— Você nunca foi, mesmo — Warwick zombou. Ele não abaixou a faca. Apenas olhou ao redor do aposento vazio. — Embora eu me pergunte o que está fazendo aqui. — Seu olhar voltou a se fixar em Freddie. — Ninguém o viu entrar?

— Ninguém. Solte-a e vá embora, Warwick — ele disse, com firmeza.

O rosto de Warwick transformou-se em uma careta de fúria.

— Você está me traindo, Standish.

— Não sei do que está falando, meu caro — Freddie disse. Estava

apavorado. Podia sentir-se tremendo. Estava quase se arrependendo de ter começado aquilo. Isabella sempre fora capaz de se cuidar. Verdade seja dita, ela não parecia saber o que fazer, mas ele tinha certeza de que a irmã pensaria em algo. Ao passo que ele não fazia idéia do que faria. — Não tenho a coragem para traí-lo, muito menos o cérebro.

Isabella estremeceu ligeiramente quando a faca titubeou no seu pescoço, deixando uma fina linha vermelha na pele. Freddie estremeceu. Quando criança, sempre chorara ante a visão de sangue, e não melhorara muito com o tempo.

— Lady Stockhaven vem comigo — Warwick disse.

— Não — Freddie protestou. Ele avançou mais um passo. — Não precisa fazer disto um drama, meu velho, vim lhe avisar que Stockhaven e Cantrell estão vindo para cá do chalé. Precisa dar o fora, antes que algo de ruim aconteça.

Warwick começou a avançar na direção da porta, arrastando Isabella como um escudo.

Freddie hesitou, censurando-se por ser um tolo, e mergulhou na direção das pernas do outro homem. Warwick soltou Isabella, rolando no chão com Freddie, com um gemido e um baque surdo quando seus corpos se chocaram. Freddie, que acabara de recuperar o fôlego, sentiu-se como um balão que fora estourado.

Três coisas aconteceram ao mesmo tempo. Pelo canto dos olhos, Freddie viu o braço de Isabella descer e algo aterrissar com um estalo sonoro na beirada da cabeça de Edward Warwick. Houve um estampido e uma bala raspou no ombro de Warwick, ricocheteando para longe, arrancando parte do reboco da parede.

E Freddie sentiu a faca se enterrar na lateral do seu corpo. Levou as mãos às costelas e viu que o sangue lhe escorria por entre os dedos. Warwick estava inconsciente, mas não estava em estado muito melhor. Que maldita confusão! Ele, sem dúvida, não levava jeito para herói.

— Freddie!

Isabella ajoelhou-se ao seu lado e seu tom de voz era angustiado. Freddie viu Marcus Stockhaven entrar pela janela e saltar para o chão do sótão. O telhado. É claro. Se ao menos houvesse pensado nisso…

Isabella estava apertando um curativo improvisado à lateral de seu corpo. Freddie supôs que devia ser a anágua dela. Ele quis lhe dizer para parar, porque o bom linho era caro demais para ser desperdiçado e porque estava sendo extremamente doloroso.

Freddie deslizou lentamente parede abaixo e deu um gemido. Isabella lhe acomodou a cabeça no colo.

— A ajuda já está a caminho, Freddie — ela disse. — O sr. Cantrell foi buscar o médico. Você logo vai ficar bom.

Freddie apreciou-lhe as palavras, embora, nem por um instante, acreditasse nelas.

— Sempre quis ajuda-la, Bella— ele disse. As palavras pareciam exigir um esforço extraordinário. — Não pude, quando éramos jovens. Fico feliz por ter sido útil agora.

Ele estremeceu quando Marcus apertou mais as bandagens.

— Durante anos, não me dei conta de que era ele — Freddie sussurrou. — Nós nunca nos encontramos. Se eu soubesse que era o amante de India…

Seu rosto se contorceu. Isabella apertou-lhe a mão.

— Freddie…

— Também arruinou o meu casaco favorito — Freddie disse.

Em seguida, foi tragado pela escuridão e sentiu-se profundamente grato.

— Ele viverá — Marcus declarou, mais tarde.

Passara a última meia hora ao lado do leito de Freddie Standish, enquanto o infeliz lorde contava a lamentável história de seus negócios com Edward Warwick. Por fim, Freddie dormira, exausto pela confissão e a perda de sangue, e Marcus seguira para o quarto de

Isabella. Ele a convencera a descansar, pois ela estava pálida como cera, de tanta tensão. Mas sabia que ela não estava preocupada. Embora os ferimentos do irmão houvessem sido de pouca gravidade, pouco mais do que um arranhão da faca de Warwick, Freddie sangrara abundantemente e a coisa toda dera a impressão de ser muito pior do que de fato era.

Ele cruzou o aposento até a cama. Isabella estava sentada apoiada nos travesseiros, uma xícara de chá na mesinha de cabeceira e um livro na mão. Era evidente que seus pensamentos não estavam voltados para a palavra escrita, visto que o livro estava de cabeça para baixo. Marcus segurou as mãos dela, tentando tranquilizá-la.

— Freddie ainda vai ficar um tempo se sentindo fraco, mas, se não se esforçar demais, deverá se recuperar rapidamente.

— Sendo assim, duvido que notaremos muita mudança nele — Isabella comentou, espirituosamente. — Ainda assim, fico feliz. Já perdi gente demais para também querer perder o meu irmão. — Ela franziu a testa. — Mas o que vai fazer quanto a ele, Marcus? Se ele estava trabalhando para Warwick, isso o colocará em uma situação difícil.

Marcus sorriu.

— Pobre Freddie. Ele me contou que Warwick o tinha no bolso há anos, e seu pai antes dele. Mas ele não passava de uma das menores engrenagens na roda de Warwick. Fornecia informações, mais nada.

Ele viu um misto de alívio e tristeza no rosto de Isabella.

— Eu não tinha noção — ela disse. — Pen me contou que ele tinha dívidas…

Ela esfregou a testa com cansaço.

— Não o culpe — Marcus disse. — Ele estava em situação desesperadora.

Isabella sorriu cansadamente.

— Não poderia culpá-lo, quando eu mesma sei o que é isso. — Ela olhou para Marcus. — Não se esqueça de todas as coisas que fiz

quando estava desesperada e sozinha. Acho que meus crimes foram ainda mais graves.

Marcus segurou-lhe a mão e a apertou.

— Não foram crimes, Bella. Se dependesse dele, Isabella jamais voltaria a se culpar por mais nada.

Ela era invencível e corajosa, e ele a amava.

Ele franziu a testa ao pensar em tudo pelo que ela passara.

— O que Freddie quis dizer quando falou que não pôde ajudá-la quando eram mais jovens? — perguntou.

Isabella ficou quieta por um instante, seu rosto imóvel.

— Acho que Freddie sempre achou que deveria ter feito algo para me ajudar quando… quando fui forçada a me casar com Ernest — ela disse, por fim. — Ele jamais falou diretamente comigo sobre isso, contudo, às vezes, fazia algumas menções pouco claras, e eu acho que sempre se sentiu culpado.

Marcus assentiu, lentamente.

— Mas ele não devia ter sido mais do que ligeiramente mais velho do que você na época.

— Ele tinha dezoito anos de idade — Isabella disse. — Freddie acha que poderia ter enfrentado o nosso pai, mas não enfrentou.

Marcus ficou em silêncio por um instante.

— Suponho que ele tenha achado que comprometera a própria integridade ao deixar de se opor à decisão sumária de seu pai de dá-la em casamento. Hoje, pelo menos, ele recuperou a autoestima.

Isabella o fitou pensativamente,

— Sempre tive a impressão de que você não gostava de Freddie. Por que será?

Marcus hesitou.

— Admito que sempre o considerei superficial. Contudo, a animosidade nunca foi de minha parte. Sempre pressenti que, por algum motivo, Freddie não gostava de mim.

Isabella franziu a testa.

— Ele não falou disso com você?

— Não.

— E você não sabe por quê? Marcus sacudiu a cabeça.

— Não faço idéia.

Seguiu-se um breve silêncio. Marcus pôde notar uma ligeira expressão reservada se apossando dos olhos de Isabella, como se ela estivesse pensando em outra coisa, mas quando ela falou foi para mudar de assunto:

— E quanto a Edward Warwick? — perguntou. Marcus suspirou:

— Infelizmente, ele também viverá. Teria sido mais fácil se ele tivesse morrido e nos poupado o trabalho de decidir o que fazer com ele.

Ele viu o brilho do que pareceu ser dor nos olhos de Isabella.

— Você poderia muito bem deixá-lo ir — ela sugeriu. Marcus a fitou, atônito.

— Bella, o homem tentou matá-la!

— Na verdade, não — Isabella o corrigiu. — Ele simplesmente me usou como refém para tentar garantir a própria liberdade.

Os lábios de Marcus se estreitaram. Jamais se esqueceria do que sentira quando Warwick levou a faca ao pescoço de Isabella. Por muito pouco não atirara no sujeito, e apenas Alistair, urgentemente agarrando-o pelo paletó, o trouxera de volta à realidade, com as palavras sussurradas de que ele acabaria matando Isabella se não tivesse paciência e aguardasse a melhor oportunidade. Uma fúria cega se apossara dele, quando Marcus viu a fina linha vermelha no pescoço de Isabella, onde a faca a arranhara. Contudo, a fúria fora balanceada pelo medo, um medo maior do que qualquer outra coisa que já sentira. Ela poderia ter sido machucada. Poderia ter sido morta. Sua Isabella…

As mãos dele se apertaram ao redor da dela ante o pensamento e a dama estremeceu. Ele a soltou relutantemente, embora não quisesse. Queria abraçá-la para sempre, ante o puro pavor de que, caso

contrário, Isabella poderia ser tomada dele. Não queria perdê-la.

— O homem é um criminoso perigoso — argumentou, com a voz carregada de emoção. — Ele jamais a teria deixado ir, Bella. É um assassino e um marginal. Merece ser enforcado.

Os cílios de Isabella tremularam. Ele lhe fitou os cândidos olhos azuis e a doce boca, e teve vontade de apertá-la contra si.

— Entendo — Isabella disse. Ela tremeu. Ele sentiu o tremor lhe percorrer o corpo inteiro. — Você escutou o que nós conversamos, Marcus?

— Não — Marcus disse. — Não conseguíamos escutar nada. Eu estava esperando que você pudesse me contar. — E — acrescentou — que me contasse o que estava fazendo no sótão, em primeiro lugar.

Ele a viu mexer-se e cerrar os lábios, como se estivesse prestes a enfrentar uma tarefa difícil.

— Fui até o sótão escolher uma lembrança de India — ela explicou. Marcus se deu conta de que devia ter ficado boquiaberto, pois ela acrescentou: — Sinto pena dela, Marcus. Nunca fomos muito chegadas, e duvido que algum dia teríamos sido, contudo, ainda sinto pena dela. — Ela ficou em silêncio por um instante. — Acho que poderíamos ter entendido uma à outra.

Marcus assentiu.

— E Warrick? Isabella suspirou.

— Falamos do filho dele. — Ela juntou as mãos. — Sei que não pode soltá-lo, Marcus, mas o homem sofreu todos os dias. E continuará a sofrer, sem ser capaz de encontrar o filho, sem saber se está vivo ou morto. Eu sei um pouco o que é isso.

Ela interrompeu-se, curvando a cabeça.

O rosto de Marcus estava sério. Havia uma poderosa compaixão na voz dela, e esta despertou a solidariedade nele, independente de sua vontade.

— Entendo parte do que sente a esse respeito — ele disse, lentamente.

Os olhos dela voltaram-se para o rosto do marido.

— Entende?

— Entendo. Quer dizer, quando me contou sobre o filho de India, eu senti um pouco de compaixão pelo sofrimento de Warwick. Mas pelo homem em si…

Marcus sacudiu a cabeça.

Sob a luz das velas, os olhos de Isabella pareciam muito vivos e azuis.

— Acha que algum dia conseguiremos encontrar a criança?

Marcus hesitou. Não queria que ela sofresse mais, porém podia imaginar que, se Isabella não ouvisse a verdade, poderia dar início a uma -cruzada para ajudar a encontrar o filho perdido de India.

— Ele já foi encontrado — disse.

Ele viu a luz acender-se nos olhos de Isabella, e apagar-se com a mesma velocidade, quando percebeu a expressão do rosto do marido.

— Ele… — Ela interrompeu-se. — Ele está morto, Marcus? Marcus assentiu. Seu rosto estava sério.

— Ele jamais esteve muito longe de casa. Era Edward Channing, o garoto que Warwick enviou para vasculhar minha casa em busca de provas, logo no início.

Isabella deixou escapar uma exclamação de horror.

— Mas Warwick procurou em tudo quanto é lugar pelo menino! Como é que ele não soube?

Marcus deu ligeiramente de ombros.

— Não sei ao certo. Sabemos que o menino nasceu na Escócia e, subseqüentemente, foi adotado pelo jardineiro dos Southern e a esposa. Eles se mudaram para Londres, mas, após a morte dos pais adotivos, Edward voltou para Salterton para morar com os Channing. A esposa de Channing era uma parenta distante dos pais de Edward, e também trabalhara por muitos anos para lorde John Southern. Quem sabe lorde John queria que o menino ficasse em algum lugar onde pudesse ficar de olho nele.

Isabella franziu a testa.

— No entanto, Warwick não conseguiu descobrir a verdade.

Marcus sacudiu a cabeça.

— Lorde John escolheu bem com Channing. Ele era um homem reservado. Mas o menino era turbulento. Sem dúvida, do mesmo modo que Warwick havia sido em sua juventude. Acabou se envolvendo com más companhias.

— Acabou se envolvendo com Warwick — Isabella disse, lentamente. — Ah, a ironia de Warwick não saber que aquele era justamente o menino que procurava.

A expressão do rosto de Marcus estava implacável.

— A ironia é muito mais cruel do que isso, Bella. Edward Channing fugiu para ir ao encontro de Warwick em Londres, mas ficou doente, e Warwick o abandonou. Ele morreu em um albergue para pobres. O motivo de eu ter descoberto a verdade a respeito do parentesco de Edward foi que ela veio à tona quando fui dar para os Channing a notícia da morte de Edward.

Isabella levou a mão à boca.

— Warwick matou *o próprio filho?*

— Sem dúvida, o abandonou para morrer.

Isabella deixou escapar um lamentável ruído de aflição.

— Marcus, não consigo acreditar. Warwick já sabe?

— Ainda não. Acho apropriado lhe contar. Warwick vai ter uma morte rápida, ao contrário de muitos dos outros que ele condenou através de sua criminalidade. Saber a maior das ironias, que o filho estava ao alcance dele e, no entanto Warwick não ser capaz de reconhecê-lo, que foi culpa dele Edward ter morrido… Isso, sem dúvida alguma, seria um grande castigo.

— Seria cruel demais — Isabella sussurrou. Marcus sacudiu a cabeça.

— A vida não pode sempre ser certinha e indolor.

Isabella fechou os olhos por um instante, e, ao abri-los novamente,

seus olhares fixaram-se um no outro.

— Ninguém sabe tão bem disso quanto eu. Marcus tomou as mãos dela nas suas.

— Nunca mais vai ser assim — disse. — Eu prometo.

Isabella observou da janela enquanto eles levavam Ned Warwick embora. Acorrentado, ele foi escoltado até o cais por um contingente de marinheiros do *HMS Sapphire.* Ele o levariam a Londres para ser julgado. Parecia trabalho demais para um homem que parecia tão doente que mal conseguia andar sob o peso dos grilhões. Isabella lembrou-se da cela úmida na qual Marcus fora encarcerado, com as paredes cheias de umidade e o fedor e a amargura de ser aprisionado no ar. Ela estremeceu. Dia após dia, sem ser libertado, terminando apenas com a morte… No entanto, essa seria a punição de Warwick de qualquer modo, independente de estar encarcerado ou não. Ele jamais encontraria o filho agora. Ou morreria sem saber, ou morreria torturado pela verdade.

Isabella viu a triste procissão sumir de vista ao dobrar uma curva do passeio. Muitos residentes e visitantes de Salterton estava tratando a coisa toda como um espetáculo muito interessante. Sentiu-se enojada ante a visão. Ela caminhou até o espelho sobre a penteadeira. Apoiando as mãos na moldura de madeira, fitou demoradamente o próprio reflexo.

A vida não pode sempre ser certinha e indolor, Marcus dissera, e ela sabia que era verdade, pois agora se via diante do maior dilema de todos. Sabia que não estava grávida de Marcus. Para a sua surpresa e confusão, chorara ao descobrir, como se, no final das contas, secretamente houvesse desejado este bebê. Agora, não havia nada para mantê-los juntos, a não ser que o amor e a confiança que vinham tentando fortalecer ao longo das últimas semanas fossem poderosos o suficiente, e ela não tinha certeza disso. O que sabia era que respeitava Marcus o suficiente para lhe contar a verdade sobre a paternidade de

Emma, e, depois disso, estaria tudo nas mãos dele.

Isabella estava apavorada.

Capítulo Vinte e Três

Estava um glorioso dia de verão em Kinvara Cove. Pen e Isabella haviam preparado um piquenique na areia. Elas haviam nadado das pedras e, sentadas sob o sol, conversavam preguiçosamente. Após as dolorosas emoções do dia anterior, estava sendo maravilhoso.

Pen estava com uma aparência animada, rosada e muito jovial.

— Bella — disse.

— Hummm? — Isabella murmurou.

Estavam sentadas em um local coberto. O sol a estava deixando sonolenta. Ela sabia que não poderia demorar muito para contar para Marcus. Mas queria ter um último dia de paz antes que ela e Marcus discutissem o futuro.

— Estar aqui em Salterton me lembrou de algo que eu deveria ter lhe contado há muito tempo — Pen disse. Hesitou. — Eu sinto muito…

Isabella abriu um dos olhos e fitou a irmã por sob a borda do chapéu de palha.

— Mais confissões, Penelope? — disse. — Você está me assustando. Ela teve a impressão de que Pen também estava meio assustada.

— É sobre a carta.

— Que carta?

— A carta que Marcus lhe enviou pedindo que fugisse para se casar com ele.

Isabella endireitou-se bruscamente.

— Fugir para casar?

Pen a fitou com intensidade.

— Decerto ele não lhe contou? Eu sempre me perguntei se teria feito alguma diferença… Se você teria fugido de Ernest.

Isabella ergueu a mão, interrompendo-a.

— Espere um instante, Pen. Marcus jamais me pediu para fugir com ele.

— Ah, mas certamente… Tinha certeza de que devia ser isso! — Pen mordeu o lábio inferior. — Encontrei a carta sob a porta do quarto que fora seu. Estava endereçado à srta. I. S. Eu me lembro bem porque foi no dia seguinte ao seu casamento com Ernest, e me perguntei por que alguém estaria se referindo a você pelo seu nome de solteira. De qualquer modo, você não estava mais em Standish House, é claro, porque, após a recepção, você ficou com Ernest em Brunswick Gardens.

— Eu me lembro — Isabella disse. — Estava chovendo.

Sentiu-se estranha. No dia do casamento estava quente, porém, no dia seguinte, houve uma tempestade e as nuvens baixas e a chuva constante pareceram estar em perfeita sintonia com o seu humor. Mesmo agora, só pensar nisso trazia de volta aquela sensação de fúria e de estar aprisionada, o que lhe revirava o estômago.

— Choveu mesmo — Pen confirmou. — Esse foi o problema. Eu coloquei a carta no meu bolso, pretendendo entregá-la quando eu a visse, antes de sua viagem de lua de mel. Mas, então, a srta. Bentley me levou até a academia naquela tarde, acho que ela achou que eu estivesse me sentindo negligenciada com toda aquela atenção só para você e ficamos encharcadas debaixo da chuva. Meu vestido ficou arruinado. Molly o pegou assim que chegamos em casa, e eu me esqueci completamente da carta, e sequer voltei a pensar nela… — Havia um tom de desespero na voz dela, agora. — Foi só mais tarde, depois que você já havia partido para a sua viagem de lua de mel, que Molly a trouxe para mim. A carta havia sido lavada, secada e passada antes que a encontrassem… — Sua voz falhou em um misto de lágrimas e risadas. — Eu sabia que devia ter sido de Marcus, mas era

tarde demais e eu não sabia o que fazer…

Algo chamou a atenção de Isabella.

— Por que pensou que fosse de Marcus? Você a leu? Pen sacudiu a cabeça.

— Não. Depois de ser lavada, a carta ficou ilegível. Eu a joguei fora. Mas eu pensei… — Ela se interrompeu, mordendo o lábio inferior. — Eu sabia que você e Marcus se amavam profundamente — disse, após um instante. — Sabia que haviam sido amantes. Não achei que ele fosse desistir tão facilmente de você.

A luz do sol atordoou momentaneamente Isabella, que piscou os olhos.

— Eu a vi esgueirar-se para fora de Salterton House certa noite, quando estávamos visitando tia Jane — Pen acrescentou, como que se desculpando. — E embora você e Marcus sempre se comportassem com discrição quando estavam em público, eu podia perceber que havia algo muito intenso entre vocês dois. Eu era jovem demais para entender direito, é claro, mas… — Ela sorriu. — Não sei como vocês conseguiram manter a coisa toda em segredo.

— Ao que tudo indica, não conseguimos — Isabella retrucou, secamente.

Pen fitou as próprias mãos.

— Eu sinto muito, Bella. Não consigo me livrar da sensação de que ela poderia ter feito toda a diferença do mundo.

Seus olhos estavam cheios de lágrimas, suplicantes. Isabella engoliu em seco a emoção que, em resposta, se acumulou na sua garganta.

— Não importa nem um pouco, Pen. Não se incomode mais com isso. Ela estendeu os braços para dar na irmã o abraço de que ambas estavam precisando, e Pen se agarrou a ela com força.

— Seja feliz, Bella — Pen desejou, com a voz abafada.

— Eu serei — Isabella respondeu.

Seu coração estava apertado. Pen ficaria tão angustiada se ela e

Marcus se separassem agora, mas a irmã jamais entenderia como as coisas haviam ficado complicadas.

Olhando por sobre o ombro de Pen, ela viu Alistair Cantrell descendo a trilha do rochedo na direção delas. Ele e Marcus haviam estado supervisionando a reforma de Salterton Cottage.

—Alistair parece estar à sua procura — ela disse, soltando Pen com um último abraço. — Vá até ele.

Pen não precisou que lhe dissessem duas vezes, embora, após ficar de pé, ela tenha hesitado, olhando para a irmã.

— Ficará bem sozinha, Bella? — perguntou.

— Ficarei ótima — Isabella confirmou, com serenidade. — Daqui a pouco, vou à procura de Marcus.

Ela viu Pen subir correndo a trilha do rochedo e se atirar nos braços de Alistair. Eles acenaram entusiasticamente para ela antes de se virarem e começarem a caminhar de braços dados na direção da capela arruinada. Isabella suspirou e virou-se. Subitamente, sentia-se amedrontada. Havia se prometido que este seria o dia em que contaria a Marcus que não estava grávida, e lhe diria a verdade sobre Emma. Deveria ter sabido desde o início que a verdade, parcialmente contada, jamais seria o suficiente. Mas agora sabia que estava correndo o perigo de destruir toda a estrutura frágil que haviam começado a construir entre eles, pois o que tinha a dizer poderia afugentar Marcus para sempre.

Ela entrelaçou os dedos e fitou o mar. Adorava Salterton e adorava viver ali; contudo, sem Marcus, isso nada significaria, pois ela o amava mais do que tudo no mundo. Ainda assim, ela lhe devia a sua sinceridade. Se cada um fosse seguir o seu caminho, pelo menos seria sem segredos entre eles.

Sentiu outra pontada de pavor lhe atravessar o peito.

Ainda assim, ficou de pé, lentamente espanou a areia das saias e pegou a trilha que levava até a casa. Jamais se esquivara de tomar decisões difíceis, certas ou erradas, e agora, doze anos desde a

primeira delas, tinha de fazê-lo novamente. Rezava com fervor para que, desta vez, estivesse tomando a decisão acertada ao contar sobre Emma para Marcus.

Quando chegou a casa, serena e adormecida ao calor da tarde, ela já estava quase fora de si de tanto nervosismo. Ao proteger-se na sombra fresca do hall de entrada, pôde escutar Marcus conversando com o arquiteto. Eles ainda não haviam concluído os negócios, o que significava que ela tinha tempo para a outra questão que a estava preocupando.

Bateu gentilmente à porta do quarto onde Freddie estava convalescendo e a abriu. A governanta estava sentada em silêncio ao lado da cama. Aparentemente, Freddie estava dormindo. Ainda estava pálido, porém respirando melhor e a febre havia baixado. Ao vê-lo, Isabella sentiu-se tomada de grande afeição.

A governanta deixou o quarto na ponta dos pés e Isabella sentou-se na poltrona que ela vagara. Ela tomou a mão de Freddie nas suas, e, um instante depois, ele abriu os olhos.

— Como você está, irmãzinha? — disse, com um ligeiro esforço.

— Estou bem, obrigada — Isabella disse, sorrindo. — Você é um herói, Freddie. Salvou a minha vida.

Um pouco de cor apareceu nas faces magras do irmão.

— Bobagem — resmungou. — Fiz o que pude. O homem não era boa coisa. — Ele piscou. — Marcus lhe disse que…

— Disse — respondeu Isabella. — Eu sei que trabalhava para ele, Freddie. Não precisa explicar.

— Eu sinto muito — Freddie disse, aflito, puxando um fio solto do cobertor e evitando o olhar dela. — Provoquei a maior confusão. Isabella apertou-lhe a mão.

— Nós daremos um jeito em tudo.

— Marcus ofereceu-se para pagar minhas dívidas — Freddie apressou-se em dizer. — Um grande sujeito o seu marido, Bella.

— Já houve tempo em que não pensava assim — Isabella disse,

com um pouco de secura. — Foi por causa de India, Freddie?

Ela sentiu Freddie sobressaltar-se. Seus olhos azuis se arregalaram e se fixaram no rosto dela.

— Ora, Bella, do que está falando? Isabella sorriu com tristeza.

— Depois que Warrick o feriu, você me disse que estava feliz de ter podido, enfim, me ajudar. Eu entendi o que quis dizer, Freddie… — Seu sorriso se aprofundou de afeição. — Mas você insinuou que o havia feito por India também.

Ela aguardou. Freddie estava imóvel, com os olhos fechados, seus cílios escuros contrastando com a face pálida. Isabella sentiu um aperto rio coração. Ele lhe lembrava o garoto de escola que fora quando se apaixonara pela prima.

— Pen acaba de me contar — ela prosseguiu, baixinho — sobre a carta que encontrou no meu quarto em Standish House, no dia seguinte ao meu casamento. Estava endereçada à srta. I.S. e ela presumiu que fosse para mim. Mas não era, era, Freddie? Era para India. Ela se hospedou conosco para o casamento. Nós dividimos o quarto na noite anterior ao casamento, e ela ficou com ele só para si depois. A carta era para ela. — Isabella inspirou cuidadosamente. — E acho que veio de você.

Os olhos de Freddie se abriram. Seu olhar era muito límpido e muito azul, porém havia algo nas suas profundezas que a faziam entender mais sobre os sentimentos do irmão por India Southern do que palavras eram capazes de fazer.

— Eu queria que ela fugisse comigo — Freddie disse, com a voz ligeiramente rouca. — Eu não conseguia mais suportar. Ela estava tão infeliz. Estava assim desde que lorde John a forçara a abrir mão de Warwick e a entregar o filho para adoção. Eu sabia que ela não me amava. Ela sempre fora apaixonada por Warwick, e mais ninguém. Mas eu a amava.

Isabella sentiu os músculos da garganta se retesarem ao engolir dolorosamente em seco.

— Ela não era como você, Bella. Não era forte. Não podia cuidar de si mesma. Eu queria cuidar dela, de modo que a pedi em casamento, mas ela disse que a família jamais concordaria. — Ele umedeceu os lábios. — Eu não só era primo dela, como também não tinha dinheiro, quase tão pobre quanto o próprio Warwick. E eu *sabia.* Sabia sobre a criança. Lady Jane queria ter certeza de que India se cassasse com alguém que jamais soubesse a verdade.

— Marcus — Isabella disse. — Ele não estava em Salterton quando India conheceu Warwick, e, no ano seguinte, estava tão entretido comigo…

— E quer se desse conta ou não, Marcus estava procurando alguém para substituí-la. Lady Jane achou que seria a união perfeita. Só mais tarde, quando ela percebeu que Marcus jamais se apaixonaria por India como se apaixonara por você, é que ela disse para a filha que gostaria de ter sido a sua mãe, em vez da dela. India ficou incrivelmente triste.

— E disse para Marcus que eu havia me colocado entre mãe e filha — Isabella disse, lembrando-se. — Você sempre soube de tanta coisa, Freddie!

Freddie deu de ombros, depois estremeceu sob as bandagens.

— Jamais consegui gostar de Marcus — admitiu, — Primeiro o culpei por deixá-la ir embora, e, depois, o culpei por se casar com India. No entanto, devo confessar que eu também tive a minha parcela de culpa. Eu poderia ter enfrentado o papai, poderia ter ido até lorde John e insistido que ele permitisse que India se cassasse comigo… — Ele sacudiu a cabeça.

— Tudo um grande desperdício.

Isabella passou um dos braços pelas costas dele e o apoiou para que Freddie pudesse beber um pouco de água do copo que ela lhe oferecera.

— Obrigado — Freddie disse, quando ela pousou o copo sobre a mesa. — Obrigado, Bella.

Isabella sorriu e, ao se retirar para deixá-lo dormir, colocou a miniatura de India que havia retirado do quarto de lady Jane sobre a mesinha de cabeceira de Freddie.

Ela encontrou Marcus no hall de entrada, despedindo-se do arquiteto. Belton, que chegara na semana anterior da casa de Londres, estava segurando o casaco e a bengala do homem. O rosto de Marcus se iluminou ao vê-la.

— Chegou bem na hora para tomar chá comigo, meu amor, enquanto eu lhe conto meus planos para o chalé — ele disse. — Belton, um bule de chá para dois na biblioteca, por gentileza.

— É claro, meu senhor — o mordomo murmurou.

Isabella deixou que Marcus a acompanhasse até a biblioteca, mas, assim que a porta se fechou atrás deles, sentiu a coragem abandoná-la. Ela pôde ver as plantas e desenhos espalhados sobre a mesa. Marcus começou a falar, mas ela não tinha idéia do que ele estava falando, e, após um instante, ele se calou, pressentindo a urgência na esposa. O coração de Isabella deu um pulo, quase saltando para fora do peito, e, depois, passou a palpitar amedrontadoramente. Marcus foi até ela.

— Bella? — disse. — Há algo errado? Você parece… — Ele se interrompeu, tomando-lhe a mão. — Você parece estar apavorada.

Ela estava apavorada. Permitiu que ele a puxasse para se sentar ao lado dele no sofá de dois assentos próximo à janela, e, com uma das sobrancelhas inquisitivamente erguida, aguardou que ela explicasse. Isabella engoliu em seco. Tiveram tão pouco tempo, tão pouco tempo para reconstruir todo o amor e a confiança que haviam tido no passado. E, agora, ela ia pô-los à prova. Caso falhassem, caso não fossem fortes o bastante, ela mais uma vez tomara a decisão errada.

— Marcus — disse. Sua voz saiu como um sussurro rouco e Isabella pigarreou para tentar novamente. Era melhor acabar logo com aquilo. — Eu sinto muito — disse. — Não estou esperando um filho seu.

Ela viu um brilho de medo nos olhos dele. Marcus fez um gesto instintivo, como se para tomá-la nos braços, e, em seguida, com a expressão tensa, se deteve. Ele inspirou profundamente, hesitou e aguardou.

Isabella entendeu do que ele tinha medo. Concentrada nos próprios temores, ela não pensara em como Marcus poderia se sentir. No entanto, ele havia visto que havia algo muito errado e, agora, devia estar receando que ela fosse extinguir suas últimas esperanças para os dois, dizendo que ia abandoná-lo. Havia desconfiança no seu olhar agora, e ele ficou bem quieto.

— Eu também sinto muito — ele disse, baixinho. — Mas isto não precisa ser o fim para nós, Bella.

Isabella uniu as mãos com tanta força que os ossos chegaram a estalar.

— Tive muito medo quando pensei que pudesse estar grávida — disse. — É difícil explicar. Perdi minha filha antes, e jamais quis que isso acontecesse de novo.

A expressão no rosto de Marcus tornou-se mais carinhosa. Ele a envolveu com os braços.

— Eu entendo. — Ele falou bem baixinho, sua boca de encontro ao cabelo dela. — Mas eu sempre estarei aqui com você, Isabella. Será diferente da próxima vez. E, embora não esteja esperando agora, chegará a hora em que teremos a nossa família.

Isabella encolheu-se. Ela sacudiu a cabeça, ele achava que havia entendido e queria confortá-la, e quase lhe partiu o coração ver a gentileza dele. Mas Marcus não *sabia.* E, agora, ela teria de lhe contar. Ela o afastou com uma das mãos.

— Não, Marcus. Você não entende por que eu ainda não lhe contei. Deveria tê-lo feito há muito tempo, mas… — Ela pigarreou. — É sobre Emma.

Marcus ficou imóvel. Seus olhos fixos no rosto dela, sombrios de choque.

— Você vai me dizer que ela era minha filha — disse.

— Não — Isabella respondeu. — É pior do que isso.

Ela olhou para ele e, depois, rapidamente, desviou o olhar.

— Nunca pude ter certeza se Emma era sua filha ou não — disse. — Eu era jovem e nunca me passou pela cabeça que poderia estar grávida. Minha regra mensal não veio, mas me convenci de que era resultado da tensão do casamento… — Ela se interrompeu. — Emma nasceu sete meses após eu ter-me casado com Ernest. — Sua voz não tinha tom. — Ela era uma criança frágil. Poderia ter sido filha de Ernest, poderia ter sido prematura. Foi o que eu disse para todo mundo, é claro. Mas jamais tive certeza, de um modo ou de outro. Isso sempre me atormentou.

Ela ficou de pé, fitando o infinito, e deu um passo para longe dele.

— Eu queria que ela fosse sua! — disse. Seu coração estava se partindo novamente, de uma vez por todas. — Eu me convenci de que era! Emma era tudo que me restava de você e, então, anos depois, eu a perdi. — Sua voz falhou novamente. Ela ergueu o olhar e fitou Marcus nos olhos. — E falhei para com ela. Não consegui mantê-la a salvo e não consigo viver com isso. Jamais quis que voltasse a acontecer. E por isso que nunca quis outro filho. Eu o perdi e, depois, perdi a filha que sempre vi como sendo sua, e não quero perder mais nada. — Isabella deu-lhe as costas. — Eu tentei tanto protegê-la… — Seus ombros se curvaram. — Mas, no final, não foi o bastante.

Seguiu-se um terrível silêncio. Marcus estava muito pálido.

— O príncipe Ernest desconfiava que Emma não era dele?

Isabella não podia olhar para ele por medo do que poderia enxergar em seu rosto. Ela se sentia gelada de dentro para fora.

— Eu não sei. Jamais tocamos no assunto. Como eu disse, Emma nasceu pequena e frágil. Ela poderia ter sido uma criança de sete meses. Ernest jamais gostou dela, mas não acho que fosse uma questão pessoal. Ele detestava tudo quanto era criança.

Marcus estava em silêncio, observando-a. Isabella podia sentir a

tensão em todos os músculos. Seu corpo estava completamente rijo.

— Depois que Emma morreu, tentei esquecer a coisa toda — ela disse. — E depois, é claro, eu o reencontrei.

Ela queria lhe dizer que o amava, que sempre o amara, que sempre o amaria. Em vez disso, mordeu o lábio inferior. Tinha de terminar agora, antes que fosse impossível continuar.

— Quanto mais nós nos aproximávamos, mais me atormentava o fato de estar guardando este segredo de você. Tive receio de lhe contar e acabar destruindo o que estávamos construindo entre nós. Eu não podia conviver com este segredo entre nós, e espero que você possa entender.

Ela desviou o olhar. Através da janela da biblioteca, pôde ver a casa de hóspedes, suas bordas embaçadas pelas lágrimas. Ela esperou que Marcus fosse embora.

— Isabella — ele disse. Isabella virou-se.

Ele a agarrou tão subitamente que ela se viu sem fôlego.

— Marcus!

— Bella. — Marcus a apertava tanto de encontro a si que chegava quase a ser doloroso. — Eu entendo. Eu queria… — Ele inspirou profundamente. — Só queria ter podido estar presente quando precisou de mim. Mas estou aqui agora. — Ele a afastou um pouquinho de si e o coração de Isabella foi às alturas quando viu o brilho ardente no olhar dele. — Estou aqui, e jamais a deixarei, e nunca mais precisará ter medo novamente.

Isabella soluçou ligeiramente e enterrou o rosto no peito dele. Houve uma batida à porta.

— Chá, meu senhor — Belton anunciou, em tom lúgubre. Ele pousou a bandeja sobre a mesa, afastando as plantas e ignorando completamente a estranha posição na qual encontrou os patrões. — Desejam bolo, meu senhor, minha senhora?

— Não, obrigado — Marcus disse. — Queremos champanha, mas, talvez, só no jantar.

Ele virou-se para Isabella.

— Eu amo você — disse e inspirou profundamente. — Lembra-se de quando lhe dei o meu anel de sinete durante a nossa cerimônia de casamento?

Isabella assentiu, em silêncio. Mesmo que quisesse, nada poderia ter dito.

— Eu a amava mesmo então — Marcus disse. — Queria protegê-la. — Ele tomou-lhe a mão e olhou pesarosamente para a aliança de ouro que substituíra o seu anel de sinete. — Você era minha e eu quis que usasse o meu anel porque não poderia ir com você. — Ele sorriu ao fitá-la nos olhos. — Você disse que estava cansada de lutar. Pois não precisa mais lutar, Bella.

Isabella sorriu por entre as lágrimas.

— Eu também amo você, Marcus.

— Sinto muito que eu tenha demorado tanto para entender o quanto a amo.

Isabella ergueu a cabeça para ver Belton, imóvel, aguardando para ser dispensado, com uma expressão no rosto que dava a entender que ele escutara algumas conversas chocantes ao longo da vida, porém jamais tivera a infelicidade de estar presente no instante em que a patroa fazia uma declaração de amor.

— Deseja mais alguma coisa, milady? — perguntou, formalmente.

— Não, obrigada, Belton — Isabella disse. — Apenas não desejo ser incomodada.

Ela pensou ter visto um sorriso se esboçar nos lábios do mordomo.

— Sem dúvida, milady — disse.

Isabella se enterrou mais no calor do corpo de Marcus e sentiu os braços dele se apertarem ao seu redor, assim como uma violenta onda de satisfação por eles não só terem sobrevivido a isto, como também reencontrado um ao outro. Marcus pressionou os lábios contra o cabelo dela e eles ficaram ali, de pé, abraçados, por um longo tempo. Quando Marcus, por fim, a soltou, os dois estavam ligeiramente

ofegantes.

— Belton já foi?—Marcus perguntou. Isabella olhou ao redor.

— Acho que sim. Acho que chegou até a trancar a porta.

— Graças a Deus.

Marcus estava começando a desabotoar a pequena fileira de botões no pescoço do vestido. Ele afastou-lhe o corpete e começou a beijar a pele pálida e sardenta que estava expondo. Isabella prendeu a respiração.

— Marcus, não podemos fazer isto aqui.

— Por que não?

Marcus estava desamarrando os laços da blusa dela.

Isabella suspirou:

— Porque…

Os laços foram desfeitos e Marcus deslizou habilmente a mão para dentro da blusa, espalmando-lhe o seio. Isabella sentiu as pernas ficarem bambas. Ela lhe agarrou os braços.

— Temos de ser mais responsáveis agora — Isabella disse. — Já estamos casados há dois meses.

Marcus sentou-se na enorme poltrona e a puxou para cima de si.

— Podemos ser muito responsáveis. Podemos ser responsáveis por optar por fazer amor na mesa ou nesta cadeira, ou no lindo tapete macio no chão…

Isabella suspirou.

— Na mesa não! Vai amassar todas as plantas do arquiteto!

— No chão então — Marcus decidiu.

Ele a puxou consigo para o tapete diante da lareira. Afastando o corpete, beijou a curva de seus ombros e ela tremeu, inspirando profundamente.

— Eu amo você — ele disse. Afastando o cabelo para o lado, acariciou-lhe o pescoço delicadamente com a língua. — Você é minha. Era minha desde o início e, agora, será para sempre.

Ele rolou, aprisionando-a sob si, e o corpo dela esfregou-se no dele

com desejo instintivo. A respiração de Marcus a deixou toda arrepiada. Ele ladeou o rosto da esposa com as mãos.

— Você me ama, Bella?

— Amo — Isabella sussurrou. — Já lhe disso isso.

— Pois diga novamente. Preciso escutar isso muitas e muitas vezes.

Isabella o agarrou pela camisa e o puxou para perto de si.

— Só se você também me disser.

A boca de Marcus se apossou da dela.

— Eu amo você — disse, quando ela recuou por um instante, para poder recuperar o fôlego.

Com uma das mãos, ele afastou as bordas do corpete dos seios de Isabella.

— Eu amo você — ela disse, enquanto ele com a boca atacava a pele sensível que havia exposto.

— Sempre.

Sua boca voltou a se apossar da dela, ao mesmo tempo solicitando e exigindo uma reação. Ele recuou por um instante, desabotoando apressadamente as calças.

Uma risada irresistível brotou da garganta de Isabella.

— Marcus, fazer amor com uma dama sem tirar as botas não é o comportamento de um cavalheiro…

As palavras dela terminaram em um suspiro quando ele tirou-lhe a blusa e a mão dele se demorou sobre a pele exposta acima de suas meias de seda.

— Neste caso, não sou um cavalheiro. — Ele arremeteu para dentro dela. — Mas eu a amo de verdade.

— Ah! — Isabella arqueou, sentindo-o duro dentro de si. Os músculos de sua barriga estremeceram, contraindo-se. O calor latejante começou a se acumular no seu âmago. Ela agarrou-lhe os ombros, fincando as unhas no tecido da camisa.

— Marcus, as janelas…

— Eu sei.

— E os criados…

— Eu sei.

— Qualquer um pode nos ver…

Marcus moveu-se mais rápido e mais fundo dentro dela. A cabeça de Isabella começou a girar.

— Quando… — ela arquejou, sentindo as sensações se intensificando, a onda torturante de desejo lhe percorrendo o corpo. — Quando é que vai parar de ser tão ultrajante?

— Nunca. — Com uma última arremetida, Marcus a levou ao clímax, para mergulharem juntos em um oceano de puro prazer sensual. Ele enterrou o rosto no ombro suado dela. — Mas eu a amo de verdade.

Mais tarde, abraçados sobre a poltrona, com uma xícara de chá frio, Isabella lhe contou sobre Pen ter encontrado a carta, e sobre Freddie… e India.

— O mais extraordinário — disse — é que foi India quem contou para Warwick sobre as fraquezas de Freddie, em primeiro lugar, e lhe deu a vantagem que ele precisava para ter Freddie em seu poder. Estou certa de que ela não teve a intenção, mas India provou ser a ruína de meu irmão. — Ela esfregou a face no ombro de Marcus e acomodou-se melhor nos seus braços. — Freddie me contou que amava India desde que eram crianças. Ele jamais soube que Warwick era o amante dela. — Ela se interrompeu. — Ah, e ele sabia que India tinha um amante e um filho porque ela lhe contou. Foi o único para quem ela contou. Mas nunca mencionou o nome de Warwick, e ele jamais perguntou. Os dois trabalharam juntos durante anos, e ele nunca soube. Marcus lhe beijou a testa.

— A carta que Pen encontrou — disse. — Importa que a carta *não* tenha sido minha para você? — Ele suspirou. — Eu me arrependo de não ter insistido mais em encontrá-la, Bella, em falar com você. Eu a amava tanto. Eu teria fugido com você, casada ou não…

Isabella sorriu.

— Chega de arrependimentos, Marcus. Não precisamos mais deles. — Levou o dedo aos lábios dele para silenciá-lo. — Também não preciso da confirmação de uma carta. Não quando tenho você.

E ela se acomodou novamente na ternura dos braços do marido.

Ótimas notícias! Uma certa princesa jovial, cuja falta de entusiasmo pelos dons amorosos dos ingleses foi noticiada por este jornal ano passado, encontrou a felicidade eterna com o seu próprio Adônis, na forma do conde de S. Podemos presumir que o conde foi bem-sucedido em fazer a dama mudar de idéia quanto à questão de os ingleses serem os piores amantes do mundo, pois aparentemente, o casal está esperando o primeiro filho para daqui a alguns meses. Quanta alegria! Quanta felicidade! Desejamos ao conde e à condessa um futuro muito amoroso e feliz juntos.

The Gentlemen's Athenian Mercury, 18 de maio de 1817.